

Leonard Christy Souza Costa

**SAUSSURE:
ENTRE O PODER ACADÊMICO E O SABER CIENTÍFICO**

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutor em Linguística
Orientador: Prof. Dr. Fábio Luiz Lopes da Silva

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Costa, Leonard Christy Souza

Saussure: entre o poder acadêmico e o saber científico / Leonard Christy Souza Costa; orientador, Fábio Luiz Lopes da Silva - Florianópolis, SC, 2015.

272 p.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Discurso. 3. Poder acadêmico. 4. Saussure. I. Silva, Fábio Luiz Lopes da. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Folha de assinaturas

Dedico esta tese a meu pai, Sebastião
Paulo Oliveira Costa – *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus, a quem tudo devo.

A todos os meus familiares, que sempre me incentivaram a trilhar o caminho acadêmico.

A meus pais, Conceição e Sebastião, por terem feito tudo o que puderam para o meu crescimento biológico, emotivo e intelectual.

Ao meu irmão, Paulo Christian, por sempre ter sido meu irmão, fundamental em todos os momentos de minha vida.

À minha esposa Rosandra, pelo amor engrandecedor, pela amizade, e pela paciência durante todo esse percurso, principalmente por ser tão compreensiva diante de minhas noites e dias à frente do computador.

Aos meus filhos não humanos, Link Pinker, Flor de Liz, Lily Doll e Tigor Igor que, não só acompanharam a escrita da tese, mas participaram ativamente dela.

Aos amigos do Dinter UFAM-UFSC, pessoas que além de obterem um título, se preocupam com o crescimento das pesquisas na área da linguística em Manaus-AM.

Ao Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras – DLLE, por todo o apoio que me ofereceu para que eu obtivesse uma qualificação em nível de doutoramento.

À Universidade Federal do Amazonas, por ter realizado um Dinter em convênio com a UFSC; e por ter me concedido suporte em tudo que precisei.

Ao ex-reitor, prof. Dr. Hidembergue Ordozgoith da Frota, não apenas por ter sido decisivo na realização do Dinter em linguística, mas também por ser fundamental na construção desse modelo no Brasil, ajudando a construir o primeiro Dinter, no Brasil, entre UFAM e UFSCAR. Além de ser um pesquisador que inspira professores de outras áreas, foi um reitor democrático sempre atento à qualificação de todo o corpo docente da UFAM.

Ao prof. Adelino Antônio da Silva Ribeiro, por sua grande amizade, palavra substantiva rara de se encontrar na realidade.

Ao prof. Bruce Patrick Osborne, a pessoa que deu início ao processo que culminou na realização de um Dinter em linguística entre a UFAM e a UFSC.

Ao prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza por ter sido o coordenador local do Dinter UFAM/UFSC. Uma pessoa que dedicou

seu tempo para colaborar na formação de mais doutores em nossa universidade.

A todo o corpo docente de Língua Inglesa da Universidade Federal do Amazonas que sempre fez tudo o que pôde para que eu pudesse escrever e estudar com mais tempo e facilidade.

Aos professores da banca desta tese, sempre tão solícitos diante do empreendimento de se pensar uma pesquisa e colaborar para a formação de novos quadros.

À profa. Dra. Rosângela Hammes, coordenadora e professora do programa Dinter em Linguística UFAM/UFSC, pessoa incansável na busca para que tudo fosse feito da melhor forma possível e que, diante de todas as dificuldades apresentadas, sempre pensou e defendeu a importância da formação de novos quadros.

A todos os professores do Dinter em linguística UFAM/UFSC que se dispuseram a viajar, apesar de todas as dificuldades, para ajudar na formação de novos quadros de pesquisa no Brasil.

A todos os professores do programa de pós-graduação em linguística da UFSC, sempre extremamente profissionais e receptivos com as aulas e orientações, assim como para com o atendimento extraclasse.

E, muito especialmente, ao meu orientador, professor Dr. Fábio Lopes que, além de me apresentar a Michel Foucault, tem minha admiração por ser um orientador que preza pela liberdade acadêmica, seriedade, dedicação e engajamento político na área.

Aos Profs. Drs. Kanavillil Rajagopalan, Atílio Butturi Júnior, Sandro Braga, Heronides Maurílio de Melo Moura e à Profa Dra. Rosângela Hammes Rodrigues por aceitarem contribuir como arguidores na defesa da presente tese.

Deixar os outros pensarem por você é covardia.

(Nietzsche)

RESUMO

Esta tese se propõe a examinar a fundação da linguística moderna por Ferdinand de Saussure (1857-1913) através de um olhar teórico foucauldiano. As perguntas de pesquisa que norteiam a presente tese são: 1 Quais são as táticas de poder utilizadas para o discurso Saussureano ser considerado o fundador da linguística no século XX? 2 Quais são os procedimentos de controle discursivo que cristalizam a fala de Saussure como fundamental para o surgimento do linguista moderno? 3 Através de que modos de subjetivação, o poder-saber constituirá o linguista moderno? O percurso para se responder a tais perguntas passa por uma revisão teórica dos trabalhos de Michel Foucault. Os conceitos de poder, saber e subjetividade são o guia através do qual as respostas são elaboradas. O poder acadêmico, o saber científico e as epistemologias, com especial atenção para o estruturalismo, são os delineamentos que servem de reflexão para a constituição da subjetividade do linguista moderno. A (falta de) parresia é, de acordo com a presente análise, a pedra angular que sustenta a compreensão do linguista como O cientista da linguagem em nosso tempo. A forma como o linguista constrói as verdades científicas sobre a língua pode ser melhor compreendida quando linguistas do tempo presente respondem a perguntas como: a linguística é ciência? Para que serve a linguística? E o que é linguística? Perguntas que, mutatis mutandis, estavam no cerne da reflexão Saussureana pouco mais de um século atrás. Refletir sobre a construção da subjetividade do linguista como um produto do poder acadêmico, inserido no viés de um saber científico é o objetivo primaz do presente trabalho que se articula como uma análise discursiva fundamentada nos princípios estabelecidos por Michel Foucault.

Palavras-chave: Discurso. Poder acadêmico. Saussure.

ABSTRACT

This dissertation proposes to examine the foundation of modern linguistics by Ferdinand de Saussure (1857-1913) through a theoretical Foucauldian look. The research questions which guide this dissertation are: 1 What are the tactics of power used to Saussurean discourse be considered the founder of linguistics in the twentieth century? 2 What are the procedures of discursive control which crystallize Saussure's speech as fundamental to the arise of the modern linguist? 3 Through what modes of subjectivity, the power-knowledge constitute the modern linguist? The route to answer these questions runs through a theoretical review of the work of Michel Foucault. The concepts of power, knowledge and subjectivity are the guide by which the answers are made. The academic power, scientific knowledge and epistemologies, with particular attention to structuralism, are the designs used for reflection for the constitution of subjectivity of the modern linguist. The (lack of) parrhesia is, according to this analysis, the cornerstone which supports the understanding of the linguist as The scientist of language in our time. The way how linguist builds scientific truths about language can be better understood when the present time linguists answer questions such as: is linguistics science? What is linguistics for? What is linguistics? Questions which, *mutatis mutandis*, were at the heart of Saussurean reflection over a century ago. Reflecting on the construction of subjectivity of the linguist as a product of academic power, inserted in a scientific knowledge bias is the primary objective of this work which is articulated as a discursive analysis based on the principles established by Michel Foucault.

Keywords: Discourse. Academic power. Saussure.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 O PODER	25
1.1 O PANOPTISMO	25
1.2 A LUTA	31
1.3 O GOVERNO	42
2 O SABER	49
2.1 A ORDEM DO DISCURSO	49
2.2 A ARQUEOLOGIA DO SABER	77
3 SUJEITO	91
3.1 PARRESIA	91
4 PROLEGÔMENOS	107
5 UM POUCO ANTES	113
5.1 OS ‘DE SAUSSURE’	113
5.2 UNIVERSIDADE	118
5.3 SAUSSURE	130
6 OS CURSOS DE LINGUÍSTICA GERAL	173
6.1 O 1º CURSO (1907-1908)	173
6.2 O 2º CURSO (1908-1909)	187
6.3 O 3º CURSO (1910-1911)	195
7 UM ALÉM DEPOIS	201
7.1 DEPOIS DOS CURSOS	201
7.2 A INTERPRETAÇÃO	218
7.3 A LINGUÍSTICA E O LINGUISTA	232
CONSIDERAÇÕES FINAIS	265
REFERÊNCIAS	267

INTRODUÇÃO

*Não, não é isso: o problema não é a língua, mas
os limites da enunciabilidade
(comentário de Michel Foucault sobre a hipótese
Sapir-Whorf)*

O presente trabalho é uma proposta de reflexão sobre a questão da subjetividade e a linguagem. Em um primeiro momento, a questão da subjetividade direciona o pensamento para o usuário da língua. Refletir sobre as mais variadas possibilidades do sujeito falante tem sido uma tarefa à qual muitos se dedicaram: o assujeitamento, semi-assujeitamento ou não assujeitamento têm sido uma das referências mais citadas neste campo de pesquisa. Um sujeito intencional, assim como a discussão de um viés cognitivo X social também tem sido objeto de várias pesquisas e reflexões. Não é, contudo, a partir de nenhuma destas perspectivas que este trabalho se estrutura. É, sobremaneira, a partir de um viés foucauldiano.

Os trabalhos desenvolvidos por Michel Foucault são tão amplamente divulgados quanto vastos em sua temática. Ao falar sobre as prisões, a penalidade, a loucura, o poder psiquiátrico, o nascimento da clínica, a questão do marxismo e em seus últimos trabalhos sobre a questão do sujeito, sobretudo da relação do sujeito com a verdade, a obra de Foucault não se constitui como um curso ou uma teoria fechada sobre o poder, saber ou sujeito. Desenvolvida de forma não exatamente metódica e ordenada, os trabalhos sobre o poder, por exemplo, se espalham por várias obras que são utilizadas para diversas análises. Um dos objetivos basilares deste trabalho é refletir sobre a obra foucauldiana por dois motivos: por entender que ela se articula em três grandes vértices que se retroalimentam e se autocompletam (o poder, o saber e o sujeito); por perceber que o pensamento de Foucault pode possibilitar não apenas o surgimento de novas perguntas como a possibilidade da emergência de novas respostas. Não se trata aqui de se ter a pretensão de questionar algo nunca antes feito ou por ninguém pensado, mas, sobretudo, de deslocar o eco questionador de perguntas já tão bem sedimentadas para outras que possam recriar olhares de análise úteis para o establishment linguístico.

Um primeiro deslocamento seria realocar a reflexão das discussões sobre a subjetividade do falante, do usuário da língua, para o linguista, o estudioso da linguagem. Há amplos exemplos no

pensamento de Michel Foucault (o estudo do psiquiatra, do hospital, do louco, dos chamados ‘anormais’, das ciências humanas e até dos intelectuais), que demonstram a riqueza teórica de se refletir pelo que se convencionou chamar de ‘inversão’. O ato de questionar não apenas o que se diz, mas como as possibilidades desse dizer e da aceitação dele ‘nasceram’ e se tornaram possíveis. Entender, por exemplo, como o psiquiatra não apenas surgiu, mas como ganhou força, credibilidade e poder para falar do e pelo louco, sendo capaz não apenas de interná-lo, como de enunciar as suas possibilidades de cura. Havia muito a ser percebido na emergência do psiquiatra e do hospital no momento em que o pesquisador francês se dedicou a eles. Não se tratava de uma história ou de uma nova documentação, de achar algum documento não classificado no Salpêtrière, hospital onde Foucault realizou suas pesquisas (FOUCAULT, 2006b, 2009, 2010c), é algo anterior a isso, é entender como esse mesmo local pôde se tornar o que hoje entendemos como “Hospital da Salpêtrière”. A inversão desta análise só é possível não apenas por se recolher novos dados (a descrição minuciosa da criação das enfermarias e o apoio teórico do poder panóptico para tal), mas por ser igualmente possível a sua análise a partir de um novo olhar – olhar este que Foucault ajuda a construir ao longo da vida, através de dezenas de obras. Este novo olhar analítico é o que podemos denominar de uma análise em três vértices, os já citados poder, saber e sujeito. É preciso, portanto, pontuar que é a partir da leitura dos textos foucauldianos que este trabalho nasce; o referencial teórico aqui utilizado não é o responsável para conferir respostas a determinadas perguntas, bem mais que isso: é o responsável pelas próprias perguntas.

Ao tomar contato com as leituras de Foucault durante as disciplinas do doutorado em curso, passei a refletir sobre as questões da linguística e, de forma paulatina, sobre as questões de poder, saber e sujeito que envolvem a ciência linguística.

Um exemplo de análise que subsidia as perguntas que daí surgiram é a questão do nascimento do hospital. Não se trata de perceber apenas as mudanças que foram gradativamente constituindo o Hospital que hoje conhecemos; mais que isto, trata-se de perceber o que tornou isso possível. Quando se coloca a importância do surgimento do fuzil (FOUCAULT, 2005b), para que um local como o hospital possa nascer, podemos perceber que este tipo de relação constitutiva não nasce de pesquisas sobre os arquivos médicos. Não se percebe o processo constitutivo do hospital e do médico apenas pesquisando os receituários e os éditos que constituem e reconstituem o espaço hospitalar. Quando se busca entender a subjetividade de médicos e pacientes é preciso

retornar no tempo para observar o jogo constitutivo entre um e outro; aquilo que fez possível os dois ocuparem os espaços exatos que hoje possuem.

Este olhar analítico diferenciado é bem demonstrado em História da Loucura (FOUCAULT, 2009). Não se tratou de analisar os loucos, a forma como eram tratados ou como os médicos e pacientes interagem; não que isto não seja observado ou não seja importante, mas não se constitui como o foco principal. Interpretar as interpretações sobre a loucura é sem dúvida um dos objetivos principais que guiou o trabalho de Michel Foucault. E é este viés analítico de escandir a loucura pelo discurso que a interpreta, discurso este premido por um poder vigente e que, juntos, poder e saber constituirão um espaço de subjetividade a ser ocupado. Para que Charcot, Esquirol e Pinel (médicos que ajudaram a constituir o que hoje chamamos de psiquiatria) existissem, antes se fez necessário que um determinado tipo de hospital, determinado tipo de formação médica e uma certa relação médico-paciente fosse estabelecida. O caso de Pierre Rivière (FOUCAULT, 2010c) é emblemático, um suposto louco que escreve e que descreve sobre a loucura, que fala sobre os motivos de seu crime e que no final – ao contrário de sua posição inicial ao ser preso – enuncia que não é louco. Ao mesmo tempo se percebe que a voz dos supostos loucos será paulatina e sofisticadamente silenciada, Foucault chama a atenção para a importância de estudos desta natureza: Pierre Rivière não é apenas um bom exemplo para se refletir o que é o louco ou a loucura, mas também para perceber os movimentos constitutivos que fazem possível a emergência do psiquiatra.

A teoria estabelecida por Foucault faz, portanto, com que esta ‘inversão’ de questionamento possa surgir e é neste contexto que se situa este trabalho de pesquisa. Não se trata aqui de um retorno às perguntas já feitas sobre os mais variados tipos de subjetividade linguística enfocando o usuário da língua. Trata-se de outra questão, de refletir sobre a subjetividade do linguista, de perceber como a denominação ‘linguista’ ganha força e é estabelecida: como os modos de subjetividade se articulam para que surja um novo estudioso da linguagem chamado linguista?

A resposta para o surgimento do linguista se delinea em uma perspectiva foucauldiana, como uma descrição historiográfica, com o estabelecimento de datas, a publicação de livros, o reconhecimento dos ‘pais’ das ciências – no caso, do pai da linguística. Não significa que a análise não passe por estes pontos, que não precise do decurso histórico, mas não se esgota aí, não se trata de um olhar puramente histórico. É

preciso, primeiramente, perceber o poder em voga, poder este que provoca o surgimento de discursos. O poder que faz com que surjam ciências, que as organiza e reorganiza, que faz possível o estabelecimento da credibilidade de alguns discursos em detrimento de outros. É o poder que estabelece um novo sujeito – além do gramático e do filólogo – o linguista.

O poder, contudo, não cria um modo de subjetividade de forma direta, é necessário que se estabeleça um discurso no qual, em uma relação inter-constitutiva poder-saber, haja espaço para a constituição do sujeito. É necessário, portanto, que para perceber como o linguista se constituiu, se analise como o discurso linguístico se estabeleceu. Não se pode, portanto, analisar o sujeito sem antes perceber o discurso que o faz possível.

Analisar o discurso, por sua vez, é, necessariamente, descrever o poder que o gera. Vários trabalhos, contudo, que se utilizam do viés foucauldiano, optam pelos mais variados motivos, por não trilhar estes três vértices analíticos. O próprio Foucault não o fez em todos os seus trabalhos, mas de forma complementar construiu uma obra que se mostra como um todo articulado nestes três pontos.

A primeira parte deste trabalho se constitui de três capítulos estruturados sobre estes três pontos: poder, saber, sujeito. O capítulo que trata sobre o poder está estruturado internamente em panoptismo, luta e governo. O capítulo dois que versa sobre o saber está dividido em: a ordem do discurso e arqueologia do saber. O capítulo três estrutura-se em: a parresia. Após os prolegômenos que antecedem a análise, por sua vez dividida em três partes: um pouco antes, subdividida em: os ‘De Saussure’, Universidade e Saussure; os cursos de linguística geral, subdividida em: o 1º curso, o 2º curso e o 3º curso; e um além depois, subdividida em: depois dos cursos, a interpretação e a linguística e o linguista.

Este trabalho está estruturado na forma de ensaio, por isso, o objetivo da primeira seção é construir o encadeamento teórico que servirá para a análise na seção subsequente. Uma ampla revisão teórica da obra de Foucault é feita nos três capítulos iniciais, não apenas para demonstrar o encadeamento entre eles, mas, igualmente, para mostrar a necessidade de se analisar estes três pontos a fim de responder nossas questões de pesquisa.

A questão principal aqui já pontuada sobre os modos de subjetividade pode, por sua vez, ser pontualmente dividida em três grandes eixos:

- 1) Quais são as táticas de poder utilizadas para o discurso saussuriano ser considerado o fundador da linguística no século XX?
- 2) Quais são os procedimentos de controle discursivo que cristalizam a fala de Saussure como fundamental para o surgimento do linguista moderno?
- 3) Através de que modos de subjetivação, o poder-saber constituirá o linguista moderno?

Essas são as perguntas que subjazem, em uma perspectiva foucauldiana, a análise aqui empreendida.

1 O PODER

Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha.

A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não linguística.

Relação de poder não relação de sentido. A história não tem “sentido”, o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente.

Ao se refletir sobre os escritos foucauldianos, os quais versam sobre o poder, optamos por estabelecer uma divisão em três pontos, que em nosso entender, não apenas estão imbuídos de organicidade, mas que ajudam a entender as diferentes reflexões de Michel Foucault sobre o tema poder ao longo de sua trajetória intelectual.

1.1 O PANOPTISMO

Uma das principais concepções formuladas por Michel Foucault em seus escritos sobre o poder é a tecnologia do panóptico. Ao relatar a idéia de Bentham (2003c, p. 162-187) Foucault demonstra o acontecimento da passagem da soberania para as tecnologias da disciplina. O suplício utilizado para que todos vissem como o corpo do condenado era tocado pelo soberano reforçava o próprio efeito da soberania. “Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem-se calar” (2003c, p. 33). O controle total sobre o corpo, feito de maneira tão explícita durante o suplício indicava um tipo de poder focalizado no resultado das ações. O panóptico, contudo, se evidencia como uma sofisticação do poder vigente.

A prática do suplício denota que (Foucault, 2003c, p. 63): “como se o poder soberano não visse, nessa emulação de atrocidades, um desafio que ele mesmo lança e que poderá ser aceito um dia: acostumado a ‘ver correr sangue’, o povo aprende rápido que só pode se vingar com sangue”.

A prática da punição irá paulatinamente ser modificada pois “é preciso que a justiça criminal puna em vez de se vingar”. É nesse contexto que o projeto de Bentham faz sentido. Um novo tipo de justiça criminal se faz necessário, uma maneira de punir, mas também de

controlar, vigiar, atingir a alma mais que os corpos dos condenados. Pensando sobre o século XVII, o surgimento do fuzil é relatado como um elemento desencadeador para a tecnicização maior do exército, com soldados mais bem treinados e com um custo maior. É fundamental, portanto, que ao se formar um soldado, o poder não o deixe morrer. A partir desse momento, o hospital militar passa a ser um local de vigilância, não apenas para evitar a deserção, mas também para produzir um saber sobre as doenças para que os soldados fossem curados e, uma vez curados, não fingissem mais estar doentes. Essa sofisticação do hospital não se dá através da medicina, da clínica ou um meio similar, “não foi a partir de uma técnica médica que o hospital marítimo e militar foi reordenado, mas, essencialmente, a partir de uma tecnologia que pode ser chamada política: a disciplina” (FOUCAULT, 2005b, p. 105). Em princípio, alguns aspectos são imediatamente evidenciados nessa nova tecnologia política: a positividade e a questão do saber.

A questão da positividade pode ser ressaltada quando se coloca que “se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido?” (FOUCAULT, 2005b, p. 8). É importante pontuar que o aspecto repressivo não é suprimido, é óbvio que ele existe e cumpre o seu papel diante da sexualidade, da educação, ciência e outras esferas. Porém, a repressão não explica tudo, ou talvez não explique tanto; a positividade e a produção dos itens que se encontram entremeados no jogo do poder não são exercidos de determinada maneira apenas por conta da chamada hipótese repressiva. A produção de tais itens são frutos do mesmo sistema de poder que comporta a questão repressiva e tal positividade só é possível por conta de uma vigilância constante efetuada muito mais sobre o processo e os indivíduos. O que faz, portanto, com que o poder seja obedecido, não é meramente a funcionalidade de aparelhos repressivos como a polícia e forças de segurança do estado; mais que isso, é necessário que a própria estrutura social produza os policiais e os indivíduos que exercem tal controle repressivo. A positividade, contudo, não se esgota na ‘produção’ dos agentes repressivos, a própria positividade da obediência à polícia será cuidadosamente produzida pelo jogo de poder; afinal, devemos aceitar o trânsito de homens armados em nossa volta. A disciplina, meio fundamental, pelo qual se exerce o panóptico também será essencial para que o controle seja efetuado em outras áreas, como a educação e a política. Pode-se preconizar, portanto, que o panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder (FOUCAULT, 2003c, p. 169), o lócus que produz um saber que, por sua vez, reativa o poder, que observa e escande minuciosamente os sujeitos

e assim o fazendo, os controla, sobretudo porque também os produz. No caso hospitalar, o médico assume a torre panóptica, não apenas pelo esquadrinhamento policial que queria controlar as doenças – como a peste, mas também pela chamada medicina do meio. É na combinação entre esses dois elementos que acontecerá a medicalização do hospital.

Ao refletirmos sobre a educação, por exemplo, podemos pensar o fato de que “a disciplina exerce seu controle, não sobre o resultado de uma ação, mas sobre seu desenvolvimento” (2005b, p. 106). A questão, portanto, não seria apenas para que serve a educação, para que estudar, para que o ensino médio prepara seus alunos; a questão deve ser anterior a essa, pois se daria sobre o processo que permeia o sistema educacional, a quantidade de séries, a quantidade de alunos em sala, quem decide o conteúdo a ser ensinado e aprendido; não apenas como serão as avaliações, mas quem decidirá como elas serão, quem exercerá o poder, quem vigiará os alunos e quem vigiará os vigias? Não apenas quem serão os professores, mas quem serão os formadores desses formadores.

O sistema educacional, portanto, também se estrutura dentro do viés panóptico, na medida em que escande o comportamento dos alunos, produz um determinado tipo de saber e, da mesma forma, pode preparar sua modificação. É o que pontua Foucault quando enuncia que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (2003c, p. 44). A educação utiliza a mesma tecnologia política constitutiva da prisão, a disciplina, e o seu efeito mais direto: o controle - é um dos entes fundadores de uma microfísica do poder. Microfísica esta que escapa à análise mais costumeira da ideologia, da luta de classes, de uma física evidente do poder; o aspecto micro demonstra mecanismos que reativam um poder não concentrado em um único local ou sob a tutela de um único sujeito, soberano das decisões, é o caso de refletir se “os mecanismos de poder que funcionam na fábrica entre o engenheiro, o contra-mestre e o operário serão muito diferentes na União Soviética e aqui?” (FOUCAULT, 2005b, p. 161).

A ideia original de Bentham – da torre de vigilância que permite ao vigia observar todos os seus prisioneiros ao mesmo tempo, sem que os mesmos saibam se estão sendo observados naquele exato momento – evolui progressivamente. Essa torre de vigilância que tudo pode ver causa o efeito ótico que reativa o poder, o sujeito não é mais submisso a uma vontade soberana, mas sim a uma imaterialidade que disciplina, vigia e controla. A obra foucauldiana demonstra que o projeto arquitetônico principal sofre modificações. As penitenciárias não

guardam o mesmo formato, câmeras são introduzidas, o controle através da informática o tornará ainda mais remoto e menos maquinal, mas o modelo filosófico permanecerá. A imaterialidade do poder se consolida quando o panoptismo se espalha para além da prisão e o controle e a vigilância do sujeito o fazem um transmissor da energia do poder.

Ao perguntar se “devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?” (2003c, p. 187), Foucault evidencia o espalhamento do panoptismo em uma sociedade de vigilância na qual nos inserimos. Uma sociedade tão disciplinarizada e controlada não significa, é claro, a inexistência de conflitos, da luta entre sujeitos. Os sujeitos – provavelmente mais que as classes – continuarão em conflito pela própria dinamicidade do poder. No mecanismo do poder não há neutralidade – “não há sujeito neutro. Somos forçosamente adversários de alguém” (FOUCAULT, 2005a, p. 35) – o conflito é essencialmente algo necessário. Isso não significa, contudo, que a luta seja um paradoxo em relação ao panóptico, ao contrário, faz parte dele e o reforça. O controle e a vigilância não tornam os sujeitos seres eminentemente adestrados, os faz sim, corpos dóceis (FOUCAULT, 2003c, p. 117), mas mesmo assim, capazes de sublevações. É preciso ter em mente que o modelo panóptico não cria apenas o efeito ótico para o observado, mas também para o observador. Aquele que está na torre, mesmo que seja daí retirado, abre espaço para um novo sujeito que ocupará o seu lugar. Os sujeitos em oposição, não significam enfrentamentos de poderes diferentes, pois são produzidos pelo mesmo efeito ótico. É o que podemos depreender da entrevista no seguinte excerto:

- E, em relação aos prisioneiros, apoderar-se da torre central não tem sentido?
- Sim. Contanto que este não seja o objetivo final da operação. Os prisioneiros fazendo funcionar o dispositivo panóptico e ocupando a torre – você acredita então que será muito melhor assim que com os vigias? (FOUCAULT, 2005b, p. 227)

Ocupar a torre de vigilância apenas faria com que os vigias fossem substituídos, assim como os vigiados. O sistema de controle não é aplicado a um sujeito em específico, ele passa por todos, transitando pelas individualidades, e não apenas se aplicando de forma ideológica a um deles. Em um sistema de poder imaterial, essencialmente intangível,

a vigilância e o controle cumprem um papel mais sofisticado do que aquele que o soberano desempenhava outrora: os corpos não são mais tocados a ferro e pulverizados pelo fogo, mas a própria alma – tanto quanto os corpos – torna-se dócil. Os prisioneiros que se rebelassem e ocupassem a torre, provavelmente, não saberiam o que fazer com ela e passariam a observar os que outrora eram vigias. O poder não está, portanto, nos vigias. Não são eles os mandatários inescrupulosos que submetem os vigiados e ‘inventam’ o poder; ao contrário, são criados pelo poder. Desde o surgimento da prisão, várias críticas têm se avolumado contra ela, da sua ineficácia de reinserção social, de refazimento moral do sujeito ou de uma punibilidade com poucos efeitos práticos; considerada ineficaz por muitas vozes, cumpre, porém o seu papel de reator do poder: não se sabe pelo que substituí-la.

O sistema educacional, por outro lado, visto como o responsável pela formação pragmática da mão de obra, de outra parte acusado de ser o ‘alienador’ das mentes humanas e, em outro viés, percebido como o agente transformador de todo o sistema vigente, estrutura-se como um instrumento panóptico de disciplina, por excelência. A ‘torre educacional’ não apenas vigia e controla os sujeitos, mas também produz saberes determinados; essa pluralidade de saberes que, muitas vezes, estarão em oposição, provoca o equilíbrio do sistema de controle, é como se o discurso em oposição à torre de vigilância, na verdade, apenas buscasse tomar a torre, não sendo, portanto, uma oposição à torre em si, mas sim a quem a ocupa.

Esse sistema de vigilância panóptico constituirá e se apropriará da produção dos saberes na época moderna e contemporânea, imiscuindo-se em toda a sociedade, nas religiões, educação, forças armadas e na própria política. A torre de vigilância se multiplica em várias esferas e nos mostra que o poder não está meramente isolado em um local ou detido por uma pessoa, uma espécie de novo soberano. Assim como em uma torre de distribuição elétrica, a tensão passa por toda a fiação, o poder transita por todos os indivíduos. Nesse contexto, ninguém é imune ao poder, somos forçosamente por ele constituídos, mesmo que não percebamos – assim como o olho que não se vê; isso não significa, contudo, que os sujeitos são simples cumpridores de ordem de uma voz superior. O controle não anula a revolta, a sublevação e o conflito, mas inteligentemente o disciplina; como em um campo de batalha, onde a luta acontece, mas segundo regras já disciplinarizadas. A vigilância não evita, por exemplo, as revoluções políticas, mas é através dela que os ‘revolucionários’ garantem a estabilidade pós-revolução. O panóptico, mesmo que tenha sido formulado por Bentham, não possui um

mantenedor fixo, não é sustentado por uma pessoa ou uma classe para atingir determinado fim; da mesma forma que as regras de um jogo não são o logos que perfazem o vencedor em detrimento do vencido. Na verdade, as regras do jogo, tornam o jogo possível, assim como a prática do jogo torna possíveis as mudanças das regras, em uma simbiose que se autocomplementa e constitui os jogadores. O panopticum arquitetural assim como foi desenhado por Bentham não floresceu como imaginado por seu autor, mas deu vazão a uma arquitetura mais complexa de vigilância, controle e disciplina, que rege a sociedade na qual vivemos. Ao observarmos, portanto, Foucault postular que apenas tomar a torre não provocaria mudanças, que isso não poderia ser o resultado final da ação; seria necessário, por conseguinte, pensar nas outras ações, nos outros procedimentos para que a torre não prevaleça sobre os sujeitos. O olhar panóptico da fábrica que constitui o engenheiro e o operário não pode simplesmente ser destruído na medida em que se demole um posto de vigilância ou um escritório de supervisão, ou uma linha de montagem, pois o opticum do panoptismo também constitui o olhar do próprio engenheiro e do operário:

Um inspetor que surja sem avisar no centro do Panóptico julgará com uma única olhadela, e sem que se possa esconder nada dele, como funciona todo o estabelecimento. E, aliás, fechado como está no meio desse dispositivo arquitetural, o diretor não está comprometido com ele? O médico incompetente que tiver deixado o contágio se espalhar, o diretor de prisão ou de oficina que tiver sido inábil serão as primeiras vítimas da epidemia ou da revolta. (FOUCAULT, 2003c, p. 169)

O olhar de vigilância vigia os próprios vigias, os ‘controladores’ não estão livres do controle, os olhares se completam em um grande jogo de observação que suporta o sistema maior de disciplina, sustentáculo do poder. Dessa forma, é válido afirmar que o poder panóptico não se sustenta por um caráter ideológico, embora não se possa retirar a importância da ideologia, não é a partir dela, assim como não é do aspecto repressivo o eixo de sustentação que mantém o poder. O exemplo do médico incompetente que deixa o contágio se espalhar é prototípico em mostrar o efeito da vigilância, não apenas para isolar o paciente e, com isso, fazer o isolamento da doença e proteger os sãos. O isolamento vigiado e disciplinarizado faz com que não apenas se saiba

mais sobre a doença e o doente, as maneiras da transmissão e a identificação dos sintomas, essa vigilância faz com que o doente deseje ir ao hospital. Ao pensar sobre o caso do preso, soa exagerado dizer que o mesmo deseje ir para a prisão, mas não há dúvidas que a sociedade lá o quer pelo maior tempo possível. Fato interessante nas análises prisionais feitas por Foucault serão as descrições dos efeitos das reivindicações dos presos durante as rebeliões. A imprensa, em sua grande parte, não as ouvirá, o que evidencia o papel da mídia na sociedade disciplinar e nos leva a refletir que talvez existam múltiplas torres panópticas que, com maior ou menor intensidade, cumprem o seu papel vigilante e controlador. A ideia, comum em muitas rebeliões prisionais, de vitimar o diretor é míope, pois o poder não se concentra no ‘diretor-soberano’, mas perpassa todo o prédio da prisão e os próprios presos. É elucidativa, portanto, a ideia de que a escola e a fábrica tanto se parecem com a prisão. O professor, por exemplo, um dos observadores principais dos alunos, pode perceber que também é por eles observado e que, embora possa ter variáveis em sua performance, não pode contrariar as determinantes previamente impostas pelo sistema educacional que criam a sua posição de sujeito – ou pelo menos, não poderá fazer isso impunemente.

De forma similar, um cientista não pode enunciar verdades sobre o objeto de sua área através de uma maneira não controlada pelas regras científicas vigentes. Lineu não era tido como biólogo, embora, a partir de suas enunciações, estudiosos da ‘biologia moderna’ possam continuar suas pesquisas. O sistema panóptico se realiza, portanto, através de uma constituição extremamente positiva, assim como vigilante e controladora, sustentando para isso a sociedade na qual estamos inseridos: a sociedade disciplinar.

1.2 A LUTA

Um dos principais vértices de ilustração sobre o poder como luta é a inversão do aforismo de Clausewitz “a política é a guerra continuada por outros meios” (FOUCAULT, 2005b, p. 198). Vários são os exemplos citados para referenciar tal afirmação; o próprio Foucault pontua (2005b, p. 23) que “sempre se escreveria a história dessa mesma guerra, mesmo quando se escrevesse a história da paz e de suas instituições”. O poder, portanto, é luta, conflito e guerra. Em princípio, essa aceção do poder como luta pode parecer contraditória com relação ao panoptismo; se este objetiva a disciplinarização, o controle, que se

dá, por sua vez, em uma sociedade disciplinar, aquele evidencia que o enfrentamento não pode ser considerado inexistente, o conflito, a belicosidade perfazem a sociedade mesmo que esta seja fundada no panoptismo. As prisões, as escolas e os hospitais – modelos prototípicos do panóptico – disciplinam tanto quanto são palco de luta entre os sujeitos que servem de atores para a construção social.

Essa guerra que pode aparentar um esgotamento do poder – caso a oposição a ele saia vitoriosa – na verdade apenas o reforça. “A Idade Média ignorava, claro, que era a Idade Média, mas ignorava também, se assim podemos dizer, que não era mais a Antiguidade” (2005b, p. 87). Pensar que a Idade Média surge em oposição à Antiguidade é colocá-la não só em oposição, mas também em ordem de sucessão, em uma linearidade contínua e idealmente harmônica. A luta entre os elementos que separa a Antiguidade da Idade Média não era capaz de ser plenamente verbalizada, à época, pelo que veio a ser chamado de medievalismo. O processo de ruptura, evidência maior da luta, demonstra épocas distintas que não se sucedem harmonicamente, por assim dizer, mas se encadeiam em um sentido construído nos relatos históricos; a História nos faz crer que a Idade Média sucede a Antiguidade, quando na verdade a própria Idade Média não se via como tal, não se viam, portanto, como diferentes.

É nesse ponto que, se refletirmos sobre a diferença perceberemos que:

Se houvesse diferenças naturais marcantes não haveria guerra; pois, ou a relação de força seria fixada logo de saída por uma guerra inicial que excluiria que ela continuasse, ou então, ao contrário, essa relação de força permaneceria virtual dada a própria timidez dos fracos. Portanto, se houvesse diferença, não haveria guerra. A diferença pacífica (FOUCAULT, 2005b, p. 104).

Incoerente seria pensar que nada mudou da Antiguidade para a Idade Média, que os termos que usamos para diferenciar as épocas não encetam nada de novo. Por outro lado, se tais diferenças fossem de fato tão substanciais, essas épocas estariam encadeadas? Diferenças tão extremas poderiam torná-las incompatíveis de acontecerem de forma sequenciada. Não teria havido ruptura ou luta entre as variáveis que as distinguiam se, por outro lado, não houvesse um elemento de semelhança entre as mesmas. Como se disse anteriormente, a diferença

pacífica; a semelhança, contudo – não a igualdade – é que possibilita a luta. Não há poder sem luta, mas tal aspecto bélico não coloca o sistema de poder em perigo e sim o funda, assim como a tensão dá vazão à eletricidade.

Ao refletirmos, por sua vez, o acontecimento da ciência, percebemos que ‘a ciência’ não existia, existiam ciências, saberes, discursos, que se compunham de maneira essencialmente polimorfa. A partir do século XVIII (FOUCAULT, 2005b, p. 198) ‘a ciência’ deve muito da sua estruturação à instituição universitária. Não se pensa aqui, é claro, na universidade enquanto instituição de saber – que já existia há séculos, mas de sua atuação, sobretudo a partir do século XVIII, quando fica evidente a disciplinarização dos saberes. Os debates públicos tão famosos nas instituições universitárias em voga entre os séculos XII e XIII (em Bolonha e Paris) vão ceder espaço para a formação de profissionais em uma formatação mais mecânica: “passou-se da censura dos enunciados para a disciplina da enunciação” (FOUCAULT, 2005, p. 221). A universidade passa, portanto, a não ser uma instituição onde o saber está apenas presente, ele passa a ser regulado e policiado com uma observação panóptica. A verdade deixa de ser o enunciado que se busca, mas a formatação da enunciação passa a entrar em análise. O cientista será profissionalizado; o alquimista não mais existirá como um curioso amador, o químico assumirá esse novo papel que a enunciação lhe reserva. Embora haja luta entre a posição de um e outro, seria obtuso afirmar que a luta se travou entre os químicos e os alquimistas, como se ambos disputassem o mesmo espaço, reconhecimento e credibilidade. É uma nova realidade que cede espaço ao químico, realidade essa oriunda da luta, mas esse novo espaço para esse novo sujeito só pôde ser construído por conta da existência prévia do alquimista. Entes diferentes por conta das suas enunciações – dentre vários outros pontos – mas ao mesmo tempo similares pelos enunciados que produziam. A luta provoca cesuras que desencadeiam novas possibilidades, novos devires e nos mostra, sobretudo, que o poder não se dá de forma pacífica. Esse não pacifismo não significa, contudo, que a repressão é o meio por excelência de exercício do poder. Certamente é um dos mais evidentes, mas a luta significa mais que aspectos repressivos, significa a belicidade própria das relações que perpassam todo o esquema de poder. A ciência não se transformou no que é de forma pacífica para com os saberes existentes previamente, se fez necessária a policialização dos saberes. É exatamente essa criação normativa, a invenção de novas normatividades que embasam novas ciências, como a psiquiatria (FOUCAULT, 2006b), que tem que lidar com casos supostamente anômalos a suas próprias

regras, precisam escandir os que estão fora da normalidade, necessitam decodificar os ‘anormais’ (FOUCAULT, 2010e).

Foucault procede análises em seu curso sobre os anormais a partir de três desses ‘entes perigosos’, os incorrigíveis, os monstros e os onanistas. Um dos que merecem destaque é o caso dos hermafroditas que evidenciam as tecnologias do poder ao longo dos séculos:

De fato encontramos, bem no fim do século XVI, por exemplo, em 1599, um caso de punição de um hermafrodita, que é condenado como um hermafrodita e, ao que parece, sem que houvesse nada além do fato de ele ser hermafrodita. Era alguém que se chamava Antide Collas, que havia sido denunciado como hermafrodita. Ele morava em Dôle e, após um exame, os médicos concluíram que, de fato, aquele indivíduo possuía os dois sexos, e que só podia possuir os dois sexos porque tivera relações com Satanás e que as relações com Satanás é que haviam acrescentado a seu sexo primitivo um segundo sexo. Torturado, o hermafrodita de fato confessou ter tido relações com Satanás e foi queimado vivo em Dôle, em 1599. É esse, parece-me, um dos últimos casos em que encontramos um hermafrodita queimado por ser hermafrodita. (FOUCAULT, 2010e, p. 57)

Dezesseis anos depois (processo iniciado em 1601 e sentenciado entre 1614-1615), outro caso de hermafroditismo é tratado de forma diferenciada¹:

(...) tratava-se de alguém que havia sido batizado com o nome de Marie Lemarcis e que, pouco a pouco, tinha se tornado homem, usava roupas de homem e tinha se casado com uma viúva que, de seu lado, já era mãe de três filhos. Denúncia. Marie Lemarcis – que adotara então o nome de Marin Lemarcis – é levada a juízo e os primeiros juízes mandam fazer um exame médico, por um médico, um boticário, dois cirurgiões. Eles não encontram nenhum sinal de virilidade. Marie Lemarcis é condenada a ser enforcada, queimada e suas cinzas jogadas ao vento. Quanto à sua

¹ Ibid, p. 58.

mulher (quer dizer a mulher que vivia com ele ou com ela), é condenada a assistir o suplício do marido e a ser fustigada na encruzilhada da cidade. Pena capital, logo recurso e, então, diante da corte [de Rouen], novo exame. Os peritos concordam com os primeiros, em que não há nenhum sinal de virilidade, salvo um deles, que se chama Duval e que reconhece sinais de virilidade. O veredicto da Corte de Rouen é interessante, pois solta a mulher, prescreve-lhe simplesmente que mantenha as roupas femininas e proíbe-a de morar com qualquer outra pessoa de um ou outro sexo, “sob pena da vida”. Logo, interdição de qualquer relação sexual, mas nenhuma condenação por hermafroditismo, por natureza de hermafroditismo, e nenhuma condenação tampouco pelo fato de ter vivido com uma mulher, embora, ao que parece, seu sexo dominante fosse o feminino.

Passados 150 anos, outro caso de hermafroditismo²:

Agora em 1765, logo 150 anos depois, fim do século XVIII: caso quase idêntico. É o caso de Anne Grandjean, que tinha sido batizada como menina. Mas, como devia dizer alguém que escreveu uma memória em seu favor, “certo instinto de prazer aproximou-a por volta dos catorze anos de suas companheiras”. Inquieta com essa atração que sentia pelas meninas do mesmo sexo que ela, resolve vestir roupas de menino, muda de cidade, instala-se em Lyon, onde se casa com alguém que se chamava Françoise Lambert. E, denunciada, é levada a juízo. Exame do cirurgião, que conclui que ela é mulher e que, por conseguinte, se viveu com outra mulher, é condenável. Ela usou pois do sexo que não era dominante nela e é condenada pelos primeiros juízes ao colar, com o cartaz: “Profanador do sacramento do matrimônio”. Colar, chibata e pelourinho. Também nesse caso, recurso à Corte de Dauphiné. Ela é libertada, com a obrigação de usar indumentárias femininas e proibição de

² Ibid, p. 61.

frequentar Françoise Lambert ou qualquer outra mulher. Estão vendo que, no caso, o processo judiciário, o veredicto são praticamente os mesmos de 1601, com a diferença de que Françoise Lambert [rectius: Anne Grandjean] é proibida de frequentar as mulheres, e tão somente as mulheres, ao passo que, no caso precedente, era com qualquer pessoa de “qualquer” sexo. Eram a sexualidade e a relação sexual que estavam vedadas a Marie Lemarcis.

Esses dois exemplos demonstram com clareza a diferença de tratamento entre os casos e a diferença no conceito de ‘anormalidade’ encontrado tanto em Antide Collas, Marie Lemarcis e Anne Grandjean. Se no primeiro, o contato com Satanás era a explicação para a sua ‘anormalidade’ – o que levou a sua condenação à morte e ao lançar de suas cinzas ao vento, no segundo caso, a condenação se repete, mas é comutada pela interdição total das relações sexuais. Tal interdição, deve-se lembrar, ocorre após se verificar sinais de virilidade, embora se indique que o sexo dominante era o feminino. Portanto, apesar de Marie Lemarcis adotar o nome masculino de Marin Lemarcis, pode-se depreender que, sendo o sexo dominante o feminino, tratava-se de uma vivência homossexual e há aí a interdição total da sexualidade; embora ocorra menos de duas décadas após Antide Collas ‘confessar’ o seu hermafroditismo como consequência de seu relacionamento com Satanás, já se registra uma mudança considerável na normalização do hermafroditismo: o hermafroditismo não mais é extinto, a interdição sobre a sexualidade é a nova conduta. Ser hermafrodita é ainda ser ‘anormal’, mas não mais por ligações satânicas, não sendo macho ou fêmea, de sexualidade indistinta, não pode exercer sua própria sexualidade, pois isso, sim, seria uma ‘anormalidade’ ainda maior. A medicina, é válido pontuar, é quem formula tal discurso.

O discurso procede a outro movimento de sentido quando, no caso de Anne Grandjean, em 1765, se verifica que o seu sexo dominante é o feminino e que, mesmo assim, ela se veste de homem e se casa com outra mulher – Françoise Lambert. Não sendo o sexo masculino o que nela prevalece, aí está a ‘anormalidade’ apontada pela sentença, daí a sua sexualidade ter sido adjudicada ao exercício do outro, à existência do hetero. A punição que implica o uso do colar ‘profanador do sacramento do matrimônio’ não mais observa a existência dos órgãos sexuais, mas sim o exercício da sexualidade. A luta discursiva que se deu para a normalização de tal evento não finda com a condenação à

sexualidade, em seu tocante homossexual. A categorização do hermafrodita quanto à (a)normalidade da sexualidade cede espaço para a tipificação dos exercícios da sexualidade (1988). O século XX, por sua vez, presenciará a tipificação dos exercícios sexuais como patologias, desvios e transtornos. A Organização Mundial da Saúde (LAURENTI, 1984, v. 18, p. 2) oficializará, em 1948, a classificação do homossexualismo listado no seu Código Internacional de Doenças como pertencente a uma personalidade patológica, sob o código 320.6. Em 1965, o homossexualismo passou a ser categorizado em outra parte psiquiátrica, a de desvios e transtornos sexuais, sob o novo código 302.0. A nova revisão efetuada nesse Código, em 1975, manteve a mesma classificação, mas em 1990, a mesma Organização Mundial da Saúde tornou sem efeito o código para homossexualismo, o que passou a ter efeito nos países-membro em 1993. Se o século XVIII normalizou essa prática como crime, o século XX o tipificou como doença, tipificação esta que deixou a marca morfológica do -ismo em homossexualismo, termo ressignificado pelo movimento gay para homossexualidade. Há de se considerar, por outro lado, que o chamado 'travestismo fetichista' é mantido na tipologia das parafilias sob o código F65.6. O poder de traçar uma tipologia de desvios sexuais e de, antes disso, fundar o discurso da sexualidade desviante é exercido pela psiquiatria. Essa luta discursiva tem se dado ao longo dos séculos e altera a tipificação do homossexual. "O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie" (2003, p. 44), quando Foucault formula esse enunciado fica claro o novo discurso que tem o poder de tipificar o comportamento homossexual, não mais o jurídico, não mais o religioso, mas o psiquiátrico. Isso não quer dizer, contudo, que a religião silenciará sobre tal prática, apenas demonstra que a medicina, ou para ser mais exato, a psiquiatria, tornou-se o *gatekeeper* por excelência de tal prática sexual. Se considerarmos, por outro lado, o 'sem efeito' recomendado pela Organização Mundial de Saúde para o código que 'especificava' o homossexual como 'doente', isso não significa necessariamente que o discurso de tolerância/aceitação tende a se tornar hegemônico. O que se percebe é o poder sendo exercido como luta e essa luta ocorre no discurso. O homossexual como espécie substitui o sodomita não pelos argumentos apresentados ou tão somente pelo convencimento dos sujeitos envolvidos, mas sim pela utilidade desse discurso no exercício do poder. O poder psiquiátrico (FOUCAULT, 2006b) funciona como disciplinador de determinado discurso e os temas que por ele serão abordados vão muito além da loucura em si, passam pela homossexualidade e pelo próprio onanismo (FOUCAULT, 2010e).

Um dado interessante a se considerar sobre a formação do discurso psiquiátrico no que concerne à sexualidade é que essa formação discursiva se dá com a participação dos próprios sujeitos. No que tange a sexualidade ocidental, Foucault (2001) pontua que a *scientia sexualis* se formou com a própria voz dos sujeitos e não apenas a partir do caráter engenhoso da psiquiatria. “O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente” (2001, p. 59), é a partir de sua fala constante que os discursos são formulados. Se pensarmos, portanto, em Antides Collas (FOUCAULT, 2010e) que, em 1599, confessa suas relações sexuais com Satanás e, com isso, ‘explica’ o seu hermafroditismo, podemos ponderar que não se trata aqui de afirmar que a sua confissão – sob tortura, obviamente – era a causa fundante da correlação entre Satã e os hermafroditas. Além disso, o discurso que constrói a ligação de causa e efeito entre o hermafroditismo e Satanás legaliza a tortura não apenas para o direito, mas para os sujeitos do século XVI. É preciso recordar que “Desde a Idade Média, nas sociedades ocidentais, o exercício do poder sempre se formula no direito” (FOUCAULT, 2003c, p. 84); havia, portanto, não apenas a lógica de que a tortura era aceitável legalmente, mas que era uma maneira de produzir verdades:

Havia nessa época também, as famosas provas corporais, conhecidas como ordálios, em que se expunha as pessoas a provas de lutas com o seu próprio corpo, como, por exemplo, colocar um acusado para andar sobre ferro em brasa e se dois dias depois ainda apresentasse ferimento, perdia o processo. (DIAS, 2010, v. II, p. 3)

O ordálio era não apenas uma maneira de produzir a prova verdadeira, mas também de testar as provas, referendar as falas. Um interrogado inocente não confessaria culpa, pois por ser inocente resistiria à tortura. Antides Collas, ao ser torturado, apenas ‘confessa a verdade’. Contudo, mudanças serão efetuadas no discurso jurídico, o ordálio desaparece, a prova da dor some e novas tecnologias testam a credibilidade dos testemunhos. Mudanças na formatação da prova jurídica desencadeiam, por sua vez, uma luta pela verdade processual; durante mais de um século a psiquiatria enfrentará a figura do juiz pela produção da verdade no que concerne às patologias mentais e seus efeitos jurídicos (FOUCAULT, 2009). É importante lembrar que Marie Lemarcis e Anne Gradjean têm suas sentenças baseadas em exames e considerações médicas, assim como a interdição do ato sexual ou a

recomendação de Anne Gradjean não se relacionar com sua parceira Françoise Lambert também têm o *referendum* médico. O poder é saber, é discurso e só se realiza através da luta:

Dizendo poder, não quero significar “o Poder”, como conjunto de instituições e aparelhos garantidores das sujeições dos cidadãos em um estado determinado. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 2005a, p. 88)

Dessa forma, não se pode dizer que o sem efeito para o código 302.0 significa uma vitória de um determinado discurso sobre outro, no sentido de que um discurso pró-homossexual derrote o poder vigente como se a luta fosse uma batalha entre duas pessoas. O ‘sodomita’ que se torna ‘espécie homossexual’ sempre fez parte do poder vigente, é um ente positivo do jogo do poder, da luta que o perfaz. A mudança no discurso enceta muito mais que a variação morfêmica de homossexualismo para homossexualidade, demonstra uma reconfiguração de poder que segue normalizando a vida: “uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida” (FOUCAULT, 2001, p. 135). As mudanças ocorridas na política médica que retiram o caráter etiológico da prática homossexual demonstram um poder não mais jurídico em si, mas o poder sobre a vida em todas as suas formas. Não se trata apenas de uma taxinomia da sexualidade ou de uma possível cura de práticas sexuais ‘doentias’, ‘desviantes’, ou ‘anormais’. O poder sobre a vida se espalha em toda a sua extensão, não apenas sobre as práticas sexuais, mas sobre o próprio desejo: “foi a vida, muito mais do que o direito, que se tornou o objeto das lutas políticas, ainda que estas últimas se formulem através

de afirmações de direito”³. A normalização sobre as práticas sexuais, seja nas campanhas contra o onanismo, ou a homossexualidade vista enquanto crime ou doença, mostra não apenas o poder enquanto luta, evidencia a sociedade disciplinar e uma política, um poder, que legisla sobre a própria vida, uma biopolítica (FOUCAULT, 2008c).

Possivelmente uma das melhores ilustrações elencadas por Foucault para essa política sobre a vida seja o vaso de Soissons:

E é aqui que começa a história do vaso de Soissons, ou melhor, aí ainda, a historiografia do vaso de Soissons. Qual é essa história? Vocês sem dúvida a aprenderam em seus livros escolares. É uma invenção de Boulainvilliers, de seus predecessores e de seus sucessores. Pinçaram em Grégoire de Tours essa história que depois vai ser um dos lugares-comuns de discussões históricas infinitas. Quando, depois de não me lembro qual batalha, Clóvis reparte o saque, ou melhor, preside enquanto magistrado civil à distribuição do saque, vocês sabem que diante de certo vaso ele diz: “Este, eu o queria!”; mas um guerreiro levanta-se e diz: “Não tens direito a esse vaso, pois, mesmo sendo rei, tu partilharás o saque com os outros. Não tens nenhum direito de apreensão, não tens nenhum direito de posse primeira e absoluta sobre o que foi ganho na guerra. O que foi ganho na guerra deve ser dividido em propriedades absolutas entre os diferentes vencedores, e o rei não tem nenhuma preeminência. (FOUCAULT, 2005a, p. 179)

A questão no vaso de Soissons ultrapassa a temática da ocupação da Gália e comparações com a ocupação inglesa e os seus conflitos com Roma. A voz do guerreiro que se levanta em conflito com a de Clóvis e faz com que ele recue do seu discurso pelo vaso demonstra não apenas o choque discursivo através de dois sujeitos, mas a segunda parte dessa narrativa evidencia a guerra atravessando o discurso político:

É aí que encontramos o segundo episódio do vaso de Soissons. É o momento em que Clóvis, que não havia engolido a proibição que lhe fora feita de

³ Ibid, 2001.

tocar no vaso, passando uma revista militar, reconhece o guerreiro que o havia impedido de pôr a mão no dito cujo. Então, pegando seu grande machado, o bom Clóvis racha o crânio do guerreiro, dizendo-lhe: “Lembra-te do vaso de Soissons.” Temos aí, exatamente, o momento em que aquele que devia ser apenas um magistrado civil – Clóvis – mantém a forma militar do seu poder, mesmo para resolver a questão civil. Serve-se justamente de uma revista militar, ou seja, de uma forma que manifesta o caráter absoluto de seu poder, para resolver um problema que deveria ser apenas um problema civil. O monarca absoluto nasce, pois, no momento em que a forma militar do poder e da disciplina começa a organizar o direito civil. (FOUCAULT, 2005a, p. 182)

O episódio do Vaso de Soissons não significa apenas um Clóvis rachando o crânio de um guerreiro por conta da demonstração de um poder pessoal. Ao enunciar o ‘lembra-te do vaso de Soissons’, essa memória ultrapassa o soldado morto; a lembrança atinge todos os outros soldados e pessoas presentes. O poder militar passa a disciplinar o poder jurídico; Foucault ressalta que esse jogo discursivo resulta no absolutismo. Na verdade, esse jogo de discursos constitui-se como o poder enquanto luta. É aí que é possível inverter o aforismo de Clausewitz e dizer que⁴:

Se Clausewitz pôde um dia dizer, um século depois de Boulainvilliers e por conseguinte dois séculos depois dos historiadores ingleses, que a guerra era a política continuada por outros meios, é porque houve alguém que, no século XVII, na virada do século XVII para o XVIII, pôde analisar, expor e mostrar a política como sendo a guerra continuada por outros meios.

Essa própria caracterização do poder enquanto luta explica a gênese dos discursos, fazendo com que os mesmos se sucedam, não por uma linearidade harmônica, mas por uma luta constante. Luta esta que faz com que a sua produção e circulação seja maior que algo meramente discursivo, seja uma tecnologia do poder. Clóvis, portanto, não racha o

⁴ Ibid, 2005a, p. 198.

crânio do soldado enquanto magistrado civil pela distribuição do saque, mas sim enquanto militar, e cabe ao poder militar o governo de seus soldados. “A arte doméstica é da mesma natureza que a arte política ou a arte militar, pelo menos na medida em que se trata, lá como aqui, de governar os outros” (FOUCAULT, 2003c, p. 139); se o panoptismo encapsula o poder como luta, a guerra necessita do exercício do poder enquanto governo, seja no ato de governar a si, ou aos outros. A luta, portanto, que moldou os discursos sobre a homossexualidade, sobre os hermafroditas, tanto quanto a feitura das universidades e o exercício do poder militar, leva-nos a uma reflexão do poder como governo.

1.3 O GOVERNO

Ao refletir sobre o poder como governo é necessário lembrar a frase foucauldiana (2008, p.62) “o governo só se interessa pelos interesses”. É nesse contexto de interesses que o modelo panóptico de Bentham se evidencia não apenas como um componente local de controle, o sistema de vigilância ultrapassa o binômio vigilante-vigiado. O controle, a observação, a regulação e a disciplina não se constituem, portanto, como um sistema localizado de gerência de uma prisão, mas sim uma peça importante de uma engrenagem maior e um tanto complexa intitulada governo. Ao refletirmos sobre o vaso de Soissons (FOUCAULT, 2005b), por exemplo, podemos perceber que a luta militar não era apenas pelo território, mas sobretudo pela população. E é através do governo que se percebe o controle dos sujeitos que constituem essa população. O absolutismo, e com ele, a figura de um soberano, não apenas disciplina uma técnica majoritária de governo, mas sobremaneira, funda formas de obediência. Ao percebermos que o aforismo de Clausewitz mostra uma outra face da conclusão de Boulainvilliers – a guerra só pode ser vista como a política por outros meios, porque anteriormente, a política revela-se como a guerra por outros meios –, pontuamos um dado importante que liga a guerra à política: a utilidade para o governo.

A forma do poder ser exercido não pode, portanto, ser vista de forma isolada a uma pessoa, ou uma classe social, ou tampouco a uma determinada ideologia. Da mesma maneira, não se pode perceber o poder apenas pela repressão, pela forma de dizer não; como o próprio pensamento foucauldiano demonstra, apenas a repressão não causaria a obediência.

O nascimento da prisão, do hospital e da escola ajudam a constituir a sociedade disciplinar, onde o controle, a vigilância e, é claro, a punição, serão habilmente administradas. Por outro lado, episódios como o vaso de Soissons demonstram que a luta não se dá de forma desenfreada e inábil, a Jacquerie cede lugar à Revolução Francesa. Clóvis não deve rachar o crânio de seu soldado em qualquer instante, é preciso que haja espaço para a sua atitude; é necessário que ela esteja de acordo com a ‘governamentalidade’ de então.

O governo, ao se interessar pelos interesses, faz mais que controlar e vigiar os mesmos, os administra politicamente: “Governar consiste em conduzir condutas” (FOUCAULT, 2005b, p. 95). Ao matar o soldado, Clóvis faz mais que encerrar uma vida, ajuda a delinear a conduta dos outros soldados; e o faz, não apenas através do seu ato, mas da discursividade que o mesmo cria.

Ao lembrarmos o caso de Antide Collas e Marie Lemarcis, podemos depreender que a diferença de sentenças entre os dois casos, é separada por algo além dos dezesseis anos que dividem a cronologia dos fatos. A conduta adotada foi modificada: da sentença de morte para o celibato obrigatório, e isso demonstra alguns pontos relevantes a serem considerados sob a ótica de governo.

A mudança de sentença reflete alterações na forma de se governar as ‘anormalidades’, aqui exemplificadas pelos hermafroditas. No caso de Collas, é através do discurso médico que se enuncia a relação entre o dito ‘anormal’ e Satanás, essa seria a causa motriz da existência do hermafrodita. A medicina da época está ajustada ao discurso religioso – que é o predominante. É importante ressaltar o fato de que Collas confessa, e havia todo um ordenamento discursivo para se administrar o que representa a confissão – Foucault pontua que na idade contemporânea a confissão ganhará novos contornos, exemplo prototípico é a psicanálise. O discurso jurídico aceita a confissão sob tortura, aí se tem a figura do ordálio. A verdade subsiste ao sofrimento, o sujeito torturado jamais enunciaria uma mentira, pois Deus lhe daria força para prosseguir enunciando a verdade. Nota-se, portanto, uma clara predominância do discurso religioso: os médicos não só constatarem que o indivíduo possui os dois sexos – função que lhes cabe dada a sua *techné*. Os médicos de então enunciam algo além da descrição anatômica, atribuem a sua causa a um relacionamento diabólico. Em princípio, poderia se concluir que o discurso religioso, por ser o predominante, ‘oprimia’ os discursos de outras esferas, para que submetessem as suas enunciações ao discurso-mor. Por outro lado, a teoria foucauldiana pontua que o poder constrói a obediência não apenas

pelo seu aspecto evidentemente repressivo, mas também pela sua faceta fortemente produtiva. O discurso médico provinha, em parte, do discurso religioso, é isso que faz com que os médicos que examinam (uma prática eminentemente médica) Antide Collas vejam em sua anatomia a prova cabal da existência de uma conjunção satânica. O exame anatômico era de ordem médica, de caráter clínico, mas ainda estava ligado a uma interpretação discursiva religiosa e, por esta era formado e alimentado.

O que ocorre de diferente no caso de Marie Lemarcis é extremamente simbólico. Primeiramente, por parecer um homem, mas ser de fato uma mulher. Uma mulher que vive com outra mulher e que não possui nenhuma imperfeição anatômica, nem uma ‘anomalia’ física. Apesar disso, o discurso jurídico de então a condena à pena capital. A mudança discursiva que se dá aqui é a prescrição de que deve se vestir como uma mulher e não manter intercurso sexual com nenhuma pessoa. Podemos perceber que começa a se desenvolver uma técnica mais sofisticada de interdição dessas pessoas. A interdição da sexualidade e da relação sexual demonstram não somente que se travou uma batalha, uma ‘luta discursiva’ sobre o que fazer com esses casos, mas revelam, da mesma forma, que nascem aí novas maneiras de se governar esses sujeitos. Novas condutas serão prescritas, referendadas e aceitas socialmente para os ‘anormais sexuais’, sejam eles homossexuais ou hermafroditas. O discurso religioso não seria mais capaz de prescrever as condutas a serem adotadas nesses casos; embora possamos perceber que a figura satânica ainda poderá ser bastante útil para guiar determinadas condutas ao longo dos séculos, ele não mais será o suficiente para conduzir as condutas com os ‘anormais da sexualidade’. Caberia à medicina, a nova sentinela das práticas discursivas desses casos, governar esses sujeitos. É preciso aqui observar, portanto, que a troca de interpretações não se dá sem um confronto discursivo, sem uma luta entre os discursos interpretativos da religião e da medicina. Os médicos não mais incluirão os ditos anormais sexuais como parceiros de Satanás, esses sujeitos estarão submetidos a um novo discurso: o da doença e da cura. Nasce então um novo tipo de governo que aparentemente demonstra uma ‘maior humanidade’ para com homossexuais e/ou hermafroditas: esses não mais serão queimados e terão suas cinzas dispersas, não são parceiros de Satã, são doentes e cabe à ciência (uma instituição tão, ou quiçá mais poderosa que a religião) provocar-lhes um bem supremo: curá-los.

O governo não apenas administra o que se vai fazer com os sujeitos, como um déspota decidiria o futuro de seus súditos, mais que

isso, ele provoca a obediência dos sujeitos a um determinado tipo de discurso, na mesma medida em que produz esses mesmos sujeitos. Cabe aqui lembrarmos a trajetória já citada do termo *homossexualismo* categorizado no Código Internacional de Doenças sob a alcunha numérica 302.0. O curioso nesse governo da questão homossexual não é apenas a mudança do domínio discursivo da teologia (embora não totalmente) para a questão médica; mais que isso, o seu desdobramento principal seria tornar possível que um sujeito homossexual se visse como doente e até pudesse procurar uma cura para si. O poder como governo não representa apenas a disciplinarização da conduta homossexual, mas tende a conduzir a própria conduta homossexual como algo paralelo e excepcional. O poder entendido como governo evidencia que não se pode construir a obediência sem que o sujeito que obedece tenha produzido em si próprio o senso de obediência por um ordenamento maior. Esse ordenamento maior, por mais que se apoie na hierarquia, na repressão, na ideologia e no autoritarismo, não subsiste sem um caráter produtivo do poder. Não basta que o poder psiquiátrico diga ao homossexual que ele é doente, é preciso que este veja naquele um poder constituído digno de credibilidade. De maneira similar, o poder do professor não reside apenas na idéia de aprovação ou reprovação do aluno, é preciso que o aluno perceba que o professor detém certo saber que ele, enquanto aluno, desconhece. O governo só pode conduzir as condutas dos sujeitos não apenas dominando técnicas políticas, como o panoptismo, e tendo estratégias para vencer a luta entre os discursos e as vozes dos sujeitos que se enfrentam em um conflito marcadamente belicoso. O governo não pode gerir os sujeitos sem necessariamente passar pelo saber, sem exercer um controle de ordenação sobre o discurso. É o saber que, nas relações entre médico-paciente, professor-aluno, oficial-soldado marcará, de saída, as relações entre os sujeitos. Quando se diz que “o louco é aquele que não mais se possui” (FOUCAULT, 2009, p. 249), não apenas significa que esse sujeito é de domínio da psiquiatria; mais que isso, o governo do poder retira do louco o governo de si próprio e elege uma sentinela para tratá-lo: o psiquiatra.

O sentido de poder como governo não se coloca, apenas, com o objetivo de conduzir a conduta de outro ou de um grupo, mas também a conduta de si próprio. O governo de si e dos outros é, por excelência, o poder do governo. Um exemplo para isso estaria presente nesse excerto⁵ “o século XIX aceitará e mesmo exigirá que se atribuam exclusivamente

⁵ Ibid, 2009, p. 73.

aos loucos esses lugares nos quais cento e cinquenta anos antes se pretendeu alojar os miseráveis, vagabundos e desempregados”. A criação do hospício como um lugar específico para os loucos não ocorre por conta da categorização da loucura como um ente eminentemente psiquiátrico. Na verdade, o fenômeno da grande internação não produz apenas a figura do louco; mais que isso, faz nascer o psiquiatra. A psiquiatria, com o passar do tempo, não se ocupará dos vagabundos, miseráveis e desempregados, por isso o lugar da internação precisa se livrar deles para que o poder psiquiátrico seja exercido apropriadamente, enquanto uma forma organizativa. “O internamento não representou apenas um papel negativo de exclusão, mas também um papel positivo de organização”⁶. Para compreender o poder que é instituído sobre os loucos, que possibilitará seu internamento – inclusive compulsório –, o seu tratamento e a sua possível ‘cura’, não é necessário apenas exercer um tipo de poder sobre os loucos propriamente ditos; faz-se necessário exercer o governo sobre os discursos que enunciam sobre a loucura:

A evidência do “este aqui é louco”, que não admite contestação possível, não se baseia em nenhum domínio teórico sobre o que seja a loucura. Mas, inversamente, quando o pensamento clássico deseja interrogar a loucura naquilo que ela é, não é a partir dos loucos que ele o faz, mas a partir da doença em geral. A resposta a uma pergunta como: “Então, que é a loucura?” é deduzida de uma análise da doença, sem que o louco fale de si mesmo em sua existência concreta. O século XVIII percebe o louco, mas deduz a loucura. E no louco o que ele percebe não é a loucura, mas a inextricável presença da razão e da não-razão. E aquilo a partir do que ele reconstrói a loucura não é a múltipla experiência dos loucos, é o domínio lógico e natural da doença, um campo de racionalidade. (FOUCAULT, 2008, p. 187)

A medicina não criará um campo teórico discursivo sobre a loucura a partir dos sujeitos ditos loucos, mas sim a partir do discurso lógico e natural que rege a ciência e para que isso aconteça, de forma concomitante, o louco deixa de se possuir, ele não mais se governa e passará a ser governado por outros, com o tempo, será disputado pela

⁶ Ibid, 2009, p. 75.

psiquiatria e pela psicologia. O poder-governo não é estático, está sempre em movimentação, se nos últimos séculos assistimos, progressivamente, a formação do hospício, o surgimento da internação e a consolidação das ciências especializadas na loucura, foi pela conjugação do poder enquanto panoptismo-luta-governo.

A sociedade disciplinadora, extensão do modelo panóptico possui alguns modelos prototípicos, como o hospital e a prisão. Observando o modelo hospitalar, contudo, é evidente a luta travada entre determinados sujeitos e discursos: a discussão se Rivière (FOUCAULT, 2010c) é de fato louco ou não, se deve ser executado ou não, quem atesta isso? Até que ponto o poder médico pode avançar no campo jurídico? A consolidação do que será conhecido como manicômio judiciário será mais um exemplo de uma luta discursiva, de um embate de discursos que resulta em uma suposta harmonização, na verdade, o poder-governo disciplinando condutas e conduzindo sujeitos e discursos. Talvez por isso se possa dizer que (FOUCAULT, 2009, p. 295):

toda esta hierarquia vertical, que constituía a estrutura da loucura clássica desde o ciclo das causas materiais até a transcendência do delírio, cai agora e se espalha na superfície de um domínio que será ocupado conjuntamente e logo será disputado pela psicologia e pela moral. A “psiquiatria científica” do século XIX tornou-se possível. É nesses “males dos nervos” e nessas “histórias”, que logo excitarão sua ironia, que ela encontra sua origem.

A loucura e, obviamente, os loucos eram interpretados e percebidos de outras maneiras, após um processo longo, acompanhado de um intrincado jogo de poder, a psiquiatria, paulatinamente pôde surgir. O poder-governo é, necessariamente, produtivo, pois não cessa de criar novas condutas e ordens discursivas. Para se elaborar a lista de transtornos e desvios sexuais em 1975, categorizando várias questões da sexualidade como questões psiquiátricas, foi necessário que séculos antes Rivière fosse analisado. “Assim como o internamento é criador de pobreza, o hospital é criador de doenças” (FOUCAULT, 2008, p. 413), é o saber discursivo produzido pelo hospital que possibilitará a obediência à série de condutas que serão prescritas em relação aos doentes, aos loucos, à questão de internação, ao tratamento e possível cura. A internação em massa que se processa ainda no século XX para isolamento de hansenianos encontra sua origem séculos atrás e se faz

presente ainda na década de 80 do século XX, quando o surgimento da AIDS faz com que se cogite a internação compulsória em massa. O fato de que isso não aconteça não significa, necessariamente, uma postura mais humanitária, assim como o surgimento da prisão não significava maior humanidade em relação ao suplício, apenas o poder-governo se tornou capaz de produzir um saber sobre as doenças sem precisar, necessariamente, de internações em massa e compulsórias. Dessa forma, as ciências organizarão determinados tipos de condutas, ordenarão discursos e produzirão modelos de sujeito. Nessa equação, podemos perceber que “o que é a política, finalmente, senão ao mesmo tempo o jogo dessas diferentes artes de governar com seus diferentes indexadores e o debate que essas diferentes artes de governar suscitam?”⁷ A arte do governo, é, por conseguinte, uma arte política que administra as condutas e os interesses. Em última instância, o poder é a política do governar com todas as suas técnicas e tecnologias, o panoptismo, as técnicas de vigilância, observação e controle que não evitam a luta e o embate, mas são reguladas por um poder em forma de governo que cria e recria os entes envolvidos nesse embate. O governo não pacifica a luta, a administra, e isso não pode ser feito sem levar em consideração o saber, a discursividade que será a batalha e a arma com a qual os sujeitos serão produzidos e se posicionarão. O poder de um linguista, por exemplo, não está apenas em deter determinados saberes sobre as línguas, mas também em saber usá-los, governá-los de determinada maneira, a fim de ser visto como um linguista *de facto et de juris*.

⁷ Ibid, 2008c, p. 424.

2 O SABER

*Não há nada mais ordenado do que um cemitério*⁸

O poder só é realizado a partir do momento em que gera, em que produz determinado tipo de saber. Saber este, que, ao contrário do pensado por muitos teóricos, não é caótico e desorganizado. Não se questiona certo caos ao saber, ao discurso que se produz a partir dele, mas não se denega a ordenação que é intrínseca a sua própria existência, e é através desta ordem que é possível estudá-lo e descrevê-lo.

2.1 A ORDEM DO DISCURSO

Foucault escreveu e ministrou inúmeros cursos sobre a questão do discurso, mas um dos pontos fundamentais quando se fala no pensamento foucauldiano sobre questões discursivas, ainda é a aula inaugural A ordem do discurso, pronunciada em dezembro de 1970, no Collège de France. Entre os vários pontos que lá estão postos e que foram, posteriormente, desenvolvidos, existe uma consideração fundamental: há uma ordem do discurso. E isso, por si só, mudaria uma série de concepções até então vigentes nas questões científicas do século XX. O objetivo dessa seção é refletir sobre os pontos precípuos dessa ordem discursiva, e o primeiro ponto a ser aqui considerado deve ser as variadas maneiras do que se convencionou chamar de procedimentos de controle e delimitação do discurso.

Para pensar no controle e delimitação discursiva, Foucault dividiu seu pensamento em três sessões, a primeira delas fala sobre a interdição, o desejo e a exclusão.

Ao refletirmos sobre questões subjacentes à interdição e à exclusão, podemos relacioná-las à questão da loucura e da lepra. Ao se colocar a questão da *stultifera navis* (FOUCAULT, 2009), por exemplo, percebe-se como os considerados loucos eram excluídos de uma maneira ‘exemplar’. Nesse momento, em vez de serem acondicionados em um prédio e submetidos à prática de exames, viviam perpetuamente

⁸ GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. São Paulo: L&PM Editores, 2010, p. 393.

em mudança, o que fazia, com que na prática, não vivessem em lugar algum; sendo excluídos, portanto, de todos os locais:

A água e a navegação têm realmente esse papel. Fechado no navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada. É o passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem. E a terra à qual aportará não é conhecida, assim como não se sabe, quando desembarca, de que terra vem. Sua única verdade e sua única pátria são essa extensão estéril entre duas terras que não lhe podem pertencer. (FOUCAULT, 2009, p. 12)

O louco é preso ao navio em movimento, aos rios que nunca terminam; é, por isso, excluído dos limites de qualquer cidade. Por outro lado, o controle não se dá única e exclusivamente sobre o trânsito do corpo do louco, do seu ser físico que vem e vai; mais que isso, se montará um dispositivo de poder sobre a sua fala, sobre a interpretação da sua fala e sobre quem poderá e deverá fazê-la. O discurso que permeia a fundação do louco, como o conhecemos na atualidade, não se fará apenas com a exclusão da sua subjetividade, do “ser que não mais se possui”, mas também com a vigilância do discurso que o circunda. Para isso, é preciso refletir sobre o processo de exclusão no campo discursivo:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições, que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam,

são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2003a, p. 9-10)

A interdição se constitui, como aponta Foucault, não apenas como o fato de não se poder dizer tudo, de não poder falar tudo em qualquer circunstância e, finalmente, de que, qualquer um, não pode falar de qualquer coisa. Nota-se não apenas o entrelaçamento da interdição entre a questão de discurso e poder, mas também do discurso em relação ao sujeito. Não são todos que podem falar da loucura, que estão credenciados para isso, assim como não será permitido dizer tudo, o discurso está, em si, interdito. O louco da *stultifera navis* não tem apenas o seu corpo constituído necessariamente como um viajante, mais que isso, a sua voz, é possivelmente mais controlada que a sua presença corporal. Sendo um sujeito que “não mais se possui”, é necessariamente dessujeitado, não mais tendo o poder -mínimo que seja- de interpretação sobre sua própria voz, sobre o seu próprio discurso. Não se trata aqui apenas de indicar o controle sobre o louco para apontar, como consequência, a sua evidente interdição discursiva. Há um desdobramento nisso, é preciso que um discurso ordenado, minucioso e sofisticado surja da loucura, é preciso produzir um saber especializado sobre essa questão. A psiquiatria, contudo, não nascerá de uma simples contemplação do louco, é preciso que o poder intervenha com a chamada ‘grande internação’. É somente a partir do processo de internação que uma produção de saber possibilitará um discurso ordenado, que hoje chamamos de psiquiatria. O discurso psiquiátrico

necessita do louco em determinada posição, para isso o poder deve funcionar como uma estrutura panóptica. Sem a intervenção do poder que é decisivo para o funcionamento dos hospitais, das questões jurídicas que passarão a legislar sobre a loucura, assim como a internação dos loucos, o discurso psiquiátrico não haveria se estabelecido com tamanha desenvoltura. É no discurso, porém, que o poder marca sua principal construção e é na interdição que se evidencia a sua principal marca de controle e delimitação. A interdição do discurso, no caso da loucura, não se constitui apenas em relação ao sujeito que pode falar com credibilidade sobre o louco; mais que isso, trata-se de perfilar quem pode falar sobre a própria loucura: o louco não poderá mais fazê-lo, será duplamente privado – não fala sobre si próprio e tampouco pode interferir nas possíveis interpretações sobre a loucura, portanto, não mais se possui, não mais se governa.

A loucura que antes era segregada, assim como a lepra, excluída da sociedade, passará pela sofisticação do controle interdito. Não mais posta para fora da cidade, em uma navegação sem rumo e sem fim, mas objeto de uma observação intensa e de um esquadrinhamento minucioso, não terá como resultado apenas a criação dos mais variados tipos de loucos, que poderão ser classificados pelo olhar médico. Mais que isso, essa palavra do louco ajudará a credenciar o poder discursivo do próprio psiquiatra:

É curioso constatar que durante séculos na Europa a palavra do louco não era ouvida, ou então, se era ouvida, era escutada como uma palavra de verdade. Ou caía no nada – rejeitada tão logo proferida; ou então nela se decifrava uma razão ingênua ou astuciosa, uma razão mais razoável do que a das pessoas razoáveis. De qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito, ela não existia. Era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco; elas eram o lugar onde se exercia a separação; mas não eram nunca recolhidas nem escutadas. Jamais, antes do fim do século XVIII, um médico teve a idéia de saber o que era dito (como era dito, por que era dito) nessa palavra que, contudo, fazia a diferença. Todo este imenso discurso do louco retornava ao ruído; a palavra só lhe era dada simbolicamente, no teatro onde ele se apresentava desarmado e reconciliado, visto que

representava aí o papel de verdade mascarada.
(FOUCAULT, 2003a, p. 11-12)

A palavra do louco que antes delimitava a sua constituição enquanto louco, não era interdita como palavra proibida, nem ordenada em uma classificação médica, simplesmente não era ouvida. Há de se notar que se era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco, suas palavras constituíam o próprio louco, mas não ajudavam a constituir um intérprete para elas, fato esse que só se desenhará com o reconhecimento da psiquiatria e, conseqüentemente, do psiquiatra. A verdade sobre a loucura se fundará não apenas na palavra do louco, que é o enunciador propriamente dito, mas no sujeito apto para interpretá-la, para recolher a sua palavra, sistematizá-la, ordená-la e demonstrar a verdade aí mascarada. O intérprete do discurso finda por se qualificar em uma posição de poder para com o enunciador, é preciso que o louco reconheça no psiquiatra não apenas o diagnosticador de sua doença, mas também – possivelmente, por isso mesmo – o portador de sua cura. É preciso, igualmente, olhar para o duplo caráter do que se convencionou chamar de internação:

Antes de ter o sentido médico que lhe atribuímos, ou que pelo menos gostamos de supor que tem, o internamento foi exigido por razões bem diversas da preocupação com a cura. O que o tornou necessário foi um imperativo de trabalho. Nossa filantropia bem que gostaria de reconhecer os signos de uma benevolência para com a doença, lá onde se nota apenas a condenação da ociosidade. Voltemos aos primeiros momentos da “Internação” e a esse édito real de 27 de abril de 1656 que criava o Hospital Geral, De início, a instituição atribuía-se a tarefa de impedir “a mendicância e a ociosidade, bem como as fontes de todas as desordens”. De fato, essa era a última das grandes medidas que tinham sido tomadas a partir da Renascença a fim de pôr termo ao desemprego ou, pelo menos à mendicância. Em 1532, o parlamento de Paris decidiu mandar prender os mendigos e obrigá-los a trabalhar nos esgotos da cidade, amarrados, dois a dois, por correntes. A crise intensifica-se rapidamente, pois a 23 de março de 1534 ordena-se “aos pobres escolares e indigentes” que saíssem da cidade,

enquanto se proibia entoar doravante diante das imagens das ruas qualquer oração”. As guerras de religião multiplicam essa multidão duvidosa onde se misturam camponeses escorraçados de suas terras, soldados em licença ou desertores, operários sem trabalho, estudantes pobres, doentes. No momento em que Henrique IV empreende o cerco de Paris, a cidade, que tem menos de 100 000 habitantes, conta com mais de 30 000 mendigos. Uma retomada econômica se esboça no começo do século XVII. Decide-se absorver pela força os desempregados que não retomaram seu lugar na sociedade. Uma decisão do parlamento datada de 1606 decide que os mendigos de Paris serão chicoteados em praça pública, marcados nos ombros, a cabeça raspada e expulsos da cidade. Para impedi-los de voltar, um ordenamento de 1607 estabelece nas portas da muralha da cidade companhias de arqueiros que devem impedir a entrada a todos os indigentes. Quando desaparecem, com a guerra dos Trinta Anos, os efeitos da renascença econômica, os problemas da mendicância e da ociosidade se recolocam de novo; até meados do século, o aumento regular das taxas incomoda as manufaturas e aumenta o desemprego. Ocorrem então as revoltas de Paris (1621), Rouen (1639), Lyon (1652). Ao mesmo tempo, o mundo operário se vê desorganizado com o aparecimento das novas estruturas econômicas; à medida que se desenvolvem as grandes manufaturas, as associações perdem seus poderes e seus direitos, os “Regulamentos gerais” proíbem toda assembleia de operários, toda liga, toda “associação”. Em muitas profissões, no entanto, as associações se reconstituem. Processam-nas, mas parece que os parlamentos demonstram uma certa brandura: o da Normandia declina toda competência para julgar os revoltosos de Rouen; É por isso, sem dúvida, que a Igreja intervém e assemelha os agrupamentos secretos dos operários às práticas de feitiçaria. Um decreto da Sorbonne, em 1655, declara “sacrílegos e culpados de pecado mortal” todos aqueles que se liguem aos maus camaradas. Nesse conflito abafado que opõe

a severidade da Igreja à indulgência dos parlamentos, a criação do Hospital é sem dúvida, pelo menos na origem, uma vitória parlamentar. Em todo caso, é uma solução nova: é a primeira vez que se substituem as medidas de exclusão puramente negativas por uma medida de detenção; o desempregado não é mais escorraçado ou punido; toma-se conta dele às custas da nação mas também de sua liberdade individual. Entre ele e a sociedade, estabelece-se um sistema implícito de obrigações: ele tem o direito de ser alimentado, mas deve aceitar a coação física e moral do internamento. (FOUCAULT, 2009, p. 63-65)

Um lado dessa internação é, pois, o lado coercitivo, a repressão em si. Os mendigos, antes excluídos, agora são internados. Não há, nesse aspecto, um poder que busque uma verdade, a produção de um saber, o ordenamento de um discurso, pura apreensão de sujeitos indesejáveis, vontade de limpar a cidade, de higienizar a sociedade, excluindo mendigos e desempregados. Nesse aspecto, se faz notar um poder eminentemente repressor, mas que não age sem oposição, sem luta e que também não é realizado sem o seu parceiro: o poder produtivo. A internação não se revela apenas como uma solução nova, dotada de positividade, em detrimento das exclusões puramente negativas. Em vez do chicote, o internado troca o alimento pela coação física e, sobretudo, moral, aceita o controle em troca da sobrevivência. O controle exercido sobre esse sujeito, contudo, se sofisticará, pois não bastará ao poder estipular horários de refeições, regulamentos, esquadrinhamentos de espaços e questões quanto às refeições; mais que isso, o poder ordenará a própria voz dos internados. O poder coercitivo não funcionaria aqui sem o seu caráter produtivo, não seria obedecido pelos simples éditos e regulamentos. O mendigo, portanto, pode acreditar que seguir para o internamento é algo bem melhor que ser chicoteado, ter sua cabeça raspada, ser marcado nos ombros e ser expulso da cidade. O internamento, de fato, não o excluirá, não segregará o seu corpo, fará algo mais sofisticado: interdirá sua voz.

A interdição da voz do internado não se dará, como se poderia pensar pelo viés coercitivo, pela utilização da proibição da fala ou por um possível silenciamento; ao contrário, haverá a profusão da fala, a ‘confissão’ dos dizeres do louco, interpretados não pelo confessor religioso, mas pelo ‘intérprete científico’. Nesse ínterim, chama a atenção o caso de Pierre Rivière, que em pleno século XIX, causa

desconforto por conta de escrever, de se expressar não apenas relatando sua própria história, o seu ato criminoso, mas advogando a sua não loucura e sua plena consciência do crime, justificado não pela loucura, mas sim pelas atitudes das próprias vítimas. O caso Rivière é mais que uma mera discussão sobre loucura, insanidade, desrazão e ‘questões clínicas’. Há uma questão de poder fundamental sobre Rivière: ele retoma a palavra, articula seu próprio discurso e defende o seu ponto de vista – interpreta o seu ‘ato de loucura’. O poder que atuará sobre Rivière não será a mera repressão, para que o poder seja efetivo ele necessita de uma consecução discursiva, e uma das melhores formas para esse controle é a interdição: é preciso demonstrar não apenas que Rivière é louco; mais que isso, ele deve, certamente, necessitar de um médico e um hospital. É preciso notar que não se deve perceber a fala de Rivière como indevida, como se não devesse acontecer, como se o silenciamento fosse o melhor. Ao contrário, ele deve falar, mas é preciso evidenciar uma figura de destaque para esse acontecimento discursivo: o intérprete. Não cabe mais a Rivière (re)interpretar o diagnóstico da loucura, essa função subjetiva cabe a um sentinela: o psiquiatra; e isso só é possível, porque uma ‘polícia discursiva’ vigia os movimentos de sentidos das possíveis interpretações dos psiquiatras – a psiquiatria. Relação duplamente constitutiva, psiquiatria e psiquiatra se complementam, se retroalimentam e, dessa forma, vigiam não apenas o louco, como também a loucura. Tal fato, curiosamente, tenderá a ser aceito pelos internados que se submetem a esse discurso, a esse poder, não porque são sempre coagidos pela ponta de um fuzil, mas porque cabe a estes sentinelas a construção da verdade sobre a loucura que, por sua vez, pode esconder um grande segredo: a cura.

Podemos aí perceber um movimento de controle fundamental para que essa ‘guarda interpretativa’ do discurso se efetive: seja com a interdição da palavra, ou com a exclusão da mesma, ou mesmo com a vontade de verdade, o desejo de saber. Excluindo a palavra, normatizando a busca pela verdade ou interditando o discurso, temos aí o poder fazendo o seu papel de controle sobre a palavra, que, devidamente ordenada, restringirá em muito o sujeito.

Cabe aí a noção de outros três procedimentos fundamentais para controlar e delimitar o discurso: o comentário, o autor e as disciplinas.

Ao refletir sobre o comentário, não se trata apenas de pontuar quem pode fazê-lo, quem terá as credenciais para se apresentar como intérprete, quem poderá dizer não apenas qual é a interpretação sobre determinado texto, determinado discurso, mas também, a quem cabe ordenar essas interpretações e, igualmente, formar os intérpretes. Além

dessa questão, do intérprete, que retomaremos mais adiante cabe refletir sobre o comentário e sua relação com o ‘texto primitivo’:

A tarefa do comentário, por definição, não pode jamais ser completada. E, contudo, o comentário é inteiramente voltado para a parte enigmática, murmurada, que se oculta na linguagem comentada: faz nascer, por sob o discurso existente, um outro discurso, mais fundamental e como que “mais primeiro”, cuja restituição ele se propõe como tarefa. Só há comentário se, por sob a linguagem que se lê e se decifra, corre a soberania de um Texto primitivo. E é esse texto que, fundando o comentário, lhe promete como recompensa sua descoberta final. De tal sorte que a necessária proliferação da exegese é medida, idealmente limitada e, contudo, incessantemente animada por esse reino silencioso. A linguagem do século XVI o entendia não como um episódio na história da língua, mas como uma experiência cultural global – foi sem dúvida tomada nesse jogo, nesse interstício entre o Texto primeiro e o infinito da Interpretação. Fala-se sobre o fundo de uma escrita que se incorpora ao mundo; fala-se infinitamente sobre ela, e cada um de seus signos torna-se, por sua vez, escrita para novos discursos; mas cada discurso se endereça a essa primeira escrita, cujo retorno ao mesmo tempo promete e desvia. (FOUCAULT, 2007, p. 56-57)

Procedimento de controle interno, portanto, a prática do comentário. Não se trata aqui de encarceramentos, da ‘stultifera navis’ ou de projetos similares. O comentário, na verdade, retorna ao texto primitivo não para cancelá-lo ou superá-lo, mas sim para, como um espelho, mostrar o que realmente ele é e significa. Os comentários sobre o texto de Rivière não mais pertencem ao parricida, mesmo que enuncie, não cabe a ele interpretar sua enunciação, comentar o sentido de seu discurso. A ‘guarda interpretativa’ está montada e sabe não apenas comentar como também silenciar. Um dos pontos precípuos do comentário é que, cabe a ele não apenas interpretar o texto primitivo; mais que isso, cabe à interpretação enunciar o que antes estava silente e aí se pode depreender um paradoxo do comentário (FOUCAULT, 2003a, p. 25): “dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia

sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito”. Uma repetição interminável, que se assemelha à recitação, se combina, portanto, com o que está além do texto primitivo. A repetição indefinida dos comentários, não se caracteriza como um mantra indefinido justamente porque o acontecimento da volta desse dizer é sempre novo (FOUCAULT, 2003a, p. 26): “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. A mesma sentença de um discurso político, religioso ou sexual, na verdade, não são meras repetições do mesmo discurso, mas sim repetições encetadas por novos conflitos de discurso e de poder que possibilitam a determinadas sentenças não apenas serem repetidas, mas ao mesmo tempo, que possam ser reinterpretadas. Os textos religiosos são exemplos clássicos para a questão do comentário, a exegese demonstrou não apenas a força de se comentar para se criar novas interpretações, mas ao mesmo tempo, o fato de essas novas interpretações terminarem por gerar novos comentários em um infinito interpretativo. É possível que venha daí a frase de que o texto sagrado é um lugar onde todos procuram o que desejam e terminam por encontrar o que procuram. O paradoxo do comentário não seria resolvido com a descoberta do significado verdadeiro e primitivo do texto original, seria preciso mais que isso, seria necessário buscar o que fez com que a profusão de comentários e interpretações surgisse, a quem, ou a quem se deve essa autoria. O comentário se constitui como um modo interno de controle não apenas porque o sujeito que profere determinada enunciação precisa ter credibilidade para isso, mas também porque é necessário conhecer os mecanismos interpretativos para se advogar determinada interpretação. É necessário se ter ciência da práxis de se comentar para que o comentário possa ser reconhecido como válido. Na questão do texto religioso, por exemplo, não se trata apenas de se conhecer o texto em si, mas sim de reconhecer os acontecimentos que fazem com que as pessoas retornem o olhar para o texto, para as mesmas interpretações, para novas interpretações, para um conteúdo interpretativo; enfim, que ajude a construir um sentido já desejado. O texto jurídico, de forma similar, precisa de um intérprete treinado. Não cabe ao profissional do direito o mero conhecimento das práticas jurídicas, das burocracias institucionais. É necessário que ele domine as interpretações já circulantes, assim como os procedimentos pelos quais novas questões interpretativas poderão advir. O profissional do direito não é em si apenas um operador do direito; mais que isso, é um intérprete das formas jurídicas e das possíveis verdades que delas podem surgir. Os textos religiosos e jurídicos podem servir de demonstração clara para a

questão do comentário, tanto quanto os textos científicos. Ao lembrarmos do *Eppur si muove*, cabe lembrar do papel desse comentário de Galileu. É sabido da questão de que teve que abjurar a sua teoria científica, da qual estava convencido, e – importante lembrar – estava certo quanto a isso. O choque de discursos com a inquisição, com a questão religiosa, com uma determinada maneira religiosa de interpretar o mundo, os astros, os planetas, vem acompanhado não apenas de questões discursivas, mas obviamente de questões de poder. Os inquisidores exerciam seu poder de maneiras historicamente conhecidas, não apenas pela tortura, mas também através da aceitação de determinada interpretação das coisas. Fato é que a terra não se movia – discursivamente falando – e isso era amplamente ‘demonstrado’ e fazia todo o sentido. O poder utiliza-se de maneiras repressivas, do encarceramento de quem ousa dizer o contrário, de quem ousa enunciar outras verdades – mesmo que sejam demonstradas pelos métodos científicos tão ‘arrasadores’. É simbólico, dessa forma, a visão de Galileu sendo processado, sendo condenado e abjurando de suas ideias para preservar a própria vida. Fato resolvido inquisitorialmente, o discurso de denegação foi feito e o cientista afirma o contrário do que havia dito anteriormente. Contudo, a pequena frase dita pelo mesmo enunciador, mostra a força atribuída por ele ao comentário: guardião da verdade. É igualmente simbólico o fato desse enunciado ser amplamente lembrado por vários jornais científicos e ser mote de outras tantas associações científicas. O comentário de Galileu não é apenas mais um enunciado sobre uma questão já resolvida há séculos – o movimento da Terra em torno do Sol. O comentário é maior que isso, demonstra o nascimento de um novo discurso: o discurso científico. Não se trata de dizer que não se fazia ciência antes desse enunciado, ou tampouco que não existiam cientistas muito antes de Galileu. A questão é que esse comentário será constitutivo para o que a modernidade chamará de ciência e que trará, em seu bojo, uma série de expressões que o caracterizam, entre elas a tão famosa frase: comprovado cientificamente. Aí se constitui não apenas um discurso específico, um tipo de comentário que gerará novas posições interpretativas – a ‘maneira científica’ de proceder, mas um tipo específico de sujeito: o cientista, o autor por excelência desse tipo de discurso.

Eppur si muove não é apenas mais uma frase do homem Galileu, é o comentário sobre o qual tantos olhares se voltarão a fim de interpretar e reinterpretar o agora chamado status científico. Ao se observar que o comentário feito por Galileu é indefinidamente repetido, com a devida menção ao enunciador original, cabe lembrar que

(FOUCAULT, 2007, p. 25): “A repetição indefinida dos comentários é trabalhada do interior pelo sonho de uma repetição disfarçada: em seu horizonte não há talvez nada além daquilo que já havia em seu ponto de partida, a simples recitação”. Se este comentário é recitado nos dias atuais, é claro que é o mesmo, e aí cabe lembrar que o novo está no acontecimento que o circunda. Faz-se necessário que tal recitação seja feita para que os novos sentidos científicos estejam amparados no mesmo discurso. Os acontecimentos, por outro lado, que fazem com que essa sentença seja recitada pelos cientistas atuais, mostram que, embora, a sentença seja a mesma em sua forma, não é a mesma em seu aspecto interpretativo, pois é usada agora para advogar uma noção de verdade bem maior do que a enunciação literal de que a Terra se move. A interpretação desse comentário, dessa forma, vai além do que a própria sentença indica. Enuncia também que as falas científicas de hoje continuam sendo verdadeiras. Enuncia, da mesma forma, que os sujeitos que as proferem são enunciadores da verdade. Diz, da mesma maneira, que a ciência é digna de confiança quase ‘sagrada’ – curiosamente similar ao que era devotado ao discurso religioso, na época de Galileu. Confiança essa tão sacrossanta que faz com que a quase totalidade das vozes se calem ao ouvir a expressão: comprovado cientificamente.

Há de se notar que uma das questões fundamentais ao se falar o discurso é não desvinculá-lo do poder. O poder não está afastado do discurso, assim como não está em uma posição meramente genética, de mero gerador. O poder e o discurso se relacionam de maneira interconstitutiva. O poder não atua apenas na sua forma primitiva de repressão, sobre o discurso agirá de maneira sofisticada, seja pelo aspecto da interdição, seja pelo comentário. É aí que cabe lembrar a referência feita por Foucault à Montaigne (FOUCAULT, 2007, p. 56) “Há mais a fazer interpretando as interpretações que interpretando as coisas; e mais livros sobre os livros que sobre qualquer outro assunto; nós não fazemos mais que nos entreglossar”.

Cabe aqui retomarmos a questão do intérprete e, conseqüentemente, da interpretação. Para isso é necessário relembrar uma questão precípua ao comentário:

A linguagem não tem mais outro lugar senão a representação, nem outro valor senão em si mesma: nesse vão que ela tem poder de compor. Com isso a linguagem clássica descobre certa relação consigo mesma que até então não fora nem possível nem mesmo concebível. Em relação

a si mesma, a linguagem do século XVI estava numa postura de perpétuo comentário: ora, este só pode exercer-se se houver linguagem – linguagem que preexistia silenciosamente ao discurso pelo qual se tenta fazê-la falar, para comentar, é preciso a antecedência absoluta do texto; e inversamente, se o mundo é um entrelaçamento de marcas e de palavras, como falar dele senão sob a forma do comentário? A partir da idade clássica, a linguagem se desenvolve no interior da representação e nesse desdobramento de si mesma que a escava. Doravante, o Texto primeiro se apaga e, com ele, todo o fundo inesgotável de palavras cujo ser mudo estava inscrito nas coisas; só permanece a representação, desenrolando-se nos signos verbais que a manifestam e tornando-se assim discurso. O enigma de uma palavra que uma segunda linguagem deve interpretar foi substituído pela discursividade essencial da representação: possibilidade aberta, ainda neutra e indiferente, mas que o discurso terá por tarefa concluir e fixar. Ora, quando esse discurso se torna, por sua vez, objeto de linguagem, não é interrogado como se dissesse alguma coisa sem o dizer, como se fosse uma linguagem retida em si mesma e uma palavra fechada; não se busca mais desvelar o grande propósito enigmático que está oculto sob seus signos; pergunta-se-lhe como ele funciona: que representações ele designa, que elementos recorta e recolhe, como analisa e compõe, que jogo de substituições lhe permite assegurar seu papel de representação. O comentário cedeu lugar à crítica. (FOUCAULT, 2007, p. 109-110)

A questão, portanto, não seria refletir sobre as coisas, mas sim sobre as interpretações onde as coisas estão correlacionadas. Interpretar, no dizer de Montaigne, as interpretações. A frase de Galileu pode, atualmente, desvelar muito mais sobre o cientista que sobre o movimento da terra – que é óbvio se move. O comentário em voga cede espaço à uma representação discursiva: o discurso científico. Discurso esse que não possuía tal representação no século XVII, pois ali não havia o que hoje se convencionou chamar de ‘discurso científico’. O enunciado de Galileu será interpretado pelo discurso da cristandade, em ótica inquisitorial. Não há um discurso científico para interpretar a frase

em questão. Há, contudo, um sujeito chamado Galileu que, com as suas falas, encetará uma revolução científica, ajudando a criar o que hoje conhecemos como discurso da ciência. Mais que enunciador, Galileu constitui-se como um autor, um outro importante princípio de rarefação discursiva. É o que lembra Foucault:

Creio que existe outro princípio de rarefação de um discurso que é, até certo ponto, complementar ao primeiro. Trata-se do autor. O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. Esse princípio não voga em toda parte nem de modo constante: existem, ao nosso redor, muitos discursos que circulam, sem receber seu sentido ou sua eficácia de um autor ao qual seriam atribuídos: conversas cotidianas, logo apagadas; decretos ou contratos que precisam de signatários mas não de autor, receitas técnicas transmitidas no anonimato. Mas nos domínios em que a atribuição a um autor é de regra – literatura, filosofia, ciência – vê-se bem que ela não desempenha sempre o mesmo papel; na ordem do discurso científico, a atribuição a um autor era, na Idade Média, indispensável, pois era um indicador de verdade. (FOUCAULT, 2003, p. 26-27)

A primeira diferenciação realiza-se na questão do signatário e do autor, não basta escrever e assinar um texto, não basta ao inquisidor que julgou Galileu assinar sua sentença, esse inquisidor não agrupa discursos e origina significações, ao contrário, é agrupado por discursos já existentes. As conversas cotidianas também não estariam ligadas a esse conceito de autoria, não por não serem escritas e formalmente registradas, mas por precisarem muito mais de falantes e interlocutores que de autores. É claro que a fala não é algo menor em relação à escrita, a frase de Galileu é um dos fortes indícios que corroboram tal fato. A figura de Galileu também interagiu em falas cotidianas, sua escrita não se constitui apenas como a científica, possuía vida familiar, crenças religiosas e opiniões artísticas, Galileu também é um signatário de muitos discursos, mas se constitui como autor no que concerne ao discurso da ciência. Instaura uma maneira de proceder, de analisar, de observar, de chegar a conclusões, não apenas é constituído por um

discurso científico, mas inversamente o constitui e faz com que seja possível a inscrição de novas falas nesse mesmo discurso. Essas novas falas, novas inscrições discursivas, só são possíveis porque um autor – ou vários autores – tornam-se o foco de coerência desse discurso. É certo que Galileu não é o único autor do que chamamos de discurso da ciência, mas é um dos principais sistematizadores, aquilo que a historiografia científica convencionou chamar de ‘pai’. Esse termo é bastante esclarecedor quando se fala de autoria, não pela noção biológica de constituição genética, de transmissão de traços fisionômicos, mas pela instauração, pela criação de algo, por tornar possível que o ‘novo’ seja instaurado. Não se trata de conceber, de gestar, de dar à luz, mas sim de agrupar discursos, tornar possível a profusão de significados dentro de um determinado discurso. É preciso pontuar que também não se pode colocar que não houve ciência antes de Galileu, que não houve descobertas científicas, que não havia instrumentos para a sua práxis, que não havia já estabelecida determinada maneira de proceder para se obter ‘conclusões científicas’. Por outro lado, só depois do estabelecimento do princípio da inércia, dos estudos sistemáticos do movimento, do pêndulo e do melhoramento do telescópio é que se pode estabelecer Galileu como ‘pai’ da ciência moderna. Não que Copérnico também não tenha sido um autor de trabalhos importantes e de relevantes questões científicas, mas é Galileu que estabelece a prevalência do método empírico que provocará o corte com o discurso aristotélico, em prevalência há mais de um milênio. Galileu é fundante de um novo discurso, é o autor que torna possível, mais à frente, a enunciação do termo ‘comprovado cientificamente’, termo esse que, se fosse dito aos inquisidores que o julgaram, não teria o efeito arrasador de hoje.

A ciência moderna nasce não só porque Galileu disse algo, ou enunciou determinadas questões. O nascimento da ciência moderna ocorre porque é possível dizer cada vez mais no espaço discursivo criado pelo que Galileu falou. Newton, Einstein, Planck poderão dizer e (re)interpretar o que já havia sido dito, justamente, por causa da existência desse discurso: o discurso científico devidamente ordenado.

Foucault ressalta a questão da função do autor, contudo, não ser a mesma com o passar dos séculos. A questão de que a indicação de um autor era fundamental para determinada obra, por isso ser um indicador de verdade, ser uma garantia de que aquilo que se diz é verdadeiro. Devemos notar aí a discussão exegética, por exemplo, sobre determinados textos bíblicos, referendar determinado texto como sendo de um autor ou não é de suma importância para acreditar que ele é

sagrado. Esses textos fundam não apenas o que se diz, mas acabam derivando para a influência sobre a interpretação do que foi dito. Um texto supostamente escrito por Paulo, por exemplo, para muitos exegetas, não perderia a importância se não tivesse sido *de facto* escrito por ele; o fundamental seria que fosse de tradição Paulina, o que faria dele algo verdadeiro. Nota-se aí um entrelaçamento entre o sujeito e o discurso, ou mais especificamente, entre o autor e o discurso. Se, em determinada medida, o autor funda determinado discurso, por outro lado, esse mesmo discurso terá a capacidade de produzir autores que manterão essa profusão discursiva viva. Aí cabe lembrar que:

Se eu me apercebo, por exemplo, de que Pierre Dupont não tem olhos azuis, ou não nasceu em Paris, ou não é médico etc., não é menos verdade que esse nome, Pierre Dupont, continuará sempre a se referir à mesma pessoa; a ligação de designação não será modificada da mesma maneira. Em compensação, os problemas colocados pelo nome do autor são bem mais complexos: se descubro que Shakespeare não nasceu na casa que hoje se visita, eis uma modificação que, evidentemente, não vai alterar o funcionamento do nome do autor. E se ficasse provado que Shakespeare não escreveu os Sonnets que são tidos como dele, eis uma mudança de um outro tipo: ela não deixa de atingir o funcionamento do nome do autor. E se ficasse provado que Shakespeare escreveu o Organon de Bacon simplesmente porque o mesmo autor escreveu as obras de Bacon e as de Shakespeare, eis um terceiro tipo de mudança que modifica inteiramente o funcionamento do nome do autor. O nome do autor não é, pois, exatamente um nome próprio como os outros. (FOUCAULT, 2006a, p. 272-273)

O nome do autor não é, portanto, apenas um nome, pois esse mesmo nome possui um funcionamento que ultrapassa a questão primária de quem é Shakespeare ou Dupont, por exemplo. Além disso, é válido lembrar que o autor, da forma aqui enfocada, não se encontra em todo e qualquer discurso – p. ex. conversas cotidianas. Não são todos os discursos que possuem autoria:

O nome do autor não está localizado no estado civil dos homens, não está localizado na ficção da obra, mas na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser. Consequentemente, poder-se-ia dizer que há, em uma civilização como a nossa, um certo número de discursos que são providos da função “autor”, enquanto outros são dela desprovidos. Uma carta particular pode ter um signatário, ela não tem autor; um contrato pode ter um fiador, ele não tem autor. Um texto anônimo que se lê na rua em uma parede terá um redator, não terá um autor. A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade. (FOUCAULT, 2006a, p. 274)

O autor não constrói apenas um comentário, uma obra, uma determinada enunciação, funda discursos. E ao fazê-lo, não se confunde com a pessoa que escreve ou que fala, o Shakespeare das tragédias não é o eu autoral que se preocupava com os títulos de nobreza para suas filhas:

Na verdade, todos os discursos que possuem a função autor comportam essa pluralidade de ego. O ego que fala no prefácio de um tratado de matemática – e que indica suas circunstâncias de composição – não é idêntico nem em sua posição nem em seu funcionamento àquele que fala no curso de uma demonstração e que aparece sob a forma de um “Eu concluo” ou “Eu suponho”: em um caso, o “eu” remete a um indivíduo sem equivalente que, em um lugar e em um tempo determinados, concluiu um certo trabalho: no segundo, o “eu” designa um plano e um momento de demonstração que qualquer indivíduo pode ocupar, desde que ele tenha aceito o mesmo sistema de símbolos, o mesmo jogo de axiomas, o mesmo conjunto de demonstrações preliminares. Mas se poderia também, no mesmo tratado, observar um terceiro ego: aquele que fala para dizer o sentido do trabalho, os obstáculos encontrados, os resultados obtidos, os problemas que ainda se colocam: esse ego se situa no campo

dos discursos matemáticos já existentes ou ainda por vir. A função autor não está assegurada por um desses egos (o primeiro) às custas dos dois outros, que não seriam mais do que o desdobramento fictício deles. É preciso dizer, pelo contrário, que, em tais discursos, a função autor atua de tal forma que dá lugar à dispersão desses três egos simultâneos. (FOUCAULT, 2006a, p. 279)

O autor, portanto, não é apenas um ego, Foucault pontua três: o ego do prefácio, da demonstração e do sentido do trabalho, egos que se encontram na mesma função autoral. O autor ao se constituir nessa multiplicidade de egos faz com que sua obra não seja apenas algo a ser interpretado; mais que isso, produzem coisas a mais: a possibilidade de formação de outros textos. É neste sentido que se pontua o fato de que:

Freud não é simplesmente o autor da *Traumdeutung* ou de *O chiste*; Marx não é simplesmente o autor do *Manifesto* ou do *Capital*: eles estabeleceram uma possibilidade infinita de discursos. É fácil, evidentemente, fazer uma objeção. Não é verdade que o autor de um romance seja apenas o autor do seu próprio texto; em um certo sentido, também ele, na medida em que ele é, como se diz, um pouco “importante”, rege e comanda mais do que isso. Para usar um exemplo muito simples, pode-se dizer que Ann Radcliffe não somente escreveu *As visões do castelo dos Pirineus* e um certo número de outros romances, mas ela tornou possível os romances de terror do início do século XIX e, nesse caso, sua função de autor excede sua própria obra. Só que, a essa objeção, creio que se pode responder: o que esses instauradores de discursividade tornam possível (tomo como exemplo Marx e Freud, pois acredito que eles são ao mesmo tempo os primeiros e os mais importantes), o que eles tornam possível é absolutamente diferente do que o que torna possível um autor de romance. Os textos de Ann Radcliffe abriram o campo a um certo número de semelhanças e analogias que têm seu modelo ou princípio em sua própria obra [...] Em compensação, quando falo de Marx ou de

Freud como “instauradores de discursividade”, quero dizer que eles não tornaram apenas possível um certo número de analogias, eles tornaram possível (e tanto quanto) um certo número de diferenças. Abriram o espaço para outra coisa diferente deles e que, no entanto, pertence ao que eles fundaram. Dizer que Freud fundou a psicanálise não quer dizer (isso não quer simplesmente dizer) que se possa encontrar o conceito da libido, ou a técnica de análise dos sonhos em Abraham ou Melanie Klein, é dizer que Freud tornou possível um certo número de diferenças em relação aos seus textos, aos seus conceitos, às suas hipóteses, que dizem todas respeito ao próprio discurso psicanalítico. (FOUCAULT, 2006a, p. 280-281)

Ao utilizar o termo ‘instauradores de discursividade’ e exemplificar com a figura de Marx e Freud, Foucault pontua a questão de que não é apenas a repetição ou o uso de conceitos elaborados pelo autor Freud que caracteriza essa nova discursividade, mas dentro dela também existirá espaço para um determinado número de diferenças em relação ao texto primitivo. A instauração de uma nova discursividade, a psicanálise, fará não apenas com que a profusão discursiva ocorra, retornando ao texto primitivo, (re)interpretando questões elaboradas pelo autor em voga; irá mais além: encetará espaços de subjetividade para essas enunciações discursivas:

Afinal, Galileu não tornou simplesmente possíveis aqueles que repetiram depois dele as leis que ele havia formulado, mas tornou possíveis enunciados bastante diferentes do que ele próprio havia dito. Se Cuvier é o fundador da biologia, ou Saussure o da linguística, não é porque eles foram imitados, não é porque se retomou, aqui ou ali, o conceito de organismo ou de signo, é porque Cuvier tornou possível, em uma certa medida, a teoria da evolução que estava termo a termo oposta à sua própria fixidez; é na medida em que Saussure tornou possível uma gramática gerativa que é bastante diferente de suas análises estruturais. Portanto, a instauração da discursividade parece ser do mesmo tipo, à primeira vista, pelo menos, da fundação de não importa que cientificidade.

Entretanto, acredito que há uma diferença, e uma diferença notável. De fato, no caso de uma cientificidade, o ato que o funda está no mesmo nível de suas transformações futuras; ele faz, de qualquer forma, a parte do conjunto das modificações que ele torna possíveis. Essa dependência, certamente, pode tomar várias formas. O ato de fundação de uma cientificidade, pode aparecer, no curso das transformações posteriores dessa ciência, como sendo afinal apenas um caso particular de um conjunto muito mais geral que então se descobre. Pode aparecer também contaminado pela intuição e pelo empirismo: é preciso então formalizá-lo de novo, e fazer dele o objeto de um certo número de operações teóricas suplementares que o funda mais rigorosamente etc. Enfim, ele pode aparecer como uma generalização apressada, que é preciso limitar e da qual é preciso retraçar o campo restrito de validade. Em outras palavras, o ato de fundação de uma cientificidade pode ser sempre reintroduzido no interior da maquinaria das transformações que dele derivam. (FOUCAULT, 2006a, p. 282)

Retornando ao caso de Galileu, por ser o instaurador de uma discursividade, Foucault pontua que ele tornou possíveis enunciados bastante diferentes do que ele próprio havia dito. Isso não significa, contudo, uma harmonia de ideias, uma fidelidade constitutiva entre esses enunciadoreis. Não se trata de uma fidelidade entre o enunciador Chomsky para com o enunciador Saussure, tampouco de uma fidelidade de Einstein para com Galileu. A questão é que a função autoral de Galileu tornou possível uma discursividade tal que fez surgir novos dizeres que, em princípio, podem guardar mais diferenças que semelhanças para com esses discursos fundadores. Por outro lado, para que os dois – tanto Einstein quanto Galileu – sejam considerados cientistas é preciso que os enunciados guardem determinados pontos de convergência. O autor, dessa forma, constitui-se como um dos pontos importantes de ordenação do discurso por, ao mesmo tempo, instaurar uma discursividade e, por isso mesmo limitar os discursos que daí derivarão. É importante ressaltar que o conceito de autoria aqui explicitado por Foucault se distancia do autor musical, teatral, literário ou mesmo jurídico, ao submeter uma proposição legal:

[...] tentei essa distinção com um único fim: mostrar que essa função autor, já complexa quando se tenta localizá-la no nível de um livro ou de uma série de textos que trazem uma assinatura definida, comporta também novas determinações, quando se tenta analisá-la em conjuntos mais amplos – grupos de obras, disciplinas inteiras. (FOUCAULT, 2006a, p. 286)

Dessa forma, tanto a questão do autor, quanto a do comentário funcionam como elementos de controle e delimitação interna do discurso. Se o comentário implica, em certa medida, questões de autoria, o excerto acima demonstra que o autor em um sentido discursivo faz referência a outro item de rarefação do discurso: as disciplinas.

Cabe diferenciar a disciplina como um ente do discurso em relação à disciplina do poder, aqui como uma tecnologia do poder de singularização do sujeito e lá uma forma discursiva de controle de produção de novos discursos. O panóptico, por exemplo, enquanto uma tática do ver sem ser visto, o que provoca o efeito de vigilância nos observados, que disciplinam suas práticas por saberem que são vigiados, abre espaço para uma outra disciplina no campo discursivo. A disciplina discursiva se estabelece muito mais pelos mecanismos de produção do saber do que pelo controle corporal dos sujeitos:

A organização das disciplinas se opõe tanto ao princípio do comentário como ao do autor. Ao do autor, visto que uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isto constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados a quem sucedeu ser seu inventor. Mas o princípio da disciplina se opõe também ao do comentário: em uma disciplina, diferentemente do comentário, o que é suposto no ponto de partida, não é um sentido que precisa ser redescoberto, nem uma identidade que deve ser repetida; é aquilo que é requerido para a construção de novos enunciados. Para que haja disciplina é preciso, pois, que haja possibilidade

de formular, e de formular indefinidamente, proposições novas. (FOUCAULT, 2003a, p. 30)

Foucault pontua que há, não apenas, o domínio de objetos, o conjunto de métodos, as proposições verdadeiras, o jogo de regras e de definições e as técnicas e instrumentos que forçosamente sujeitam o autor a uma determinada produção, que modalizam o seu dizer. Além disso, também é pontuado pelo autor que a disciplina se constitui de forma diferenciada do comentário no sentido de ser não a repetitividade que identifica algo, tampouco o retorno ao ponto de partida do significado original. A disciplina em um caráter discursivo não se constitui em uma forma de controle do autor, nem na busca do sentido original, mais que isso, constitui-se como um ente eminentemente positivo: abre a possibilidade de se formular, de se enunciar indefinidamente proposições novas. Essas proposições novas, contudo, não serão uma fala contrária à disciplina que a produz, mesmo sendo novas, são unidas pelo mesmo código genético, mesmo havendo mais proposições, a disciplina não é fraturada, ao contrário, é fortificada:

Mas há mais; e há mais, sem dúvida, para que haja menos: uma disciplina não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa; não é nem mesmo o conjunto de tudo o que pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado, em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade. A medicina não é constituída de tudo o que pode dizer de verdadeiro sobre a doença; a botânica não pode ser definida pela soma de todas as verdades que concernem às plantas. Há, para isso, duas razões: primeiro, a botânica ou a medicina, como qualquer outra disciplina, são feitas tanto de erros como de verdades, erros que não são resíduos ou corpos estranhos, mas que têm funções positivas, uma eficácia histórica, um papel muitas vezes indissociável daquele das verdades. Mas, além disso, para que uma proposição pertença à botânica ou à patologia, é preciso que ela responda a condições, em um sentido mais estritas e mais complexas, do que a pura e simples verdade: em todo caso, a condições diferentes. Ela precisa dirigir-se a um plano de objetos determinados: a partir do fim do século XVII, por

exemplo, para que uma proposição fosse “botânica” era preciso que ela dissesse respeito à estrutura visível da planta, ao sistema de suas semelhanças próximas ou longínquas ou à mecânica de seus fluidos (e essa proposição não podia mais conservar, como ainda era o caso no século XVI, seus valores simbólicos, ou o conjunto das virtudes ou propriedades que lhe eram atribuídas na antigüidade). Mas, sem pertencer a uma disciplina, uma proposição deve utilizar instrumentos conceituais ou técnicas de um tipo bem definido; a partir do século XIX, uma proposição não era mais médica, ela caía “fora da medicina” e adquiria valor de fantasma individual ou de credence popular se pusesse em jogo noções a uma só vez metafóricas, qualitativas e substanciais (como as de engasgo, de líquidos esquentados ou de sólidos ressecados); ela podia e devia recorrer, em contrapartida, a noções tão igualmente metafóricas, mas construídas sobre outro modelo, funcional e fisiológico (era a irritação, a inflamação ou a degenerescência dos tecidos). Há mais ainda: para pertencer a uma disciplina uma proposição deve poder inscrever-se em certo horizonte teórico: basta lembrar que a busca da língua primitiva, tema perfeitamente aceito até o século XVIII, era, na segunda metade do século XIX, suficiente para precipitar qualquer discurso, não digo no erro, mas na quimera e na divagação, na pura e simples monstruosidade linguística. (FOUCAULT, 2003a, p. 31-33)

A questão da disciplina, enquanto instrumento de controle e delimitação discursivos, não é apenas controlar o que se diz. Não se trata de dizer tão somente o que é assunto da medicina ou da botânica; é, igualmente, dizer o que não é medicina ou botânica, o que não é, não apenas disciplina científica, o que não é ciência. Ao se constituírem como disciplinas científicas, que falam profusamente sobre determinados objetos, pode-se observar que no século XXI a cura da AIDS, é de domínio da medicina, assim como a categorização de insetos e organismos aquáticos existente na Amazônia e ainda não categorizados, é de domínio da biologia; a discussão sobre outros mundos, outros planetas, assim como vida complexa e inteligente neles, ganha status de ‘ficção científica’. Ficção, nesse ínterim, não por ser

literatura propriamente dita, mas a priori, por ser algo que a ciência reluta em discutir, da mesma forma em que reluta entrar no domínio discursivo ‘religioso’. A disciplina, em âmbito discursivo, não apenas produz positivamente múltiplos discursos e novos dizeres, mas estabelece como se pode produzi-lo. Assim como, no *modus operandi* democrático do século XXI, se estabelece que um candidato a um cargo político deve ser eleito pela maioria dos votantes, se pontua no discurso científico que só fala cientificamente, quem fala como os cientistas de então e por eles é reconhecido como tal. É por isso que Mendel não foi um biólogo (FOUCAULT, 2003a, p. 35): “Mendel dizia a verdade, mas não estava “no verdadeiro” do discurso biológico de sua época: não era segundo tais regras que se constituíam objetos e conceitos biológicos”. Foucault ressalta esse fato de botânicos e biólogos não reconhecerem a verdade na fala de Mendel. Não se trata de o que Mendel dizia não ser verdade, mas sim que não era reconhecida como tal:

Muitas vezes se perguntou como os botânicos ou os biólogos do século XIX puderam não ver que o que Mendel dizia era verdade. Acontece que Mendel falava de objetos, empregava métodos, situava-se num horizonte teórico estranhos à biologia de sua época. Sem dúvida Naudin, antes dele, sustentara a tese de que os traços hereditários eram descontínuos; entretanto, embora esse princípio fosse novo ou estranho, podia fazer parte – ao menos a título de enigma – do discurso biológico. Mendel, entretanto, constitui o traço hereditário como objeto biológico absolutamente novo, graças a uma filtragem que jamais havia sido utilizada até então: ele o destaca da espécie e também do sexo que o transmite; e o domínio onde o observa é a série indefinidamente aberta das gerações na qual o traço hereditário aparece segundo regularidades estatísticas. Novo objeto que pede novos instrumentos conceituais e novos fundamentos teóricos. Mendel dizia a verdade, mas não estava “no verdadeiro” do discurso biológico de sua época: não era segundo tais regras que se constituíam objetos e conceitos biológicos; foi preciso toda uma mudança de escala, o desdobramento de todo um novo plano de objetos na biologia para que Mendel entrasse “no verdadeiro” e suas proposições aparecessem,

então, (em boa parte) exatas. Mendel era um monstro verdadeiro, o que fazia com que a ciência não pudesse falar nele; enquanto Schleiden, por exemplo, uns trinta anos antes, negando, em pleno século XIX, a sexualidade vegetal, mas conforme as regras do discurso biológico, não formulava senão um erro disciplinado. (FOUCAULT, 2003a, p. 34-35)

A questão, portanto, é que Mendel, apesar de dizer o verdadeiro, não estava “no verdadeiro” e tal fato acontecia, por conta da disciplina da época assim preconizar. A mobilização de novos conceitos, métodos e mobilização de objetos farão com que se enxergue o ‘verdadeiro biológico’ de nova maneira. A mesma disciplina que fazia com que não se reconhecesse a verdade nos enunciados de Mendel provocava o ‘erro disciplinado’ em outros discursos – Foucault cita Schleiden. Ao usarmos essa questão para refletirmos sobre Galileu, podemos perceber que, no caso do movimento da terra, a questão era outra. Não se tratava de não reconhecer o movimento da terra como verdade ou não verdade. A inquisição percebia, decerto, a logicidade do raciocínio galilaico, a questão era que tal verdade não podia ser aceita, não podia circular, não podia ser ensinada livremente por conta de ser plenamente incompatível com a inquisição. A inquisição funciona aí como uma polícia discursiva ao extremo, não se trata de reconhecer a veracidade de enunciados; mais que isso, tratava-se de bloquear, de cercar a circulação de enunciados que se chocassem com a interpretação religiosa. O caso de Mendel, por sua vez, traz à baila uma outra noção de polícia discursiva, uma polícia não exatamente repressora de forma ostensiva, o discurso biológico de então, funcionava como uma ‘polícia discursiva investigativa’ que é necessariamente reativada nos discursos:

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma “polícia” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos. A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras. (FOUCAULT, 2003a, p. 35-36)

É pelo fato da disciplina controlar a produção do discurso que a verdade de Mendel não foi reconhecida como um enunciado ‘do verdadeiro’; por outro lado, é justamente a atualização das regras do discurso biológico que o transformará, para a historiografia científica, no ‘pai da genética’. Há de se refletir sobre o que a história da(s) ciência(s) denomina ‘pai’. Se em um viés figura-se como um autor que instaura uma discursividade, como Galileu, considerado o pai da ciência (não mais ciências), caso de Freud, que possibilita uma multiplicidade de vozes, de enunciados dentro do então ‘discurso psicanalítico’, assim como Mendel, ‘pai da genética’. Discurso fundador, ordenado por determinado sujeito que possibilitará a coexistência de múltiplas vozes; vozes essas que, mesmo diferentes em seu timbre, mesmo falando de forma diferenciada do mesmo objeto, o examinarão utilizando o mesmo olho. E é esse olhar que disciplina o que se fala. É importante ressaltar que se há uma reatualização das regras, de forma positiva, ao mesmo tempo há uma função restritiva e coercitiva:⁹

Tem-se o hábito de ver na fecundidade de um autor, na multiplicidade dos comentários, no desenvolvimento de uma disciplina, como que recursos infinitos para a criação dos discursos. Pode ser, mas não deixam de ser princípios de coerção; e é provável que não se possa explicar seu papel positivo e multiplicador, se não se levar em consideração sua função restritiva e coercitiva.

Positividade e coerção, multiplicidade e restrição atuam como duas faces da mesma moeda, se autocomplementam. Há recursos infinitos para a criação de discursos por conta da positividade dos comentários, mas também por conta da polícia discursiva que os sustenta de forma coercitiva. Galileu, Mendel e Freud só podem ser considerados pais de determinados discursos científicos, de determinadas ‘disciplinas científicas’, não apenas por conta da sua ‘fecundidade autoral’, mas igualmente, por conta da necessária reatualização permanente das regras desses mesmos discursos. O discurso, assim como o poder, não pode apenas coagir; caso contrário, não circularia socialmente.

É possível depreender, por outro lado, que os próprios discursos anteriores aos enunciados pelos ‘pais’ dessas ciências prepararam o terreno para a emergência desses sujeitos. Sem as discussões anteriores

⁹ Ibid, 2003a, p. 36.

a eles, esses mesmos sujeitos não poderiam enunciar os discursos que enunciaram. As disciplinas, portanto, não controlam o discurso autoral, o autor não é forçado a dizer algo, o seu dizer é positivo, é desse dizer que nasce a multiplicidade de discursos. Ao enunciar o *Eppur se muove* de maneira discreta, Galileu não se submete à inquisição, como o faz ao abjurar suas ideias. Ao dizer esse enunciado, ajuda a fundar um traço demolidor do discurso científico moderno, o dado irrefutável, a prova científica incontestável, o ‘comprovado cientificamente’ que separará os sujeitos enunciadores desse discurso do jugo religioso e das considerações filosóficas. Esse enunciado galilaico ajuda a criar não apenas o discurso científico; mais que isso, abre espaço para a condição fundamental da existência discursiva: o sujeito.

Ao refletirmos sobre a questão do sujeito é importante pontuar que ele se constitui como mais um procedimento de controle discursivo:

Creio que existe um terceiro grupo de procedimentos que permitem o controle dos discursos. Desta vez, não se trata de dominar os poderes que eles têm, nem de conjurar os acasos de sua aparição; trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (FOUCAULT, 2003a, p. 36-37)

O discurso também está ordenado para os sujeitos que falam, que enunciam. Cabe aí lembrarmos Hipócrates, o pai da medicina. O denominado juramento de Hipócrates enuncia muito mais sobre o médico que sobre a medicina, trata-se de um discurso sobre como o médico deve proceder, como o sujeito médico deve agir, é um juramento que focaliza a questão deontológica. Aquele que não seguisse esse juramento, essa conduta deontológica, não seria o médico que o

juramento preconiza. Temos aí a questão abortiva, já posta por Hipócrates como sendo proibida para um médico. Se alguém o fizesse, contudo, médico ainda seria, mas não sendo um ‘seguidor do discurso de Hipócrates’, estaria na fronteira do exercício médico. Para se admitir que um profissional da medicina pudesse conduzir uma prática abortiva, necessário se fez que o discurso sobre a concepção, assim como o desenvolvimento do feto, passasse por modificações ao longo dos séculos. O conhecimento biológico, genético, as questões celulares modificariam a visão que se tem de um feto para um embrião, para um organismo celular ainda não completamente desenvolvido e que ajudaria a justificar a prática abortiva para muitos setores da medicina. A história também mudaria a noção que se tem sobre determinadas doenças: da antiguidade, onde a lepra era considerada uma punição divina para um sujeito pecador, até a descoberta do bacilo que a causa, ocorreu a mudança não apenas interpretativa sobre a origem da doença, mas também a descoberta da sua cura. A lepra não mais anularia o sujeito atingido por ela, sujeitos com o rosto desfigurado progressivamente sumiriam do continente europeu. Os médicos, contudo, continuariam de Hipócrates a Pinel a constituição de sua subjetividade e, por isso mesmo, da formação discursiva médica:

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos. (FOUCAULT, 2003a, p. 39)

É esse ritual discursivo que influencia nos modos de subjetivação, na maneira pela qual determinados sujeitos emergirão. Os exames na medicina, o inquérito no discurso jurídico-policial, o comprometimento do sujeito que fala com o discurso enunciado, um jogo constitutivo que

perfaz o sujeito. Trata-se, portanto, não apenas do que o sujeito pode falar e como pode dizer; mais que isso, a questão é como o sujeito deve ser, como ele deve aparecer para quem o ouve, como ele deve se comportar nas minúcias de suas condutas. Se o poder dispõe as coisas de uma determinada maneira a fim de que o discurso seja falado e, igualmente, interpretado, isso não pode ocorrer sem o sujeito. É a partir da subjetividade que o discurso é dito e interpretado e é a própria existência do sujeito que coopera com os procedimentos de controle discursivo, com as suas formas de ordenação. O discurso surge como algo ordenado, regularizado, disciplinado não apenas por mecanismos externos a ele – como a exclusão e a interdição, mas também pelos mecanismos discursivos internos aqui elencados – o comentário, o autor e as disciplinas. Tais mecanismos de controle discursivos culminam na questão da subjetividade para a qual Foucault dedicou seus últimos cursos e que será desenvolvido no próximo capítulo.

Podemos concluir que o discurso é ordenado e disciplinado de uma forma complexa e sofisticada, mas isso não se faz de forma harmônica, sem lutas. Sempre haverá espaço para rupturas e rearranjos. A ordem do discurso não é imune a mudanças e refazimentos, não é similar a ordem dos cemitérios, onde os sujeitos não mais se possuem.

2.2 A ARQUEOLOGIA DO SABER

Ao se refletir sobre a definição de saber, Foucault pontua alguns conceitos (FOUCAULT, 2010a, p. 204): “A esse conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar saber”. Ressalta também que¹⁰: “um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso”. O saber, portanto, não trata apenas de práticas discursivas, do que se fala, dos enunciados, ou tampouco da soma de tudo que já foi dito sobre determinado objeto. Mais que isso, é um espaço que requer a posição de um sujeito. Ao exemplificar essa questão com o saber da psiquiatria, por exemplo, não se pode dizer que o saber é o conjunto do que se acreditava ser verdade. Trata-se de perceber que¹¹ “um saber se define

¹⁰ Ibid, 2010, p. 204.

¹¹ Ibid, 2010, p. 204.

por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso”, um campo de necessário entrecruzamento com o sujeito.

Ao fazermos referência à questão do entrelaçamento entre o sujeito e o saber, cabe lembrarmos os eventos do hermafroditismo, citados nesse trabalho na seção de poder – luta. As diferenças de sentença entre os casos de Antide Collas, Marie Lemarcis e Anne Grandjean, ocorridas respectivamente em 1599, 1614 e 1765. No primeiro caso, de Antide Collas, os médicos detectam o hermafroditismo, assim como o relacionam a uma relação com Satanás e isso é fundamental para a construção da sentença capital: ser queimado e ter as suas cinzas lançadas ao vento. No segundo caso, o de Marie Lemarcis, há uma diferença de resultados na perícia médica. A primeira perícia estabelece a ausência de virilidade, a segunda chega ao resultado exatamente oposto. É por conta do segundo exame médico que Lemarcis é condenada à interdição sexual total. O terceiro caso, por outro lado, o de Anne Grandjean, mostra um resultado médico diferenciado, constata-se que ela é mulher e, por isso, recebe a pena de carregar um colar com o título: profanador do sacramento do matrimônio. O que se percebe no papel médico dos três casos, é mais que a formação de um determinado tipo de saber; mas, da mesma forma, a constituição de um determinado sujeito médico. Note-se que em 1599, o médico harmoniza-se com a interpretação religiosa de que é o contato com Satanás que explica o hermafroditismo, a tática de se confirmar tal fato é a confissão, obtida através da tortura, instrumento perfeitamente utilizado pelo juiz da época. O segundo caso repete o que o saber médico já sabia atestar quinze anos antes. Em 1614, Lemarcis é condenada à interdição sexual total – note-se que o perito médico atesta a presença de hermafroditismo. Nesse caso, contudo, o médico não mais atesta uma influência satânica para a existência do hermafrodita. Isso influencia claramente na sentença: ausência de demônio, ausência de pena capital. A punição é focalizada na prática sexual.

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico (o saber da psiquiatria, no século XIX, não é a soma do que se acreditava fosse verdadeiro; é o conjunto das condutas, das singularidades, dos desvios de que se pode falar no discurso psiquiátrico); um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso (neste sentido, o saber da medicina clínica é o conjunto das funções de observação, interrogação, decifração, registro, decisão, que podem ser exercidas pelo sujeito do

discurso médico); um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam (neste nível, o saber da história natural, no século XVIII, não é a soma do que foi dito, mas sim o conjunto dos modos e das posições segundo os quais se pode integrar ao já dito qualquer enunciado novo); finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso. Há saberes que são independentes das ciências; mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma. Em 1765, por outro lado, o médico não mais relata um hermafroditismo, embora esse fosse o motivo inicial do processo. A perícia médica constata que Grandjean é mulher e ao viver com outra mulher, constitui-se como homossexual. A pena estabelecida para tal comportamento foi o uso do colar com um dizer religioso. É preciso notar, neste último caso, não apenas a criminalização da homossexualidade, mas a sua punição religiosa pelo judiciário da época, assim como a importância do médico para atestar naquele momento mais que o não hermafroditismo, mas a nova categoria que a psiquiatria construiria séculos depois: o homossexual como um doente. O saber médico que será o responsável pela formação desse discurso da homossexualidade como um tipo patológico, só poderá fazer essa discursividade circular, se ao mesmo tempo, tiver um sujeito para isso. O médico, nesse caso, é mais do que a existência de uma pessoa em particular, que faz com que isso aconteça. Na verdade, não é uma pessoa, mas antes disso, é um sujeito reflexo da sua época e que enunciará o discurso que o constitui e que, de certa maneira, ele – o médico – não tem como negar. Isso não significa, por certo, que não poderemos ter médicos nessa época que discordarão desse discurso da patologização da sexualidade. A questão é que, mesmo que discordem, tais sujeitos não terão como ser reconhecidos como enunciadores da verdade, pois o saber vigente em sua época não o permitirá. O saber, portanto, cria determinada subjetividade, faz com que o sujeito possa emergir para enunciar determinado discurso que, por sua vez, se fará segundo determinada ordem.

Nesse ponto, cabe uma reflexão sobre a questão do saber em relação à prática discursiva:

Um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (assim, o saber da economia política, na época clássica, não é a tese das diferentes teses

sustentadas, mas o conjunto de seus pontos de articulação com outros discursos ou outras práticas que não são discursivas). Há saberes que são independentes das ciências (que não são nem seu esboço histórico, nem o avesso vivido); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma. (FOUCAULT, 2010, p. 204)

A questão da definição do saber se efetiva não apenas pela utilização e apropriação via discurso, mas também a prática discursiva relaciona-se como interconstitutiva em relação ao saber. Sendo assim, da mesma forma que a prática discursiva é constituída pelo saber, esse também é formado pela prática discursiva. E para que isso ocorra, é necessário que o sujeito esteja presente, que ele participe da utilização e da apropriação discursiva para conservá-lo e ao mesmo tempo modificá-lo. É o movimento de estudo, de pesquisa desse saber que se denomina arqueologia. Não se deve, contudo, confundir essa arqueologia com a sua significação comum, da busca de algo longínquo, de uma determinada origem (FOUCAULT, 2010, p. 28): “Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância”. A questão, não é, portanto, buscar a origem, o próton do discurso, do saber, do sujeito, é muito mais perceber a instância que o constitui.

Ao lembrar da relação entre as palavras e as coisas, não se trata de focalizar uma ou outra¹²: “uma análise como a que empreendo, as palavras estão tão deliberadamente ausentes quanto as próprias coisas”. Trata-se, em suma, de uma análise do discurso. Discurso esse que causa o nexo entre palavras e coisas, mas ao mesmo tempo, é mais que uma mera ligação entre uma palavra e uma coisa¹³: “o discurso não é uma estreita superfície de contato ou de confronto entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência”. Não se quer dizer, evidentemente, que o discurso não una o léxico e a experiência, a realidade e a língua. A questão é que ele faz muito mais que isso. É precisamente essa funcionalidade a mais que será o objeto da arqueologia do saber¹⁴: “Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse

¹² Ibid, 2010, p. 55.

¹³ Ibid, 2010, p. 56

¹⁴ Ibid, 2010, p. 55.

“mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever”. Descrever esse “mais” que ultrapassa a utilização de signos para designar coisas é o que de fato objetiva a arqueologia do saber. Há de se reconhecer, primeiramente, que há um “mais” entre uma palavra e uma coisa. Há um saber constitutivo de um discurso que ocasiona o acontecimento da enunciação. É preciso perceber, contudo, que¹⁵ “a enunciação é um acontecimento que não se repete”. É a ocorrência desse acontecimento que faz possível determinada prática discursiva. Ao se ‘descrever o discurso, o saber’, é preciso ter em mente que não se trata de uma história das ideias, ou um simples ‘fichamento de falas’¹⁶:

O que se chama “prática discursiva” pode ser agora precisado. Não podemos confundi-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a “competência” de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.

Não se trata de descrever estruturalmente como determinado enunciado foi construído e segundo que fórmula se poderia construir outros similares e mesmo diferentes. Trata-se de uma outra questão: de analisar por que determinado enunciado foi dito para fazer sentido em determinada situação e não outro. O saber ao ser analisado via discurso não se mostrará como uma descrição do que foi dito sobre Antide Collas ou Lemarcis apenas; mais que isso, porque o médico muda seu enunciado ao longo dos séculos. Qual a força constitutiva do discurso médico, o que faz emergir o psiquiatra não apenas como uma voz sobre as questões mentais, sobre a loucura, mas o que o coloca como o tipificador da sexualidade, por excelência. Faz-se necessário no caso da ciência médica, como exemplo, analisar muito mais a enunciação do que o enunciado¹⁷:

¹⁵ Ibid, 2010, p. 114.

¹⁶ Ibid, 2010, p. 136.

¹⁷ Ibid, 2010, p. 38.

Parece-me, por exemplo, que a ciência médica, a partir do século XIX, se caracterizava menos por seus objetos ou conceitos do que por um certo estilo, um certo caráter constante da enunciação. Pela primeira vez, a medicina não se constituía mais de um conjunto de tradições, de observações, de receitas heterogêneas, mas sim de um corpus de conhecimentos que supunha uma mesma visão das coisas, um mesmo esquadramento do campo perceptivo, uma mesma análise do fato patológico segundo o espaço visível do corpo, um mesmo sistema de transcrição do que se percebe no que se diz (mesmo vocabulário, mesmo jogo de metáforas).

Entre uma série de elementos que são necessários para esse ‘caráter constante da enunciação’ está a figura do lugar de onde o médico obtém seu discurso. O lugar que terá o caráter positivo, que produzirá o discurso também por ele engendrado. Sem o nascimento do hospital não seria possível construir o ‘saber médico’ da forma como ocorreu:

É preciso descrever também os lugares institucionais de onde o médico obtém seu discurso, e onde este encontra sua origem legítima e seu ponto de aplicação (seus objetos específicos e seus instrumentos de verificação). Esses lugares são, para nossa sociedade, o hospital, local de uma observação constante, codificada, sistemática, assegurada por pessoal médico diferenciado e hierarquizado, e que pode, assim, constituir um campo quantificável de frequências; a prática privada, que oferece um domínio de observações mais aleatórias, mais lacunares, muito mais numerosas, mas que permitem, às vezes, constatações de alcance cronológico mais amplo, com melhor conhecimento dos antecedentes e do meio: o laboratório, local autônomo, por muito tempo distinto do hospital, no qual se estabelecem certas verdades de ordem geral sobre o corpo humano, a vida, as doenças, as lesões, que fornece certos elementos de diagnóstico, certos sinais de evolução, certos critérios de cura, e que permite experimentações terapêuticas; finalmente, o que

se poderia chamar a “biblioteca” ou o campo documentário, que compreende não somente os livros ou tratados, tradicionalmente reconhecidos como válidos, mas também o conjunto dos relatórios e observações publicadas e transmitidas, e ainda a massa das informações estatísticas (referentes ao meio social, ao clima, às epidemias, à taxa de mortalidade, à frequência das doenças, aos focos de contágio, às doenças profissionais) que podem ser fornecidas ao médico pelas administrações, por outros médicos, por sociólogos, por geógrafos. Ainda aí, esses diversos “lugares” do discurso médico foram profundamente modificados no século XIX: a importância do documento não deixa de crescer (diminuindo, proporcionalmente, a autoridade do livro ou da tradição); o hospital que não passava de um local de apoio para o discurso sobre as doenças e que era inferior em importância e valor à prática privada (em que as doenças, deixadas em seu meio natural, deviam, no século XVIII, se revelar em sua verdade vegetal), torna-se, então, o local das observações sistemáticas e homogêneas, confrontos em larga escala, estabelecimento das frequências e das probabilidades, anulação das variantes individuais – em resumo, o local de aparecimento da doença, não mais como espécie singular que desdobra seus traços essenciais sob o olhar do médico, mas como processo intermediário com seus marcos significativos, seus limites, suas oportunidades de evolução. Da mesma forma, foi no século XIX que a prática médica cotidiana integrou o laboratório como local de um discurso que tem as mesmas normas experimentais da física, química ou biologia. (FOUCAULT, 2010a, p. 57-58).

O surgimento do hospital (FOUCAULT, 2005a, p. 99-11) evoca uma série de movimentos relacionados ao saber, ao poder e ao sujeito. A importância do surgimento do fuzil como uma arma sofisticada, de manuseio mais complexo fará com que se tome mais cuidado dos soldados, com que não sejam apenas arregimentados dos desvalidos e mortos de fome, é preciso cuidar de seus corpos, pois não será mais tão fácil substituí-los. De forma concomitante, será necessário que o

hospital seja reordenado tanto no físico – enfermarias, sistema de observação dos pacientes, laboratórios etc – quanto no discursivo: ele deverá ser, a partir de então, um produtor de saber. O ambiente hospitalar deixará de ser um ‘morredouro’ e passará a ser um local de cura. Um paciente, portanto, procurará o hospital para ser curado e não mais para resignar-se aos seus últimos momentos. O paciente deverá submeter-se às práticas hospitalares e, assim, o mecanismo de internação, de isolamento, de controle de informação ganharão cada vez mais força. Ainda hoje, há uma forte restrição em muitos países sobre a circulação dos documentos hospitalares, os prontuários de determinados pacientes, mesmo que sejam esses mesmos pacientes, ou seus familiares, que requeiram tais prontuários para um processo judicial, por exemplo. O sigilo médico não só disciplinou que o médico deve guardar as confissões dos pacientes, mas restringiu, da mesma forma, os documentos originários desses pacientes. O principal ato de poder do ambiente hospitalar não se reflete em um sistema panóptico que disciplina a observação dos pacientes e o próprio isolamento deles para a construção de determinado saber, o poder hospitalar reforça a figura de um sujeito: o médico, e só o faz por conta de produzir o discurso útil para isso (2005, p. 11): “além de lugar de cura, este é também lugar de formação de médicos”. Um médico não se formará mais apenas com as aulas de uma universidade, com as palestras de um pesquisador, deverá necessariamente passar pelo hospital. O médico e o paciente não são apenas objetos do poder, são da mesma forma – e justamente por serem tocados pelo poder – objetos de saber.

É do saber oriundo dos hospitais que o médico concordará progressivamente com a internação e o isolamento, atos necessários para se conhecer a doença e buscar a cura. É na certeza de se estar no lugar certo para se buscar a cura, que o paciente, por sua vez, se assujeitará a esse poder disciplinador. Deve-se ressaltar aí, o declínio da influência do discurso religioso para a formação do médico. O doente não mais receberá a doença como punição divina – caso da lepra – e a ocorrência de anomalias não mais serão explicadas por um contato com Satanás – caso de Antide Collas. Aliás, é preciso lembrar que a tortura será desclassificada como um método eficaz de confissão da verdade – justificada através do ordálio – embora ainda se possa perceber seu uso para confissão de uma forma diferenciada: não mais se acredita que da tortura emane necessariamente a verdade. A confissão ao médico, por outro lado, não só continuará, mas se sofisticará; dela há a expectativa de que emane não só um diagnóstico preciso, mas a possibilidade de cura. Há de se ressaltar, portanto, que a mudança do discurso médico

nas explicações do hermafroditismo, por exemplo, não serão mais o satanismo, não por uma mudança na produção, circulação e consumo do discurso religioso. Não foi o discurso religioso que simplesmente perdeu o poder sobre a enunciação do médico – é válido lembrar que o próprio juramento de Hipócrates faz menção a Esculápio. Foi o discurso médico que adquiriu outro status na genealogia do poder, como sendo o discurso científico. Um dos efeitos demolidores do enunciado ‘comprovado cientificamente’ – que também valerá para a medicina – será afastar as interpretações religiosas e, mais que isso, demonstrar que o conhecimento oriundo do hospital e ao mesmo tempo, formulado pelos médicos e formador dos próprios tem um poder unívoco: apontar a cura.

Não haveria um poder médico tão forte se, em contrapartida, não houvesse um construtor de saber tão eficaz quanto o hospital. Entre um e outro está o médico, o sujeito que faz com que a relação poder-saber ocorra. Ao refletirmos sobre essa mesma relação poder-saber médico, Foucault prioriza a análise do poder psiquiátrico (FOUCAULT, 2006) como um elemento prototípico do que acontece com a medicina. Ao focalizarem a loucura como um objeto a ser estudado pelo que chamamos de psiquiatria, abriu-se caminho para uma intensa nosografia da mente. Já falamos aqui, sobretudo na seção do poder, sobre como a tipificação da homossexualidade – categorizada como homossexualismo – reflete questões de poder ao longo do tempo; cabe aqui, contudo, um aprofundamento maior sobre a questão do saber em relação às ciências:

A análise das formações discursivas, das positivities e do saber, em suas relações com as figuras epistemológicas e as ciências, é o que se chamou, para distingui-las das outras formas possíveis de história das ciências, a análise da episteme. Suspeitaremos, talvez, que a episteme seja algo como uma visão do mundo, uma fatia de história comum a todos os conhecimentos e que imporia a cada um as mesmas normas e os mesmos postulados, um estágio geral da razão, uma certa estrutura de pensamento a que não saberiam escapar os homens de uma época – grande legislação escrita, definitivamente, por mão anônima. Por episteme entende-se, na verdade, o conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados; o modo

segundo o qual, em cada uma dessas formações discursivas, se situam e se realizam as passagens à epistemologização, à cientificidade, à formalização; a repartição desses limiares que podem coincidir, ser subordinados uns aos outros, ou estar defasados no tempo; as relações laterais que podem existir entre figuras epistemológicas ou ciências, na medida em que prendam a práticas discursivas vizinhas mas distintas. A episteme não é uma forma de conhecimento, ou um tipo de racionalidade que, atravessando as ciências mais diversas, manifestaria a unidade soberana de um sujeito, de um espírito ou de uma época; é o conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas no nível das regularidades discursivas. (FOUCAULT, 2010a, p. 214)

Uma questão fundamental ao se pensar no saber científico é a questão da epistemologia. Ao se falar da teoria do conhecimento, por exemplo, na psiquiatria, não se trata apenas de dizer como essa ciência médica construirá o seu saber, como autenticará o exame, como tratará os documentos dos pacientes, como o hospital produzirá o discurso médico. Mais que isso, é preciso reconhecer que a epistemologia não se revelará como um olhar inequívoco que pode atravessar todas as ciências de forma unilateral – isso porque o jogo de poder-saber que produz os saberes científicos não ocorrerá por um olhar universal de um sujeito absoluto. A epistemologização de uma ciência – ou em outros termos, de uma disciplina – não pode ser compreendida unicamente a partir da questão lógica. Possivelmente é a isso que alude Foucault ao perguntar:

Uma questão permanece em suspenso: seria possível conceber uma análise arqueológica que fizesse aparecer a regularidade de um saber, mas que não se propusesse a analisá-lo na direção das figuras epistemológicas e das ciências? A orientação voltada para a episteme é a única que pode abrir-se à arqueologia? Deve ser esta – e exclusivamente – uma certa maneira de interrogar a história das ciências? Em outras palavras, limitando-se, até o momento, à região dos discursos científicos, a arqueologia tem obedecido

a uma necessidade que não poderia superar – ou tem esboçado, em um exemplo particular, formas de análise que podem ter uma extensão inteiramente diferente? (FOUCAULT, 2010a, p. 215)

Uma análise arqueológica do saber não é unicamente direcionada à questão epistemológica, embora em *As palavras e as coisas* (FOUCAULT, 2007), obra anterior à *Arqueologia do saber* (FOUCAULT, 2010a) – originalmente datados da década de 60, o foco na episteme seja o principal movimento de análise. O próprio autor (2010a, p. 216) enuncia que: “no momento, avancei muito pouco para responder definitivamente a essa pergunta”, para em seguida declarar¹⁸: “tal análise seria feita, assim, não na direção de episteme, mas no sentido do que se poderia chamar ética”.

A análise da episteme, portanto, não se constitui como a análise arqueológica, por excelência, apontada por Foucault como o movimento analítico que objetivaria a compreensão da ordenação do discurso. Aí, cita-se um exemplo¹⁹:

Parece-me que se poderia fazer, também, uma análise do mesmo tipo a propósito do saber político. Tentaríamos ver se o comportamento político de uma sociedade, de um grupo ou de uma classe não é atravessado por uma prática discursiva determinada e descritível. Essa positividade não coincidiria, evidentemente, nem com as teorias políticas da época, nem com as determinações econômicas: da política, ela definiria o que pode tornar-se objeto de enunciação, as formas que tal enunciação pode tomar, os conceitos que aí se encontram empregados e as escolhas estratégicas que aí se operam. Em lugar de analisá-lo – o que é sempre possível – na direção da episteme a que pode dar lugar, analisaríamos esse saber na direção dos comportamentos, das lutas, dos conflitos, das decisões e das táticas. Faríamos aparecer, assim, um saber político que não é da ordem de uma teorização secundária da prática e que não é, tampouco, uma aplicação da teoria. Já que é

¹⁸ Ibid, 2010, p. 216.

¹⁹ Ibid, 2010, p. 217-218.

regularmente formado por uma prática discursiva que se desenrola entre outras práticas e se articula com elas, ele não constitui uma expressão que “refletiria”, de maneira mais ou menos adequada, um certo número de “dados objetivos” ou de práticas reais. Inscreve-se, logo de início, no campo das diferentes práticas em que encontra, ao mesmo tempo, sua especificação, suas funções e a rede de suas dependências. Se tal descrição fosse possível, veríamos que não haveria necessidade de passar pela instância de uma consciência individual ou coletiva para compreender o lugar de articulação entre uma prática e uma teoria políticas; não haveria necessidade de procurar saber em que medida essa consciência pode, de um lado, exprimir condições mudas, de outro, mostrar-se sensível a verdades teóricas; não teríamos de colocar o problema psicológico de uma tomada de consciência; teríamos de analisar a formação e as transformações de um saber. A questão, por exemplo, não seria determinar a partir de que momento aparece uma consciência revolucionária, nem que papéis respectivos puderam desempenhar as condições econômicas e o trabalho de elucidação teórica na gênese dessa consciência; não se trataria de retrair a biografia geral e exemplar do homem revolucionário, ou de encontrar o enraizamento de seu projeto; mas de mostrar como se formaram uma prática discursiva e um saber revolucionário que estão envolvidos em comportamentos e estratégias, que dão lugar a uma teoria da sociedade e que operam a interferência e a mútua transformação de uns e outros.

Não se trata, portanto, no exemplo da análise do pensamento revolucionário, de analisar o seu discurso *per se*, de focalizar a sua episteme, e sim de descrever a sua prática discursiva, a sua estratégia, a sua teoria de sociedade. É este movimento que fará com que o revolucionário possa atuar e o seu discurso revolucionário possa fazer sentido. É neste ponto que Foucault responde à pergunta feita por ele próprio anteriormente:

Pode-se responder, agora, à pergunta que se propunha há pouco: a arqueologia só se ocupa das ciências e nunca passa de uma análise dos discursos científicos? E responder duas vezes não. O que a arqueologia tenta descrever não é a ciência em sua estrutura específica, mas o domínio, bem diferente, do saber; Além disso, se ela se ocupa do saber em sua relação com as figuras epistemológicas e as ciências, pode, do mesmo modo, interrogar o saber em uma direção diferente e descrevê-lo em um outro feixe de relações. A orientação para a episteme foi a única explorada até aqui. A razão disso é que, por um gradiente que caracteriza, sem dúvida, nossas culturas, as formações discursivas não param de se epistemologizar. Foi interrogando as ciências, sua história, sua estranha unidade, sua dispersão e suas rupturas, que o domínio das positivities pôde aparecer; foi no interstício dos discursos científicos que se pôde apreender o jogo das formações discursivas. Não é surpreendente, em tais condições, que a região mais fecunda, a mais aberta à descrição arqueológica, tenha sido a “era clássica” que, do Renascimento ao século XIX, desenvolveu a epistemologização de tantas produtividades; não é surpreendente, tampouco, que as formações discursivas e as regularidades específicas do saber se tenham delineado justamente onde os níveis da cientificidade e da formalização foram os mais difíceis de ser atingidos. Mas esse é apenas o ponto preferencial da abordagem; não é um domínio obrigatório para a arqueologia. (FOUCAULT, 2010a, p. 218-219)

Não se trata, então, de uma análise estrutural do saber científico, de uma descrição da epistemologia; trata-se de algo além: o domínio do saber. Se o poder é, em última análise, um governo que administra interesses e condutas e, para tanto, o faz a partir do saber; é, por conseguinte o sujeito, o foco do domínio do saber. Além da ordenação do discurso médico e do rearranjo do hospital, é necessária a formação do médico. O médico que no século XVI examinará Antide Collas e o ligará à questão satânica será modificado no século XVIII, para um médico que disciplinará a sexualidade de Anne Grandjean. Não se trata de um mero seguidor, de uma caixa de ressonância de um

discurso dominante, de um sujeito assujeitado em um viés repressor. Ao contrário, trata-se de uma questão positiva, o sujeito é produzido, é formado por determinado discurso que o constitui. A constituição do sujeito – objeto de domínio do saber – não se dá, contudo, sem luta, sem contradições, sem avanços e recuos. A relação entre saber e sujeito não se dá de uma forma eminentemente linear e apaziguada, como em um cemitério. O saber, que se estrutura em discursos, se faz de forma ordenada, haja vista que há uma regularidade que torna o discurso passível de uma análise sistemática; porém, como citou Galeano nada possui uma ordenação tão completa – em decorrência de sujeitos totalmente assujeitados, pois estão mortos – quanto um cemitério. É o contrário, o estudo dos sujeitos vivos, naturalmente em luta, que interessa ao estudo foucauldiano (FOUCAULT, 2010f, p. 64) “Não é tanto o poder que me interessa, mas a história da subjetividade”. Não se trata de estudar o saber através de uma ordem discursiva, e nele ver refletido, consubstanciado a questão do poder, é preciso ir além, é necessário descrever a sua concretude: os seus modos de subjetivação.

3 SUJEITO

Quando Foucault postulou não ser o poder, e sim o sujeito, o principal objeto de seus estudos, alguns leitores esperavam um estudo sobre a identidade afetada – de alguma forma – pelo que se convencionou chamar de ideológico. O texto encontrado em História da Sexualidade, por exemplo, não atende a expectativa de uma análise de cunho repressivo. Não é a visão opressores-oprimidos que embasa o olhar analítico da chamada *ars erótica e scientia sexualis*.

Analisar o sujeito é bem mais que descrever subjetividades, alteridades e afins. É, em última instância, um trabalho arqueológico que demonstra como o poder e o saber o constituem (Foucault, 2010): “Não pode existir saber sem uma modificação profunda no ser do sujeito”. É este tema que fundamentará os últimos cursos de Foucault. O sujeito será escandido pela constituição do fenômeno parresiástico. É a parresía, a coragem da verdade, o franco-falar que se erige como o fator principal a ser considerado na constituição do sujeito. É a partir dos seus efeitos sobre o sujeito que Foucault articula as suas últimas reflexões: sobre os modos de subjetivação articulados a partir da parresía. É o caráter parresiástico, portanto, o ponto principal a ser considerado nos estudos da subjetividade. A relação entre o sujeito e a verdade diz mais que a interconstituição entre verdade-subjetividade, fala igualmente sobre o poder e o saber, como ângulos que constituem a mesma figura.

3.1 PARRESIA

Se, por um lado, há trechos onde a definição de parresía é feita imediatamente a partir de uma tradução, há outros onde se busca perceber o uso no qual ela está inserida (FOUCAULT, 2010): “o termo parresía está tão ligado à escolha, à decisão, à atitude de quem fala, que os latinos justamente traduziram parrhesía pela palavra *libertas*”. A escolha seria um dos elementos para se exercer a parresía, é necessário, pois, que se tenha liberdade. A questão, contudo, vai além da tradução latina²⁰: “muitos tradutores franceses utilizam para traduzir parrhesía – ou traduzir *libertas* nesse sentido – a expressão francesa *franc-parler* (fraco-falar), tradução que, como veremos, me parece a mais adequada”.

²⁰ Ibid, 2010b, p. 334.

É válido lembrar a importância da definição de parresía e que seu estudo de forma detida não se trata apenas de uma questão filosófica para o estudo da verdade. Muito mais que isso, é uma questão pertinente à constituição do sujeito:

Essa forma de poder se exerce sobre a vida cotidiana imediata, que classifica os indivíduos em categorias, designa-os por sua individualidade própria, prende-os à sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é preciso neles reconhecer. É essa forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos. (FOUCAULT, 2010b, p. 228)

Entender o dizer parresiástico é mais que perceber como alguém diz a verdade, mas também como essa verdade afeta todos os envolvidos, todos os sujeitos que constituem determinado jogo social. Analisar a parresía é, portanto, ir além do dito verdadeiro, pois (FOUCAULT, 2011, p. 11): “a parresía consiste em dizer a verdade, sem dissimulação nem reserva nem cláusula de estilo nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascarar-la”. Ultrapassar o dito verdadeiro é perceber que enunciar a parresía implica em risco (Foucault, 2011, p. 12): “o sujeito ao dizer essa verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco, risco que diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige”.

É nesse momento que Foucault (2011, p. 13) concatena duas características da parresía:

A parresía é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve.

Falar parresiasticamente é, portanto, mais que dizer a verdade. É preciso, contudo, diferenciar o dizer a verdade parresiástico de outros dizeres que também se relacionam com a verdade. O parresiasta não se confunde com três outros modos de dizer fundamentais em uma arqueologia do sujeito: o profeta, o sábio e o professor.

O profeta é um sujeito que, na antiguidade, também se constituía como enunciador da verdade (FOUCAULT, 2011, p. 15). Há, porém,

pontos que o diferenciam de um parresiasta: a – o profeta busca sua verdade a partir de um estado meditativo; b – fala por uma outra voz, sendo um mero intermediário do real interlocutor; c – se por um lado a voz profética revela uma verdade escondida, só o faz a partir de uma forma obscura: o enigma. Não há a obrigatoriedade, por consequência, do profeta ser franco, pois a verdade não advém dele próprio. É uma voz constituída para outro enunciador. Fala sobre o futuro e não sobre o presente; e, como não o faz de maneira clara, necessita ser interpretado. O parresiasta é exatamente o oposto.

Um parresiasta diz a verdade claramente, não necessita de enigmas. Não joga luz sobre o futuro, mas sim sobre o presente e não deixa no seu dizer uma necessidade interpretativa. Ao que ouve o parresiasta não cabe à interpretação, mas sim após a aceitação da verdade enunciada, uma tarefa moral: a conduta. Aí reside o risco de se falar com parresia: não apenas inexistente qualquer tipo de controle sobre aquele que ouve o parresiasta, como esse ouvinte além de discordar, pode se voltar contra ele (por exemplo, o caso de Dionísio, o Velho, pretender matar Platão por discordar dele – FOUCAULT, 2011, p. 13). A produção da verdade parresiástica é, portanto, diferenciada da verdade profética.

O sábio, por sua vez, possui um tipo de verdade onde se nota que ele “é sábio em e para si mesmo, e não precisa falar” (FOUCAULT, 2011, p. 17). O sábio é portador de uma sabedoria a qual não necessita ensinar, distribuir ou manifestar. Talvez daí derive a ideia de que a manifestação da sabedoria seja o silêncio. Diferentemente do profeta, o sábio não necessita falar, pois nenhuma força o impele a isso; contudo, ao ser solicitado, ele pode expressar a sua verdade. É na expressão da verdade do sábio que há uma equivalência com a manifestação da verdade profética: o dizer enigmático. Os dois necessitam, portanto, serem interpretados, pois não podem ser entendidos em primeira instância.

Há uma diferença significativa entre a verdade profética e a do sábio: a primeira fala sobre o que será, enquanto que a outra fala sobre o que é. Cabe aí lembrar que a verdade parresiástica não fala sobre o que é, tampouco sobre o que será: “O parresiasta não revela a seu interlocutor o que é. Ele desvela ou o ajuda a reconhecer o que ele, interlocutor, é.” (FOUCAULT, 2011, p. 19).

Pode-se concluir que uma questão fundamental entre a verdade do sábio e a do parresiasta é que a primeira pode se revelar como inútil²¹:

Enquanto o sábio diz o que é, mas na forma do próprio ser das coisas e do mundo, o parresiasta intervém, diz o que é, mas na singularidade dos indivíduos, das situações e das conjunturas. Seu papel específico não é dizer o ser da natureza e das coisas. Na análise da parresía, vamos encontrar perpetuamente essa oposição entre o saber inútil que diz o ser das coisas e do mundo, e o dizer-a-verdade do parresiasta que sempre se aplica, questiona, aponta para indivíduos e situações a fim de dizer o que estes são na realidade.

Embora haja pontos de contato entre a verdade profética e a do sábio (por exemplo, através de enigmas), as mesmas se diferenciam em sua produção e na constituição dos sujeitos que as enunciam. A produção da verdade parresiástica, contudo, se difere tanto da profética quanto da verdade do sábio.

É preciso pontuar também que a verdade parresiástica não é a verdade do professor. O parresiasta não é igual ao profissional do ensino. Ao pontuar que (FOUCAULT, 2011, p. 24): “No caso do dizer-a-verdade da técnica, o ensino assegura a sobrevivência do saber, enquanto a parresía faz aquele que a pratica arriscar a vida”. A verdade parresiástica possui, portanto, uma diferença fundamental da verdade técnica do professor: o risco que ela enseja; e, por conseguinte, a coragem de dizê-la. E, ao lembrar esse dizer a verdade do professor²²:

Esse técnico, que detém uma tékhne, aprendeu-a e é capaz de ensiná-la, é alguém – e nisso ele vai se diferenciar, claro, do sábio – que tem de dizer a verdade, ou em todo caso formular o que sabe e transmiti-lo aos outros. Afinal, esse técnico tem certo dever de palavra. Ele, de certa forma, tem a obrigação de dizer o saber que possui e a verdade que conhece, porque esse saber e essa verdade estão ligados a toda uma tradicionalidade. Ele

²¹ Ibid, 2011, p. 18-19.

²² Ibid, 2011, p. 23.

mesmo, esse homem da tékhne, não teria podido evidentemente aprender nada e não saberia nada hoje ou pouquíssima coisa, se não tivesse havido, antes dele, um técnico (tekhnítes) como ele que lhe ensinou, de que foi discípulo e que foi seu mestre. E assim como ele não teria aprendido nada se alguém não lhe houvesse dito o que sabia antes dele, do mesmo modo, para que seu saber não morra depois dele, ele vai ter de transmiti-lo.

Este profissional do ensino, ao contrário do sábio, precisa falar, precisa enunciar a verdade da qual é conhecedor. Há, como disse Foucault, um ‘dever de palavra’. É necessário que ele fale. É necessário que esse sujeito enuncie essa verdade. Não pode haver, nesse caso, silêncio²³:

Eles detêm esse saber, professam-no e são capazes de ensiná-lo aos outros. Esse técnico, que detém uma tékhne, aprendeu-a e é capaz de ensiná-la, é alguém – e nisso ele vai se diferenciar, claro, do sábio – que tem de dizer a verdade, ou em todo caso formular o que sabe e transmiti-lo aos outros. Afinal, esse técnico tem certo dever de palavra. Ele, de certa forma, tem a obrigação de dizer o saber que possui e a verdade que conhece, porque esse saber e essa verdade estão ligados a toda uma tradicionalidade.

Este professor possui uma semelhança com o parresiasta: o dever da palavra. Por outro lado, a enunciação da verdade de um possui uma característica diferenciadora: o dizer a verdade do professor não comporta o risco e não exige a mesma coragem do parresiasta:

No caso do dizer-a-verdade da técnica, o ensino assegura ao contrário a sobrevivência do saber, enquanto a parresía faz aquele que a pratica arriscar a vida. O dizer-a-verdade do técnico e do professor une e vincula. O dizer-a-verdade do parresiasta assume os riscos da hostilidade, da guerra, do ódio e da morte. E se é verdade que a verdade do parresiasta – [quando] o outro, diante dele, aceita o pacto e joga o jogo da parresía –

²³ Ibid, 2011, p. 24.

pode nesse momento unir e reconciliar, isso só ocorre depois de ter aberto um momento essencial, fundamental, estruturalmente necessário: a possibilidade do ódio e da dilaceração. (FOUCAULT, 2011, p. 24)

Não há, portanto, a necessidade da coragem para o dizer a verdade do ensino. A verdade do ensino possui um pacto com a tradição, não com o risco; fala sobre uma *tékhnē*, um know-how, não sobre o *éthos*. O professor será, séculos depois de Sócrates, o personagem centrado na epistemologia. Em sua voz, contudo não ressoará uma análise sobre a aleturgia:

[...] Pareceu-me que seria igualmente interessante analisar, em suas condições e em suas formas, o tipo de ato pelo qual o sujeito, dizendo a verdade, se manifesta, e com isso quero dizer: representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade. Não se trataria, de modo algum, de analisar quais são as formas do discurso tais como ele é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade. Não se trataria, de modo algum, de analisar quais são as formas do discurso tais como ele é reconhecido como verdadeiro, mas sim: sob que forma, em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso de verdade, sob que forma se apresenta, a seus próprios olhos e aos olhos dos outros, quem diz a verdade, [qual é] a forma do sujeito que diz a verdade. A análise desse domínio poderia ser chamada, em oposição à das estruturas epistemológicas, o estudo das formas ‘aletúrgicas’. (FOUCAULT, 2011, p. 4)

Foucault²⁴ aponta Sócrates como um exemplo de parresiasta e as análises aletúrgicas como um ponto fundamental desse dizer parresiástico. No seu último curso pronunciado no Collège de France, a análise da verdade sob uma ótica da parresía é postulada como fundamental para se entender o sujeito e por consequência o discurso e o poder²⁵: “não há exercício de poder sem algo como uma aleturgia”.

²⁴ Ibid, 2011.

²⁵ Ibid, 2011, p. 19.

Um dos pontos fundamentais para se entender o distanciamento entre o parresiasta e o filósofo (que encontram sua confluência na pessoa de Sócrates) é a sua categorização – Foucault ressalta que hoje poderíamos denominá-los intelectuais – feita no século III A.C. por Dion Crisóstomo:

Há intelectuais ou filósofos que se calam, e se calam porque pensam que a multidão não é capaz de ser convencida e que, por mais que se empreguem perante ela e para ela os argumentos mais prementes, ela nunca é capaz de entender. Por conseguinte, estes ficam em casa e se calam. Segunda categoria de filósofos: são os que reservam as suas palavras às salas de aula e de conferências para um público seletivo e que se recusam a enfrentar o público em geral, de se endereçar à cidade como tal. Existe uma terceira categoria de filósofos que, desta vez, ele nomeia (não diz quem são os dois primeiros): são os cínicos. Ele descreve os cínicos, postados nas esquinas, nas alamedas, nas portas dos templos, estendendo o pires, pedindo esmola e se aproveitando da credulidade das crianças, dos marinheiros e das pessoas desse tipo, encadeando umas às outras suas palhaçadas grosseiras e causando assim, continua Dion Crisóstomo, o maior mal à filosofia verdadeira, porque fazem rir da filosofia – (assim como se pode estragar todo um ensino fazendo as crianças rirem de seu professor). (FOUCAULT, 2011, p. 180).

Cabe lembrar o famoso diálogo entre Foucault e um entrevistador, aqui descrito:

- A filosofia já foi abolida. Ela não passa de uma disciplinazinha universitária, na qual as pessoas falam da totalidade da entidade, da “escritura”, da “materialidade do significante” e de outras coisas semelhantes.
- Há ainda um par de filósofos sérios que existem fora da universidade, e que “totalizam”, como diria Sartre.
- Sim. (Longo silêncio). Por toda parte, quando Sartre totaliza, ele se afasta da realidade. E cada

vez que ele se apossa de um problema determinado, que ele tem uma estratégia determinada, que ele luta, ele se reaproxima da realidade. (FOUCAULT, 2010f, p. 295)

Quando Foucault se refere ao fato de que a filosofia já acabou, não se trata, obviamente, de significar que ela para nada serve, que não há importância em seus comentários, que ela não tenha nada para oferecer. O termo ‘disciplinazinha universitária’ foi bem entendido pelo entrevistador quando coloca que ainda existem ‘um par de filósofos sérios fora da universidade’. Os filósofos sérios, consequentemente, estão fora da universidade, pois são estes que ainda ‘totalizam’.

Os filósofos que vivem dentro da universidade (como professores de disciplinas universitárias) não apenas não se aproximam da realidade, como estão muito distantes da prática parresíastica. O risco que compõe a parresía só existe porque o parresiasta se aproxima do outro e de fato dialoga com ele, o faz pensar. O *modus operandi* acadêmico, a vida do pesquisador, do professor universitário que segue uma carreira no campo da filosofia, por exemplo, operando arquivos, protocolos, relatórios e interpretando textos é aqui questionado em sua efetividade, as raízes desse *locus*, porém, são bem mais antigas – a chamada ‘maçonaria da erudição inútil’:

[...] uma das mais antigas ou mais características sociedades secretas do Ocidente, estranhamente indestrutível, desconhecida na Antiguidade e que se forma no início do Cristianismo, na época dos primeiros conventos, em meio às invasões, aos incêndios, às florestas: a grande, terna e calorosa maçonaria da erudição inútil. (FOUCAULT, 2005a, p. 7)

A questão da subjetividade do filósofo que encontra seu modelo primeiro em Sócrates, no sujeito parresíastico por excelência, é paulatinamente convertida para o profissional do ensino, para o discurso da *tékhnē*, não mais com a composição da parresía. Em um determinado ponto desse percurso (FOUCAULT, 2011, p. 187) “a filosofia se torna um ofício de professor, a vida filosófica desaparece nesse momento”. Ser filósofo a partir desse momento não mais implicava em um estilo de vida, uma vida filosófica, uma correlação entre o falar e o fazer. A partir de então, como professor, o filósofo torna-se inócuo. Sua fala não exige mais coragem, seja de quem fala, ou de quem ouve. Não há mais o

pacto parresiástico entre o que fala e o que ouviu²⁶: “Evidentemente, essa história da filosofia como ética e heroísmo se deteria a partir do momento, que vocês conhecem bem, em que a filosofia se tornou um ofício de professor, ou seja, no início do século XIX”. É preciso pontuar, contudo, a importância do pensamento filosófico, mesmo depois dessa descontinuidade ocorrida no século XIX. Pensadores de alta estirpe, com discursos complexos e análises (possivelmente) verdadeiras podem continuar a serem formados nos bancos universitários. Essa verdade, por sua vez, mesmo que seja constituída como verdade, tornou-se não apenas inócua – a maçonaria da erudição inútil – mas ajudou a constituir o professor de filosofia que conhecemos em nosso tempo, sucessor dos filósofos que, além do discurso verdadeiro, também possuíam uma vida filosófica para imbuir-lhes à prática da parresía. A questão aqui em voga não é o tipo de verdade que foi e é enunciada pelos filósofos. Não se trata de uma questão epistemológica. O ponto é como essa verdade alterou a constituição do sujeito que a diz, assim como modificou a percepção dos outros para com esse sujeito. Não se coloca, portanto, uma questão epistemológica, mas sim aletúrgica. Não devemos apenas questionar se o que se diz é verdade, mas que tipo de verdade é essa e de que modo o sujeito é por ela afetado.

Porque, afinal de contas, um professor, um gramático, um geômetra podem dizer, sobre o que ensinam, sobre a gramática ou a geometria, uma verdade, uma verdade na qual creem, uma verdade que eles pensam. E, no entanto, não se dirá que isso é parresía. (FOUCAULT, 2011, p. 12)

Pode soar como ironia a filosofia (quicá o principal ramo científico onde as discussões sobre veracidade ocorrem) ser analisada, neste viés foucauldiano, como uma verdade, por assim dizer, disciplinada e não parresiástica. Possivelmente, decorra daí a crítica de que os filósofos (não apenas eles) findam funcionando como sujeitos inócuos para a sociedade. Enunciam discursos que não mais se fundam na parresía, portadores de verdades disciplinadas. Verdades essas que são uma das diversas formas de funcionamento do poder, pois o discurso é uma das principais estratégias do poder. Um poder que afeta a tudo e todos, inclusive a subjetividade dos filósofos e a continuidade da dita ‘maçonaria da erudição inútil’. Há de se notar, dessa forma, que o sujeito que fala se compromete, mesmo que não seja engajado com a

²⁶ Ibid, 2011, p. 187.

realidade. O filósofo que vive para a universidade e na universidade, apenas falando com outros filósofos, não falando com parresía para os Outros, está comprometido com esse tipo de discurso inócua (e por ele é constituído). Há de se perceber que, em sendo a universidade o local primaz – desde o final do século XIX – do filósofo, onde ele trabalha, é remunerado, onde possui um espaço próprio, há um pertencimento do discurso por ele enunciado para com as práticas políticas desse *lócus* – o ambiente universitário. Há, em certa medida, um grau de obediência ao que se deve fazer, a como se deve proceder, à didática utilizada nas aulas, o sistema de notas etc. A relação da obediência para com a parresía é referenciada por Foucault (2011, p. 295): “onde há obediência não pode haver parresía.” O tema da obediência remete à questão do poder. Uma das principais análises foucauldianas nesse viés é a questão da sexualidade. A chamada hipótese repressiva (FOUCAULT, 2003b, p. 28) é desconstruída: “(...) polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição”. Os mais efetivos instrumentos de controle, os que constroem a obediência (in)consciente não são os rigores proibitivos, mas sim os discursos que fundam verdades e, através delas, moldam os sujeitos. Não se trata de uma discussão sobre o sujeito assujeitado, mas de técnicas de subjetividade, de suas relações para com o poder e os discursos.

Ao ensinar filosofia em uma sala de aula, o professor relata a ironia socrática, mas não mais utiliza o dizer parresiástico em sua fala. A parresía que se revelou tão importante na constituição do filósofo foi deixada de lado pelo moderno professor de filosofia, mas não por uma proibição, ou por qualquer ação restritiva. Ao contrário, a ironia socrática é contada e recontada como um elemento fundador do discurso filosófico. O professor que narra esses eventos, contudo, não apenas não mais possui uma ‘vida filosófica’, não mais fundamentando seu discurso no elemento parresiástico; mais que isso, é o portador oficial dessa memória discursiva, da fala socrática, da coragem da verdade. Possui o papel de sujeito enunciativo desse discurso na figura de professor e, de maneira reversa, é o principal causador da inocuidade desse dizer.

De maneira similar ocorreu com o crime de Pierre Rivière, Foucault postula que:

Em suma, fazia-se em relação a seu gesto uma tríplice questão de verdade: verdade de fato, verdade de opinião, verdade de ciência. A este ato discursivo, a este discurso em ato, profundamente

engajado nas regras do saber popular, aplicava-se as questões de um saber nascido alhures e gerido por outros. [...] O parricídio de Pierre Rivière foi pago apesar da glória que ele procurava. Pelo menos em moeda pequena. Como tantos outros crimes da época foi contado nos folhetos. Cantado e deformado segundo o hábito, misturado com elementos que pertenciam a outros crimes, ou que constituíam pedaços obrigatórios neste gênero de narrativas. Aí atribui-se mesmo a Rivière uma morte que ele desejara, que a lei prescrevia, mas que não foi a sua, talvez justamente porque ele tinha escrito, para melhor se preparar uma morte gloriosa, o memorial que poupou-lhe a infâmia. Mas um jornal nos informa que, na prisão, ele já se considerava morto. (FOUCAULT, 2010c, p. 221)

A principal ‘verdade’ que emana do caso Pierre Rivière não é a confirmação ou negação da sua loucura. A principal verdade discursiva (recon)firmada é a da autoridade discursiva do psiquiatra, o poder médico de onde emana o discurso sobre a loucura. As subjetividades médica e jurídica se ajustarão quanto às verdades sobre essa loucura, assim como suas repercussões legais. Analisar esse discurso é igualmente descrever o poder e escandir as subjetividades. Nas verdades aí postas e fortalecidas, não há pacto parresiástico; como não poderia haver, dado o grau de hierarquização e obediência que os discursos médico e jurídico terão de Rivière até os dias de hoje.

A parresía exige coragem para quem enuncia a verdade, por isso não pode se coadunar com a obediência. A coragem da verdade nos leva à consequente coragem de desobedecer, da resistência ao poder, de fazer o contraponto; ou mais, de ser o próprio contraponto.

A importância da parresía, nos estudos foucauldianos para uma análise do sujeito se mostra como fundamental por conta de (FOUCAULT, 2010d, p. 6): “em vez de se referir a uma teoria do sujeito, pareceu-me que seria preciso tentar analisar as diferentes formas pelas quais o indivíduo é levado a se constituir como sujeito”.

É preciso distinguir, porém, discursivamente determinadas formas de se dizer a verdade do enunciado parresiástico:

As diferentes maneiras de dizer a verdade podem aparecer como formas, seja de uma estratégia da demonstração, seja de uma estratégia da

persuasão, seja de uma estratégia de ensino, seja de uma estratégia da discussão. Faz a parresía parte de uma dessas estratégias, é a parresía uma maneira de demonstrar, é uma maneira de persuadir, é uma maneira de ensinar, é uma maneira de discutir? Rapidamente, essas quatro questões. (FOUCAULT, 2010d, p. 52)

Foucault irá demonstrar que o ato de demonstrar não caracteriza necessariamente uma forma de veicular uma parresía. Ao evocar que (FOUCAULT, 2010d, p. 52) “quando Galileu escrever seus diálogos, ele dará prova de parresía num texto demonstrativo. Mas não é a demonstração nem a estrutura racional do discurso que vão definir a parresía.” Galileu, portanto, falou com parresía não só ao escrever seus diálogos, mas também ao enunciar “Eppur si muove”. É importante ressaltar que, embora o pai da ciência moderna tenha exercido o dizer parresiástico, isso não significa *a priori* que a voz da ciência seja dotada de parresia.

Da mesma forma, não se pode dizer que a parresía é uma forma de persuasão, uma técnica da retórica. Um parresiasta pode, evidentemente, dedicar-se a persuadir o seu ouvinte, mas não se pode dizer que a forma discursiva que visa persuadir o Outro seja necessariamente algo parresiástico. Isto porque a parresía (FOUCAULT, 2010d, p. 69) “é uma estrutura política”, é uma decisão política de dizer a verdade de forma franca, de assumir o risco que a verdade franca enseja. Essa atitude política é própria do sujeito e não de uma estrutura retórica. Afinal de contas²⁷ “não é porque todo o mundo pode falar que todo o mundo pode dizer a verdade.” Optar por dizer a verdade até as últimas consequências é, portanto, uma atitude política, própria da subjetividade e não auferida com a obediência a estruturas retóricas.

Apesar do ouvinte poder aprender determinadas questões ao deparar-se com a parresía, não se trata por certo de uma pedagogia. Sobretudo, por conta do parresiasta não estar ligado a uma obediência escolar, pedagógica, aos dispositivos de controle próprios do âmbito ensino-aprendizagem. Embora Platão e Sócrates quisessem ensinar, não havia uma funcionalidade do ensino-aprendizagem. Não havia uma nota de aprovação. Havia a verdade a qualquer custo, assim como uma prática condizente com o discurso, uma vida filosófica que, por sua vez, era associada a um permanente diálogo com o Outro. O discurso pedagógico não necessita de um pacto parresiástico.

²⁷ Ibid, 2010d, p. 169.

Ao se pensar em uma determinada maneira de discutir, uma erística, é preciso ter em mente que o acontecimento da parresía não se dá apenas porque se enuncia algo que acreditamos ser verdadeiro para o Outro que nos ouve. Não se trata de um processo de convencimento onde há todo um cálculo do jogo social e político para que as coisas façam sentido de forma a encaminhar o entendimento, a conversa, para determinado ponto: para a vitória discursiva de um dos lados. A parresía não é um procedimento para se enfrentar o adversário em uma batalha argumentativa. Ela é muito mais a busca pela verdade que exige um comprometimento do sujeito: o risco de dizê-la. A parresía acontece, portanto, não por conta de uma determinada estrutura de discurso, arte da retórica ou jogos de linguagem. Ela acontece apenas quando o sujeito se posiciona, assume a postura de enunciador da fala franca, a despeito de todo e qualquer jogo de poder ou lógica discursiva. A parresía só pode acontecer se, anterior a ela, um sujeito se posicionar como parresiasta (FOUCAULT, 2010d, p. 56), como “os que empreendem dizer a verdade a um preço não determinado, que pode ir até sua própria morte”. É preciso fazer a ressalva que o risco que caracteriza esse enunciado parresiástico não precisa ser a última instância – a morte. O sistema de poder que permeia os sujeitos possui toda uma infinita capacidade de provocar riscos àqueles que assumem uma postura parresiástica. Exercer a isegoria (o direito de tomar a palavra, de dar sua opinião durante uma discussão, um debate) não significa necessariamente o uso da parresia no ato de fala. Se há, portanto, um poder que confere às pessoas a isegoria (o direito de fala), cabe aos sujeitos decidir se praticam ou não a parresía, cabe a eles o ‘governo de si próprios’. Em suma, em um estado democrático, por exemplo, cabe ao sujeito não apenas exercer o seu direito de isegoria, mas também decidir se o fará com parresía. O exemplo de Galileu demonstra que a mesma escolha pode se dar no discurso científico. Houve um momento, em que o pai da ciência falou com parresía. Isso não quer dizer, contudo que os - assim denominados – cientistas continuem agindo da mesma forma.

Para se efetuar uma análise que focalize a questão do verdadeiro, Foucault postula que:

Creio que uma história das ontologias do discurso verdadeiro ou do discurso de verdade, uma história das ontologias da veridicção seria uma história na qual se fariam pelo menos três perguntas. Primeira: qual é o modo de ser próprio deste ou daquele discurso, entre todos os outros, a

partir do momento em que ele introduz no real um certo jogo determinado de verdade? Segunda pergunta: qual é o modo de ser que esse discurso de veridicção confere ao real de que ele fala, através desse jogo de verdade que ele exerce? Terceira pergunta? Qual é o modo de ser que esse discurso de veridicção impõe ao sujeito que o faz, de maneira que esse sujeito possa jogar convenientemente esse jogo determinado da verdade? (FOUCAULT, 2010d, p. 281)

Se tais perguntas fossem realizadas para uma ontologia do discurso verdadeiro da filosofia, deveríamos pontuar que (FOUCAULT, 2010d, p. 290): “a questão da filosofia não é a questão da política, é a questão do sujeito na política.” A análise de um determinado objeto, como a política, deve passar necessariamente pela construção do sujeito. A análise do poder se revela em sua microfísica através da subjetividade. Possivelmente por conta disso Foucault coloca que (FOUCAULT, 2010f, p. 64) “não é tanto o poder que me interessa, mas a história da subjetividade”.

Diante do exposto, podemos entender melhor o sentido veiculado na frase de Foucault (2010f, p. 64) ao dizer que: “minha ideia do trabalho de um filósofo? É a de que os filósofos não trabalham! O que caracteriza o filósofo é que ele se afasta da realidade. Ele não pode se aproximar dela.” Ao contrário do que muitos interpretaram não se tratava de meramente denominar o filósofo como um inativo. A questão aí posta era comparativa entre o filósofo que praticava a parresía e para isso possuía um determinado modo de vida e o professor no qual ele se transformou (membro da maçonaria da erudição inútil). Este novo filósofo, profissional do ensino, tem no fulcro da sua subjetividade uma verdade não parresiástica, é afastado da realidade e não dialoga com o Outro, a não ser que esse outro seja um par, um colega acadêmico. Há de se registrar, é claro, as exceções que, obviamente, não alteram a regra. O filósofo em formato de professor não é a pessoa que participa da realidade, que fala com parresía, que dialoga permanentemente com o Outro assumindo todos os efeitos que esse diálogo exige. Há, contudo, a possibilidade do filósofo se aproximar da realidade, falar com parresía e dialogar com o Outro; mas, nesse caso, haverá um choque entre dois modos distintos de subjetividade. E, o resultado de tal conflito, certamente, será objeto do olhar atento do poder.

Analisar a forma como a verdade afeta o sujeito é verificar os efeitos concretos do poder. O sujeito é, em última instância, o produto

mais elaborado do poder, resultado delongado não apenas de processos repressores (esses também possuem sua função), mas de uma sofisticada gênese de modos de subjetividade que, apresentados às pessoas, oportunizam o seu ‘poder de escolha’. Isso não significa que não haja saída para os modos de subjetividade, que não haja como modificá-los, ou como resistir a eles. Assim como foi citado nos estudos sobre a penalidade, podemos pontuar que a substituição do supliciado pelo apenado não demonstra tão claramente uma maior humanidade nas prisões, uma diminuição do grau de violência prisional. Os sujeitos que habitam o espaço da prisão (detentos, vigias, policiais) são mais que subjetividades complementares no jogo do poder social, constituem um intrincado xadrez que não apenas mantém o poder vigente (tribunal, prisões, forças de segurança) como conferem ao sistema a capacidade de se reinventar através de sucessivas novas versões dos modos de subjetividade. Os diferentes tipos de subjetividade pelos quais o filósofo passou podem provocar acalorados debates sobre as verdades que os mesmos enunciavam e os modos de veridicção que as criavam. Independente do resultado das discussões teóricas sobre tais veridicções, o poder reforçou um lugar primaz para o filósofo – já pontuado por Foucault – o de professor universitário e, cada vez mais, nas últimas décadas, o de professor no nível básico da educação. O mesmo local, portanto, em diferentes níveis educacionais para que se possa ensinar as verdades elaboradas e consolidadas pelos mais diversos filósofos nos últimos séculos, inclusive aqueles que falaram com parresía.

Os dizeres parresiásticos são repetidos pelo filósofo-professor – mesmo desprovidos de parresía – e, mesmo inócuos para a polis, cumprem um papel essencial de poder: assegurar a continuidade do lugar do filósofo-professor na sociedade.

Ao mesmo tempo que o próprio Foucault pontua a inocuidade do filósofo em nosso tempo, por ser alguém distante da realidade, que com ela não se envolve, podemos perceber que essa inércia cumpre um papel extremamente útil para o sistema de poder vigente. Se a parresía pode ser útil para o sujeito, entre outras coisas, governar a si próprio, o mutismo parresiástico é igualmente útil para se governar os outros.

Há de se lembrar das últimas palavras escritas por Foucault, nas suas últimas anotações do seu último curso, em 1984. Palavras que não teve tempo de pronunciar, mas que ficaram como uma espécie de síntese do seu pensamento (FOUCAULT, 2011): “mas aquilo em que gostaria de insistir para terminar é o seguinte: não há instauração da verdade sem uma posição essencial da alteridade; a verdade nunca é a mesma; só pode haver verdade na forma do outro mundo, e da vida outra”.

Podemos concluir, portanto, que a questão da verdade, e de forma mais específica, a questão da parresía não se revela estritamente como uma questão referente ao sujeito, mas sim a sujeitos. São os diversos modos de subjetividade, não apenas das várias facetas de um Eu, mas igualmente da relação entre um Eu e o Outro que permeará o jogo constante da verdade sempre em permanente construção. Verdade esta que mesmo enunciada por uma única voz – como Galileu enunciando o ‘*eppur si muove*’ – só ganhará sentido pelo multivocalismo característico dos modos de veridicção. Várias vozes que, empoderadas, não apenas constróem sentido, como possibilitam um nexus entre poder-saber-sujeito.

Pensar a parresía nos faz evocar os diferentes modos de veridicção possíveis. Isso só é possível por conta do sistema de poder, que se estrutura através de uma variedade de técnicas de governamentalidade. A questão do sujeito, portanto, não pode ser reduzida a uma mera dedução – pensá-lo como assujeitado, semi-assujeitado ou tipologias similares. A relação do sujeito com a verdade é que o posiciona nesse viés foucauldiano, que pode ser demonstrado como (FOUCAULT, 2011, p. 9): “a articulação entre os modos de veridicção, as técnicas de governamentalidade e as práticas de si é, no fundo, o que sempre procurei fazer.”

4 PROLEGÔMENOS

*Não há um único termo usado na linguística
que tenha algum significado para mim.
Saussure²⁸*

É simbólico o fato da linguística ter a marca indelével dos cursos ministrados por Ferdinand de Saussure na Suíça. O mesmo país que mereceu considerações políticas dignas de nota e que, mais que um enclave, é portador de ambiguidades, no mínimo, curiosas.

Quando Napoleão pontuou que nunca houve um povo suíço a dividir um caráter nacional, a questão das diferenças que separam os cantões foi ressaltada. Para o líder francês, a diferença entre as línguas, as religiões e a cultura serviriam para separar o povo internamente. A neutralidade do país, a prosperidade do comércio e a administração familiar, por outro lado, traziam união aos suíços. Por conta disso, a conquista da Suíça, na visão napoleônica, devia se dar de outra forma. A Suíça seria anexada, embora o cantão alemão, por exemplo, continuasse existindo. Depois que Napoleão não mais respirava, Talleyrand, o negociador francês no Congresso de Viena, enunciou as partes do mundo que ali sofreriam nova divisão: Europa, Ásia, América, África e Genebra. Há de se considerar, sobretudo quando falamos de uma ciência como a linguística, a utilidade dessas correlações para com a Suíça e, dentro do seu território, para com Genebra:

Em Genebra, onde os ensinamentos de Calvino já tinham encontrado seguidores devotados, reformistas derrubaram a regra dos bispos da cidade e a declararam uma República independente, um status que mantém até os dias atuais. Embora Genebra tenha se reunido à Federação Suíça, em 1815, o seu grau de ligação permanece convenientemente ambíguo. Os genebrinos ainda hoje se referem a Genebra como La République, e quando falam sobre os suíços, não incluem necessariamente a si mesmos.²⁹

²⁸ JOSEPH, 2012, p. 528.

²⁹ Ibid, JOSEPH, 2012, p. 5: In Geneva, where the teachings of Calvin had already found a devoted following, Reformists overthrew the rule of the city's bishops and declared the town an independent Republic, a status which it retains to the present day. Although Geneva did join

No século XVI, quando a ortografia francesa ainda não era normatizada em seus mínimos detalhes (2012, p. 4), a escrita Saulluxres começou a sofrer variação para Saussure, em uma tentativa de aproximar a escrita da fala. A revolução Francesa, contudo, levará a família Saussure para a Suíça e, durante muitas décadas, o De Saussure será escrito como desaussure, para finalmente resultar em Saussure. Não se tratava apenas de uma questão gramatical, o De referendava o lado aristocrático, que passava a ser não apenas mal visto, mas também criminalizado. A Suíça é um local perfeito não apenas para a família Saussure, mas também para a produção intelectual que sempre os acompanhou. O primeiro país a extinguir o analfabetismo, também teve um líder reformista que não apenas incentivava o Colégio, mas também a Universidade. Calvino deixou o ‘ser intelectual’ como parte de sua herança.

Genebra foi a primeira cidade moderna a estabelecer o ensino geral. Jean-Jacques Rousseau observaria que com um lojista parisiense tudo o que você poderia falar era o seu comércio, ao passo que um relojoeiro genebrino iria discutir literatura a partir da filosofia. A obrigação de manter a ciência acessível significa resistir à atração por demais fácil para desenvolver um jargão científico compreensível apenas para especialistas. Tudo pode e deve ser dito de forma clara, o que quer dizer através de uma relação transparente entre palavras e conceitos. A tradição registra que até mesmo os inimigos de Calvino tiveram de admitir que ‘quando Monsieur Calvino fala, é claro’. (JOSEPH, 2012, p. 7)³⁰

the Swiss Federation in 1815, its degree of attachment remains conveniently ambiguous. The Genevese today still refer to Geneva as la République, and when they talk about les Suisses, it does not necessarily include themselves.

³⁰ Ibid, JOSEPH, 2012, p. 7: Geneva was the first modern city to establish general education. Jean-Jacques Rousseau would remark that with a Parisian shopkeeper all you could talk about was his trade, whereas a Genevese watchmaker would discuss literature or philosophy. The obligation to keep science accessible means resisting the all-too-easy pull to develop a scientific jargon comprehensible only to specialist. Anything can and should be said clearly, which is to say with a transparent relationship between words and concepts. Tradition records that even Calvin’s enemies had to admit that ‘When Monsieur Calvin speaks, it is clear’.

Será em um local plenamente escolarizado, onde Ferdinand de Saussure ministrará os seus cursos de linguística geral. A escolarização universal já tinha sido atingida pela Suíça, há mais de um século e meio, quando Saussure, em 1907, ministra o seu primeiro curso de Linguística Geral. Um dado importante é relembra que Ferdinand de Saussure rebaixa o nível de entendimento dos conceitos linguísticos (2012, p. 376) por conta do nível intelectual dos alunos na Suíça (embora nem todos fossem suíços) ser mais baixo em relação a seus alunos anteriores, em Paris. Possivelmente, isso explicará a oportunidade explorada por Saussure, de fazer cursos muito além da explicitação de conceitos, mas também de crítica à linguística feita até então.

É importante notar que, por outro lado, a Universidade está em plena mudança na virada dos séculos XIX e XX. A ideia de apenas pensar livremente passará a fazer cada vez menos sentido. A universidade passará a ser não apenas um local para a ciência, mas também um local onde se aprendem coisas para um determinado status financeiro. As vozes que possuíam a legitimidade de falar sobre a linguagem serão diminuídas, apesar dos protestos (sempre discretos, registrados apenas em seus cadernos) de Ferdinand de Saussure, a Universidade de Zurique diminuirá paulatinamente as cadeiras de sânscrito e filologia. No ano de sua morte, as aulas de sânscrito e filologia desapareceram da Universidade de Zurique³¹. Ser linguista passou a ser considerado o único modo de subjetividade que fala cientificamente sobre a língua. As cadeiras de linguística se espalharam pela Europa e Estados Unidos. Os cursos de linguística ministrados por Ferdinand de Saussure, no início do século XX, serão compilados em uma obra editada por seus discípulos e correrá o mundo em um século marcado por uma universidade cada vez mais disciplinarizada. O discurso que embasa os três cursos ministrados por Saussure se tornará não apenas um clássico para os estudos linguísticos, mas também tornará possíveis os elogios para a assim denominada ciência piloto das humanidades. A criticidade de Saussure durante os cursos na Suíça, por outro lado, não circulará, a contento, na mesma obra.

Se o chamado ‘espírito da linguística’, para Saussure, já estava presente quando em 1786, Sir William Jones pontua que as semelhanças entre o Grego, Latim, e Sânscrito eram muito profundas para serem acidentais, por outro lado, o professor genebrino também destaca que o ‘espírito da linguística’ ainda não se fazia notar. Apenas por volta de 1875, segundo Saussure, através de uma obra do primeiro presidente da

³¹ Ibid, JOSEPH, 2012, p. 176.

Associação de Filologia da América – *The Life and Growth of Language* – o verdadeiro ‘espírito da linguística’ se tornará evidente.³²

As vozes da gramática comparativa, da filologia e da linguística ainda são amplamente ouvidas nas universidades do século XIX, assim como na *Société de Linguistique de Paris*. A Universidade do século XX, contudo, disciplinará essas vozes e colocará na voz da linguística, o adjetivo ‘científico’. É preciso, contudo, ressaltar as anotações que emergem sobre os cursos de Saussure e que ressaltam a sua frustração com os caminhos pelos quais a linguística caminhava. Essa voz Saussureana será apagada para a inscrição de um novo texto, o discurso que passará a ser visto como o fundador da linguística, ou pelo menos da nova linguística, a linguística que possibilitará a consolidação do linguista como ‘o cientista da linguagem’.

É preciso, portanto, pensar na instituição Universidade, assim como observar o posicionamento do próprio Saussure sobre a condução da Universidade de Genebra no século XX. Faz-se igualmente necessário analisar as frases do próprio Saussure durante os três cursos de linguística geral, por ele ministrados entre 1907-1911.

Observaremos, por conta disso, que o discurso fundador da linguística não apenas se faz através de um poder acadêmico (lôcus o qual o linguista ocupará com maestria), mas de forma similar, por meio de um embate discursivo com o filólogo. A filologia, por sua vez, não apenas ficará em segundo plano no reinado da ‘voz científica e acadêmica’ da universidade contemporânea, mas, como em um palimpsesto, cederá o local para uma nova escrita.

Ferdinand de Saussure, que será constantemente referenciado como o fundador da linguística geral, de fato fundou não apenas uma nova maneira de ‘fazer ciência’ – em seus três cursos de linguística, mas também procurou estabelecer procedimentos para se pensar a linguagem de determinada forma. Essa forma, não tinha como pressuposto, o não conhecimento das letras clássicas – ponto fundamental para as mentes que pensavam a linguagem no século XIX. O discurso Saussureano, interpretado como a base fundadora para a linguística moderna, também se revela como um dos pontos de descontinuidade que fez possível o abandono de determinadas formas de pensar a linguagem.

Esta seção do trabalho está comprometida, portanto, com o objetivo de analisar o discurso Saussureano que marca uma nova fase nas formas de se pensar a linguagem. Além da análise dos três cursos de linguística ministrados em Genebra, é preciso observar a herança

³² Ibid, JOSEPH, 2012, p. 86.

intelectual da família Saussure, um legado que será continuado por Ferdinand de Saussure a ‘olhos vistos’, quando é celebrado pelo seu memorial a respeito do sistema vocálico indo-europeu – fato que passará incólume para os alunos dos seus três cursos.

A leitura de Whitney (que se apresenta e é referenciado por Saussure como filólogo), pelo professor genebrino, é tão simbólica quanto as leituras de Neck de Saussure e Humboldt, por um Ferdinand de Saussure que se preocupará em separar os ditos dos séculos anteriores do que deveria ser pensado a partir de então.

Saussure construirá a sua forma de pensar a linguagem não apenas dominando os procedimentos de seu tempo, mas sendo completamente cômico do que havia acontecido anteriormente e do que, em sua opinião, deveria mudar.

A análise dos cursos de linguística não pode ser feita com base, apenas, no que está editado. É necessário utilizar não apenas os dados das anotações que Saussure produziu, mas também, os cruzamentos de dados das notas feitas pelos seus alunos (2012).

É necessário, da mesma forma, observar a crítica que se fará a Saussure, ao estruturalismo, assim como a própria linguística, nas últimas décadas do século XX (XAVIER, 2003; DAYLIGHT, 2011; DERRIDA, 2008). Poderemos observar que, boa parte das críticas a Saussure, de fato não são a ele.

Podemos perceber que “interpretar e formalizar tornaram-se as duas grandes formas de análise de nossa época: na verdade, não conhecemos outras” (FOUCAULT, 2007, p. 414) fará um sentido singular quando pensamos sobre a linguística enquanto ciência da linguagem. O discurso de Saussure estará clivado, em sua essência, entre essas duas formas de análise, mas perceberemos ao longo dessa seção que a formalização terá um papel de poder preponderante tanto para o reconhecimento do linguista como um cientista, como para a desqualificação do filólogo em um mundo onde a universidade se consolida como o lócus da ciência.

Perceber a força do poder acadêmico, do saber científico e a posição da linguística/do linguista entre os dois será possível através de um ‘olhar foucauldiano’ para a enunciação do discurso saussureano. A força e a fraqueza de uma ciência que, atualmente, pode ser vista como esotérica (RAJAGOPALAN, 2003) encontra sua razão de ser no discurso crítico e ao mesmo tempo sistematizador de Ferdinand de Saussure enunciado há mais de um século. Refletir sobre ele, é sem dúvida alguma, fundamental.

A presente seção se divide em três partes: um pouco antes, os cursos e um além depois. Na primeira parte, o objetivo é perceber o processo que levará Saussure a dizer o que disse, a partir de 1907. A segunda parte é um retorno aos cursos propriamente ditos, sobretudo aos enunciados saussureanos *de facto*. Em ‘um além depois’, os efeitos de sentido que circulam após os cursos de linguística ministrados por Saussure, até uma reflexão de linguistas dos dias atuais são examinados. O olhar foucauldiano sobre o poder, o saber e a subjetividade guia essa análise discursiva.

5 UM POUCO ANTES

5.1 OS 'DE SAUSSURE'

O único membro da família Saussure a inspirar monumentos públicos foi Horace-Bénédict de Saussure, um dos maiores cientistas genebrinos do século XVIII. O último grande aristocrata, igualmente, após perder uma imensa parte da sua fortuna, decidirá ir para Genebra. Ele é considerado o primeiro a escalar o Mont Blanc, sendo por isso tratado como o inventor do alpinismo. Há de se considerar, contudo, que Rousseau já havia feito o mesmo. O tio-avô de Ferdinand de Saussure, contudo, registrou o feito em sua obra *Voyages dans lês Alpes*, hábito nem sempre frequente no mundo do século XVIII (JOSEPH, 2012, p. 16).

Enquanto os homens da família De Saussure continuarão suas investigações científicas pelos ramos da química e biologia, Necker de Saussure (JOSEPH, 2012, p. 34) será a primeira mulher da família a ser chamada de cientista. Estimulada pelo seu pai, Horace-Bénédict, a fazer experimentos desde criança, migrará dos textos biológicos e químicos para o campo educacional – fortemente influenciada pelo calvinismo. É a partir dos textos educacionais (que circulavam na virada dos séculos XVIII-XIX) sustentados pela visão reformista que Albertine Necker de Saussure passará a refletir sobre a linguagem. A teoria escrita por ela será lida e comentada em cartas por seu sobrinho neto, que se dedicará com grande intensidade à reflexão linguística, Ferdinand de Saussure.

O conferencista dos cursos de linguística geral perceberá o quanto as discussões locais, restritas a determinado tempo e espaço, podem eivar as conclusões científicas. Há, porém, pontos que devem ser ressaltados na teoria da linguagem de Necker de Saussure.

Levando em consideração o interesse de Horace-Bénédict de Saussure por modernizar a educação suíça, a tia avó de Saussure lançará um estudo de três volumes sobre a educação progressiva, a educação planejada em passos diversos. Uma parte desse interesse se volta, como não poderia deixar de ocorrer, para a aquisição da linguagem pelas crianças. Teorizando a partir dos dados de que dispunha, assim como pelas ideias de Condillac, Locke e Humboldt – amigo pessoal da família De Saussure, ela tece algumas considerações que perpassam a discussão sobre a linguagem.

Nomear objetos materiais é um processo bastante direto. Quando você mostra a uma criança um objeto em particular por várias vezes, enquanto enuncia simultaneamente certos sons, 'a coisa, então, desperta a idéia da palavra, e a palavra da coisa'. O que é mais difícil de entender é como as crianças atribuem um sinal para o que não tem existência física. As ações expressas pelos verbos, por exemplo, tendem a não estar acontecendo quando eles são nomeados – a criança apenas diz Vá! Quando algo ou alguém não está indo. A criança deve ter dentro dele ou dela a ideia expressa pelo verbo, e o gesto parece sua fonte mais provável. Sem pensar nisso, os adultos gesticulam muito ao falar com as crianças, e as crianças, também, são grandes gesticuladoras. (2012, p. 35)³³

Necker de Saussure também tecerá considerações sobre os próximos passos da aquisição da linguagem. Para ela, os animais demonstravam entender verbos, como nos imperativos Sente! Galope! De forma similar, as crianças aprenderiam primeiramente os verbos no modo imperativo, assim como os negros. Há de se ressaltar que a primeira cientista da família De Saussure nunca havia visto uma pessoa da raça negra. Não seriam esses elementos, por sua vez, que teriam a atenção de Ferdinand de Saussure. O que chamaria a atenção do ministrante dos cursos de linguística geral seria a contestação que sua tia-avó fizera a Locke:

³³ Naming material objects is a rather straightforward process. When you have shown a child a particular object a number of times while simultaneously proffering certain sounds, 'the thing then awakens the idea of the word, and the word that of the thing'. What is harder to understand is how children attach a sign to what has no bodily existence. The actions expressed by verbs, for instance, tend not to be happening when they are named – a child only says Go! when something or someone is not going. The child must have inside him or her the idea expressed by the verb, and gesture seems its likeliest source. Without thinking about it, adults gesticulate a great deal when talking to children, and children are great gesticulators as well. (JOSEPH, 2012, p. 36).

Eu certamente não recuso essa explicação como bastante lógica, [...] mas a maneira pela qual as crianças passam da utilização adequada de substantivos próprios para comuns não parece ter ocorrido a Locke através da observação. Para proceder a separação e o reagrupamento, em outras palavras, pela abstração, não me parece ser como as mentes das crianças trabalham. Quando elas se expressam livremente, a quantidade e a singularidade de suas associações demonstra que elas estão mais próximas de um poeta que de um analista.

A questão da aquisição da linguagem será, na época de Ferdinand de Saussure, um assunto muito mais para a psicologia que para a linguística. A questão da escravidão também estará resolvida. Estudar questões que envolvam linguagem interessará a vários ramos da ciência. Há, contudo, um ponto de confluência entre Ferdinand e Necker de Saussure:

Portanto, há alguns pontos em comum, entre suas preocupações e as de sua tia-avó. [...] Quando Necker de Saussure diz que a criança funciona como um poeta, ela quer dizer instintivamente e sensorialmente, mais que analiticamente. Ferdinand vai sempre associar as análises dos gramáticos com a abstração e a irrealidade, a menos que estejam em conformidade com o que é psicologicamente real para falantes comuns, como revelado por seus instintos linguísticos. (2012, p. 37)³⁴

Para ambos, mais que objetivar determinadas questões para investigações científicas – apesar da lacuna de tempo que os separa – o aspecto sensorial e instintivo será um elemento crucial, assim como as considerações dos gramáticos não servirão para satisfazer a nenhum dos dois. As considerações dos gramáticos, é preciso notar, não serviam para

34 There are few points in common between his concerns and his great-aunt's. [...] When Necker de Saussure says that the child operates like a poet, she means instinctively and sensorially, rather than analytically. Ferdinand will always associate the analyses of grammarians with abstractions and unreality, unless they conform to what is psychologically real for ordinary speakers, as revealed by their linguistic instincts. (JOSEPH, 2012, p. 37).

as aspirações científicas de nenhum dos dois integrantes da família De Saussure.

As questões políticas na Genebra de 1848 farão com que a família De Saussure pense em sair da Europa. O imperador D. Pedro II fará o convite (JOSEPH, 2012, p. 52) para Henri de Saussure – pai de Ferdinand de Saussure, gerenciar os museus da Coroa Brasileira no Rio de Janeiro. A decisão de continuar na Suíça fará com que Ferdinand de Saussure não seja brasileiro e continue o legado intelectual dos De Saussure em solo europeu.

Treze anos antes de Ferdinand de Saussure nascer e três anos após a morte de Necker de Saussure, em 1844, um jovem romanista alemão, August Fuchs publica um artigo onde o antagonismo entre a Filologia e a Linguística são analisados. A questão não é mais, portanto, o gramático. Há de se notar que tanto o linguista quanto o filólogo estudam componentes gramaticais da linguagem e são vistos como cientistas:

No século XIX, a filologia e a linguística ('Gottik', 'Sprachwissenschaft' em alemão: 'glotologia' em italiano) mantinham relações antagonistas. Em 1844, nos *Blatter für literarische Unterhaltung*, um jovem romanista alemão, August Fuchs, reagiu contra essa situação e colocou em relevo a complementaridade entre filologia e linguística: [...] A ideia pré-concebida de que os pesquisadores, no que toca à linguagem, se dividem em filólogos, ou seja, pesquisadores no domínio do grego e do latim, e em linguistas, isto é, pesquisadores no domínio de outras línguas, deve ser abolida, visto que lembra bastante a antiga unilateralidade e o espírito de dominação dos primeiros, pois julgavam que fora o latim e o grego não havia nenhuma outra língua culta e olhavam com pena e desdém a preocupação com outras línguas, como se se tratasse de uma aberração. Os pesquisadores que se julgavam privilegiados foram punidos por sua arrogância, uma vez que tiveram que reconhecer que, graças justamente aos linguistas menosprezados, uma mudança salutar operou-se na filologia; os linguistas realizaram mais, em poucos anos, pela linguística geral, pelo sânscrito, pelas línguas germânicas e românicas, que os filólogos em

alguns séculos pelo estudo aprofundado da língua grega e latina – estudo que somente progrediu significativamente, de modo direto e indireto, por intermédio da linguística moderna. É necessário, portanto, acabar com essa separação odiosa e falsa da filologia e da linguística, dos filólogos e dos linguistas. Estes não podem dispensar aqueles e vice-versa e ainda menos pela razão de que constataram que aqueles (os linguistas) não perdem em nada para eles em questão de cientificidade e que os superam mesmo em polivalência. Não poderia tratar-se aqui de “artesãos”, de que se tem um número suficiente nos dois domínios. O nome de “pesquisador em assuntos de linguagem” não convém perfeitamente tanto a um como a outro: nome pelo qual fica abolida qualquer separação e que indica, ao mesmo tempo, que nenhuma língua é excluída da abordagem científica e que é, antes, a língua em todas as suas variadas manifestações que constitui objeto de exame? Se se objetar que o nome ‘filologia’ inclui simultaneamente a preocupação com a antiguidade, notar-se-á em primeiro lugar que isto não se deve senão a uma significação que se introduziu no nome; em segundo lugar, que é somente a antiguidade grega e latina, portanto, uma pequena parte da antiguidade dentro de sua totalidade, que é estudada pelos filólogos; e em terceiro lugar que, aquele que estuda as línguas da Índia e as línguas semíticas etc. Não pode igualmente dispensar o conhecimento das antiguidades, isto é, da vida privada, pública, artística e moral dos povos em questão; os filólogos não têm, portanto, a esse respeito, nenhuma vantagem sobre os linguistas, os quais têm um campo igualmente vasto, ou mesmo mais vasto a cultivar, pois o verdadeiro linguista deve primeiramente ser filólogo, antes de poder tornar-se linguista. (SWIGGERS, 1998, p. 9-10)

Albertine Necker de Saussure nunca lecionou em uma universidade. Suas reflexões eram feitas no decorrer do seu aristocrático tempo livre. As posses da família De Saussure também custeavam a

edição de seus livros. Os livros, por sinal, mesmo depois de mais de três séculos da tipografia de Gutenberg, ainda possuíam uma circulação restrita. Ferdinand de Saussure, quando da publicação de seu memorial sobre o sistema vocálico indoeuropeu, custeará ele próprio a edição de sua obra. O palestrante genebrino, por sua vez, enunciará os seus cursos de linguística geral na Universidade de Genebra. A instituição Universidade, por conseguinte, será a principal responsável pela solução da contenda referenciada por Fuchs.

5.2 UNIVERSIDADE

As escolas do século XII, embriões do que hoje chamamos universidade, tiveram seu início através da Igreja, que necessitava de pessoas instruídas:

Esta longa tradição pedagógica proveniente da Itália foi reanimada, principalmente na Itália e na França, durante os últimos anos do século XI. A rede escolar foi consideravelmente enriquecida. Se as escolas monásticas, sem desaparecer, voltaram para as sombras, as escolas catedrais, até então modestas e até mesmo inexistentes, multiplicaram-se. Os prelados mais eruditos e mais eficientes que a reforma da Igreja designou para as inúmeras sedes episcopais dedicaram-se a dotar suas catedrais de escolas ativas para formar os clérigos instruídos de que tinham necessidade; na direção dessas escolas foram colocados “escoliaistas” competentes e ativos. Foi assim que, desde a primeira metade do século XII, a maioria das catedrais do norte da França – Angers, Orléans, Paris, Chartres, Laon, Reims etc. – ou das regiões mosanas e renanas possuíram uma escola permanente de bom nível onde eram ensinadas as Artes Liberais e a Sagrada Escritura. (CHARLE, 1996, p. 14)

É preciso, primeiramente, perceber um conflito interno da Igreja, entre o que se convencionou chamar de escola monástica e escola catedral – também denominada escola episcopal. Enquanto as escolas monásticas se dedicavam prioritariamente à formação de novos monges e, de forma muito diminuta, à formação de uma elite civil (príncipes e

seus servidores), a escola catedral visava à formação do clero secular e da elite civil. Em decorrência da proximidade da escola catedral para com o público em geral, ela logo substituiu mestres canônicos por mestres civis, os professores.

O lócus da catedral, da diocese, não era sempre o mais convidativo para esses intelectuais. Passou-se a ter o que se convencionou chamar de escolas particulares: “Nelas, os mestres instalavam-se por conta própria e, contando apenas com sua reputação, ensinavam aqueles que aceitassem pagar para matricular-se em suas escolas” (CHARLE, 1996, p. 14).

Incomodada por esse desenvolvimento do saber, a Igreja reafirmou seu controle sobre o conteúdo escolar não mais através da formação direta (monges formando futuros monges), mas da *licentia docendi*, a ‘autorização de ensino’. Dessa forma, somente os licenciados, poderiam ensinar. A licença, por sua vez, era emitida pela autoridade episcopal. “Esse sistema se impôs principalmente porque, de toda forma, a maioria dos mestres continuava sendo, por seu estatuto pessoal, de clérigos” (CHARLE, 1996, p. 14).

O embrião da universidade, contudo, passará para a tutela do poder real. Isso acontecerá, inicialmente, por conta de um determinado tipo de saber: o jurídico.

Em Bolonha, o desenvolvimento remonta ao início do século XII. Em 1155, as escolas de Direito bolonhesas já detinham uma importância suficiente para que o imperador Frederico Barba-Ruiva lhes concedesse sua proteção especial (constituição *Habita*). Mas, tratava-se ainda tão somente de escolas privadas e independentes, assim como de pequenas sociedades, cada uma delas reagrupada ao redor de seu mestre. (CHARLE, 1996, p. 16)

Se em seu princípio, a universidade de Bolonha escapa ao poder papal, é apenas e tão somente porque o poder real se torna o seu guardião (CHARLE, 1996, p. 20):

Poder-se-ia dizer que teria sido para fazer frente a um determinado número de disfunções surgidas nas escolas existentes e às críticas por elas suscitadas que a solução universitária foi constituída. Algumas escolas periclitavam. As

outras mal dominavam seu próprio crescimento. As autoridades eclesiásticas tradicionais estavam ultrapassadas. A massa dos estudantes tornava-se uma ameaça para a ordem pública. Os mestres, cada vez mais numerosos entravam abertamente em concorrência. Cada um ensinava a seu modo, percorrendo com superficialidade as autoridades, misturando de maneira perigosa as disciplinas (Filosofia e Teologia, Direito Civil e Direito Canônico). Pode-se pensar que foi, entre outras coisas, para controlar essa situação um tanto anárquica que os mestres estabelecidos se associaram com o objetivo de limitar a proliferação das escolas e de impor a todos um regime de estudos bem definido, baseado na hierarquia das disciplinas, na leitura sistemática das autoridades obrigatórias, na proibição da leitura dos livros perigosos e finalizando com um sistema coerente de exames e de diplomas.

A associação dos chamados ‘mestres estabelecidos’, portanto, não apenas funda o que se chama de universidade, mas também disciplina a atuação dos ‘mestres’ que atuavam em dissonância com a maioria. Disciplinar os estudos, portanto, foi bem mais que sistematizar o que os estudantes deveriam estudar, mas com quem. A hierarquização dos mestres se impõe. Um viés da autonomia universitária, o livre pensar, apenas será livre se estiver em consonância com o cânone universitário. A disciplina completa seu ciclo na escolha dos mestres. A *licentia docendi* não mais será outorgada pelo poder papal, tampouco pelo poder real. Os próprios mestres escolhem aqueles que podem ensinar em uma universidade. Consolida-se aí, o que se pode chamar de poder acadêmico. Não há mais necessidade de controle externo (pelo papado ou pela coroa) de forma tão ostensiva. É através das aulas dos mestres que os próximos mestres serão formados. Isso garantirá à instituição universitária séculos de estabilidade docente. Os conflitos intelectuais, gerados pelas ideias surgidas no meio universitário, ainda existirão, mas serão disciplinados, em grande parte, pelos próprios mestres da universidade. Uma instituição que se consolidará cada vez mais e, ao mesmo tempo, erguerá muros disciplinadores cada vez mais altos.

Quando se trata, portanto, do conflito entre a coroa e a cruz, observa-se que as universidades:

Se submeteram de boa vontade, em troca dos favores do príncipe, ao papel determinado: ministrar um ensino ortodoxo, formar as futuras elites locais, contribuir para ordem social e política estabelecida. Apesar da semelhança aparente do vocabulário e das instituições (as novas universidades retomavam frequentemente os estatutos antigos, parisienses no norte da Europa, bolonhês no sul), as universidades já se haviam tornado, no final do século XIV, uma instituição bastante diferente da que havia sido em suas origens.³⁵

Será no século XV, contudo, que Gutenberg, através da invenção dos tipos móveis, popularizará o livro, tornando não apenas a circulação das ideias algo extremamente veloz, mas também facilitando enormemente a vida dos estudantes universitários. O custo dos livros sofrerá uma redução drástica. O mercado editorial poderá, finalmente, ser gradualmente massificado. O estudo não será algo circunscrito aos nobres, ou a influência do poder monárquico, tampouco se precisará dos custosos serviços dos monges copistas. A universidade, assim como os professores, tem a oportunidade de se beneficiar do lucro do mercado editorial. Dois séculos depois, a editora da Universidade de Cambridge publicará Hamlet. O mercado editorial não será algo exclusivo para mestres universitários, as editoras, por outro lado, serão inicialmente monopolizadas pelas universidades. A publicação se firma como um negócio lucrativo.

As mudanças não se restringem à tipografia e editoras universitárias. O mundo fora dos muros universitários também se modificava. As tensões, que decorriam das relações entre o papado e os reis, fazia com que os monarcas estivessem cada vez mais insatisfeitos com o bispo de Roma. Será no início do século XVI, o mesmo século que trará a colonização das Américas como um grande negócio, que Martinho Lutero afixará suas teses. As ideias de Lutero correrão a Europa, embaladas pela rapidez dos tipos móveis, que reproduzirão dezenas de milhares de vezes as palavras originalmente afixadas na igreja do castelo de Wittenberg.

Nesse contexto, a universidade ganha uma importância cada vez maior, não apenas pela discussão de ideias, mas também pela importância dos seus diplomas:

³⁵ Ibid, 1996, p. 25.

É bem provável, portanto, que o maior número dos estudantes e dos graduados viesse das “classes médias”, sobretudo urbanas (notários, comerciantes, artesãos abastados etc.). Se se tratassem de pessoas de alguns recursos, os diplomas significavam ainda um meio de ascensão social e também uma forma de obtenção de muitos rendimentos, ou, no mínimo, serviam para galgarem posições mais seguras e mais prestigiosas, tanto no alto clero onde se tem, no século XV, principalmente na França e na Inglaterra, porcentagens importantes de graduados, como na prática privada (médicos), ou no serviço do príncipe, nos cargos superiores da administração e da justiça, muitos dos quais propiciavam a médio prazo a entrada na nobreza; a multiplicação das regências de colégios e das cadeiras “comuns” permitia, por fim, a alguns fazer carreira como professores. No final da Idade Média, a prática dos estudos tornara-se uso corrente em algumas famílias de oficiais reais, de juristas ou de médicos.³⁶

Havia uma série de oportunidades para os graduados, independente da classe social em que estivessem. Ter o diploma universitário é um meio para se preservar o alto status social e, também, para ascender em uma sociedade onde as profissões consideradas ‘superiores’ são privativas dos portadores de diplomas. Ser médico, por exemplo, passa a ser – diferentemente da baixa Idade Média – uma atividade privativa daqueles que recebem o grau universitário para tal atividade. Esse poder acadêmico só se sustenta por conta das autoridades em cada área irem, pouco a pouco, adentrando na universidade. O gabinete do amador perderá, paulatinamente, o seu status para ceder espaço aos doutores acadêmicos. O próprio conhecimento do estudioso ‘amador’ será reconhecido como útil e válido na medida em que, assim é reconhecido pelos doutores especialistas.

Ser um mestre universitário, no século XVI, é essencialmente ser um professor e um intelectual (CHARLE, 1996, p. 31). É precisamente nesse período, entre o século XVI e XVII, que o considerado pai da ciência moderna será professor de duas universidades (Pisa e Pádua):

³⁶ Ibid, 1996, p. 28.

Galileu será a confluência de uma série de fatores históricos nos quais a universidade estava envolvida e, mais que isso, através de suas palavras – e da interpretação delas, a universidade se modificará novamente.

É mister lembrar que nesse momento histórico “o ensino repousava em um pequeno número de “autoridades”, textos de base, famosos por conter, se não todo o saber, pelo menos os princípios gerais sobre os quais todo conhecimento posterior deveria basear-se.” (CHARLE, 1996, p. 34). A tradição de retomar ideias já construídas era milenar. Aristóteles, Copérnico, Abelardo eram citados constantemente e, a partir deles, intensos debates eram travados. Essas autoridades do conhecimento eram estudadas e interpretadas pelos mestres universitários – mestres esses que, eram estudantes profissionais das vozes reconhecidas, por séculos, como mentes dignas de serem preservadas ao longo do tempo. O saber a ser construído não podia prescindir do já reconhecido como verdade. A voz de Galileu ajudaria a constituir a universidade de tal modo que podemos dizer: de certa forma, a voz galilaica ecoou por séculos na instituição que, outrora era de intelectuais/professores.

No período anterior a Galileu, as universidades já vinham se expandindo:

Novas fundações. Inicialmente, continuaram a ser criadas. De sessenta universidades ativas em 1500, passa-se para 143 em 1790; houve mesmo 137 fundações, mas cinquenta delas fracassaram. O ritmo dessas fundações, é verdade, diminuiu progressivamente: 26, de 1501 a 1550; 47, de 1551 a 1600; 24, de 1601 a 1650; depois somente 12, de 1651 a 1700; 12, de 1701 a 1750; e 16, de 1751 a 1790. Entre 1651 e 1790, o número de supressões, transferências e fusões (41) foi até levemente superior ao de criações (40).³⁷

Entre 1500 e 1790, não foi apenas o número de instituições universitárias que aumentou; conseqüentemente, o número de diplomados também foi ampliado, o que levou alguns autores a refletir sobre o propósito da universidade, sobre a função social dos diplomados:

³⁷ Ibid, 1996, p. 41.

A partir do século XVII, autores denunciam por toda parte os perigos de um “excesso” de diplomados. Mesmo quando os contingentes universitários estão em baixa, esse tema retorna com obstinação: por que formar graduados que serão outros tantos ociosos, amargos, “intelectuais frustrados”, e privar a agricultura, o artesanato e o comércio de homens indispensáveis? ³⁸

Percebe-se pelo trecho acima que, a universidade pós-Galileu será muito mais tecnicizada e, de forma curiosa, o conflito com a inquisição será minorado. Pode-se argumentar que a inquisição perderá força nos séculos após Galileu. Tal fato, contudo, pode ser atribuído muito menos a universidade que aos conflitos políticos com os príncipes europeus (RUEGG, 1992, p. 33). A famosa frase galilaica, parresiástica por excelência, *Eppur si muove*, foi pronunciada com a coragem típica que determinados tipos de verdade exigem. Por outro lado, as universidades nas quais Galileu ensinou não encamparão os ecos parresiásticos de seu dizer imediatamente. Se professores universitários encontraram, paulatinamente, guarida do poder real contra o poder religioso, podia-se perceber, pouco a pouco, uma disciplinarização tal, uma tecnicização do saber que transformaria, lentamente, a universidade da ‘aventura intelectual’ em uma ‘catedral do saber’ (LE GOFF, 2013, p. 8). Na verdade, o mestre universitário, “o intelectual da Idade Média originário da cidade e do trabalho universitário, destinado ao governo de uma Cristandade de agora em diante fendida, desaparece” (LE GOFF, 2013, p. 22). A partir da revolução francesa, portanto, o professor universitário seria cada vez menos ‘intelectual’ e cada vez mais ‘cientista’.

É preciso, contudo, lembrar uma das principais críticas à instituição universitária no alvorecer das luzes do fim do século XVIII (CHARLE, 1996, p. 57):

Tradicionalmente, acusava-se a universidade de haver perpetuado até em pleno século XVIII ensinamentos ultrapassados, baseando-se nas antigas autoridades medievais (Aristóteles na Filosofia, Lombardo na Teologia, o *Corpus iuris civilis* no Direito, Hipócrates e Galeno na Medicina) e de ter a contrario ignorado ou recusado, por cegueira corporativista, todas as correntes inovadoras nascidas fora dela: a

³⁸ Ibid, 1996, p. 55.

renovação da Filologia, da exegese e da Teologia no século XVI, o progresso das Ciências (Harvey, Descartes e Newton) e do Direito moderno (Grotius, Pufendorf) no século XVII, a Filosofia das Luzes no século XVIII.

Possivelmente um dos melhores exemplos para essa passagem da universidade da Idade Média, para o que se conhecerá como universidade moderna, Uma universidade disciplinarizada pelas luzes do século XIX, seja o conflito que se deu entre as academias de cirurgia e as faculdades de medicina:

Os colégios e academias de cirurgia que se multiplicavam na Europa, à margem das antigas faculdades de Medicina, marcando nitidamente a emancipação e a promoção da profissão cirúrgica, são o melhor exemplo disso. Citemos igualmente as escolas de Engenharia Civil ou Militar. Elas foram especialmente numerosas na França, talvez devido à inércia particular das universidades: École des Ponts-et-Chaussées (1743), École des Mines (1783) etc. Profissionalização claramente comprometida, laicização completa do pessoal docente, controle pelo Estado do recrutamento e da gestão, *numerus clausus* e internato para os alunos, tudo contrapunha tais estabelecimentos – que a Revolução irá transformar em paradigma do ensino superior – às antigas universidades.³⁹

Para revolucionar a universidade será necessário não apenas disciplinar o *modus operandi et pensandi* da moderna universidade. Além de impor esse modelo ao anterior, o da universidade medieval, será igualmente necessário combater o saber produzido por outros sujeitos. A escola de cirurgia, o alquimista, o naturista serão devidamente substituídos por novos entes. As universidades já vinham se expandindo há séculos. Será, porém, sob as luzes do pensamento ilustrado que elas se multiplicarão potencialmente. Não haverá um estado-nação que se furte a criação de um corpo universitário. O filólogo nela sobreviverá até a sua derrocada final no início do século XX. Muitas queixas serão feitas, pelo próprio Saussure (como veremos mais adiante) ao nascente ambiente universitário. No século XIX, as

³⁹ Ibid, 1996, p. 57.

universidades ainda não substituirão por completo, o desenho de poder-saber anterior. Embora o alquimista e o naturista decresçam geometricamente desde o início do Iluminismo, a figura do amador ainda existirá, das bibliotecas aristocráticas ainda ressoarão vozes que serão escutadas pela sociedade, pois essas vozes ainda serão reconhecidas como portadoras de dinamismo e inovação:

[...] Certamente, o papel inovador do ensino universitário diminuiu muito. Se grande número de autores e pensadores importantes da época moderna passou pelo colégio e pela universidade, como estudantes e às vezes como professores, foi geralmente, fora da universidade que elaboraram suas obras mais importantes ou fizeram suas descobertas. Na época moderna, as academias e as sociedades eruditas, os cursos e as chancelarias, os salões, sem falar da biblioteca ou do gabinete do rico amador tornaram-se os lugares mais comuns, não somente da sociabilidade erudita, mas da pesquisa e da inovação.⁴⁰

A Aristocracia, como é hoje evidente, não duraria muito. Os ventos de Paris, a partir de 1789, se encarregariam de levar ideias transformadoras a vários locais. As universidades as receberiam e propagariam com imensa competência e velocidade. Soa, portanto, como profética quando, três anos antes da extinção da ordem dos jesuítas, em 1770, Condorcet enuncia que a educação deveria ser reformulada (CHARLE, 1996, p. 63): tornando leigo o corpo docente, colocando-o sob o controle direto e uniforme do Estado, criando em toda parte ensinamentos moderno-científicos.

Não é surpreendente perceber que “nada entretanto foi feito antes de 1789, devido à oposição da Igreja católica e da Universidade de Paris”.

É fundamental notar que, ainda em 1770, quando Condorcet pontua os eixos para uma nova universidade – um deles é a laicidade do corpo docente, que passaria a ser submisso ao Estado – esse discurso não consegue se impor. É preciso rememorar que isso apenas acontecerá quando o Estado, finalmente, se separar da Igreja. Para tanto, o século XIX será fundamental.

⁴⁰ Ibid, 1996, p. 58.

Há um fato, contudo, no final do século XIX, extremamente representativo de como a Revolução colimava a criação de uma nova universidade⁴¹:

[...] Essas reformas, com maior ou menor sucesso, e esses projetos constituem um conjunto do qual se aproveitarão amplamente tanto os revolucionários franceses e Napoleão quanto os reformadores prussianos (W. von Humboldt). De imediato, não se chegou senão a resultados dispersos que, às vésperas da Revolução Francesa, ainda não tinham conseguido tirar as universidades do quadro das instituições do Antigo Regime. Elas pertenciam decididamente à antiga ordem das coisas; não é de estranhar que a Convenção, renunciando a reformá-las, as tenha pura e simplesmente abolido “de toda a superfície da República” através da lei de 15 de setembro de 1793.

A Convenção não tinha poderes (embora tivesse todo o poder político) para reformar a universidade – tão incrustada estava no antigo regime. A solução, portanto, foi extingui-la. Extinguir as universidades não significava apenas controlá-las no sentido repressivo. A questão era produzir outro modelo, mais afeito aos novos tempos. Na verdade, as instituições universitárias continuavam em franca ascensão em toda a Europa:

[...] Em 1789, havia na Alemanha 35 universidades com 7.900 estudantes dos quais 40 % estavam reunidos nas quatro maiores (Halle, Gottingen, Iena e Leipzig) 18 antigas universidades desaparecem; 16 subsistem: Kiel, Rostock, Greifswald, Koenigberg, Halle, Gottingen, Marburg, Giessen, Iena, Leipzig, Heidelberg, Fribourg, Tubbingen, Wurzburg, Erlangen e Landshut (transferida para Munique em 1825). A Prússia funda três novas universidades; a de Berlim, em 1810, para compensar a perda de Halle, localizada em território estrangeiro em decorrência do Tratado de Tilsitt. Depois da derrota de Iena, o reino

⁴¹ Ibid, 1996, p. 64.

preocupa-se com a modernização da formação de suas elites. A criação ou a recriação de Bonn e de Breslau, em 1818, depois de 1815 sobre territórios extremamente heterogêneos, que se estendem de uma parte da Polônia católica conquistada, até a Renânia católica, muito marcada pela presença francesa sob a Revolução e o Império. Essas três universidades recentes irão figurar entre as mais importantes da Alemanha na segunda metade do século XIX, pois a ausência de tradição anterior facilita sua adaptação intelectual e institucional às novas necessidades intelectuais e sociais.⁴²

Enquanto a universidade se modifica por conta das alterações políticas, as consolidações de um saber científico e de um poder acadêmico ocorrem de forma concomitante às hierarquizações sociais e intelectuais de uma nova era. Não se trata apenas da Revolução Francesa, mas também da Revolução Industrial: uma nova sociedade e economia reforçavam mudanças em todos os espectros de poder sociais, inclusive no custo e na duração dos estudos universitários:

O custo e a duração dos estudos, muito desiguais entre os cursos, revela claramente a hierarquização social das faculdades: 570 francos para uma licença em Direito (três anos de estudos), contra 150 francos para uma licença em Letras (um ano de estudos), 1.300 francos para um doutorado em Medicina contra 140 francos para um doutorado em Ciências. Letras e Ciências abrem-se apenas para o próprio magistério ainda mal remunerado, especialmente na província, ao passo que os práticos liberais, particularmente em Paris, podem, se têm tempo para constituir sua clientela, atingir altos níveis de remuneração desde o Segundo Império. As origens sociais dos estudantes reproduzem essas diferenças como na Alemanha. Em Toulouse, por exemplo, sob a Monarquia de Julho, 28,9% dos estudantes de Direito são oriundos das profissões liberais; 7,4 %, da função pública superior; 49,5 % são filhos de proprietários e a pequena burguesia representa menos de 3 % do total. Os diplomados em Letras,

⁴² Ibid, 1996, p. 70.

Ciências ou Farmácia são, ao contrário, com mais frequência oriundos das classes médias e até mesmo da pequena burguesia. Entre 1814 e 1848, 37,5 % dos estudantes de Farmácia são filhos de comerciantes ou artesãos, 21,7 % filhos de farmacêuticos e 9,5 % de agricultores, ao passo que os filhos de proprietários ou de juristas somam apenas 17 %; as proporções são bastante similares em relação aos alunos de Letras e de Ciências da Escola Normal Superior, grupo, é verdade, um tanto mais selecionado que a média dos estudantes de faculdade: respectivamente 35 % e 36 % são filhos de comerciantes e de artesãos (Ciências e Letras); 23,5 % e 22 %, filhos de agricultores, assalariados, empregados, pequenos funcionários ou professores contra 42 % e 40,5 % de profissões ou meios burgueses.⁴³

A combinação custo e duração, portanto, não equalizam apenas o público que adentra as universidades em pleno século XIX; normalizam, da mesma forma, o prestígio que a sociedade imporá a determinadas faculdades. A visão política sobre o saber universitário será mais eminente em alguns países:

Em Moscou, em 1862, encontram-se 71 % de estudantes nobres ou filhos de funcionários importantes, taxa superior à de 1831 (65,9%). As porcentagens são similares nas outras universidades, como as de Kazan, Kiev ou Petersburgo. Esse recrutamento socialmente privilegiado não impede que uma fração notável dessa juventude abrace as ideias novas, hostis à ordem estabelecida. São preferencialmente os estudantes pobres e sem ajuda familiar que se submetem ao conformismo e à doutrinação.⁴⁴

O choque entre aristocracia e as outras classes sociais será muito mais evidente em Moscou que em outros países. Isso mostra como, de certa forma, o antigo regime ainda funcionava nas universidades russas da segunda metade do século XIX. A ruptura entre esse modelo aristocrático de universidade acontecerá paulatinamente em todo o

⁴³ Ibid, 1996, p. 78-79.

⁴⁴ Ibid, 1996, p. 70.

mundo. As modificações não feitas pelos ventos da Marselhesa ocorrerão sob influência da nova onda de tecnicização do final do século XIX e início do século XX. Moscou será um exemplo fundamental de que as universidades modernas não poderiam apenas mudar o dia a dia das cidades com suas patentes, mas também com as ideias que divulgam. Todo esse espectro que circundava a instituição universidade no final da primeira metade do século XIX será o cenário que Ferdinand de Saussure encontrará quando começar os seus estudos em 1876, na universidade de Genebra. O ambiente universitário o fará famoso pelo seu estudo sobre o sistema vocálico indo-europeu, mas o que de fato o imortalizará serão os cursos de Linguística, já ministrados em uma universidade do século XX, no século XX. Saussure, um homem do século XIX, viu vários séculos de constituição universitária em embate. A universidade que terá Saussure como aluno, porém, já é diferente da – assim chamada – universidade clássica:

Esta primeira parte do século XIX é marcada pela ruptura, cada vez mais nítida, com a herança universitária antiga [...]. O ensino universitário dota-se de novas funções, mesmo que a pesquisa ou a formação profissional decorram em grande parte de instituições livres ou não universitárias.⁴⁵

5.3 SAUSSURE

Em 28 de agosto de 1875 Saussure registra em uma carta a pressão familiar que sofre para seguir a carreira de cientista (JOSEPH, 2012, p. 169). Sua escolha, porém, recai sobre a literatura. Cursará disciplinas na área de física e química, como mandava a tradição familiar, mas se sentirá atraído pelas disciplinas de economia, ciência política e linguística. Terá uma leitura sólida a partir de autores como Dameth, Condillac, Wertheimer e Whitney. O hábito de pensar em várias áreas, tão comum na universidade clássica, não o conduzirá para a publicação profícua nesse mesmo amplo campo de saberes. Ele produzirá e será lembrado por seus escritos sobre a linguagem. Tal pensamento, porém, foi formado com base em um amplo espectro de saberes. Saussure estuda com afinco a tríade que lhe é apresentada, como sendo fundamental, para os estudos sobre linguagem: Humboldt,

⁴⁵ Ibid, 1996, p. 91.

Muller e Whitney. Será em 1876 (JOSEPH, 2012, p. 176) que Saussure escreverá que ‘os linguistas estão no caminho errado’, pois embora a sociedade, a mente e a economia pudessem ser úteis para entender questões sobre a linguagem, será na fala sobre os ‘sons e as palavras’ que um linguista deverá concentrar seus esforços. Será do seu período de aluno universitário que Saussure retirará a base para o seu primeiro Curso de Linguística Geral, em 1907. A base de seu primeiro curso virá da voz de Osthoff que, em novembro de 1876, estrutura a História da Linguística em cinco pontos: a história do conhecimento do sânscrito na Europa; a ciência comparativa das línguas a partir de Bopp; a ciência histórica das línguas a partir de Grimm; a ciência filosófica das línguas a partir de Humboldt; e a fusão das duas primeiras disciplinas.

O sistema universitário no qual Saussure está inserido não está constituído como um sistema de pesquisa em si. Os professores realizam suas pesquisas e as submetem a outras instituições, que, por sua vez, as divulgam para um grande número de especialistas. No círculo Genebra-Paris, a Société de Linguistique de Paris, é a instituição que divulga as pesquisas linguísticas da época. Entre 1876 e 1878, Saussure publica três papers na Société de Linguistique, e passa a ser seu membro efetivo.

A dedicação à linguística, contudo, é interrompida pelo serviço militar e pelas preocupações financeiras. É exatamente em 1878 que, diante de tamanhas preocupações financeiras, Henri de Saussure escreverá que estaria disposto a tudo “até ir para o Brasil” (JOSEPH, 2012, p. 214). É nesse período que Ferdinand de Saussure escreverá o texto que o consagrará no século XIX: as trezentas páginas sobre o sistema vocálico original das línguas indo-europeias. É esse trabalho que fará com que seja lido por linguistas e filólogos. Será mencionado por Whitney e lido em boa parte das universidades europeias. Não será considerado um quarto nome a ser adicionado à tríade obrigatória de leitura sobre estudos da linguagem. Contudo, se firmará como um dos maiores linguistas, do século XIX. Algo a ser levado em consideração sobre o *Mémoire* das vogais indo-europeias é que:

A maneira pela qual o *Mémoire* foi produzido ajuda a explicar porque o mesmo é tão difícil de ler, mesmo para pessoas com formação em linguística indo-europeia. A primeira metade é o estabelecimento de uma conclusão que só foi se tornar definitiva na mente de seu autor na medida em que ele escreveu. Para os leitores sem essa formação, o texto é impenetrável. Verificou-se ser

tão hermético até mesmo por alguém bem versado em Bopp como o avô de Saussure Conde Alexandre de Pourtalès. Os estudiosos que tinham acompanhado o desenvolvimento das relevantes teorias número a número, nos principais Journals, por outro lado, eram geralmente capazes de acompanhar a discussão e apreciar a elegância do raciocínio, mesmo quando não aceitavam as conclusões. O próprio Louis Havet admitiu a Henri de Saussure que nunca seria possível explicá-la ao público em geral.⁴⁶

O processo de escrita do *Mémoire* foi fruto não apenas de um momento de serviço militar e certa crise financeira na família De Saussure. Além da sistematização de ideias através da escrita, da elegância do raciocínio – fundamental para o reconhecimento e prestígio dos que queriam ser reconhecidos, representou um estilo de posicionamento intelectual de Ferdinand de Saussure:

Logo no início, quando Ferdinand de Saussure esperava que o *Mémoire* fosse um paper de sessenta páginas, ele poderia muito bem tê-lo submetido a um dos Journals linguísticos alemães, ou a *Société de Linguistique de Paris*. Mas ele deu o passo extraordinário de organizar e publicá-lo por si próprio. Ele já havia experimentado os atrasos de publicação, que estão fora do controle de um autor, uma vez que ele entrega seu trabalho aos outros – lembrar a nota editorial que teve de ser adicionada ao seu artigo publicado sobre “O sufixo -t-’ no ano anterior, explicando o porquê ele não deveria ser visto como plagiador de Frohde. Embora os alemães trabalhassem de forma mais eficiente que os parisienses, ainda havia o risco de expor suas descobertas aos olhos

⁴⁶ The way in which the *Mémoire* was produced helps explain why it is so difficult to read, even for people with a background in Indo-European linguistics. The first half is establishing a conclusion that was only becoming definitive in its author’s mind as he wrote it. For readers without such a background, it is impenetrable. It was found to be so even by someone as well versed in Bopp as Saussure’s grandfather Count Alexandre de Pourtalès. Scholars who had followed the development of the relevant theories issue-by-issue in the leading journals, on the other hand, were generally able to follow the argument and appreciate the elegance of the reasoning, even when they did not accept the conclusions. But Louis Havet himself admitted to Henri de Saussure that it would never be possible to explain it to a general audience. (JOSEPH, 2012, p. 222).

dos outros antes da publicação. A experiência lhe tinha ensinado a jogar cartas mantendo-as perto do peito. [...] Em termos contemporâneos, o *Mémoire* foi o equivalente a uma "publicação vaidosa". Pagar os custos de produção não era incomum até mesmo para os estudiosos de alto nível, nessa época, e isso se tornou, novamente, a norma atual nas ciências duras. Henri de Saussure pagou os custos de muitas de suas publicações, embora elas sempre aparecessem com o *imprimatur* de uma sociedade especializada como a Sociedade de História Natural de Genebra. Ferdinand não procurou nenhum *imprimatur*.⁴⁷

Há de se notar que o plágio já era algo comum, na cena acadêmica da época. Aliás, a acusação de plágio sempre circundará Ferdinand de Saussure.⁴⁸ Não é necessário, nesse trabalho, lembrarmos a questão do *imprimatur*, amplamente executada pela Igreja Católica em toda a idade média. As sociedades especializadas, formadas por estudiosos de uma área, possuíam um poder parecido, não igual ao poder religioso, que dizia o que estava de acordo com a Divindade, mas podiam hierarquizar os textos considerados satisfatórios cientificamente. Os textos que mereciam ser impressos e lidos pelos outros especialistas, ou para os que pretendiam sê-lo. A disciplinarização sobre os escritos que estudavam questões de linguagem era feita pela confiança que os neófitos tinham nos seus prestigiosos mestres; tal disciplina era uma questão de mão dupla: os alunos universitários confiavam plenamente nas associações de linguística, da mesma forma que tais associações prezavam pelos seus

⁴⁷ Early on, when He expected the *Mémoire* to be a sixty-page paper, Saussure might well have submitted it to one of the German linguistic journals, or the *Société de Linguistique de Paris*. But he took the extraordinary step of arranging to publish it himself. He had already experienced the delays in publication that are beyond an author's control once he turns his work over to others – recall the editorial note that had to be added to his published paper on ‘The suffix -t-’ the year before, explaining why he should not be thought to be plagiarizing from Frohde. While the Germans operated more efficiently than the Parisians, there was still the risk of exposing his discoveries to the eyes of others before publication. Experience had taught him to play his cards close to his chest. [...] In contemporary terms, the *Mémoire* was the equivalent of a ‘vanity publication’. Paying the production costs was not unusual even for senior scholars to do at the time, and it has become the norm again today in the hard sciences. Henri de Saussure paid the costs of many of his own publications, though they always appeared with the *imprimatur* of a learned society such as Geneva's Society of Natural History. Ferdinand sought no *imprimatur*. (JOSEPH, 2012, p. 224).

⁴⁸ *Ibid.* JOSEPH, 2012, p. 601.

escritos serem de qualidade para a formação de novos quadros que saíssem das universidades.

Ferdinand de Saussure possuía não apenas condições financeiras para realizar a sua própria publicação; mais que isso, o fez sem precisar de imprimatur (de sociedades especializadas ou de algum grande autor da área). Após esse fato, torna-se membro da *Société de Linguistique de Paris* e um dos mais famosos linguistas da Europa. Na verdade, boa parte do sucesso de Ferdinand de Saussure no século XX, transcende os seus cursos de linguística geral e, encontra raízes históricas no seu *Mémoire*:

O impacto de Saussure na linguística do século XX incluiria a simplificação trazida pela sua reorientação para longe do som, como tal, e em direção aos sistemas e unidades que os compõem. Esta seria a base para o movimento conhecido como estruturalismo. O *Mémoire* de Saussure é um momento cardeal na história desse movimento – embora não a sua invenção inesperada, pois ele agregou tendências que já estavam acontecendo e os levou um passo adiante. A simplicidade recuperada pelo fonema não foi recompensada pela complexidade a ser introduzida em qualquer outro lugar no sistema da linguagem. Em vez disso, o detalhe fonético foi posto de lado, ou pelo menos relegado a um status secundário. A realidade da língua, Saussure insistiria, não reside no som, tampouco nos movimentos musculares necessários para se criar o som, nem na acústica vibratória de sua transmissão e percepção – mas na forma, entendida como padrões mentais, em última instância traços cerebrais, socialmente compartilhados, que tornaram possível produzir e reconhecer tal substância como linguagem significativa. Esta viria a ser a base para a linguística no século XX. No entanto, o seu desenvolvimento através daquele século seria em grande parte sobre a tensão criada por dismantelar uma substância que, teimosamente, se recusava a ir embora.⁴⁹

⁴⁹ Saussure's impact on twentieth-century linguistics would include the simplification brought about by this reorientation away from sound as such, and toward systems and the units that

Se Saussure já colaborava, em 1878, com os princípios que norteariam uma das principais epistemologias que ajudaria a consolidar a linguística como a voz científica que se pronuncia sobre as mais variadas línguas, tal fato não se dava por mera continuidade de um determinado pensamento científico. O pensamento de ruptura e crítica será enunciado por ele várias vezes. Antes de dizer que o que eles (estudiosos da linguística) faziam não era linguística, Saussure já confienciava a amigos que a linguística não lhe satisfazia, não cumpria o seu papel como pensamento esclarecedor *de facto* sobre a linguagem, por isso “considerou abandonar a linguística e se comprometer com o estudo da Nibelungenlied, que permanecia como um forte interesse de Saussure”⁵⁰. Tanto na Nibelungenlied, quanto na filologia, a literatura, a história e a cultura eram entes complementares. A tecnicidade que foi útil para Champollion decifrar a pedra de Roseta, em 1822, abriu caminho para que se compreendesse a história, religião e cultura do antigo povo egípcio. Decifrar uma língua não era, para um filólogo, algo que se restringia a uma técnica. Era sim uma técnica que servia de instrumento para se compreender um povo de um tempo distante, mas que ainda poderia ser estudado em seus múltiplos aspectos. É válido lembrar que ser um linguista não significava se dedicar apenas ao estudo da forma. Ser um linguista e um filólogo era o que se esperava de um estudioso *de facto* das línguas. Esse possivelmente era o motivo de Whitney ser considerado leitura obrigatória em Genebra (JOSEPH, 2012, p. 253), não apenas por ser um linguista importante em sua época, mas também por ser um filólogo de renome – fundou e foi o primeiro presidente da Associação Americana de Filologia. Se a filologia demonstrava com afinco a ligação entre língua e cultura, literatura e gramática, o fazia preponderantemente com textos antigos, da tradição clássica. Os linguistas, por sua vez, se dedicavam às línguas modernas,

compose them. This would be the basis for the movement known as structuralism. Saussure’s *Mémoire* is a cardinal moment in the history of that movement – though not its invention out of the blue, for it took trends that were already happening and advanced them a step further. The simplicity reclaimed by the phoneme was not recompensed by complexity being introduced anywhere else in the language system. Rather, phonetic detail was swept aside, or at least relegated to secondary status. The reality of language, Saussure would insist, lay not vibratory acoustics of their transmission and perception – but in form, understood as mental patterns, ultimately cerebral trances, socially shared, that made it possible to produce and recognize substance as meaningful language. This would become the basis for linguistics in the twentieth century. Yet its development across that century would be largely about the tension created by pushing down a substance that century would be largely about the tension created by pushing down a substance that stubbornly refused to go away. (JOSEPH, 2012, p. 237).

⁵⁰ Contemplated abandoning linguistics and undertaking study of the Nibelungenlied, which remained an enduring interest of Saussure. (JOSEPH, 2012, p. 248).

aqueles que possuíam falantes diante de nossos olhos. Não por acaso, nos Estados Unidos, um pouco depois da morte de Whitney, serão os linguistas americanos os responsáveis por demonstrar que as línguas indígenas norte-americanas não eram inferiores ou menores em relação a qualquer outra língua. Apesar de se sentir extremamente ligado aos estudos que se desenvolviam na Alemanha, ainda mais depois da aparição do Anel do Nibelungo de Wagner, Saussure decide continuar seus estudos em um doutoramento em linguística. Ainda sem ter completado os vinte e um anos, um dos principais mestres responsáveis por seu doutoramento, o filólogo Franz Delitzch, protagoniza o diálogo com o jovem genebrino que exemplifica o reconhecimento do mestre de Genebra pelos acadêmicos da segunda metade do século XIX:

Quando o grande filólogo alemão viu o jovem estudante genebrino chegar - ele ainda não tinha 21 anos, disse-lhe: “Você, por acaso, tem parentesco com o famoso de Saussure?” Incapaz, em sua modéstia, de pensar que a referência poderia ser a ele próprio, Ferdinand respondeu: ‘Sim, senhor, eu sou seu bisneto’ – ‘seu bisneto! Você deve estar brincando! Só no ano passado, ele publicou o admirável *Mémoire sur le système primitif des Voyelles Indo-européennes!*’ E o nosso aluno estupefato gaguejou: ‘Mas ... eu é que escrevi isso...’ Saussure por completo, assim como todo o seu destino nesta pequena cena.⁵¹

Ferdinand de Saussure não tinha apenas a admiração de um vasto número de profissionais da filologia e linguística. A atmosfera familiar, onde seu pai se correspondia entusiasticamente com Darwin⁵², a casa de campo onde *Frankenstein* foi escrito, assim como a proximidade de Humboldt com os De Saussure da época, colaboravam para uma sintonia com tudo o que acontecia no mundo. A possibilidade de vir para o Brasil, que foi descartada por Henri de Saussure, foi substituída pelo investimento nos Estados Unidos, outra parte da América que foi

⁵¹ When the great German philologist saw the very young Genevese student arrive – he was not yet 21 years old-he said to him: ‘Would you by any chance be related to the famous de Saussure?’ Incapable, in his modesty, of thinking that it might be himself, Ferdinand replied ‘Yes, Monsieur, I am his great-grandson.’ - ‘His great-grandson! You must be joking! Only last year he published his admirable *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes!*’ And our stupefied student stammered: ‘But... it is I who wrote it...!’ All Saussure and all his destiny in this little scene. (JOSEPH, 2012, p. 258)

⁵² Ibid, JOSEPH, 2012, p. 277.

considerada mais estável e promissora para preservar os negócios da família. Ser um De Saussure significava não apenas estar a par do estado da arte das ciências, política e economia; mais que isso, de posse dessas informações, esperava-se saber quais próximos passos deveriam ser dados. A própria ida da família para a Suíça foi um desses passos bem elucubrados. O tempo mostraria, fato evidenciado pelo próprio Napoleão, que a Suíça mesmo invadida, não se deixava dominar.

O processo de doutoramento será central para o Saussure linguista. Não apenas conseguirá um título, mas se firmará em uma carreira, sendo reconhecido por ela. Um pesquisador que, tão jovem, já possuía uma *magnum opus* para sua biografia – caso nada mais tão brilhante surgisse. A leitura constante de Whitney e o diálogo disciplinado com outras centenas de obras ocupavam quase todo o seu tempo livre, algo que talvez fosse o que de mais precioso um aristocrata possuísse. É a partir dessas obras, de sua concordância e principalmente das suas discordâncias, que um olhar saussureano começa a emergir. Quando, em seu caderno de notas de 1881⁵³, ele pontua que “Bonald acredita que ‘o homem pensa em sua fala antes de falar seu pensamento’, eu diria que: ‘o homem pensa em sua fala antes de falá-la’”.

Ferdinand de Saussure começa a desenvolver um olhar Saussureano sobre a linguagem em um momento histórico propício. Depois de idas e vindas políticas na França, finalmente a República se estabiliza (mais de cem anos depois da Revolução). A burguesia se consolida como grande força política. A aristocracia francesa irá ocupar os principais cargos da República. A nobreza não terá mais direito a cargos apenas por conta do seu nascimento e dos títulos que possuem. A 3ª República, implantada na França em 1870, só cairá em 1940, por conta do nazismo. A década de oitenta do século XIX mostrará para Ferdinand de Saussure que seu pai estava certo em investir no potencial do mercado norte-americano. A família De Saussure continuará com posses suficientes para se dedicar ao pensamento, à reflexão e à ciência. Ferdinand de Saussure se especializará cada vez mais nos estudos sobre a linguagem, poderá ser um professor universitário que não necessita de seus proventos para a própria sobrevivência. A visão Saussureana continuará se consolidando sobre a linguística e sobre o linguista:

53 Ibid, JOSEPH, 2012, p. 289: Bonald believes that ‘man thinks his speech before speaking his thought’, I would say that ‘man thinks his speech before speaking it’.

Sua rejeição de um simples “convencionalismo” será o que o separa de sua principal fonte de inspiração, Whitney. A crença de que as palavras referem-se a conceitos, em vez de coisas é fundamental para Saussure, embora ele não reivindicasse isso como uma ideia original, aqui ou em suas palestras posteriores. Ele reconheceu-o como parte da herança comum do pensamento europeu, e foi pego de surpresa ao descobrir que pessoas supostamente bem versadas conseguiram esquecê-lo.⁵⁴

Não se tratava apenas de se afastar teoricamente de Whitney, visto ora como linguista, ora como filólogo. Mais que isso, a questão era elege (e, de certa forma, delimitar) uma fronteira de estudo para a linguística, e conseqüentemente, para o linguista. As tecnicidades do fonema, por exemplo, de fato não interessariam as considerações teóricas de um linguista. Essa preocupação de objeto será uma constante para Ferdinand de Saussure e será um dos motores dos seus cursos de linguística geral, já no século XX:

Ao longo de sua vida, ele vai insistir que a competência do linguista termina com o conceito verbal. Ela não se estende à relação entre o conceito e as coisas do mundo, que se enquadra no domínio de psicólogos ou filósofos. Isto pode parecer insularidade intelectual, mas aqui vemos a razão mais profunda: a linguagem existe na junção entre conceito e som, que não é afetada pela natureza do conceito *per se*. Seja qual for a posição que se tome sobre a relação entre os conceitos e as coisas, não se modificará o fato-núcleo para o linguista: que a ligação entre o conceito verbal e os sons que significam é o produto arbitrário de um processo histórico guiado por leis inconscientes da evolução fonética⁵⁵

⁵⁴ Ibid, JOSEPH, 2012, p. 290: His rejection of a simple ‘conventionalism’ will be what divides him from his main inspiration, Whitney. The belief that words refer to concepts rather than things is central to Saussure, though he does not claim it as an original idea, here or in his later lectures. He recognized it as part of the common heritage of European thought, and was taken aback to find that supposedly learned people managed to forget it.

⁵⁵ Throughout his life he will insist that the linguist’s competence ends with the verbal concept. It does not extend to the relationship between the concept and things in the world, which falls

À medida que Saussure desenvolvia seus próprios conceitos, os guardava para si, como as cartas sempre postas juntas ao peito – destino do curto salário de professor na École Pratique des Hautes Études. Os conceitos Saussureanos amadureceriam com o passar das décadas, regados pelas discussões com outros linguistas e pelas leituras dos textos que circulavam nas universidades e principais sociedades especializadas de linguística na Europa:

[...] Saussure acaba definindo pela primeira vez as perspectivas fundamentais sobre a linguagem que ele iria manter para o resto de sua vida, e não articularia publicamente até seus cursos de linguística geral. Fonemas como diferenças puras habitam o que ele irá chamar de outro 'eixo' a partir do qual eles se justapõem com um outro. Através dos cadernos restantes ele explora as implicações dessa visão sobre a natureza da linguagem, suas partes componentes e o desenvolvimento histórico do sistema de som indo-europeu.⁵⁶

Possivelmente o fato de Ferdinand de Saussure escrever tantos cadernos com questões sobre a linguagem, a linguística e os linguistas e não publicá-los, possa encontrar uma explicação parcial no jogo de poder, por exemplo, existente na Société de Linguistique de Paris para o preenchimento de uma vaga de secretário adjunto. Saussure escreve para o atual secretário adjunto, Havet, pontuando que:

Não há necessidade de dizer a você que eu não sonharia por um instante em ser nomeado contra a sua vontade para um posto pelo qual a Société tanto se beneficia em tê-lo, e eu não estou

into the domain of psychologists or philosophers. This may seem like intellectual insularity, but here we see the deeper rationale: language exists at the juncture between concept and sound, which is unaffected by the nature of the concept per se. Whatever position one takes on the relationship between concepts and things will not change the core fact for the linguist: that the link between the verbal concept and the sounds that signify it is the arbitrary product of a historical process guided by unconscious laws of phonetic evolution. (JOSEPH, 2012, p. 290)

⁵⁶ [...] Saussure has just laid out for the first time the fundamental outlook on language that he would hold for the rest of his life, and would not articulate publicly until his courses on general linguistics. Phonemes as pure differences inhabit what he will call another 'axis' from the one on which they come to be juxtaposed with one another. Through the remaining notebooks he explores what this view implies about the nature of language and its component parts and the historical development of the Indo-European sound system. (JOSEPH, 2012, p. 300)

minimamente obcecado com o desejo de fazer parte do comitê de publicações. Minha intenção, que eu me permito expressar a alguns membros da Société, é apenas para deixar de ser parte do comitê, em vez de continuar sendo parte dele nas presentes condições. Acho que, na verdade, a utilidade do meu posto como 'delegado às funções etc.' é fora de proporção com o peso que impõe ao seu detentor, uma vez que qualquer membro pode substituir o secretário quando este está impossibilitado de comparecer a uma reunião, esse é meu ponto de vista. Você percebe que isto nada tem que ver com minha conveniência pessoal, a qual eu não tento esconder, mas que não estou pontuando qualquer reclamação. Após esta explicação, sei que você não irá atribuir à minha intervenção as segundas intenções que esta questão pode sugerir. Se você está disposto a sair de suas funções, eu certamente ficaria feliz em preenchê-las. Mas a minha aceitação depende da sua concordância. Tudo o que importa para mim é não mais ser delegado.⁵⁷

As funções nas sociedades especializadas eram disputadas, entre outros motivos, porque elas detinham o poder do *imprimatur*. Representavam um grande símbolo de poder acadêmico, não apenas por publicarem os textos 'publicáveis', mas de forma complementar, por terem em suas fileiras, as pessoas aptas para tal empreitada. Ferdinand de Saussure, indubitavelmente, havia se qualificado para tal posição; curiosamente, boa parte desse fato era devido à sua principal publicação, o *Mémoire*, às suas próprias expensas e sem a recomendação explícita de nenhuma associação ou de qualquer grande estudioso. Esse tipo de sociedade era, naturalmente, um organismo de controle para os papers

⁵⁷ No need to tell you that I would not dream for an instant of having myself nominated against your wishes to a post which the Société benefits so greatly from having you occupy, and I am not in the least obsessed with desire to be part of the publications committee. My intention, which I have allowed myself to express to a few members of the Société, is merely to stop being part of the committee rather than to go on being part of it in the present conditions. I reckon in effect that the usefulness of my post as 'delegated to the functions etc.' is out of proportion with the burden it imposes on its holder, since any member at all can replace the secretary when the latter is prevented from attending a convenience, which I do not try to hide, but that I am not raising, any claim. After this explanation I know that you will not attribute to my intervention the ulterior motives which this question might suggest. If you are disposed to quit your functions, I would certainly be happy to fill them. But my acceptance is dependent on your agreement. All that matters to me is no longer to be delegated. (JOSEPH, 2012, p. 309)

publicados e publicáveis. Havia um limite do aceitável, não apenas para o objeto a ser descrito, mas também para a maneira como o era feito. A elegância do raciocínio de Saussure, por exemplo, sempre foi um ponto a seu favor. Esse modo de conduzir o pensamento, por outro lado, também estava presente nos seus cadernos, hoje conhecidos, e dos quais nunca publicou uma linha. As linhas escritas nesses volumes também não foram transpostas parafrasticamente ou utilizando qualquer outro artifício. Os temas tratados aí, em grande parte, externos à disciplinarização feita pelas sociedades especializadas e universidades da época, resistiriam ao tempo e seriam fundamentais para a montagem do único trabalho de Ferdinand de Saussure não escrito: os cursos de linguística geral. Há de se notar na carta enviada a Havet que, Saussure de fato, não ambiciona o cargo na Société de linguistique. Um dos seus principais mestres, Whitney, havia sido o fundador, nos Estados Unidos, de uma sociedade filológica. O velho continente já tinha sociedades especializadas suficientes e há muito mais tempo que os Estados Unidos. As sociedades especializadas, na América do Norte, seriam fundamentais para a abertura, posteriormente, de vários cursos de graduação de linguística, assim como pelo reconhecimento da disciplina nos cursos de letras. A associação de filologia fundada por Whitney continuaria sem grande força, no século XX, pois não contaria com a força do poder da palavra ‘científico’ para adjetivá-la.

Ferdinand de Saussure não apenas assumiria o posto na Société de linguistique de Paris, como ‘aprenderia a lecionar’ na École Pratique des Hautes Études. A experiência em Paris seria enriquecedora, embora o autor do Mémoire não tenha produzido o que se esperava de alguém com a fama que possuía:

No início da década de 1880, qualquer sugestão de que Ferdinand de Saussure iria desenvolver a reputação de um acadêmico improdutivo, descansando sobre os louros de seu primeiro livro, teria provocado risos. Nenhum linguista nos tempos modernos havia produzido uma obra de tal magnitude em uma idade tão jovem, e ele havia avançado para a conclusão de um doutorado pouco mais de um ano depois da aparição do Mémoire. Mudando-se para Paris para um estudo mais aprofundado, logo foi nomeado professor e além disso, recebeu a responsabilidade das publicações da Société de Linguistique. Mesmo assim, na primeira metade da década, ele

conseguiu realizar um grande número de comunicações para a Société, assim como publicar diversos artigos por conta de seu *Mémoires*, além de várias outras publicações menores.⁵⁸

Uma ‘má fama’ também se constituiu sobre suas palestras. Segundo seu aluno Leo Spitzer⁵⁹, Ferdinand de Saussure falava basicamente de literatura, nunca sobre ‘linguagem’, possivelmente por ter que ensinar para um nível tão elementar: alunos sem conhecimento do sânscrito ou grego. A competição em Paris, na prática, mostrou-se mais venal que na teoria:

[...] O Insulto foi adicionado à calúnia em 1886, quando Brugmann publicou o primeiro volume de sua *magnum opus* sobre a linguística indo-europeia, cujas descobertas-chave do *Mémoire* foram tratadas como conhecimento comum, sem atribuição autoral.⁶⁰

Se os louros da publicação (com *imprimatur*) rendiam popularidade diante dos leitores das sociedades especializadas, também traziam credibilidade para os autores que fossem por ela chancelados. Eles seriam os convidados para a posição de palestrantes e também, possivelmente, apontados como professores aptos a assumirem determinadas cátedras. O mercado assim era estabelecido e disciplinado. Saussure havia quebrado essa cadeia com uma publicação pelas suas próprias expensas, e rompia novamente o ‘circuito da obediência’ ao falar de outros temas, fora do previsto para a sua posição na *École des Hautes Études*. Em tese, Ferdinand de Saussure não poderia exercer livremente sequer a chamada ‘liberdade de cátedra’, porque ainda não

⁵⁸ At the start of the 1880s, any suggestion that Ferdinand de Saussure would develop the reputation of an unproductive scholar, resting on the laurels of his first book, would have provoked laughter. No linguist in modern times had produced a work of such magnitude at such a young age, and he had gone on to complete a doctorate just over a year after it appeared. Moving to Paris for further study, he was soon appointed lecturer, and on top of that, handed responsibility for the publications of the Société de Linguistique. Even so, in the first half of the decade he managed to give a large number of talks to the Société and to publish several articles in its *Mémoires*, along with several other small publications. (JOSEPH, 2012, p. 339)

⁵⁹ Ibid, JOSEPH, 2012, p. 332.

⁶⁰ [...] Insult was added to injury in 1886 when Brugmann published the first volume of his *magnum opus* on Indo-European linguistics, in which key discoveries of the *Mémoire* were treated as common knowledge, without author attribution. (JOSEPH, 2012, p. 344)

era um professor catedrático, embora a sua fama já o credenciasse para tal – apesar de sua baixa produtividade acadêmica pós-Mémoire. É nesse contexto que Ferdinand de Saussure decide republicar sua ainda *magnum opus* O Mémoire. Ele é reimpresso com poucas modificações, se comparado com a edição original de 1879. Há apenas uma nova página, o prefácio, que corrige um erro sobre a nasalização de uma vogal. Uma nota de rodapé, no mesmo prefácio, também explica que o Mémoire surgiu inicialmente em 1878, embora com a data impressa de um ano depois⁶¹. Isso é muito mais que uma simples nota bibliográfica, é a resposta de Saussure às acusações de plágio para com seus mestres na Suíça. Tal nota bibliográfica, será efetiva a longo prazo; pois será, durante muito tempo, a única prova definitiva que comprovará a ‘originalidade’ do texto que fez a fama do linguista mais famoso da família De Saussure no século XIX. A reimpressão do Mémoire, por outro lado, visava muito mais que satisfazer novos leitores:

A reedição do Mémoire foi oportuna por outras razões. Serviu para lembrar Bréal e Paris que o homem que tinham deixado ficar isolado para ensinar gramática do Alemão antigo em um nível elementar foi o maior Indo-europeísta em língua francesa de sua geração. Sua relativa juventude levou-os a esquecê-lo quando as nomeações eram feitas para postos mais altos, preferindo homens mais velhos que não tinham conseguido nada similar ao Mémoire e não tinham dado tudo de si em nome da Sociétés.⁶² [...] Na verdade, um prêmio muito maior estava em jogo. Cadeiras para os linguistas eram poucas, mesmo no vasto e multifacetado sistema universitário parisiense.

⁶¹ Ibid, JOSEPH, 2012, p. 344.

⁶² The reissuing of the Mémoire was timely for other reasons. It served to remind Bréal and Paris that the man they had let get boxed into teaching Old High German grammar at an elementary level was the greatest French-language Indo-Europeanist of his generation. His relative youth had led them to overlook him when appointments were being made to higher posts, preferring older men who had achieved nothing like the Mémoire and had not given their all on behalf of the Sociétés. [...] In fact a much higher prize was at stake. Chairs for linguists were few even in the vast and multilayered Parisian university system. When the one in Sanskrit at the École Pratique des Hautes Études fell vacant with the death in 1888 of Hauvette-Besnault, it was inevitable that Sylvain Lévi should succeed to it. Then, in July, something totally unexpected happened. Abel Bergaigne lost his footing and fell to his death on a mountaineering holiday in the French Alps. At forty-nine, he had been expected to occupy his chair of Sankrit and Comparative Grammar of the Indo-European Languages in the Faculté des Lettres of Paris into the next century. (JOSEPH, 2012, p. 344-345)

Quando a cátedra em sânscrito na École Pratique des Hautes Études ficou vaga com a morte em 1888 de Hauvette-Besnault, era inevitável que Sylvain Lévi o sucedesse. Então, em julho, algo totalmente inesperado aconteceu. Abel Bergaigne perdeu o equilíbrio e caiu para a morte em um feriado dedicado ao montanhismo nos Alpes franceses. Aos quarenta e nove anos, esperava-se que ele ocupasse a cadeira de sânscrito e gramática comparada das línguas indo-europeias na Faculté des Lettres de Paris até o próximo século.

Saussure, dezenove anos antes de começar o primeiro de seus cursos de linguística geral, em Genebra, havia chegado muito perto de uma indicação para a cadeira de sânscrito em Paris. Não foi indicado, embora fosse o mais qualificado e o nome óbvio para a sucessão. O poder interno das sociedades especializadas não seguia a lógica da hierarquia do saber. Ferdinand de Saussure não possuía cidadania francesa, ao contrário de seu irmão Léopold, que renunciou a cidadania suíça pela francesa, um movimento inverso ao que a família De Saussure havia feito muito tempo antes. As trocas de cidadania podiam significar não apenas melhor gestão financeira do patrimônio em um país com a sua revolução industrial a todo vapor, as benesses políticas, como toda a família De Saussure sabia há séculos era essencial para manter a prosperidade dos negócios. Era preciso tino para perceber as melhores oportunidades. Assim como Henri de Saussure trocou a oferta de D. Pedro II de ir para o Rio de Janeiro ocupar postos intelectuais nos museus do império pela oportunidade dos navios a vapor, essenciais nas trocas comerciais com os Estados Unidos, Ferdinand de Saussure faria o mesmo com a sua vida acadêmica. Um dos linguistas mais afamados do século XIX desejava obter uma cátedra para si em uma universidade. Ao perceber que o apontamento das cátedras ultrapassava a questão do saber técnico sobre as línguas, envolvendo questões religiosas e de poder político, decide fazer o movimento final da sua carreira intelectual: retornar para Genebra.

A mesma Genebra que havia inspirado Napoleão a dizer que a Suíça era um local diferenciado e que, mesmo ocupada, continuava sendo o que era. A cidade que teve o Colégio fundado por Calvino e que soube se fazer forte justamente por ser um enclave. As profundas reflexões dos cadernos de Saussure também abrangem pontos pessoais de sua vida. Entre continuar em Paris e esperar por uma próxima

oportunidade de indicação para outra cátedra, ele, com o seu típico raciocínio elegante – que cativava seus leitores e alunos – chega ao argumento que deve fazê-lo retornar ao local onde Calvino ficou famoso, entre outros motivos, pela clareza de seu raciocínio: o desejo por trabalhar com mais liberdade:

Saussure saiu de Paris para Genebra entre 5 e 9 de Novembro. Conforme a notícia de que ele não ensinaria na École em 1889-90 se espalhava, por conta de ter retornado para casa em decorrência de problemas de saúde, várias reações se seguiram. Psichari lhe enviou um cartão no dia 9 de novembro, que é diferente de qualquer outro tipo de correspondência que Saussure já havia recebido de alguém de fora de sua família e círculo de amigos íntimos genebrinos, mesmo porque esses não lhe escreviam tão intimamente depois de terem atingido a idade adulta. Psichari expressou, como Francis Decrue já havia feito, sua crença de que Paris era o lugar ao qual Saussure realmente pertencia. Ele reconheceu também o que Saussure estava, de forma reservada, dizendo aos seus amigos como sendo a principal motivação para a sua retirada para Genebra: “o desejo de trabalhar mais livremente”. Mas juntamente com o lamento real de ser privado de sua companhia, Psichari expressa um medo muito providente de que o trabalho que Saussure esperava realizar pudesse terminar, como muitos de seus antecessores, nunca avançando além ‘do estado de um projeto’. [...] A notícia de sua partida me entristece. Por quase 10 anos eu tenho conhecido e amado você; eu deixei-me acostumar com a ideia de tê-lo sempre em Paris. Além disso, você tem representado a École com bastante mérito para que eu possa estar feliz com esta partida. No passado, você já me confidenciou seus escrúpulos e é isso que me autoriza a falar com você sobre eles. Se eles são o que pesou em sua decisão, eu me arrependo muito. Mesmo admitindo que seus escrúpulos sejam legítimos, haveria uma maneira de resolver as coisas, criando, por exemplo, um novo curso especialmente para você. O que será necessário é

que, ao longo do próximo ano, você possa me dar permissão para falar sobre esse projeto, que como você pode ver é a minha sugestão e ninguém poderá acusá-lo de tê-lo feito. Eu decidi fazer tudo o que puder, começando em primeiro lugar com você, para tirá-lo de Genebra, e trazê-lo de volta para estas paredes. Deixe-me por um momento formalizar uma promessa: você estava saindo, você disse, para trabalhar com mais liberdade... (Eu vejo você indo à caça, eu não vejo você fazendo fonética às margens do lago) Mas, eu lhe imploro, não deixe que este trabalho permaneça no estado de um projeto. Alguém com a sua inteligência tem um dever na vida. E a vida, para você, é a ciência. Suas faculdades irão alcançar sua intensidade máxima nesse momento; e a vida somente é vivida quando se chega a total sensação dessa intensidade. Eu estou falando com você como um sábio, eu estou falando com você como um amigo, eu estou falando com você como um filólogo apaixonado com o progresso da nossa ciência. Você não pode recusar-se a ouvir-me. O desânimo é proibido para você. Crie – e você pode fazê-lo – um belo livro que decole de uma vez como um [ilegível].⁶³

⁶³ Saussure left Paris for Geneva between 5 and 9 November. As word got around that he would not be teaching at the École in 1889-90, but had returned home on medical leave, various reactions ensued. Psichari sent him a card on 9 November which is unlike any other correspondence Saussure ever received from someone outside his family and circle of intimate Genevese friends, and even they did not write so intimately after reaching adulthood. Psichari expressed, as Francis Decrue had done, his belief that Paris was where Saussure really belonged. He acknowledged too what Saussure was telling his friends privately was the main motivation for his retreat to Geneva: 'the desire to work more freely.' But along with real grief at losing his companionship, Psichari expresses a very prescient fear that the work Saussure hoped to accomplish might end up, like so many of its predecessors, never advancing beyond 'the state of a project'. [...] The news of your departure grieves me. For nearly ten years I have known you and loved you; I have let myself get used to the idea of having you in Paris always. What is more, you have done too much honour to the École for me to be happy about this leave. In the past you have confided to me your scruples and this is what authorizes me to speak to you about them. If they are what have swung the balance in your decision, I regret it greatly. Even admitting that your scruples are legitimate, there would have been a way to work things out, by creating, for example, a new course specially for you. What it will take is, over the next year, for you to give me permission to talk about this project, which as you can see is my suggestion and no one can accuse you of having formed it. I have decided to do all I can, starting first of all with you, to tear you away from Geneva and to bring you back within these walls. Let me for the moment form a vow: you were leaving, you said, to work more freely...

Saussure não retornaria a Paris, a não ser por curtos momentos, mas não mais como um palestrante, ou professor. Ainda seria nomeado Cavaleiro da Legião de Honra Francesa, em decorrência de seus serviços prestados a educação. As mentes da École, assim como as da Société de Linguistique sabiam que alguém do porte intelectual de Saussure deveria continuar em Paris e não em Genebra. A mesma honraria já havia sido concedida, por conta dos serviços prestados a agronomia, a Henri de Saussure e, mais tarde, em 1898, seria concedida ao irmão mais novo de Ferdinand, Léopold, por conta dos seus préstimos militares.⁶⁴

Ferdinand de Saussure se sentiu honrado com o título de Cavaleiro, e o usaria até a morte, inclusive durante os famosos cursos de linguística geral, já no século XX. Os seus cadernos aumentariam consideravelmente de volume, durante o restante de sua vida, em Genebra. Possivelmente, por conta das sugestões de Psichari, tenha escrito ainda mais suas ideias próprias nesses cadernos, talvez isso explique o fato da organização e numeração cuidadosa para com todos eles e da não destruição quando pressentiu a morte – fato rotineiro para os aristocratas de sua família quando estavam próximos da morte, era destruir as impressões que guardavam em papel.

Ferdinand de Saussure não havia se adaptado ao *modus operandi* da Société e da École. O jogo de indicações, a disputa pelas cátedras, o serviço panóptico que se executava na seleção dos textos para publicação com *imprimatur*, não eram algo que podia se fazer com os seus ‘escrúpulos’. A despeito disso, as ideias de Saussure eram reconhecidas como de alto valor por aqueles que privaram de sua reservada confiança (como Psichari). Não apenas por serem bem articuladas, concatenadas, com um ‘raciocínio elegante’ (elogio frequente durante a vida de Ferdinand de Saussure), mas por representarem um passo à frente diante do que havia sido feito até a, praticamente já terminada, segunda metade do século XIX. É fator importante pontuar que Psichari se identifica como filólogo e se refere a Saussure como sendo da mesma área. Se pontuarmos que os filólogos se

(I see you going hunting; I do not see you doing phonetics on the shore of the lake.) But, I beg you, do not let this work remain in the state of a project. Someone with your intelligence has a duty to life. And life, for you, is science. Your faculties will reach their maximum of intensity there; and life is lived only when one has arrived at the total sensation of this intensity. I am speaking to you as a sage; I am speaking to you as a friend; I am speaking to you as a philologist infatuated with the progress of our science. You cannot refuse to listen to me. Discouragement is forbidden to you. Create – and you can do it – a fine book which takes off at once like a [illegible]. (JOSEPH, 2012, p. 361-362).

⁶⁴ JOSEPH, 2012, p. 371.

diferenciavam basicamente por estudarem as línguas antigas, assim como a literatura – antiga ou atual –, percebe-se que o ponto diferenciador, não era excludente. Saussure chegou muito perto de ser indicado como catedrático para o ensino do sânscrito (objeto claramente posto para os filólogos), mesmo sendo alguém que, ao contrário de Whitney, por exemplo, se identificava apenas como linguista.

O Ferdinand de Saussure que retorna a Genebra não é um linguista no sentido de não ser um filólogo. É basicamente os dois, é um estudioso que palestra sobre o alemão antigo ou moderno, que tinha, até o presente momento, a sua *magnum opus*, como sendo o *Mémoire*. Não apenas possuía o saber inerente aos filólogos e linguistas, como conhecia bem os exercícios do poder para a nomeação de cátedras e escolha de artigos a serem publicados. No final do século XIX, Saussure é, em parte, um homem do século XVIII, um dos últimos aristocratas da família. Alguém que além de gastar os proventos de professor nos jogos de pôquer, não apenas não precisava se preocupar com as questões salariais, como empregava o seu tempo livre para o estudo diuturno dos mais variados temas. Muito mais que um aristocrata, de certa forma, ainda oriundo do século XVIII, viverá a transformação que marca a entrada no século XX. O ambiente universitário se modificará drasticamente. Os antigos conflitos entre a coroa e a cruz, não mais farão sentido em um mundo onde, além da Igreja ser oficialmente separada do Estado, a aristocracia passará a ser algo a ser contado nos livros de história. Entrar em uma universidade, para os alunos que assistirão as palestras de Ferdinand de Saussure, por exemplo, será algo feito por pessoas que buscam nos diplomas da universidade, uma oportunidade de monetizar o saber. Não se trata mais apenas de uma questão de ser reconhecido pelos doutos. A sociedade espera que a apreensão do ‘saber superior’ ministrado pelas universidades garantam aos seus frequentadores um reconhecimento social, um prestígio político e ganhos financeiros. A burguesia que adentrará as universidades do mundo, incluindo a de Genebra, espera conseguir bons empregos e boas remunerações com os conhecimentos que aprenderão na ‘catedral do saber’. Os alunos com os quais Ferdinand de Saussure se defrontará não serão mais versados em latim, grego ou sânscrito, nem em francês ou alemão antigo. Daí surgirão os conflitos da universidade para com o Estado, os debates nos jornais de Genebra sobre o papel da universidade e, por fim, a consecução dos famosos cursos de linguística geral que circularão o mundo, marcando uma nova era para os linguistas e para a linguística.

Antes, porém, dos famosos cursos ministrados a partir de 1907, outras palestras acontecerão, a partir de 1891, em Genebra, um dos locais onde o poder acadêmico disciplinará a fala científica sobre a linguagem, extinguindo a filologia como uma das vozes a serem ouvidas cientificamente, e licenciando (disciplinando) a linguística como a voz científica em si e por si. Uma das primeiras coisas a serem notadas por Ferdinand de Saussure, em seu retorno à Suíça, é o nível dos alunos, muito abaixo do padrão parisiense:

As três palestras que abriram o curso não eram pensadas para um nível tão elevado como o seu ensino em Paris. Saussure sabia que, em Genebra, o conhecimento linguístico de seus alunos seria limitado ao latim e grego, gramática francesa, e talvez algum alemão ou outra língua europeia moderna. A fonologia teria de ser introduzida a partir do zero, e a comparação com outras línguas indo-europeias antigas seria limitada até que ele conseguisse obter que alguns estudantes interessados se iniciassem em sânscrito. O curso de sânscrito também consistiu apenas em Sechehayé e Tojetti, mais uma vez, provavelmente, com Bally participando não oficialmente do restante do semestre.⁶⁵

Menos de duas décadas depois dessa palestra inicial em Genebra, chegará o dia em que um conhecimento considerado essencial para se estudar as questões linguísticas de forma aprofundada, o sânscrito, será extinto na Universidade onde Saussure leciona e, progressivamente, em praticamente toda a Europa e Estados Unidos. Antes disso, contudo, uma série de conceitos sobre a língua serão formulados por Ferdinand de Saussure e ele chegará, inclusive, a ter uma lei linguística batizada com o seu próprio nome. Em uma das palestras que Saussure ministrará nessa última década do século XIX, ele enunciará que:

⁶⁵ The three lectures that opened the course were not pitched at so high a level as his Paris teaching. Saussure knew that in Geneva his students' linguistic knowledge would be limited to Latin and Greek, French grammar, and perhaps some German or another modern European language. Phonology would have to be introduced from the ground up, and comparison with other ancient Indo-European languages would be limited until he could get any interested students started on Sanskrit. The Sanskrit course too consisted on just Sechehayé and Tojetti, again probably with Bally attending unofficially from later in the semester. (JOSEPH, 2012, p. 376).

Quanto mais se estuda a linguagem [langue], mais se consolida o fato de que tudo na linguagem é história, isto é, um objeto de análise histórica, não abstrata, que é composta de fatos, e não de leis, e que tudo o que aparece orgânico na linguagem [langage] é, na realidade contingente e completamente acidental.⁶⁶

É nesse momento histórico que Saussure começará a desenhar a questão da sincronia e diacronia, com mais afinco. Assim como a clássica divisão entre langue e parole. Na verdade, boa parte das ideias que serão pronunciadas nos seus cursos sobre a linguística geral, já no século XX, serão formadas, paulatinamente, em suas palestras conferenciadas no final do século XIX, em uma universidade que, em tese, aparentava a mesma neutralidade Suíça. Neutralidade essa que foi a pedra angular para a formação do estado suíço e que, atraiu tantos intelectuais para seus cantões, onde a liberdade de cátedra já estava consolidada há um tempo considerável. Para Saussure, a filologia e a linguística se misturavam, assim como o filólogo e o linguista, por conta de um paradoxo que, afinal de contas, deveria ser resolvido:

Isto levanta um paradoxo. Se as línguas estão em fluxo sem fim, sem nunca ocupar um estado fixo, como podem constituir objeto de conhecimento, a ser explicado pelo conhecimento científico por si só? Os filólogos não enfrentam este problema, uma vez que eles não lidam com as línguas, mas os textos, que estão convenientemente paralisados no tempo. Os linguistas podem inferir a estrutura das línguas “mortas” a partir desses textos, apenas porque eles não estão mais em fluxo. Mas uma linguagem tão inferida não é realmente sânscrito ou latim ou gótico, apenas um simulacro delas projetada a partir de alguns restos embalsamados.⁶⁷

⁶⁶ the more one studies language [langue], the more one is struck by the fact that everything in language is history, that is, an object of historical, not abstract analysis, that it is made up of facts, and not of laws, and that everything that seems organic in language [langage] is in reality contingent and completely accidental. (JOSEPH, 2012, p. 378).

⁶⁷ This raises a paradox. If languages are in endless flux, without ever occupying a steady state, how can they constitute an object of knowledge, let alone scientific knowledge? Philologists do not face this problem, since they deal not with languages but texts, which stand conveniently still in time. Linguists can infer the structure of ‘dead’ languages from these texts, just because

É, sem dúvida, neste fim de século que Ferdinand de Saussure erguerá os seus principais conceitos (boa parte deles repetidos nos cursos, a partir de 1907) sobre os quais uma interpretação editada alavancará a linguística do século XX. Uma diferenciação fundamental para que isso acontecesse, antes mesmo de 1907, é a caracterização cada vez maior de uma linguística com um arcabouço científico, seguindo determinados parâmetros que se tornarão clássicos e reconhecidos internacionalmente como as ‘dicotomias saussureanas’. A escolha diacrônica será não apenas algo que possibilitará um estudo linguístico; mas, além disso, um estudo científico. É válido lembrar que, os filólogos, além de se dedicarem ao estudo de línguas antigas, o faziam a partir dos textos ‘paralisados no tempo’, com línguas cujos falantes não existiam mais. O foco no som e em línguas que possuem falantes no momento em que o linguista faz seus estudos, será uma variável importante – tratada mais adiante – para o reconhecimento da linguística como a ciência que estuda as línguas. Movimento contrário se dará com a filologia, que não receberá a autenticação de ‘saber científico’ em seus dizeres.

Será em 1892 que Saussure continuará uma das coisas que melhor fazia: ordenar o caos. Assim tinha sido feito com o *Mémoire*, e assim continuava a fazer com o status linguístico de sua época. Antes de formular com maior precisão as suas dicotomias, sobretudo a sincronia X diacronia, ele estabelecerá, em outra palestra para seus alunos, as quatro perspectivas pelas quais os linguistas estudavam as línguas:

Um momento particular: o estado da língua (*état de langue*) como um sistema de signos, em sua dupla essência, em um determinado ponto no tempo; ao longo do tempo: mudanças sonoras, como “identidades transversais” de ‘figuras vocais’ separados de sua função significante; a visão anacrônica: o ‘ponto de vista artificial e puramente didático projetando uma morfologia ou um estado anterior da língua em outra morfologia (ou a outro estado posterior da língua)’ ao qual acrescenta o retrospectivo ponto de vista anacrônico, também chamado de etimológico; a visão histórica: ‘estabelecer dois sucessivos *états de langue*, cada um inicialmente considerado em

they are no longer in flux. But a language so inferred is not really Sanskrit or Latin or Gothic, just a simulacrum of them projected from some embalmed remains. (JOSEPH, 2012, p. 379).

si mesmo e sem um nexo de subordinação com o outro, seguido de uma explicação'.⁶⁸

Esses serão os pontos que antecederão a visão Saussureana a ser articulada a partir de 1907. Ser um professor universitário na última década do século XIX, contudo, implicava em certas atitudes obrigatórias, como a de participar de congressos de área, em geral, com a apresentação de um paper. Fato este que Ferdinand de Saussure, até 1894, jamais havia feito. O mundo mudava rapidamente, não apenas por conta da eletricidade; nas universidades, os professores deveriam, obrigatoriamente, realizar algumas tarefas: palestras, número determinado de aulas por semana, publicação de papers, participação em congressos. Isso modificaria radicalmente a relação das universidades para com as sociedades especializadas. O jogo de poder para com a publicação de artigos e livros passaria a ser, prioritariamente, dos professores universitários, que seriam, em sua imensa maioria, assalariados. A aristocracia estava sendo sepultada. No novo século, sócios de sociedades especializadas com capital suficiente para financiar as próprias publicações e viajar (às suas próprias expensas) por diversos países angariando livros e debatendo os mais variados assuntos não mais existiriam. A universidade seria eminentemente burguesa em uma sociedade com interesses prioritariamente capitais. A tecnicização tomaria conta do ambiente universitário e esquadriharia todos os seus pontos de articulação: as sociedades especializadas perderiam o poder de indicar os palestrantes e professores catedráticos para as suas respectivas áreas; as áreas de saber cobertas pela universidade seriam as que fossem prioritariamente úteis para a sociedade, que por ela seriam financiadas. A pesquisa acadêmica passa a interessar à nova sociedade que aí se consolida, não apenas por conta da riqueza do seu saber, mas igualmente pela sua utilidade aplicada. No tocante à linguagem, as primeiras cátedras vítimas desse novo alvorecer serão as de sânscrito, tão caras aos filólogos e aos linguistas (que, para muitos, só poderiam ser linguistas, se antes, fossem filólogos).

⁶⁸ A particular moment: the state of the language (*état de langue*) as a system of signs, in its dual essence, at a given point in time; across time: sound changes, as 'transversal identities' of 'vocal figures' detached from their signifying function; the anachronic view: the 'artificial and purely didactic point of view projecting one morphology or one former language state onto another morphology (or onto another later state of the language)'; to which he adds the retrospective anachronic point of view, also called the etymological; the historical view: 'establishing two successive *états de langue*, each initially considered in its own right and without one being subordinated to the other, followed by an explanation'. (JOSEPH, 2012, p. 382-383).

É provável que o Congresso de Orientalistas ocorrido em Genebra, em 1894, tenha demonstrado para Ferdinand de Saussure, com extrema precisão, o novo delineamento do estudo profissional sobre as línguas. Não apenas por conta das questões relativas às cátedras, financiamento, formação de novos professores e coisas similares, mas sobretudo por conta da homenagem a Whitney, que começa a ser lembrado (uma das formas mais argutas de disciplinarização) de uma maneira a qual Saussure discorda. Será, da mesma forma, nesse congresso de orientalistas que Ferdinand de Saussure anunciará o que ficará conhecido como a lei de Saussure, terminologia a qual, paradoxalmente, ele já havia pronunciado não acreditar, não quando era equacionada a questões de linguagem. Paradoxo que se explica por todas as situações (até essa data) com que Saussure se defrontou com o que podemos denominar de ‘poder acadêmico’: se não obedecia de forma veemente, por conta de seus escrúpulos, não resistia de forma a enfrentar de maneira contundente o poder com o qual se defrontava. Ferdinand de Saussure, mesmo como linguista, agia como um aristocrata:

Finalmente, ele tinha uma lei linguística para lhe conferir crédito. Os livros didáticos sobre o indo-europeu ainda incluem a Lei de Saussure, como formulado em seu currículo. Conforme as carreiras de linguistas do século XIX prosseguiram, isso é o que fez dele um sucesso – o insight duradouro, independentemente verificável pelo exame da gramática do Lituano, e criar um pouco mais de ordem onde antes havia pouco, exatamente da maneira como uma lei devia agir. O *Mémoire* havia criado uma ordem ainda maior de um caos ainda mais amplo, mas o sistema proposto não era empiricamente verificável. Muito teve que ser auferido pela fé, e não apenas os coeficientes sonantes hipotéticos, mas a crença de que todos os fatos sem solução terminariam por serem resolvidos. Tal fé não foi generalizada. Apesar de relatos da vida de Saussure apresentarem o *Mémoire* como um grande e duradouro sucesso, o fato é que se passaram décadas desde que o consenso dos indo-europeístas aceitou suas propostas básicas. A lei

de Saussure, por outro lado, permanece nos livros, e provavelmente sempre permanecerá.⁶⁹

O resumo do seu paper, registrado no Congresso de Orientalistas a respeito da tonicidade do lituano, conferiu a ele mais que o acréscimo de uma nova honraria. A seis anos para a mudança de século, Saussure era, definitivamente, um dos linguistas mais famosos do século XIX. Assim como havia sido Whitney, falecido nesse mesmo ano, e que começaria a receber homenagens por toda a Europa e Estados Unidos. Da tríade que havia estudado quando ingressou na universidade – Humboldt, Muller e Whitney – apenas Muller ainda estava vivo (morreria em 1900). Intelectualmente, contudo, Max Muller havia facilitado, em muito, o trabalho daqueles que constroem a memória dos que não mais estão aqui: tendo perdido a indicação para a cadeira de sânscrito (assim como aconteceu com Ferdinand de Saussure), se concentrou em palestras sobre questões religiosas na universidade de Glasgow. Um exílio adequado para quem perdera a cátedra de Oxford. É válido lembrar que Muller, assim como Saussure, foi, durante certo tempo de sua vida, um desencantado com os estudos linguísticos, e ambos chegaram a cogitar abandonar tudo pelos estudos do Nibelungenlied em solo alemão.

As ideias da juventude, contudo, ficaram para trás. Era necessário prosseguir com os estudos e com a carreira. Caberia a Ferdinand de Saussure, um dos maiores nomes da linguística, em 1894, escrever um paper em homenagem a William Dwight Whitney:

[...] Saussure recebeu uma carta de Herbert Weir Smith do Bryn Mawr College, secretário da Associação Americana de Filologia, convidando-o a contribuir com um paper para o Encontro em Memória a Whitney, previsto para 28 de

⁶⁹ At long last, he had a linguistic Law to his credit. The textbooks of Indo-European still include Saussure's Law, as formulated in that résumé. As the careers of nineteenth-century linguists went, this is what made him a success – the one enduring insight, independently verifiable by examining the grammar of Lithuanian, and creating a bit more order where before there had been less, in just the way a law was meant to do. The *Mémoire* had created far greater order out of far greater chaos, but the system proposed there was not empirically verifiable. Much had to be taken on faith, not just the hypothetical sonant coefficients but the belief that all the facts left unresolved would eventually be resolved. Such faith was not widespread. Although accounts of Saussure's life present the *Mémoire* as a great and enduring achievement, the fact is that it has been decades since the consensus of Indo-Europeanists has accepted its basic proposals. Saussure's Law, on the other hand, remains on the books, and probably always will. (JOSEPH, 2012, p. 408-409).

dezembro, na Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia. Seria uma reunião conjunta dos orientalistas e filólogos, juntamente com a Associação de Línguas Modernas e outras quatro organizações relacionadas. Whitney havia sido o primeiro presidente da Associação Americana Filológica quando esta se separou da Sociedade Oriental Americana em 1869, três anos após a Société de Linguistique de Paris ter empreendido uma divisão semelhante da Société Asiatique.⁷⁰

Na verdade, o convite veio por conta dos elogios feitos de Saussure a Whitney, durante o congresso de Orientalistas em Genebra. O organizador do evento em memória de Whitney era a mesma pessoa que aceitava ou não os papers a serem apresentados, Charles Rockwell Langman, discípulo fiel de Whitney, e defensor de determinado tipo de interpretação sobre seus escritos, categorizava a maneira como a qual Whitney seria lembrado: a mesma forma como ele próprio se apresentava – um filólogo comparativo. Classificação com a qual Ferdinand de Saussure discordava. Seu paper seria, então, uma discussão crítica sobre as posições de Whitney, um dos poucos grandes nomes do século XIX que, além de possuir uma cátedra de sânscrito, também ensinava línguas modernas e se declarava filólogo. Saussure, no entanto, pontuaria que o trabalho de Whitney havia sido fundamental para os linguistas:

Para Saussure, Whitney foi o principal linguista de seu tempo por compreender que a linguagem é uma instituição humana, cujo objetivo é colimar a dualidade essencial entre a diferença no som e a conceitual. Isso não institui um determinado conjunto de sons ou um determinado conjunto de conceitos, o foco nestes engana os linguistas a supor que tudo o que pode ser ‘natural’ sobre a linguagem é essencial para a mesma, ao invés de

⁷⁰ [...] Saussure received a letter from Herbert Weir Smith of Bryn Mawr College, the secretary of the American Philological Association, inviting him to contribute a paper for the Whitney Memorial Meeting scheduled for 28 December at the University of Pennsylvania in Philadelphia. It would be a joint meeting of Orientalists and philologists, together with the Modern Language Association and four other related organizations. Whitney had been the first president of the American Philological Association when it split off from the American Oriental Society in 1869, three years after the Société de Linguistique de Paris had undertaken a comparable split from the Société Asiatique. (JOSEPH, 2012, p. 410).

acidental. A instituição da linguagem existe para alinhar quaisquer conjuntos de sons e conceitos que possam existir em determinado momento. Saussure escreveu 'certos visionários disseram: 'A língua é algo inteiramente extra-humano e auto-organizado, como uma vegetação parasitária propagada por toda a superfície da nossa espécie'. Outros: 'A língua é algo humano, mas como uma função natural'. Whitney disse: 'a linguagem é uma instituição humana'. Isso mudou o eixo da linguística.⁷¹

Os 'visionários' citados por Saussure são os naturalistas, como Schleicher e Muller. Estudiosos que, ao dizerem que a língua é 'auto-organizada' pontuam o fato dela ser organizada pelo seu passado. Saussure pontua sua concordância com Muller ao dizer que os significados das palavras são trazidos à existência quando a palavra é criada e não antes; ao mesmo tempo, concordava com Whitney, e não com Muller, ao pontuar que a criação de uma palavra é nada mais que o estabelecimento de uma ligação institucional arbitrária entre um som padrão e um significado. A questão, então, seria a natureza dessa 'ligação institucional'. Questão essa que, para Ferdinand de Saussure, estaria em discussão, conforme ele mesmo pontua em seu artigo em tela:

A lei suprema da linguagem é, termos a ousadia de dizer que, nada pode dito como se existisse em um único termo (desde símbolos simplesmente linguísticos que não têm nenhuma ligação com aquilo que eles são feitos para se referir), *a* não pode se referir à coisa alguma sem a ajuda de *b*, e o mesmo vale para este termo sem a ajuda de *a*; ou ambos são validados por sua diferença recíproca, ou nenhum dos dois é válido [...] fora desse complexo de diferenças eternamente

⁷¹ For Saussure, Whitney was the one linguist of his time to see that a language is a human institution, the purpose of which is to bridge the essential duality between difference in sound and conceptual difference. It does not institute a particular set of sounds or a particular set of concepts; the focus on those misleads linguists into supposing that whatever may be 'natural' about language is essential to it, rather than accidental. The institution of language exists to align whatever sets of sounds and concepts happen to exist at a given point in time. Saussure wrote 'certain visionaries said 'Language is something entirely extra-human and self-organized, like a parasitic vegetation spread across the surface of our species'. Others: 'Language is something human, but like a natural function'. Whitney said: 'Language is a human institution'. This shifted the axis of linguistics. (JOSEPH, 2012, p. 411).

negativas. Surpreendente. Mas como, de fato, poderia ser diferente? [...] Embora não seja imediatamente óbvio, torna-se muito claro na reflexão de que os termos *A* e *B*, por si só, são fundamentalmente incapazes de alcançar os domínios da consciência, pois a consciência sempre perceberá apenas a diferença *a/b* [...].⁷²

A questão do jogo das diferenças entre os elementos do próprio sistema, na opinião de Saussure, encontrava amparo nos textos de Whitney, embora o linguista/filólogo norte-americano não seguisse o mesmo caminho de sistematicidade que o linguista genebrino começava a trilhar. Contudo, independente da falta de uma maior sistematicidade por parte do raciocínio de Whitney, na visão do mestre genebrino, o pensamento desenvolvido em terras norte-americanas faria toda a diferença para os próximos passos que a linguística deveria dar. Diferentemente de Whitney, Saussure não se identificava como filólogo em suas apresentações. Professor de sânscrito, embora nunca tenha sido apontado, até o presente momento, para uma cátedra como tal, não tinha dúvidas sobre os benefícios que a filologia trazia para a formação do linguista. Era sabido o fato dos falantes do século XIX olharem com admiração as descobertas de Champollion (que se identificava como filólogo apenas). Essa mesma admiração por parte dos ‘falantes comuns’ já não era extensiva às descobertas linguísticas, mesmo quando estas versavam sobre línguas faladas em uma época atual. O paper que Saussure escreve sobre Whitney, por exemplo, não será lido pelos seus alunos em Genebra, que terão dificuldade de entender a língua hermética, embora dotada de um raciocínio elegante. É justamente a dificuldade de comunicação e de entendimento por parte dos seus alunos em Genebra (nível menor que os seus alunos em Paris), que motivará enormemente seus cursos de linguística geral, a partir de 1907. Será já em 1908 que, relendo Whitney, ele enunciará ao seu seletor público: “o Whitney americano que eu reverencio nunca disse uma única palavra

⁷² The ultimate Law of language is, we make so bold as to say, that nothing can ever be said to exist in one term (since quite simply linguistic symbols have no link with what they are meant to refer to), a cannot refer to anything without the help of b, and the same goes for this term without the help of a; either both are validated by their reciprocal difference, or neither is valid [...] outside this complex of eternally negative differences. Surprising. But how in fact could it be any different? [...] While not immediately obvious, it becomes very clear on reflection that the terms a and b per se are fundamentally incapable of reaching the realms of consciousness, since consciousness will always perceive the difference *a/b* only [...]. (JOSEPH, 2012, p. 412-413).

sobre esses assuntos; isso não foi o certo, mas, como todos os outros, ele nunca imaginou que a língua exige sistematicidade”.⁷³

O Whitney americano será lembrado durante os cursos de linguística como um grande linguista, provavelmente o maior do século XIX. Isso não quer dizer que não fosse outra coisa, como um filólogo, mas de forma similar a Champollion, que há décadas já era chamado de egiptólogo, e não de filólogo, justamente por conta de suas descobertas, Ferdinand de Saussure também pensava que os conceitos de Whitney eram fundamentais para a linguística e, possivelmente, para uma nova linguística:

[...] Mesmo quando ele repreendeu Whitney por fracassar em seguir seu insight até uma conclusão lógica, no entanto, Saussure reconheceu que foi o viés norte-americano sobre a questão que conseguiu obter o maior progresso possível. Em Whitney, Saussure encontrou o único linguista que compartilhou sua visão fundamental do sistema linguístico como uma instituição social composta por signos arbitrários, pertencente mais à comunidade que ao indivíduo, que só participa dela.⁷⁴

É ainda no final do século XIX que Saussure, sempre atento às questões científicas emanadas de seu pai, Henri de Saussure, demonstra mais uma vez em sua vida pessoal um espírito que, segundo alguns de seus biógrafos, era uma constante também em sua vida profissional: não enfrentar problemas face a face. Ele passará vários meses de 1895 escrevendo sobre questões pessoais, em Leipzig, em um dos chalés da família, por conta de tais problemas. Será um dos raros momentos em que não escreverá sobre questões de linguagem. Não obstante o fato das doenças mentais de sua mãe e do envolvimento de seu pai com o caso Alfred Dreyfus, ele ainda teria que enfrentar certo descontentamento da universidade com os seus meses de licença. Os jornais de Genebra

⁷³ the American Whitney whom I revere never said a single Word on these subjects; that was not right but, like all the others, he never imagines that a language demands systematicity. (JOSEPH, 2012, p. 413).

⁷⁴ [...] Even when he rebuked Whitney for failing to follow his insight through to its logical conclusion, however, Saussure acknowledged that it was the American’s framing of the issue that made further progress possible. In Whitney, he found the one linguist who shared his fundamental vision of the language system as a social institution made up of arbitrary signs, belonging to the community rather than to the individual, who only partakes of it. (JOSEPH, 2012, p. 413).

seguem determinados jornais franceses que ligam os protestantes, no caso suíço, os calvinistas, a uma conspiração com os judeus para desestabilizar os países cristão-católicos. Há de se notar que, mesmo com a forte tendência anticlerical, sobretudo em Paris, desde a Revolução, os judeus eram acusados como ‘estrangeiros’ procurando um país para si. O escândalo Dreyfus ecoa em Genebra. Henri de Saussure sai em defesa não apenas dos calvinistas, mas do próprio Calvino, que fundou o Colégio, onde católicos também estudavam. A saída táctica para os calvinistas suíços era claramente mostrar sua tolerância para com o catolicismo, embora não professassem o mesmo credo, se respeitavam. A Suíça (e sua neutralidade) passaram pela prova de fogo das tensões religiosas entre Roma e o protestantismo. Tal neutralidade, contudo, não incluía os judeus. Um povo sem pátria sempre era olhado com desconfiança, sobretudo em um país que se fez como um enclave. Perceber que os judeus não eram culpados de nenhuma conspiração, assim como perceber que o fato de Dreyfus ser judeu não isentava os tribunais de seus erros judiciais, era perfeitamente possível para os De Saussure, aristocratas altamente intelectualizados há séculos. Expressar esse raciocínio em uma sociedade com dificuldade para raciocinar com clareza, deixando os preconceitos religiosos de lado, era algo bem mais difícil. A combinação do envolvimento de Henri de Saussure na defesa do pensamento calvinista e do respeito a outro tipo de fé terá dois resultados práticos na família: Léopold de Saussure – o irmão mais novo de Ferdinand – que havia renunciado a cidadania suíça pela francesa e que era, assim como o irmão e o pai, Cavaleiro da Legião de Honra Francesa, educado e convicto na fé calvinista, renuncia oficialmente o protestantismo e se converte ao catolicismo. O caso Dreyfus ensinava que, na França do ainda século XIX, era melhor ser católico.

O outro efeito prático na família será a excelente análise que Ferdinand de Saussure deixa em seu caderno sobre os tratamentos médicos para os doentes mentais da época, assim como a questão do caso Dreyfus. Consciente de que a psiquiatria ao internar seus pacientes, exerce muito mais o seu poder psiquiátrico que um saber de cura, advogará junto aos outros familiares a ideia de isolar, mas não internar em um hospital, sua mãe, Louise de Pourtalès. Assim será feito. Quanto ao racismo declarado de seu irmão Léopold e de seu pai, Henry, Ferdinand de Saussure não os acompanhará nesse ponto, porém não discordará explicitamente. Várias páginas serão registradas em seus cadernos, demonstrando como o antissemitismo não fazia sentido, mas não haverá nenhum registro de que qualquer palavra em desacordo com

a ideia antisemita será pronunciada. Saussure se calará, embora se posicione de maneira escrita. Esses posicionamentos o angustiarão muito, deixando-o sem condições de trabalhar. Ao retornar ao seu cotidiano acadêmico, decidirá não publicar o seu paper sobre Whitney, embora o tenha guardado, com o mesmo cuidado e primor que fazia com seus cadernos. Voltará a utilizá-lo apenas na preparação para os seus cursos de linguística geral, já no século XX.

Quando volta para a Universidade de Genebra, recebe uma incumbência que estava entre as quais lhes dava mais prazer e segurança: lecionar sânscrito. Ele novamente se afasta do jogo de poder dos congressos e papers sob encomenda, para se dedicar ao ensino do sânscrito e, sobretudo, uma habilidade que se tornará cada vez mais difícil de ser executada: formar novos especialistas em sânscrito. A maior parte dessas aulas raramente ultrapassava quatro alunos e era, conforme retrata o seguinte relato, cada vez mais aristocrática, em um mundo cada vez mais burguês:

Em um de seus cursos em sânscrito, eu era o único aluno, mas isso não o desanimou. Giz na mão desde sua chegada, sempre de pé, nunca apoiado em notas, ele cobria os grandes quadros negros com todos os tipos de vocábulos, com explicações surpreendentes e, sem parar, sem se virar, seu olhar às vezes se perdia no céu através da janela alta, dava suas explicações em uma voz suave e monocórdia. Segui-lo, nem sempre foi fácil. Com uma erudição vertiginosa – ele tinha a reputação de ter profundo conhecimento de mais de vinte línguas – ele demonstrou, sem a menor dificuldade aparente as inúmeras influências da língua sagrada dos brâmanes nos meios de expressão do Indo-Europeu, passeando pelos mais diversos idiomas como se estivesse em um jardim sem limites, onde com prazer ele arrancava flores e frutos em abundância. Ele advertia seus alunos que, para economizar tempo, ele presumia que eles já sabiam grego, latim, francês, alemão, inglês e Italiano – (Nunca, na verdade, a minha

licenciatura em letras, recentemente adquirida, pareceu-me tão modesta).⁷⁵

De fato, Saussure estava plenamente consciente que os seus alunos não tinham conhecimento dessas línguas que, em tese, funcionariam como pré-requisito e, cada vez menos alunos se mostrariam interessados em aprender sânscrito. O motivo é simples: em um mundo onde, para ser professor nos níveis mais básicos, era necessário obter uma licença universitária, o raciocínio de que o que se aprendia entre os muros das universidades deveria servir de forma mais prática para os graduados, era cada vez mais forte. O sânscrito tinha cada vez menos lugar nessa nova universidade burguesa que se firmava na alvorada do século XX.

O ano de 1896 marcava a data da sua experiência professoral. Era necessário ser indicado como professor catedrático ou continuar, sempre, de forma adjunta. Um ponto essencial para que isso acontecesse eram as publicações. Nesse quesito, a vida de Ferdinand de Saussure era dotada de um currículo humilhante para os padrões universitários. O último paper escrito não havia sido publicado, ou sequer enviado para alguma revista especializada. Sabedor do significado da publicação, ele enviou dois artigos para a *Indogermanische Forschungen*, uma revista alemã e sob o controle dos neogramáticos. Os dois artigos eram sobre questões do lituano (revisão do artigo apresentado no congresso dos orientistas, em Genebra). Apesar do relacionamento entre Ferdinand de Saussure e os neogramáticos não ser tão boa, ele faz o jogo acadêmico, acrescentando algumas notas sugeridas pelo comitê editorial da revista, e consegue a publicação. Em 23 de outubro de 1896, Saussure atinge o seu novo sucesso acadêmico: ele é indicado como professor catedrático de sânscrito e línguas indo-europeias na universidade de Genebra.

⁷⁵ In one of his Sanskrit courses, I was the only student, but that did not discourage him. Chalk in hand from his arrival, always standing, never relying on notes, he covered large blackboards with all sorts of vocables, with astonishing scholia and, without stopping, without turning around, his gaze sometimes lost in the sky through the high window, gave his explications in a soft and monochord voice. Following him was not always easy. With a dizzying erudition – he was reputed to have a deep knowledge of more than twenty languages – he demonstrated without the slightest apparent difficulty the innumerable influences of the sacred language of the Brahmins on the means of expression of the Indo-European, strolling through the most diverse idioms as if in a boundless garden where with delight he plucked flowers and fruits galore. He warned his students that, to save time, he assumed that they already knew Greek, Latin, French, German, English and Italian – (Never, in fact my licence ès lettres, recently acquired, seem to me so modest). (JOSEPH, 2012, p. 419-420).

O espírito do fin de siècle aumentava a sua influência sobre as mentes e percepções de todas as classes no mundo, sobretudo as de Paris. O número de médiuns aumentava vertiginosamente na cidade luz, mas foi apenas em 1897, que intelectuais da Société de linguistique de Paris, começaram a analisar as línguas estranhas emanadas destas fontes.

Há séculos, o deciframento de línguas granjeava fama aos especialistas que sucediam nessa empreitada. Após muitos comentários sobre o fato, Léopold, o irmão mais novo de Saussure se envolve com a transmissão de uma mensagem em língua, supostamente, marciana: “Gâya gaya naïa ia miya gayâ briti... gaya vayayâni pritiya kriya gayâni i gâya mamata gaya mama Nara mama patii si gaya dandaryô gâya ityâmi vasanta”⁷⁶. A história fica ainda mais complexa quando Léopold de Saussure pontua que o restante da mensagem fora transmitido em francês indicando seus autores, e que um deles era outra encarnação de Ferdinand de Saussure, ocorrida no século XV. O trecho enviado, em suposta língua marciana, seria a pedra de roseta de Marte; e Saussure seria o novo Champollion, caso a decifrasse. Esse episódio ajuda a aumentar ainda mais o prestígio intelectual do professor catedrático de sânscrito. Não porque ele desenvolva a decifração do trecho acima, ao contrário, porque ele demonstrará que, cientificamente, pode se afirmar que essa suposta língua marciana não é uma língua, é sim uma fraude. A teorização que sustenta a análise dessa língua fraudulenta vai além do profundo conhecimento de sânscrito, mas ajuda a movimentar os conceitos saussureanos que vinham sendo formulados há mais de uma década e, andavam adormecidos, desde o artigo sobre Whitney:

Quanto à questão de verificar se isso tudo realmente representa o sânscrito, é evidentemente necessário responder, Não. Só se pode dizer: Primeiro – que é uma miscelânea de sílabas, no meio dos quais há, incontestavelmente, uma série de oito a dez sílabas, constituindo um fragmento de uma sentença que tem um significado (especialmente frases exclamativas – por exemplo, **mama priya** minha bem amada; **mama soukha**, minha delícia. Em segundo lugar – que as outras sílabas, de aspecto ininteligível, de fato, não tem uma característica antissânscrito – ou seja, não apresentam grupos materialmente

⁷⁶ Ibid, JOSEPH, 2012, p. 432.

contrários ou em oposição à figura geral das palavras em sânscrito. Em terceiro lugar, e finalmente – que o valor desta última observação é, por outro lado, consideravelmente menor pelo fato de que a Srta. Smith raramente lança-se em formas complicadas de sílabas, e muito afeta a vogal *a*; mas o sânscrito é uma língua em que a proporção de *a*'s para as outras vogais é de quase quatro para um, de forma que ao proferir três ou quatro sílabas em *a*, dificilmente se poderia evitar o encontro de uma palavra em sânscrito. [...] Isto é consistente com o que ele sempre proferiu sobre o fato de uma língua ser um sistema completo. Palavras individuais não geradas por um tal sistema não podem ser consideradas parte da linguagem.⁷⁷

Talvez não por acaso, em 1897, depois da questão marciana, Saussure retorna ao ciclo de palestras falando sobre a mãe da suposta língua marciana: as sílabas de línguas terrestres. Dessa vez, contudo, a língua cujas sílabas serão analisadas será o francês, sua língua materna que, até então, nunca havia sido objeto de sua análise.

Ferdinand de Saussure havia herdado de seu pai o hábito de acompanhar os novos relatos das mais variadas ciências. O mundo se impressionaria cada vez mais com os casos relatados por Freud e Breuer, o famoso caso de Anna O, e sobre a questão do uso de outras línguas. Acompanhador atento dos escritos de Darwin e Freud, o mestre genebrino – ao contrário de outros colegas parisienses – não cairia em tentações “similares” como a da ‘pedra de roseta de Marte’.

⁷⁷ As to the question of ascertaining whether all this really represents Sanskrit, it is evidently necessary to answer, No. One can only say: First – that it is a medley of syllables, in the midst of which there are, incontestably, some series of eight to ten syllables, constituting a fragment of a sentence which has a meaning (especially exclamatory phrases-e.g., **mama priya**, mom bien-aimé ('my well beloved'); **mama soukha**, més délices ('my delight'). Secondly – that the other syllables, of unintelligible aspect, never have an anti-Sanskrit character – i.e., do not present groups materially contrary or in opposition to the general figure of the Sanskrit words. Thirdly and finally – that the value of this latter observation is, on the other hand, quite considerably diminished by the fact that Mlle. Smith seldom launches out into complicated forms of syllables, and greatly affects the vowel *a*; but Sanskrit is a language in which the proportion of the *a*'s to the other vowels is almost four to one, so that in uttering three or four syllables in *a*, one could hardly avoid vaguely encountering a Sanskrit word.

[...] This is consistent with what he had always maintained about a language being a complete system. Individual words not generated by such a system could not be considered part of the language. (JOSEPH, 2012, p. 433).

As palestras de Saussure, por sua vez, pareceriam cada vez mais com uma língua marciana – para a maioria dos estudantes da universidade de Genebra. A média de vinte ouvintes diminuiria, paulatinamente, para três. Embora houvesse chegado ao topo da carreira acadêmica: ser um professor catedrático, além de ser um dos nomes mais famosos e prestigiados do século XIX, tinha cada vez menos alunos para suas aulas e ouvintes para suas palestras. É válido salientar que, por fim, o século XIX estava terminando. O século onde, a revolução francesa e industrial, criaram raízes. A universidade do novo século sofreria transformações radicais. Em 1900, Ferdinand de Saussure poderia ser considerado um homem do passado, brilhante e prestigiado, mas já não atendendo aos decursos que se exigiam de um professor universitário: com uma publicação mais que pífia, quantitativamente falando, e cada vez mais distante no passado, o *Mémoire* – por exemplo – era muito mais um marco a ser lembrado que tiraria o sono, no bom sentido, dos estudantes de letras da universidade de Genebra. No início do século XX, não só o número de alunos aumentava vertiginosamente nas universidades, assim como a necessidade de financiamento só subia, mas novas letras da Ciência se faziam sentir: as novidades trazidas por Darwin – no século XIX – ainda eram deglutidas em 1900. Enquanto as novas ideias eram deglutidas e debatidas, a discussão sobre a classificação das ciências, ou uma nova classificação, era algo que se mostrava premente. É nesse momento, em 1901, que o nome de Saussure começa a figurar em um novo contexto, o contexto do século XX:

Enquanto isso, o que provaria ser, em retrospectiva, um dos mais importantes legados de Saussure para o pensamento do século XX fez sua primeira aparição na mídia impressa, não em um trabalho publicado por ele, mas com seu nome ligado à ideia. Em 1901, seu colega Adrien Naville, enquanto atuava como diretor da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, publicou uma segunda edição de sua ‘classificação das ciências’, incluindo esta passagem que não havia aparecido na primeira edição de 1888: O Sr. Ferdinand de Saussure insiste na importância de uma ciência muito geral que ele chama de semiologia, cujo objeto seria as leis da criação e transformação dos signos e seus significados. A semiologia é uma parte essencial da sociologia,

pois o mais importante dos sistemas de signos é a linguagem convencional dos seres humanos, a mais avançada ciência semiológica é a linguística, a ciência das leis da vida da linguagem. A fonologia e a morfologia lidam, acima de tudo, com as palavras, a semântica com os significados das palavras. Mas há, certamente, uma ação recíproca das palavras sobre os seus significados e do significado sobre as palavras; desejar separar esses estudos um do outro seria interpretar mal os seus objetos. Os linguistas atuais renunciaram explicações puramente biológicas (fisiológicas) na fonologia, e certamente consideram o todo da linguística como uma ciência psicológica.⁷⁸

As mudanças vinham acontecendo não apenas nas ciências, mas nas próprias universidades. A universidade de Genebra, por exemplo, começa a se dividir em unidades que procuravam aglutinar ramos das ciências afins. Letras, por exemplo, estava agrupada em conjunto com as ciências sociais. As faculdades de Direito, contudo, não apenas em Genebra, mas na imensa maioria das universidades, continuará isolada das outras ciências. É nesse contexto que a fala de Saussure começa a emergir como uma ideia que vale a pena ser ouvida. Ferdinand de Saussure vai além da simples classificação e reclassificação de ciências, ele propõe um rearranjo na sua ordenação. A linguística, por exemplo, não na estrutura universitária, mas na estrutura científica, faria parte – sendo a sua peça mais importante – de uma disciplina científica intitulada semiologia que, por sua vez, seria essencial para as ciências sociais. Nessa ordenação Saussureana, é importante ressaltar, que a

⁷⁸ Meanwhile, what could prove in hindsight to be one of Saussure's most important legacies to twentieth-century thought made its first appearance in print, not in a work published by him but with his name attached to the idea. In 1901 his colleague Adrien Naville, while serving as Dean of the Faculty of Letters and Social Sciences, published a second edition of his *Classification des sciences*, including this passage which had not appeared in the first edition of 1888: Mr. Ferdinand de Saussure insists on the importance of a very general science which he calls semiology, the object of which would be the laws of the creation and transformation of signs and their meaning. Semiology is an essential part of sociology. Since the most important of sign systems is the conventional language of human beings, the most advanced semiological science is linguistics, the science of the laws of the life of language, advanced semiological science is linguistics, the science of the laws of the life of language. Phonology and morphology deal above all with words, semantics with the meanings of words. But there is certainly a reciprocal action of words upon their meaning and of meaning upon words; wishing to separate these studies from one another would be to misunderstand their objects. Present-day linguists have renounced purely biological (physiological) explanations in phonology, and rightly consider the whole of linguistics as a psychological science. (JOSEPH, 2012, p. 460).

filologia não encontra lugar neste novo ordenamento científico. Na verdade, em tese, o estudo do sânscrito estaria, sem maiores problemas, incluído como um objeto de estudo dentro desse novo ordenamento científico. É provável que a mudança de rota feita por Saussure, a partir de 1901, nos cursos oferecidos por ele, tivessem uma ligação intrínseca com essas novas ideias de uma nova ciência, de uma nova linguística. A partir de 1901, ele não mais oferecerá os cursos centrados na linguística germânica, passaria a ofertar cursos na, assim chamada, geografia linguística da Europa. A única disciplina referente aos ‘estudos clássicos’ que será ofertada nesse período, será dialetologia Grega; além, é claro do sânscrito, que dava nome à cátedra a qual estava vinculado. Entre 1902 e 1903, ele passará a oferecer os famosos cursos sobre versificação francesa. Apesar da mudança de séculos, Saussure ainda era um homem do século XIX, o seu estudo e seu ensino eram apoiados em múltiplos e amplos interesses intelectuais. A primeira ação do novo século era fazer com que os efeitos do tempo fossem sentidos pelos grandes estudiosos da linguagem. Grande parte dos colegas de Saussure, em Paris, estavam morrendo ou se aposentando; com isso, surgiam os substitutos e, muitas vezes, mudanças eram propostas no ordenamento das cátedras de ensino universitárias. Enquanto os últimos aristocratas se aposentavam sem muitos problemas, a classe burguesa lutava por um emprego que lhe garantisse rendimentos adequados para uma vida intelectual minimamente confortável. Uma parte dos alunos dos cursos de letras de então, não desejava seguir carreira nas escolas de nível básico – que possuíam rendimentos ínfimos. A melhor posição de poder para um professor ainda era a universidade. A briga de poder pela manutenção e ocupação das cátedras universitárias daria a Ferdinand de Saussure, uma excelente oportunidade, para exercer o que lhe motivou a retornar à Genebra: a liberdade. Um momento adequado para falar com liberdade e coragem, para exercer a parresía. Essa dança de cátedras influenciará muito das suas críticas feitas à linguística – ou possivelmente, muito mais, aos linguistas – durante os seus cursos de linguística geral. O primeiro evento dessa série de acontecimentos inicia-se com Charles Bally:

[...] o mesmo não se aplicava a Charles Bally, que estava cada vez mais desesperado para sair da faculdade e progredir para o ensino universitário em tempo integral. Ele se deixou passar o primeiro semestre de 1903-4 em Paris, e julgando tal experiência extremamente produtiva,

conseguiu estendê-la por quase todo o ano. Saussure escreveu para expressar sua alegria, tanto para Bally pessoalmente e 'para o futuro dos estudos linguísticos em Genebra'. Ainda em 1904, Bernard Bouvier foi nomeado vice-reitor da Universidade, assegurando a Saussure a posição de um aliado, altamente bem colocado, para os próximos quatro anos. Com o apoio de Bouvier, o ensino da gramática comparativa das línguas clássicas foi transferido de Saussure para Bally após seu retorno de Paris. [...] O laboratório experimental de fonética estabelecido por Abbé Rousselot tinha sido tão bem sucedido que havia um movimento para 'atualizar' a cátedra de Bréal de gramática comparativa para uma disciplina mais moderna. Quando Meillet assegurou-lhe que não havia motivo para uma preocupação séria, Saussure respondeu: 'que ideia risível, se eles quiserem estabelecer uma cadeira de fonética experimental, querer instalá-la no túmulo da gramática comparativa!'⁷⁹

Na verdade, o túmulo não seria destinado apenas a gramática comparativa. De forma paradoxal e irônica, as palavras editadas de Saussure, circulariam o mundo e ajudariam a jogar uma pá de cal não apenas na gramática comparativa, mas em toda uma tradição secular que ainda respirava através de determinadas cátedras universitárias. Se o túmulo começaria a servir para a gramática comparativa, o mausoléu abrigaria o filólogo.

É sobretudo nesse período que antecede o primeiro curso de linguística geral que Ferdinand de Saussure se aprofunda mais e mais, produzindo mais de uma dezena de cadernos, nos estudos que ficaram

⁷⁹ [...] the same was not true of Charles Bally, Who was increasingly desperate to leave the Collège and move into full-time university teaching. He got leave to spend the first semester of 1903-4 in Paris, and finding it extremely fruitful, managed to have it extended over nearly the whole year. Saussure wrote to express his joy, both for Bally personally and 'for the future of linguistic studies in Geneva'. Also in 1904 Bernard Bouvier was appointed vice-rector of the Université, assuring Saussure of a highly placed ally for the next four years. With Bouvier's support, the teaching of the comparative grammar of the classical languages was transferred from Saussure to Bally after his return from Paris. [...] The experimental phonetics laboratory established by the Abbé Rousselot had been so successful that there was a move to 'update' Bréal's chair in comparative grammar to one in the more modern subject. When Meillet reassured him that there was no serious cause for worry, Saussure replied, 'what a funny idea-if they want to establish a chair of experimental phonetics, to want to install it on the tomb of comparative grammar!' (JOSEPH, 2012, p. 479-480).

conhecidos como os Anagramas. Há alguns que interpretam o Saussure dos Anagramas, como um Saussure diferente do que ministrou os cursos de linguística geral. Um seria o Saussure noturno, enquanto o outro seria o diurno. Entre a psicanálise e o misticismo, várias teses foram articuladas para explicar o homem que, à noite, procurava sentidos escondidos em antigos textos poéticos. É sempre preciso lembrar que Ferdinand de Saussure não era um linguista da era epistemológica. Era um estudioso da linguagem do século XIX, um linguista-filólogo.

Será no ano de 1906 que uma contenda levantada por Bally, que procurava resolver o problema político-acadêmico da entrada massiva das línguas modernas no currículo das universidades, terá a atenção mais focada de Saussure:

Se de fato a linguagem é afetiva na maior parte do tempo, então a Estilística pareceria se encaixar bem dentro da rubrica de 'linguística geral'. O capítulo final do livro de 1909 afirma que a estilística é a única forma de linguística que pode resolver a 'crise' no ensino universitário provocada pela inclusão de línguas modernas no currículo. Até agora, Bally diz, as universidades têm respondido com cursos que tratam as línguas modernas filologicamente, como se fossem clássicas, 'vestindo-as e tornando-as antiquadas'; elas só são levadas a sério se usam perucas empoadas. A sua abordagem, pelo contrário, investiga profundamente os reais recursos colocados à disposição do falante contemporâneo. Esta foi uma crítica apta, e a questão, mesmo anos depois, não se perdeu em Saussure.⁸⁰

Será no ano de 1906 que uma contenda levantada por Bally, que procurava resolver o problema político-acadêmico da entrada massiva

⁸⁰ If indeed language is affective most of the time, then Stylistics would seem to fit well within the rubric of 'general linguistics'. The concluding chapter of the 1909 book contends that stylistics is the one form of linguistics that can solve the 'crisis' in university education brought on by the inclusion of modern languages in the curriculum. So far, Bally says, universities have responded with courses that treat the modern languages philologically, as if they were classical ones, 'dressing them up and antiquating them; they are only taken seriously if they wear powdered wigs'. His approach, on the contrary, delves deeply into the actual resources put at the disposal of a contemporary speaker. This was an apt critique, and the point was not lost on Saussure in the years ahead. (JOSEPH, 2012, p. 490).

das línguas modernas no currículo das universidades, terá a atenção mais focada de Saussure, o então professor catedrático de sânscrito:

Em 8 de dezembro de 1906, após a aposentadoria de Wertheimer, Saussure foi nomeado professor regular de Linguística Geral. Ele tinha quarenta e nove anos, a idade na qual sua mãe havia se tornado mentalmente instável. Apenas quatro meses haviam se passado da sua morte, e menos de um ano desde que ele tinha aconselhado Meillet a descansar um pouco. Agora, ele estava assumindo o ônus de palestras de duas horas por semana em um tópico pelo qual ele não tinha grande entusiasmo, após ter tentado e falhado por diversas vezes articular o que ele pensava sobre isso. Ainda assim, estava no currículo, os estudantes de certas classes eram instados a cursá-las, e Saussure era, sem dúvidas, cumpridor de seus deveres. O curso não era destinado a estudantes com um sério interesse pela linguagem - que poderiam absorver os princípios gerais a partir de seus estudos mais específicos. Saussure, pessoalmente, preferia muito mais transmitir a compreensão linguística daquela maneira, no âmbito teórico de um curso sobre o sânscrito ou o lituano. No entanto, com o passar dos anos essas línguas eram percebidas como cada vez mais recônditas pelos estudantes que vinham, cada vez mais, das classes médias mais baixas, com pais que se preocupavam para que seus filhos cursassem disciplinas com aplicações práticas.⁸¹

⁸¹ So on 8 December 1906, upon the retirement of Wertheimer, Saussure was named Ordinary Professor of General Linguistics. He was forty-nine, the age of which his mother had become mentally unstable. It was just four months since her death, and less than a year since he had advised Meillet to get some rest. Now he was taking on the burden of lecturing two hours per week on a topic for which he had no great enthusiasm, having repeatedly tried and failed to articulate what he thought about it. Still, it was on the curriculum, students doing certain degrees were required to take it, and Saussure was nothing if not dutiful. The course was not aimed at students with a serious interest in language – they could absorb general principles from their more specific study. Personally Saussure much preferred to impart linguistic understanding to students in that way, within the framework of a course on Sanskrit or Lithuanian. Yet with each passing year these languages were perceived as ever more recondite by students who came increasingly from the lower middle classes, with parents concerned for them to take subjects with practical applications. (JOSEPH, 2012, p. 491).

Por uma questão de saúde, Wertheimer, o professor catedrático de linguística geral precisará deixar a universidade de Genebra. A atitude mais lógica seria alocar Bally (que já preocupado com as repercussões políticas para com a ‘utilidade’ das cátedras acadêmicas, já havia proposto a cátedra de estilística). Para evitar maiores questionamentos políticos sobre as cátedras da universidade, a cátedra de linguística geral será reunida com a cátedra de sânscrito na pessoa de Ferdinand de Saussure. Um dos maiores nomes da linguística do século XIX será responsável pelo ensino do sânscrito (um dos pilares da filologia) ao mesmo tempo em que deverá cuidar do ensino da linguística geral (disciplina da qual, curiosamente, será considerado por muitos, nas décadas posteriores do século XX, o pai fundador). É válido notar que a propositura de Bally para a criação da cátedra de estilística objetivava disciplinar essa questão com outro viés. A estilística seria a nova disciplina cujas palavras o novo século escutaria. O que aconteceria com a linguística geral e o sânscrito, nessa perspectiva, seria uma incógnita. Fato é que, na prática, o linguista que ensinava a língua-mor dos filólogos, recebeu uma nova função: ensinar a mesma disciplina que Wertheimer já fazia há décadas. Surge aí a oportunidade de Saussure seguir o conselho de Psichari e realizar de fato, o argumento que utilizara décadas antes, ao deixar Paris: trabalhar com liberdade e falar o que precisava ser dito. Falar com parresia. Seria preciso, contudo, enfrentar determinados riscos e contratempos:

O novo curso não trouxe nenhuma redução na sua carga já cheia de quatro horas de aulas semanais em gramática comparativa e sânscrito, ou suas palestras semanais administrativas ainda sobre gramática comparativa e sânscrito, ou suas responsabilidades administrativas, inclusive como professor responsável pelas publicações. Na verdade, esses fatos o levaram para o mesmo ritmo de sua carga mais pesada, na década de 1890, quando ele ainda fazia estudos comparativos entre o Grego e o Latim, antes de ser substituído por Bally. Talvez o maior desafio tenha sido o conhecimento linguístico limitado de alguns dos seus seis alunos que frequentavam o curso. O que Saussure não podia suspeitar era que, ao se esforçar para encontrar uma maneira de comunicar os princípios da linguagem a seis relativos ignorantes às línguas antigas ali postas,

ele estava preparando o material que um dia falaria para centenas de milhares de pessoas que não tinham a menor ideia da linguística histórica indo-europeia ao abrir a publicação do Curso de Linguística Geral.⁸²

Dessa forma, a decisão política de William Rosier, reitor da universidade de Genebra, de não realocar um professor para a cátedra de linguística geral, mas sim adicionar responsabilidades ao já professor catedrático de sânscrito e fluente em filologia comparativa – Ferdinand de Saussure, não encerraria a briga pela criação e manutenção de cátedras universitárias. Saussure seria o último nome em Genebra que serviria de exemplo ao fato de que um linguista, antes de ser um linguista, deve ser um filólogo. No novo século, a disciplinarização das cátedras seguiria uma ótica utilitarista para uma classe média ansiosa em garantir seus rendimentos através do domínio de determinados saberes, eleitos pela sociedade de então, como aqueles que deveriam ser ensinados nos bancos universitários. A morte de Saussure, sete anos depois, e a sua consequente substituição por outro catedrático, mostraria que o saber escolhido e disciplinado para continuar ecoando nos corredores da universidade de Genebra – e do mundo – não seria nem a filologia, nem o sânscrito. Uma nova era eivada por métodos e epistemologias marcaria os estudos da linguagem; de forma irônica, utilizando o próprio nome de Ferdinand de Saussure.

⁸² The new course brought no reduction in his already full load of four hours of weekly lectures in comparative grammar and Sanskrit, or his administrative weekly lectures in comparative grammar and Sanskrit, or his administrative responsibilities, including as faculty librarian. Indeed it took him back to his heavier load of the 1890s, when he was also doing comparative Greek and Latin before this was taken over by Bally. Perhaps the greatest challenge was the limited language backgrounds of some of the six students attending. What Saussure never suspected was that, in struggling to find a way to communicate the principles of language to half a dozen relative ignoramuses where ancient languages were concerned, he was preparing material that would one day speak to hundreds of thousands of people who had not the least inkling of Indo-European historical linguistics when opening the published Course in General Linguistics. (JOSEPH, 2012, p. 491).

6 OS CURSOS DE LINGUÍSTICA GERAL

6.1 O 1º CURSO (1907-1908)

Um alemão, um russo, um escocês e genebrinos seriam as nacionalidades presentes no primeiro curso de linguística geral, iniciado por Ferdinand de Saussure, em 16 de janeiro de 1907. Seria a partir dos três cadernos de um deles (Riedlinger) que Secheyhay e Charles Bally elaborariam a edição do primeiro curso. Isso renderia a Riedlinger a menção de colaborador na publicação do 1º curso de linguística geral. A abertura do curso centraria sua atenção em uma visão histórica da linguística, a delimitação do seu objeto de estudo, assim como questões a serem consideradas a respeito da fala e da escrita:

Louis Havet é apontado pela crítica saussureana, por ter ‘confundido’ filologia, o estudo dos textos, com a linguística, o estudo das línguas, principalmente em sua dimensão falada. A fonologia, a parte da linguística interessada nos sons, faz fronteira com a fonética, o lado físico da produção do som. A fonética, Saussure acreditava, deveria estar mais preocupada com a percepção do som, porque o ‘som articulado é regido não apenas por leis acústicas, mas como uma imagem acústica, o que tem, igualmente, que ver com a psicologia. Quanto aos psicólogos, ele observa, que esses fizeram uma pequena província para eles mesmos, dentro da linguística, mas não prestaram quaisquer grandes serviços para linguistas. É por intermédio da sociologia que a linguística e a psicologia têm o seu mais importante contato.⁸³

⁸³ Havet is singled out for criticism, for having ‘confused’ philology, the study of texts, with linguistics, the study of language primarily in its spoken dimension. Phonology, the part of linguistics concerned with sound, abuts phonetics, the physical side of sound production. Phonetics, Saussure believes, should be more concerned with sound perception, because ‘the articulated’ sound is ruled not only by acoustic laws but, as an acoustic image, it has equally to do with psychology’. As for psychologists, he remarks, that they have made a tidy little province for themselves within linguistics, but have not rendered any great services to linguists. It is through the intermediary of sociology that linguistics and psychology have their most important contact. (JOSEPH, 2012, p. 493).

Uma questão fundamental para a época (1907) é diferenciar a filologia da linguística. Conforme, mostra o excerto acima, Saussure criticaria diretamente Louis Havet, mas é fundamental lembrar que o estudo dos textos, da escrita, assim como o estudo do sânscrito era fundamental para Saussure; sendo inclusive pauta constante na cátedra que ocupava. Diferenciar a filologia da linguística, ao que tudo indica, por tudo o que Saussure falou e escreveu antes, não significa hierarquizar as duas; relacionando uma como a mais importante ou mais científica – ou a única voz científica. É preciso, igualmente, lembrar o Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1995, p. 9-10):

[...] Tal escola, porém, que teve o mérito incontestável de abrir um campo novo e fecundo, não chegou a constituir a verdadeira ciência da Linguística. Jamais se preocupou em determinar a natureza do seu objeto de estudo. Ora, sem essa operação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria. [...] O primeiro erro, que contém em germe todos os outros é que nas investigações, limitadas aliás às línguas indo-europeias, a Gramática comparada jamais se perguntou a que levavam as comparações que fazia, que significavam as analogias que descobria. Foi exclusivamente comparativa, em vez de histórica. Sem dúvida, a comparação constitui condição necessária de toda reconstituição histórica. Mas por si só não permite concluir nada. A conclusão escapava tanto mais a esses comparatistas quanto consideravam o desenvolvimento de duas línguas como um naturalista o crescimento de dois vegetais. Schleicher, por exemplo, que nos convida sempre a partir do indo-europeu, que parece portanto ser, num certo sentido, deveras historiador, não hesita em dizer que em grego *e* e *o* são dois “graus” (Stufen) do vocalismo. É que o sânscrito apresenta um sistema de alternâncias vocálicas que sugere essa ideia de graus. Supondo, pois, que tais graus devessem ser vencidos separada e paralelamente em cada língua, como vegetais da mesma espécie passam, independentemente uns dos outros, pelas mesmas fases de desenvolvimento, Schleicher via no *o* grego um grau reforçado do *e* como via no *a* sânscrito um reforço de *ã*. De fato, trata-se de uma

alternância indo-europeia, que se reflete de modo diferente em grego e em sânscrito, sem que haja nisso qualquer igualdade necessária entre os efeitos gramaticais que ela desenvolve numa e noutra língua.

Dizer que a ‘comparação constitui condição necessária de toda reconstituição histórica. Mas por si só não permite concluir nada’, com certeza, adquiriria um outro valor de sentido, em 1907, para uma plateia que não conhecia o sânscrito, tinha conhecimentos parcos na filologia e nas discussões sobre as questões do indo-europeu e, olhavam para o homem famoso por ter escrito o *Mémoire*, décadas antes. É fundamental reconhecer que, no texto editado por Bally e Sechehaye, Saussure diz que ‘tal escola, porém, que teve o mérito incontestável de abrir um campo novo e fecundo, não chegou a constituir a verdadeira ciência da Linguística’, o que parece indicar que, para Saussure, a Linguística era a verdadeira ciência para o estudo da linguagem. O desenvolvimento dessa ideia encerra o capítulo I do Curso editado (SAUSSURE, 1995, p. 12):

[...] Compreende-se quão errôneas e insuficientes eram as ideias da Filologia e da gramática comparada. Entretanto, por grandes que sejam os serviços prestados por essa escola, não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão, e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução.

Os leitores do século XX, sem uma formação filológica sólida, entenderão que a Linguística é o passo seguinte a ser dado, a ciência que possui um método de estudo para realizar suas análises e chegar a conclusões científicas, a respeito da linguagem. É preciso pontuar, por outro lado que, após falar sobre a questão dos fonemas, em seu primeiro curso, Saussure também criticaria a linguística que se fazia até então:

[...] ‘Até este ponto’, Saussure lembra a seus alunos, que podem ter sido surpreendidos ao ouvir algo assim em seu curso, ‘Nós não fizemos linguística. Os sons são apenas o material para a linguagem, e apesar de tal material ser necessário, sua natureza precisa não tem nenhum significado. A língua é um sistema de sinais: o que faz dela uma língua é a relação que a mente estabelece

entre esses sinais. O material destes sinais, por si só, pode ser considerado como não importante. É verdade que somos obrigados a fazer uso de sinais de um material fônico, e de um único material, mas mesmo se os sons mudassem, a linguística não estaria preocupada com isso, desde que as relações permanecessem as mesmas'.⁸⁴

É após enunciar o trecho acima que Saussure falará sobre o seu famoso exemplo dos sinais marítimos. Ao criticar a linguística feita até então como 'não sendo linguística', é mais uma vez importante notar que Saussure tinha uma formação filológica; porém, se apresentava como linguista, ao contrário de vários outros estudiosos de sua mesma época que, muitas vezes, oscilavam entre os dois termos, de acordo com a situação e o ponto em debate. É possível que seja por conta dessa dualidade filólogo/linguista que Ferdinand de Saussure consegue proceder a essa autocrítica. Anos antes, ele havia conseguido perceber que, no caso Dreyfus, as interpretações religiosas extremas não conseguiam tocar o ponto fundamental da questão – não se tratava da questão dos judeus e sua nacionalidade, ou da antiga contenda entre católicos e protestantes. O ponto fundamental era o erro judiciário que havia levado um homem inocente para o cárcere. De forma similar, era preciso fazer a dualidade filologia/linguística avançar. Não se tratava de hierarquizar a escrita X fala ou as línguas antigas X línguas modernas. O posicionamento assumido pelo mestre genebrino, por diversas vezes, para defender a existência de cátedras universitárias (as ameaçadas de extinção, sobretudo), como a de gramática comparada, ou de sânscrito é um comportamento comprobatório de que as suas dicotomias não tinham um viés hierarquizante. A questão não era superar a filologia, ou o ensino do sânscrito ou o estudo dos textos, para fazer de um novo estudo, o estudo Linguístico, a voz primaz dos estudos da linguagem, a voz científica *in persona*. Essa de fato, não era sua intenção; mas ao que tudo indica, o poder autoral não é capaz de normatizar o poder

⁸⁴ 'Up to this point', Saussure reminds his students, who may have been surprised to hear it this far into their course, 'we have done no linguistics. Sounds are merely the material for language, and although such a material is necessary, its precise nature has no significance. The language is a system of signals: what makes it a language is the relationship the mind establishes amongst these signals. The material of these signals, in itself, can be considered not to matter. It is true that we are obliged to make use of signals of a phonic material, and of a single material, but even if the sounds changed, linguistics would not be concerned with it, provided the relationships stay the same'. (JOSEPH, 2012, p. 497-498).

interpretativo que lhe sucede. Saussure dá continuidade ao seu primeiro curso de linguística geral versando sobre o conceito de língua:

Mais uma vez, assim que Saussure introduz o tema da ‘linguística’, ele submerge no porquê o assunto em si é tão intratável que todas as ‘nossas’ concepções dele – a de Saussure incluída – são inadequadas. Ele diz que, para se ter uma ideia da complexidade do assunto, tudo o que temos que fazer é comparar as três principais concepções de língua que a nós se apresentam ‘naturalmente’, e que são insuficientes. A primeira é de conceber a língua como tendo uma existência em si mesma, como um organismo sem raízes, crescendo por conta própria. Saussure chama isso de ‘a língua tomada como uma abstração, a partir do qual nós fazemos um ser concreto’. A segunda concepção olha a linguagem a partir da perspectiva do falante individual. Assim concebida, ele diz, pode parecer ser uma ‘função natural’, particularmente por conta da evidência de ‘um trato vocal expressamente destinado à fala e gritos naturais’. E, no entanto, que tipo de função ‘natural’ é essa que tem de tomar uma forma determinada pela sociedade antes que ela possa funcionar? É esta pergunta que dá origem à terceira concepção de linguagem, como uma ‘instituição social’, o que Saussure declara estar ‘mais perto da verdade que as outras’.⁸⁵

A ideia da ‘instituição humana’ é o ponto de conexão entre as duas outras concepções: a abstração por completa ou a perspectiva de um ente individualizado, por meio do falante. É através dessa discussão

⁸⁵ Once again, as soon as Saussure introduces the topic of ‘linguistics’ he launches into why the subject itself is so intractable that all ‘our’ conceptions of it – his own included – are inadequate. He says that, in order to get an idea of the subject’s complexity, all we have to do is compare the three principal conceptions of language which ‘naturally’ present themselves to us, and which are insufficient. The first is to conceive of a language as having an existence in itself, like an organism without roots, growing on its own. Saussure calls this ‘the Language taken as an abstraction, out of which we make a concrete being’. The second conception looks at language from the perspective of the individual speaker. So conceived, he says, it can appear to be a ‘natural function’ is it that has to take a form determined by society before it can operate? It is this question that gives rise to the third conception of language, as a ‘social institution’, which Saussure declares to be ‘closer to the truth than the others’. (JOSEPH, 2012, p. 498).

que Saussure passará a se concentrar no que ele chama *de facto* de Linguística. Ele inicia a discussão sobre a terminologia para se referir às questões de linguagem, pontuando a célebre diferenciação entre *langue* e *langage*. É nesse ponto que ele faz a ligação entre o conceito estabelecido por Whitney, de instituição social, com a *langue*. É a partir do estabelecimento da questão *langue/langage*, que se passará ao próximo pensamento dual:

Com isto esclarecido, ‘diz Saussure’, ‘agora nós abordamos a linguística’. Ele apresenta outra de suas clássicas dicotomias, dizendo que para a linguística ‘duas portas se abrem para a linguagem’, uma mostrando-nos seu lado ‘estático’, a outra o ‘histórico’. Ele descreve a diferença não em termos do que os linguistas escolhem analisar, mas o que os falantes comuns sabem e não sabem. No lado estático, ‘todos estão em casa, nós falamos e, por isso, somos capazes de julgar o que falamos’. Com a história, ao contrário, ‘o instinto é inútil: todo o lado histórico da língua, tudo o que está no passado, é forçado a fugir de nosso senso linguístico imediato, é preciso que ele seja aprendido’.⁸⁶

A partir desse instante, Ferdinand de Saussure passa a tecer considerações a respeito da possibilidade dos estudos linguísticos serem realizados das duas formas: o lado estático e o lado histórico; a parte conhecida pelos falantes, e a parte desconhecida. E é exatamente por essas duas formas que a linguística pode ser realizada, haja vista que são as formas pelas quais a língua está constituída. Antes da primeira parte do curso se encerrar, por conta do intervalo entre os semestres, a combinação entre a filologia e a fisiologia fonológica será o seu ponto de encerramento dessa primeira parte do seu primeiro curso de linguística geral. Antes, porém, Ferdinand de Saussure confabulará sobre o termo *lei*, quando aplicado no jargão científico. Ele, que já havia

⁸⁶ ‘With this clarified,’ Saussure says, ‘we now address linguistics.’ He introduces another of his classic dichotomies, saying that for linguistics ‘two doors open on language’, one showing us its ‘static’ side, the other the ‘historical’. He describes the difference not in terms of what linguists choose to analyse, but of what ordinary speakers know and do not know. On the static side, ‘everyone is at home, we speak and thus we are able to judge what we speak’. With history, in contrast, ‘instinct is useless: the whole historical side of the language, all of what is in the past, is forced to escape from our immediate linguistic sense, it has to be learned’. (JOSEPH, 2012, p. 499).

estabelecido a lei de Saussure, fará considerações sobre os efeitos de sentido de tal palavra:

[...] Saussure reconhece a verdade disto, embora insista que ‘um elemento não pode ser regido por uma lei! É, portanto, uma contradição falar de leis fonéticas, mas não temos outra palavra’. Depois, ele dirá que ‘a lei existe, apenas uma vez, não estando sujeita às condições do tempo’. Mudanças fonéticas, no entanto, afetam elementos que existem no tempo, e as mudanças começam em um determinado período e chegam a um fim. Leis, para Saussure, não são assim – o que sugere que, o que ele tinha em mente eram as leis da física, e não as convencionais.⁸⁷

Uma das partes do primeiro curso se voltou não apenas para a discussão terminológica – e seus efeitos de sentido – no caso, do termo lei. Na verdade, isso é bem mais que uma discussão de termos; é, em última instância, uma questão epistemológica. A questão do assim chamado ‘método histórico’ é um dos pontos relevantes para a discussão sobre como se constrói o conhecimento que versa sobre a linguagem. Para Saussure, o método histórico era fundamental para o conhecimento de qualquer pessoa que desejasse se aprofundar em estudos sobre a linguagem. Dedicar-se, contudo, apenas à questão da metodologia histórica, era dedicar-se com afinco à filologia. A recomendação saussureana era uma: a de unir esse método usado pelos filólogos com a fisiologia fonológica como auxiliar. Tal recurso fonológico era uma das questões fundamentais para o estudo aprofundado das línguas modernas, tão em voga nas universidades no início do século XX. Seria com essa proposta – combinação do método histórico com a questão fonológica – que Ferdinand de Saussure terminaria a primeira parte do primeiro curso de linguística geral. Um intervalo entre os semestres era necessário na universidade de Genebra. Neste interregno Saussure voltaria a seus cursos de sânscrito e grego e, obviamente, a refletir sobre o que havia

⁸⁷ Saussure acknowledges the truth of this, yet insists that ‘an element cannot be governed by a law! It is thus a contradiction to speak of phonetic laws, but we do not have another word’. Further on he will say that ‘a law exists once and for all and is not subject to conditions of time’. Phonetic changes, however, affect elements which exist in time, and the changes themselves begin at a certain period and come to an end. Laws, for Saussure, are not like that – which suggests that what he had in mind were physical laws, not conventional ones. (JOSEPH, 2012, p. 500).

dito durante a primeira fase do curso. A questão abordada sobre as ‘leis’ científicas, sobretudo, no caso da linguística, as leis fonéticas voltariam a ser discutidas. E retornaria, igualmente, a questão terminológica já citada anteriormente entre *langue* X *langage*. De forma similar, a questão entre o método histórico e a fisiologia fonológica, também caminharia alguns passos para outro pensamento, uma outra antinomia, como o próprio Ferdinand de Saussure caracterizava suas dicotomias, a sincronia X diacronia. Nessa segunda parte do curso, uma mudança sobre a questão da lei no âmbito da linguística mudaria:

Por que a preocupação com as leis serem aplicáveis de forma genérica? Porque este é um curso de linguística geral. Ele dá exemplos os quais a lei do menor esforço pareceria explicar: simplificação, onde os sons ou sílabas inteiras são descartadas ou sons contíguos assimilados um ao outro. E, no entanto, ele pontua, a história das línguas está cheia de casos de complexificação. Além disso, uma simplificação do ponto de vista do falante pode exigir um esforço adicional por parte do ouvinte para a decifração. Saussure deixa claro que ele não pensa nesses contraexemplos como ‘uma refutação improvisada para a solução proposta. Na verdade, é um assunto muito delicado determinar em cada língua o que era mais fácil e mais difícil. Assim, enquanto a ‘lei’ pode ser geral, ela ainda tem de ser interpretada especificamente para cada caso individual. [...] A causa aparente da mudança fonética é a agitação e a instabilidade política dentro da comunidade de fala. Aqui, novamente, ele estabelece um equilíbrio, de modo que as limitações da explicação não levam a sua desagregação completa. A estabilidade política, ele diz, é a causa externa indireta da estabilidade linguística. Apenas em tempos de estabilidade política um sistema educacional e outras instituições ‘anormais’ podem, fundamentadas na prática da escrita, se sustentar, favorecendo a imobilidade antinatural de uma língua. Se a instabilidade prossegue, e as instituições deixam de funcionar, ‘a língua é revertida para a liberdade que segue o seu curso normal’ de mudança. [...] Saussure abre seu segundo ‘capítulo’, afirmando a hipótese

neogramática de que ‘todas as modificações normais da língua, que não vêm da mudança fonética são efeitos da analogia’. Ele evita a palavra ‘lei’, por ter passado tanto tempo examinando os seus limites.⁸⁸

A questão da lei científica era amplamente debatida desde os experimentos de Galileu em Pisa. Apontado como mito, por alguns, o pai da ciência moderna teria lançado pesos da torre de Pisa, para demonstrar que, apesar de terem pesos diferentes, eles chegavam ao mesmo tempo no solo. Experimento difícil de ser realizado com esses resultados; pois, na prática, eles só seriam alcançados no vácuo. O mesmo experimento, contudo, foi descrito por Galileu, quando realizado em plano inclinado. A experimentação ganharia força nas ciências exatas como a forma adequada de se elaborar uma verdade científica. Leitor ávido de Darwin, Galileu e Freud, Saussure sabia que o que se convencionou chamar de ‘leis científicas’ se realizavam de forma diferenciadas nas mais variadas áreas do conhecimento. No caso da linguística, as leis não teriam o mesmo sentido que para a física, por exemplo. Por outro lado, a linguística tinha como construir um conhecimento científico através de critérios bem aceitos por outras áreas do conhecimento: o método e a descrição científicas balizariam os resultados enunciados pelos linguistas. Se o método buscado por Galileu para descrever a queda dos corpos com pesos diferentes, não só demonstrou a força das experimentações para a ciência moderna, mas

⁸⁸ Why the concern with laws being generally applicable? Because this is a course in general linguistics. He gives examples which the law of least effort would appear to explain: simplification, where sounds or whole syllables are dropped or contiguous sounds assimilated to one another. And yet, he points out, the history of languages is filled with cases of complexification. Moreover, a simplification from the speaker’s viewpoint may require additional effort by the hearer to decipher. Saussure makes clear that he does not intend these counter-examples as ‘an off-hand rebuttal to the solution proposed. Indeed it is a very delicate matter to determine in each language what was easier and harder. So while the ‘law’ may be general, it still has to be interpreted specifically for each individual case. [...] A second apparent cause of phonetic change is upheaval and political instability within the speech community. Here again he strikes a balance so that the limitations of the explanation do not lead to its being discounted completely. Political stability, he says, is the indirect external cause of linguistic stability. Only in times of political stability can an educational system and other ‘abnormal’ institutions grounded in the practice of writing take hold, favouring the unnatural immobility of a language. If instability follows, and the institutions cease to function, ‘the language reverts to the freedom to follow its regular course’ of change. [...] Saussure opens his second ‘chapter’ by affirming the Neogrammarian hypothesis that ‘All the normal modifications of the language which do not come from phonetic change are effects of analogy. He avoids the word ‘law’ having spent so much time examining its limits. (JOSEPH, 2012, p. 502-503).

também o colocou em confronto direto com a visão religiosa do mundo, situação um tanto diferenciada ocorreria com Saussure. Os cursos ministrados por ele seriam, pouco a pouco, interpretados como a gênese do estruturalismo, a primeira epistemologia, no pleno sentido do termo que faria da linguística não apenas a ciência da linguagem, mas durante muito tempo, a ciência piloto para as ciências humanas. O século das epistemologias estava apenas em seu início e Ferdinand de Saussure não viveria o suficiente para ver o efeito desse modelo de pensamento nas reflexões linguísticas.

Saussure consagraria a oralidade, em detrimento da escrita, como um ponto precípua para a análise linguística. Em seu próprio dizer:

Se é verdade que o tesouro da língua é sempre necessário para falar, reciprocamente, tudo o que entra na língua tem sido experimentado na fala o suficiente para – uma impressão duradoura – ter como resultado que: a língua é apenas a consagração do que tinha sido evocado através da fala.⁸⁹

Isso não quer dizer, obviamente, que a escrita seria – necessariamente – rejeitada como objeto científico. A escolha pela oralidade não tinha, como objetivo, esse caráter excludente (principalmente para um homem que construiu sua formação no século XIX, e era devotado, também, aos estudos filológicos). A questão aí explicitada não hierarquizava a fala *versus* escrita, mas sim engendrava a questão entre língua e fala para com a sincronia *versus* diacronia: para saber se uma lei diacrônica é realmente uma ‘lei’, é preciso observá-la em funcionamento sincronicamente, aqui e agora⁹⁰. Embora Ferdinand de Saussure já lecionasse/palestras há vinte e cinco anos, o primeiro curso de linguística geral havia sido a primeira vez na qual ele conferenciava sem estar amparado por um texto. Não que notas preparatórias não o guiassem antes de sua fala, mas não havia a estruturação de nenhum ‘escrito acadêmico’ que guiasse a sua fala seu dizera. Nesse quesito, ele não havia seguido a orientação de Psichari. É nesse contexto, no fechamento do primeiro curso de linguística geral,

⁸⁹ If it is true that the treasury of the language is always required for speaking, reciprocally, all that enters the language has first been tried out in speech enough times for a lasting impression to result: the language is only the consecration of what had been evoked through speech. (JOSEPH, 2012, p. 506).

⁹⁰ Ibid, 2013, p. 512: to know whether a diachronic law is really a ‘law’, we need to observe it at work synchronically, here and now.

que Ferdinand de Saussure se pronunciará oficialmente sobre a questão do esperanto. Uma discussão que movimentará os brios da identidade suíça e que terá o engajamento do irmão de Ferdinand, René de Saussure, como defensor da nova língua que, além de uma série de outras características, poderia ser um meio de comunicação perfeito para a Suíça, o país da neutralidade:

Era a situação política típica na qual a neutralidade Suíça era requisitada. René de Saussure, que apenas muito recentemente havia se interessado pelo Esperanto, publicou um artigo em apoio a ele no *Jornal de Genève*. Ele foi, então, escolhido para ser vice-presidente da associação local esperantista. Mas seu artigo trouxe uma reação furiosa do Conde d'Haussonville. No jornal parisiense *Le Figaro*, ele expressou seu desdém por alguém que mesmo carregando o glorioso nome 'de Saussure' podia trair as línguas que são a herança de todos os povos: 'cada idioma traduz, de forma adequada, as necessidades, as aspirações, os modos de sentir de cada uma das raças que povoam o mundo'.⁹¹

A discussão sobre o objeto de criação de Zamenhof, o esperanto, possui similaridades curiosas com o caso Dreyfus. Iguamente judeu, não é um caso de condenação judicial, mas de proposta de uma língua neutra para a construção de um mundo neutro, sem guerras e conflitos. Entendendo que a língua é um objeto necessariamente político, refletindo e refratando as tensões sociais vivenciadas pelos seus falantes, a criação de uma nova língua, que não trouxesse em sua memória terminológica os conflitos históricos nela tão fortemente impressos, seria um primeiro passo para um mundo 'neutro'. A Suíça que havia passado pela sua prova de fogo de neutralidade, ao não ser incluída nas guerras religiosas, também convivia com várias línguas em seus diferentes cantões. Apesar do francês e do alemão conviverem no

⁹¹ It was the typical political situation in which Swiss neutrality was called for. René de Saussure, who had only very recently become interested in Esperanto, published an article in support of it in the *Journal de Genève*. He was then chosen to be vice-president of the local Esperantist association. But his article brought a furious reaction from the Count d'Haussonville. In the Parisian paper *Le Figaro* he expressed his disdain that someone bearing 'the glorious name "de Saussure"' could betray the languages that are the heritage of every people: 'Each idiom translates, in an appropriate fashion, the needs, the aspirations, the ways of feeling of each of the races that people the globe. (Ibid, 2013, p. 518).

mesmo enclave, a neutralidade pacificou os conflitos que, durante séculos, moveram os falantes do francês e do alemão não suíços. O esperanto poderia ser, na opinião de René de Saussure, uma língua suíça por excelência.

O posicionamento político de Saussure sobre a língua artificial construída por um filólogo era expresso como de costume: com o silêncio. Não participará das discussões públicas calorosas sobre a identidade linguística suíça, mas pontuará algumas questões a respeito disso a partir do seu segundo curso de linguística geral, que será um tanto mais sistematizado que o primeiro. O Ferdinand de Saussure do primeiro curso de linguística geral ainda se dedica aos estudos filológicos e ao pensamento de decifração, não apenas de línguas antigas, mas de significados ocultos presentes nos anagramas. A dedicação intelectual e filológica de Saussure aos anagramas foi mais intensa que o empenho para a elaboração dos cursos de linguística geral. No final, contudo, não sem o sentimento de frustração, ele abandonaria os estudos sobre os anagramas; embora, a fala entusiasmada sobre a descoberta de significados cifrados fosse sempre constante.

A carta que Gautier, presbítero da Igreja e professor da Université, envia ao seu filho Léopold, um linguista que ensina em Lausanne, alguns meses antes de Saussure iniciar o seu segundo curso de linguística geral, é esclarecedor sobre a atividade intelectual dele quando não está palestrando para os alunos que não sabem grego ou sânscrito:

Jantamos no sábado, mamãe e eu, com Ferdinand de Saussure. Confessei a F. de S. um pouco sobre seu trabalho (do qual já falei para você e pedi para mantê-lo em sigilo). Ele me disse que, ao estudar os versos saturninos (dos quais nós possuímos, creio eu, cerca de 200 amostras) havia encontrado algumas coisas curiosas a) do ponto de vista da métrica, b) sobre anagramas, e que desejando verificar por comparação o que fazer deles, ao examinar Virgílio e Ovídio, a partir do mesmo ponto de vista, ele havia descoberto que esses dois poetas apresentam os mesmos fenômenos. Devo admitir que a exposição desta teoria me provocou um frio na espinha. Evidentemente, é possível que isto esteja bem fundamentado; neste caso é espantoso que ninguém tenha suspeitado até agora. Mas também pode ser que F. de S. seja

vítima de uma ilusão, de uma descoberta ou pseudo-descoberta que é muito engenhosa, bastante engenhosa! Eu, naturalmente, não tenho competência para ser o juiz. Ele também me relatou que havia enviado esta coisa para seu estudante e amigo Meillet, o qual não respondeu nem sim nem não, e que parece simultaneamente interessado e cético. E F. De S. está hesitante em proclamar sua descoberta publicamente, pois ele sente que esta ainda precisa ser controlada e verificada – Eu naturalmente não tive chance de falar para F. De S. sobre sua ideia de trabalhar como seu secretário. O momento, de qualquer maneira, não me parece adequado, agora.⁹²

Termos como controlar e verificar determinados dados serão cada vez mais frequentes, no nascente século XX. Típicos de uma visão que objetiva ‘tratar’ os dados para tornar a análise científica que deles advém o mais confiável possível. Décadas depois da morte de F. de Saussure, muito se estranhará o mestre de Genebra ter se dedicado a algo como os anagramas. Aquele que é tido como o fundador da linguística geral, não que a tenha criado desde o seu próton, mas sim por ter dado a ela um impulso imenso: um caráter epistemológico, depois referenciado no que se convencionou chamar de estruturalismo. O estranhamento, possivelmente, decorre do fato da imagem de Ferdinand de Saussure estar associada a uma tradição estruturalista, corroborada por muitas interpretações que vieram depois da publicação editada dos Cursos de Linguística Geral. Se víssemos, contudo, a imagem de Saussure como, possivelmente, um dos últimos estudiosos da linguagem

⁹² We dined on Saturday, mama and I, at the Ferdinand de Saussures’. I confessed F. de S. a bit on his work (of which I have already spoken to you and ask you to keep it confidential). He told me that in studying the Saturnian verses (of which we possess, I believe, around 200 samples) he had found some curious things a) from the point of view of metrics, b) concerning anagrams, and that having wished to verify by comparison what to make of them, by examining Virgil and Ovid from the same point of view, he had found that these two poets present the same phenomena. I shall admit to you that the exposé of this theory sent a chill down my spine. Evidently it is possible that it is well founded; in which case it is a marvel that no one suspected it until now. But it may also be that F. de S. is the victim of an illusion, of a discovery or pseudo-discovery that is very ingenious, too ingenious! I naturally am not competent to be the judge. He told me also that he had sent the thing to his student and friend Meillet who had replied neither yes nor no, and who seems simultaneously interested and skeptical. And F. de S. is hesitant to proclaim his discovery publicly, because he feels that it still needs to be controlled and verified – I naturally did not have any chance to speak to F. De S. about your idea of serving as his secretary. The moment does not in any case seem right to me just now. (JOSEPH, 2012, p. 524-525).

que compartilhava em seu olhar de estudioso da matriz filológica e linguística, é provável que tal estranhamento – para o que muitos verbalizaram como o Saussure noturno – se desvanecesse. Em 1908, F. De Saussure era, sem dúvida, um dos nomes mais respeitados na área da linguística, embora fosse professor catedrático de sânscrito, os movimentos políticos de ocupação das cátedras na Universidade de Genebra fizeram com que o estudo sistemático do sânscrito – tão caro aos filólogos – fosse unido à cátedra de linguística. A reitoria da universidade de Genebra era cada vez mais pressionada por uma reforma nas cátedras das quais dispunha - com a ideia clara de otimizar o conhecimento disseminado dentro da universidade. Apesar do questionamento sobre a utilidade do saber a respeito de assuntos que não teriam uma aplicação clara, por exemplo, na formação dos professores da área de letras, não se questionava o valor que o conhecimento aglutinado em pessoas como F. De S. possuía. É por esse conhecimento profundo que Saussure será mais uma vez homenageado, por iniciativa de Meillet, que editará uma obra com o sugestivo nome de *Mélanges linguistiques offerts à M. Ferdinand de Saussure*. Assuntos como os anagramas ficarão, obviamente de fora, dessa homenagem. Apenas os textos publicados, os poucos papers escritos e o clássico *Mémoire* serão o registro da genialidade de Saussure até os seus cinquenta anos de idade, em 1908. O discurso de homenagem feito por Bally, será profético:

Os cadernos dos seus alunos formariam uma verdadeira biblioteca científica; eles seriam suficientes para renovar nossas ideias e métodos em um grande número de pontos, se você não reservasse zelosamente os tesouros de sua mente para um pequeno círculo de iniciados. [...] Ter uma ideia do seu modo de exposição é algo impossível, porque é algo único: é uma imaginação científica, o mais fecundo que poderia ser sonhado, a partir do qual ideias criativas brotam; é um método ao mesmo tempo flexível e rígido que, embora retendo quaisquer saltos mentais excessivamente dinâmicos, obtém o máximo de esforço; detém também uma impressionante clareza de visão, que lança luz sobre as questões mais obscuras; é, enfim, algo indefinível, um *je ne sais quoi* que revela a natureza de um artista e que consegue adicionar

uma nota de beleza e de elegância sóbria para a discussão dos problemas mais difíceis.⁹³

A homenagem recebida vem em combinação com o diagnóstico de arteriosclerose. Sempre dedicado ao trabalho, é sob o impacto da deferência e da doença que Ferdinand de Saussure refletirá sobre o que havia dito no primeiro curso de linguística geral. Dessa forma, se preparará para o segundo curso, onde aprofundará determinados conceitos e será ainda mais claro sobre o papel científico que a linguística deveria desempenhar ao estudar as línguas.

6.2 O 2º CURSO (1908-1909)

O número de estudantes presentes para o segundo curso aumenta para dezesseis. Quando Saussure volta a falar sobre questões da linguística geral, neste segundo curso, ele dedicará menos tempo para a definição do que é, afinal, a linguística e mais tempo para a complexidade de seu objeto. Complexidade essa que poderia causar danos às análises de seus estudiosos. Tal fato adviria, sobretudo, da tênue fronteira entre o social e o individual. Isso levará a uma definição sobre a questão da *langue* e *parole*, e a conseqüente redefinição sobre o que havia sido dito no primeiro curso:

O primeiro curso considerava a díade *langue/langage* separadamente de *langue/parole*, não deixando claro como as duas se encaixavam. O segundo curso as une, definindo *parole* como ‘o ato de um indivíduo realizar sua faculdade [*langage*] por meio da convenção social que é a língua [*langue*]’. Com efeito, *langage* é a faculdade humana da linguagem universal, uma *langue* é um sistema socialmente compartilhado

⁹³ Your students’ notebooks would form a true scientific library; they would suffice to renew our ideas and our methods on a great number of points, if only you did not jealously reserve the treasures of your mind for a small circle of initiates. [...] to give an idea of your mode of exposition is something impossible because it is something unique: it is a scientific imagination, the most fecund that could be dreamed of, from which creative ideas explode; it is a method at once supple and severe which, while holding back any overly lively mental leaps, gets the maximum from one’s effort; it is also a stunning clarity of vision, which sheds light on the most obscure questions; it is, finally, something indefinable, a *je ne sais quoi* which reveals an artist’s nature and which manages to add a note of beauty and of sober elegance to the discussion of the most arduous problems. (JOSEPH, 2012, p. 527).

de signos como o Inglês; e parole é o que você ou eu falamos, ou entendemos como um indivíduo. A *parole* ainda tem uma dimensão social para tanto, mas ela vem da *langue* que está sendo realizada: 'na fala há uma ideia de realização do que está sendo permitido pelas convenções sociais'.⁹⁴

Saussure não pontuará nesse segundo curso sobre o que é ou o que não é linguística. Focalizará, contudo, os princípios básicos, através dos quais, a linguística deveria atuar. Enfatizando o fato da semiologia, a ciência dos signos, ainda não existir, a linguística, por sua vez, desempenharia um papel essencial nesse quadro semiológico. É certo que muitas áreas, como a filologia, a gramática e a psicologia, por exemplo, poderiam eleger a língua como seu objeto de investigação. A língua, por sua vez, é preciso notar, é, acima de tudo, um sistema de signos, daí a importância da voz do linguista sobre os mais variados aspectos a respeito da língua. Saussure enunciará que:

Mais amplo do que a linguística (sistemas de signos: marítimos, dos cegos, surdos-mudos, e, finalmente, o mais importante: a escrita em si, mas deve-se dizer imediatamente que a língua ocupará o principal compartimento desta ciência, que será o seu padrão geral! Mas isso será por acaso, teoricamente, será apenas um caso particular dela [...]. Citando a escrita como 'um sistema de sinais semelhantes ao de uma língua', ele dá como suas principais características que: 1 o sinal escrito é arbitrário; 2 é puramente negativo e diferencial; 3 os valores agem apenas como graus (grandezas) opostos em um sistema definido, e seu número é limitado; e 4 o meio de produção do signo é indiferente – a escrita pode

⁹⁴ The first course considered the dyad *langue/langage* separately from *langue/parole*, leaving it unclear how the two fit together. The second course unites them, defining *parole* as 'the act of an individual realizing his faculty [*langue*]'. In effect, *langage* is the universal human language faculty, a *langue* is a socially shared system of signs such as English; and *parole* is what you or I speak or understand as an individual. *Parole* still has a social dimension to it, but it comes from the *langue* which is being realized: 'In speech there is an idea of realization of what is permitted by the social convention'. (JOSEPH, 2012, p. 534).

ser em qualquer cor, gravura ou relevo, e isso não faz diferença.⁹⁵

Os alunos que assistem a esse segundo curso de F. de Saussure ficarão cada vez mais extasiados com os conceitos que servirão de bússola para a linguística do século XX. A precisão dos conceitos apresentados é algo atingido de forma paulatina, ajudada, em grande parte pelo espaço que um curso guarda para o outro, o que favorece a reflexão. Foi assim com a díade/tríade – *langue/langage* para *langue/parole/langage*. Os cadernos dos alunos que assistem esses cursos (apenas o de um aluno foi utilizado para a edição e publicação do Curso), também registrarão advertências a determinadas ilusões que os linguistas do século XIX haviam criado:

[...] ‘Esta questão das identidades termina sendo o mesmo que o das realidades linguísticas.’ A linguagem, ele diz, é cheia de ‘realidades enganosas’, porque ‘um grupo de linguistas criaram fantasmas e tornaram-se ligados a eles’. Enfatizando que é difícil decidir ‘onde estão os fantasmas, onde está a realidade?’, ele cita o exemplo de partes do discurso. Em francês, *bon marché* (literalmente ‘bom mercado’) significa ‘barato’, e é usado para modificar substantivos: *ces gants sont bon marché* ‘estas luvas são baratas’. Funcionalmente, então, *bon marché* é um adjetivo. Mas formalmente não se comporta como um. Adjetivos franceses concordam em gênero e número com o substantivo que modificam, enquanto *bon marché* é invariável. Assim, Saussure pergunta: *bon marché* é um adjetivo? Responder ‘não’ é tornar-se vítima de um fantasma, do que *bon marché* costumava ser. Sua função atual revela como os falantes o concebiam, ou melhor, o sentiam. E isso é o que é real, como

⁹⁵ Broader than linguistics (sign systems: maritime, of the blind, deaf-mutes, and finally the most important: writing itself! But it must be said immediately that language will occupy the principal compartment of this science; it will be its general pattern. But this will be by chance; theoretically it will be just one particular case of it. [...]) Citing writing as ‘a system of signs similar to that of a language’, he gives as its principal characteristics that: 1 the written sign is arbitrary; 2 it is purely negative and differential; 3 the values act only as degrees (*grandeurs*) opposed in a defined system, and their number is limited; and 4 the means of production of the sign is indifferent – writing can be in any colour, engraved or in relief, and it makes no difference. (JOSEPH, 2012, p. 536).

ele explica em sua próxima palestra, no dia 3 de dezembro: ‘A cada momento o perigo das abstrações é referenciado. Para compreender o que é, faz-se necessário um critério. Este critério está na consciência de cada pessoa. O que está na sensação dos falantes, o que é sentido em algum ou outro grau, é o significado, e pode-se dizer, então, que a concretude real, de modo algum fácil de compreender na língua= o que é sentido, que por sua vez= o que é significativo em algum, ou outro grau.’⁹⁶

Ferdinand de Saussure é muito claro sobre o fantasma enunciado no excerto acima. O erro de análise – não considerar a função de *bon marche* – por conta da classificação ‘literal’ do termo é desconsiderar o uso que o falante faz da língua, como peça fundamental para a análise científica, análise esta que é o objetivo primaz da linguística. É preciso exorcizar esses fantasmas, não ficando refém de um conceito que não encontra respaldo empírico. Assim como Galileu havia demonstrado que objetos com diferentes pesos caem na mesma velocidade, por conta de uma força que não se vê, mas se faz notar – a gravidade – o sistema que subjaz as línguas também poderia ser descrito, com o rigor metódico típico dos que se dedicam à práxis científica. A linguística também poderia elaborar enunciados adjetivados como leis, uma das principais forças do dizer científico. Para tanto, Saussure deixaria de lado o seu escrúpulo terminológico de usar tal palavra, pois refaria o seu dizer, neste segundo curso de linguística geral, ao enunciar que o termo lei, no jargão científico, evoca: “a regularidade, ou ordem, por um lado, ou a

⁹⁶ ‘This question of identities ends up being the same as that of linguistic realities.’ The language, he says, is full of ‘misleading realities’, because ‘a number of linguists have created phantoms and become attached to them’. Emphasizing that it is difficult to decide ‘where are phantoms, where is reality?’, he cites the example of parts of speech. In French, *bon marché* (literally ‘good market’) means ‘inexpensive’, and is used to modify nouns: *ces gants sont bon marché* ‘these gloves are inexpensive’. Functionally, then, *bon marché* is an adjective. But formally it does not behave like one. French adjectives agree in number and gender with the noun they modify, whereas *bon marché* is invariable. So, Saussure asks, ‘is *bon marché* an adjective?’ To answer ‘no’ is to fall victim to the phantom of what *bon marché* used to be. Its present-day function reveals how speakers conceive of it, or rather, feel it. And that is what is real, as he explains in his next lecture, on 3 December: ‘At every moment the danger of abstractions is spoken of. To comprehend what it is, a criterion is needed. This criterion is in each person’s consciousness. What is in the speakers’ feeling, what is felt to some degree or other, is meaning, and one can say then that real concreteness, not at all so easy to grasp in the language=what is felt, which in turn=what is meaningful to some degree or other. (JOSEPH, 2012, p. 536).

necessidade imperativa, uma necessidade imperiosa⁹⁷. A língua, exemplificará Saussure, dá amostras de leis, por exemplo, de caráter sincrônico, como o caso das sentenças em francês não admitirem o fato do objeto direto preceder o verbo. É possível que esse enunciado tenha em mente, de certa forma, as falas da Sociétés de linguistique de Paris cujos ecos chegam a Genebra e dizem que a sintaxe é um assunto primaz dos gramáticos, enquanto que a fonologia é dos linguistas⁹⁸. Isso possivelmente explicaria o cuidado com o prefácio para a reedição do *Mélanges Saussure* escrito por Havet, sob os auspícios de F. de Saussure, (recomendado por carta, em 23/11/1909 – durante o segundo curso de linguística geral):

Método é tudo na linguística. A linguística, na verdade, é uma crítica aplicada a dados (materiais, materiais simples que cada língua fornece). Agora, a crítica, como eu disse há muito tempo no meu artigo sobre o Sr. de Saussure, não é nada mais do que um bom andaime de hipóteses. A solidez trata exclusivamente do método, sem a qual o andaime seria um castelo de cartas. [...] O método cuidadoso é a característica marcante do *Mélanges Saussure*.⁹⁹

Há uma ordem de discurso nova na linguística proposta nos cursos de Ferdinand de Saussure. Anteriormente, a linguística já analisava as línguas (se concentrando basicamente nas línguas modernas), da mesma forma que a filologia analisava questões das línguas antigas (com notório sucesso para aquelas que não mais possuíam falantes). É sempre interessante relembrar o sucesso de Champollion ao decifrar a pedra de Roseta, o que possibilitou reconstituir toda uma série de fatos da civilização egípcia, descobrir questões de sua religião, de sua sociedade, de sua vida privada. É válido

⁹⁷ Ibid, 2013, p. 546: the regularity or order on the one hand, or the imperative nature, of an imperative necessity.

⁹⁸ Ibid, 2013, p. 547.

⁹⁹ Ibid, 2013, p. 549: Method is everything in linguistics. Linguistics, in effect, is a critique applied to data (materials, simple materials that every language furnishes). Now the critique, as I said long ago in my article on Mr. de Saussure, is nothing other than a good scaffolding of hypotheses. Solidity comes to it exclusively from method, without which the scaffolding would be a house of cards. [...] Careful method is the outstanding feature of the *Mélanges Saussure*.

relembrar, por exemplo, o fascínio de Napoleão pelo Livro do Destino, feito pelos egípcios e utilizado pelo novo imperador francês durante muitos anos. Um dos fatos fundamentais para uma nova linguística, a linguística do século XX, será não apenas reconhecer, como disse Saussure, que os linguistas haviam criado fantasmas que conduziam à ‘falsas realidades’, mas garantir a acuidade dos dados sobre os quais a análise linguística exercitará o seu dizer. É justamente pelo fato do método ser tudo para a linguística que, cada vez mais, se difundirá a ideia de que a linguística é A ciência que analisa as línguas. O termo análise linguística será cada vez mais um sinônimo de análise científica e, isso só poderá acontecer, por conta do controle rigoroso, metódico, acurado dos dados que serão postos para a construção da análise linguística. É fundamental lembrar que, nesse mesmo momento, no instante em que o excerto acima é escrito, Saussure avança na sua caminhada de princípios epistemológicos para uma análise linguística. Ao mesmo tempo, igualmente, F. de Saussure continua o estudo dos anagramas: um estudo (de tentativa de deciframento de um significado oculto) próprio do viés filológico. Essas caminhadas concomitantes, porém, não seguirão adiante; não porque Saussure capitule diante da dificuldade de decifrar tais significados, mas porque tal empreendimento não fará mais sentido diante de um rigor metodológico que, cada vez mais, ganha hegemonia no olhar científico do mestre genebrino.

Como mencionado antes, considerações a respeito dessa pesquisa, publicadas por Starobinski na década de 60 levaria a interpretações de Saussure como um praticante-precursor da poética estruturalista, tão à frente de seu tempo que teria chegado à beira da loucura. O verdadeiro significado da pesquisa sobre o anagrama é mais banal: ele demonstra o rigor metodológico e a honestidade acadêmica de Saussure. Um princípio oculto da poesia clássica parecia estar em seu rosto. Quanto mais ele olhava, mais exemplos ele encontrava. Meillet pediu-lhe para publicar essa descoberta espetacular. Se Saussure tivesse seguido o conselho, sua vida poderia ter culminado na fama ao invés da obscuridade, embora a fama não tivesse sido duradoura. Em vez disso, ele foi fiel a seu próprio credo e instintos. O último dos noventa e nove cadernos

sobre os anagramas foi fechado, e ele seguiu em frente.¹⁰⁰

As ideias de Saussure sobre os anagramas não podiam ser comprovadas através do rigor científico, da acuidade metodológica que ele tanto julgava necessária. Por isso o abandonou e seguiu em frente. Esse ato será um tanto representativo para esse segundo curso de linguística geral. A decifragem de um significado oculto, presente nos anagramas, não poderá, pelo menos até aquele momento, ser feita pelo rigor científico que F. de Saussure coloca em um lugar central; não podendo ser descrito metodologicamente, poderia ser a criação de um ‘fantasma’ ao qual se faria ligar, exatamente como havia criticado em tantos outros linguistas, seus contemporâneos. É válido, portanto, lembrar que Saussure dedicou mais de noventa cadernos ao estudo dos anagramas, mas opta por abandonar seu estudo de forma sistematizada no exato momento em que insiste, ainda mais, no rigor metodológico, como a maneira mais acurada de se falar cientificamente sobre a linguagem. Ele não publicará papers sobre a questão dos anagramas, não palestrará sobre eles na universidade de Genebra e, como já dito, não mais escreverá sobre eles. Não há espaço para o estudo metódico-linguístico dos anagramas no século das epistemologias.

A universidade de Genebra, no ano de 1909, testemunharia mais que a segunda palestra de Saussure e a continuidade da pregação do esperanto como uma língua interessante para a Suíça. Era a celebração do quarto centenário de Jean Calvino. Se um século antes, tal celebração podia ser interpretada como anti-bonapartista e, nos dois séculos anteriores, uma comemoração frugal parecia ser a melhor maneira de se celebrar o pensamento calvinista, o contexto político de 1909 é um tanto diverso. A família De Saussure foi a principal financiadora do almoço oferecido, em nove de julho de 1909, aos 850 estudantes da Université, além do chá ofertado às 15 horas, e do jantar ofertado aos principais

¹⁰⁰ Ibid, 2013, p. 558: as mentioned before, Starobinski published accounts of this research in the 1960s would lead to overinterpretations of Saussure as a practitioner of structuralist poetics avant La lettre, so far ahead of his time as to have been driven to the edge of madness. The true significance of the anagram research is more banal: it demonstrates Saussure’s methodological rigour and scholarly honesty. A hidden principle of classical poetry appeared to be starring him in the face. The more he looked, the more examples he found. Meillet urged him to publish this spectacular discovery. If Saussure had heeded the advice, his life might have culminated in fame rather than obscurity, though the fame would not have been enduring. Instead, he was true to his own instincts and creed. The last of the ninety-nine notebooks on anagrams was closed, and he moved on.

cientistas e convidados internacionais – à noite, o evento se deu na mansão dos De Saussure.

Ferdinand de Saussure era o último professor da Université, com formação aristocrática. No novo mundo, as pessoas que se dedicavam aos estudos da(s) ciência(s) o faziam por conta de um salário, que usavam para o seu próprio sustento. Uma grande parte dos professores universitários no século XX preparará suas palestras e artigos usando as bibliotecas de suas respectivas universidades. A moradia da burguesia, que ocupará boa parte dos cargos disponíveis de professores universitários, não comportará grandes cômodos para uma biblioteca particular. Nesse novo tempo, a influência do estado e do mercado sobre o ensino universitário será cada vez maior. A própria situação de Ferdinand de Saussure já é exemplificadora desta situação: ocupa duas cátedras – a de sânscrito e a de linguística geral – não apenas porque é competente intelectualmente para tal intento, mas também por implicar em menos custos para a Université. Os valores pagos pelos estudantes da universidade de Genebra – tradição secular – não é suficiente para a manutenção dos gastos, por isso é preciso que haja um repasse do Departamento de Instrução Pública, para complementação de gastos. Há a necessidade imperiosa de racionalização de tais gastos. No que concerne à questão das línguas, há a convicção de que as línguas modernas são infinitamente mais úteis que as clássicas. O objetivo das faculdades de letras é formar professores que lecionarão para a juventude suíça, conhecimentos sobre sânscrito e grego são, nessa visão moderna, completamente dispensáveis. Quando Saussure retornar, em 1910, para o seu terceiro curso de linguística geral, mais de dez alunos o ouvirão. Durante os seus cursos de sânscrito e grego, contudo, ele não conseguirá mais que quatro alunos, no primeiro dia de aula. As universidades, no mundo todo, viverão um momento de expansão, sobretudo na faixa etária entre os vinte e vinte e quatro anos. Esses jovens, cada vez com uma formação menos ‘clássica’ que a de Ferdinand de Saussure, não estarão interessados em questões sobre o indo-europeu, o sânscrito, o grego antigo ou quaisquer outras línguas que não mais possuem falantes vivos para com eles se comunicarem.

O início do século trazia novidades, como os primeiros experimentos com o avião, que prometia revolucionar os transportes do novo século, uma população que crescia rapidamente e uma universidade cada vez maior e mais comprometida em garantir aos seus alunos um futuro melhor que o dos seus pais. Saussure era,

possivelmente, o último¹⁰¹ aristocrata na Université. Alguém que gastava o seu salário nas cartas – rapidamente, por não ser de alto valor – e herdeiro de uma biblioteca montada ao longo dos séculos; uma pessoa cujo De ainda soava como título aristocrata, embora esse tempo, claramente, já estivesse no passado. Uma dessas novidades seria o estruturalismo que encontraria parte de seus genes nas palavras de Ferdinand de Saussure, uma teoria do conhecimento, uma epistemologia que havia começado a se estruturar em determinadas palavras de Saussure em seu segundo curso de linguística geral, mas apenas ganharia força para seguir adiante com os dizeres do terceiro curso de linguística.

6.3 O 3º CURSO (1910-1911)

Em 28 de outubro de 1910, quatorze alunos estavam prontos para assistir o terceiro curso de linguística geral ministrado por Ferdinand de Saussure. Além de lembrar pontos importantes dos dois cursos anteriores (como o fato de que os estudos linguísticos podem ser extremamente úteis para as outras ciências que também objetivam estudar as línguas, como a psicologia), ele prossegue firmando a linguística como a ciência que estuda as línguas a partir de um conjunto de signos. Da mesma forma, cita Whitney, concordando com a sua terminologia que via a língua como uma ‘instituição social’. Por outro lado, discorda da essencialidade dos sons como significantes que constituem a língua:

‘É por acaso’, disse ele, que os homens fizeram uso da laringe, dos lábios, da língua para falar, eles descobriram que era mais conveniente, mas se eles tivessem usado os sinais visuais, ou suas mãos, a língua permaneceria a mesma em sua essência, nada teria mudado.’ Isso era verdade, desde que ele descontasse a forma como ela era executada. Isto traz de volta o que estávamos dizendo: a única mudança é que as imagens

¹⁰¹ Ibid, 2013, p. 559.

acústicas sobre as quais nós estávamos falando seriam substituídas por imagens visuais.¹⁰²

Esse é um dos poucos exemplos nos quais Saussure reafirma a sua fala dentro do mesmo curso de linguística:

No que diz respeito ao sistema de som, Saussure já havia tomado sua posição, rejeitando a ideia de que se deve começar a partir da fonética articulatória (*Lautphysiologie*) e nunca desviar-se dela como seu princípio orientador. O sistema de som é, antes de tudo, psicológico e usa os órgãos físicos para servir aos seus fins, e não o contrário. Ele agora concorda com o argumento de Whitney, o qual ele originalmente rejeitara, de que o aparelho vocal foi o escolhido para falar, porque era o mais conveniente.¹⁰³

Ferdinand de Saussure não apenas reformula suas ideias no terceiro curso de linguística geral, continua sendo inspirado por vários trechos de Whitney, mantendo o foco em determinadas questões que, posteriormente, não mais serão motivos de questionamento – como a origem da fala humana. Um ponto que também será ressaltado por Saussure para o seu público que, como ele dirá mais a frente, não é formado por linguistas, será justamente acerca de determinados pontos constitutivos do linguista:

Ele oferece uma outra nova perspectiva de como se pode ter acesso ao que uma língua é. O linguista 'deve estudar línguas, antes de tudo, tantas línguas quanto possível; ele deve estender seu horizonte na medida do possível. [...] Através

¹⁰² Ibid, 2013, p. 569: 'It is by chance', he said, 'that men made use of the larynx, the lips, the tongue for speaking, they found that it was more convenient, but if they had used visual signs, or their hands, the language would remain the same in its essence, nothing would have changed.' This was true, since he discounted how it was executed. This comes back to what we were saying: the only change is that the acoustic images we were talking about would be replaced with visual images.

¹⁰³ Ibid, 2013, p. 575: with regard to the sound system, Saussure had already taken his position, rejecting the Idea that one must start from articulatory phonetics (*Lautphysiologie*) and never deviate from it as its guiding principle. The sound system is first of all psychological and uses the physical organs to serve its purposes, not the other way round. He now agrees with Whitney's argument, which he originally rejected, that the vocal apparatus was chosen for speaking because it was the most convenient.

do estudo, da observação dessas línguas, ele será capaz de extrair características gerais, ele reterá tudo o que lhe aparece essencial e universal, deixando de lado o particular e o acidental. Ele terá diante de si um conjunto de abstrações que será a língua.¹⁰⁴

É simbólico o fato de Ferdinand de Saussure iniciar o primeiro curso de linguística geral fazendo uma definição do que é a linguística, através da tradicional sistematização de fazê-lo através do que ela, primeiramente, não é. No terceiro curso de linguística geral, mesmo que por breve momento, ele nomina determinadas características do que é um linguista e o que ele faz. É fundamental a ideia de que o linguista, para Saussure, deve estudar línguas, acima de tudo, tantas quantas ele puder. Um linguista que dominasse apenas uma língua, portanto, não corresponderia a este quadro identitário. É provável que a ideia do saber comparatista ainda permeasse essa ideia de linguista, saber esse que seria combinado com a habilidade de abstrair o ‘essencial e universal’ em detrimento do ‘particular e acidental’. Aí estaria a diáde que comporia um dos principais traços do linguista do século XX. A preocupação terminológica do mestre genebrino ainda focaria sua atenção em possíveis outras interpretações de significado de determinados termos utilizados por ele, como por exemplo, no caso de arbitrário:

[...] esta palavra ‘arbitrária’. Não é arbitrária, no sentido de depender da livre escolha do indivíduo. É arbitrária em relação ao conceito, nada tendo, em si, que se encontra particularmente neste conceito. Uma sociedade inteira não poderia mudar o signo, porque a herança do passado é que lhe é imposta pelos fatos da evolução.¹⁰⁵

¹⁰⁴ Ibid, 2013, p. 569: He offers another new perspective on how one can get access into what a language is. The linguist ‘must study languages first of all, as many languages as possible; he must extend his horizon as far as possible. [...] Through the study, the observation of these languages, he will be able to draw out general characteristics, he will retain all that appears to him essential and universal, leaving aside the particular and the accidental. He will have before him an ensemble of abstractions which will be the language.

¹⁰⁵ Ibid, 2013, p. 579: [...] this word arbitrary. It is not arbitrary in the sense of depending on the individual’s free choice. It is arbitrary in relation to the concept, as having nothing in itself that lies it particularly to this concept. An entire society could not change the sign, because the heritage of the past is imposed on it by the facts of evolution.

Possivelmente, uma das grandes características diferenciadoras de Saussure, sobretudo durante os cursos de linguística geral, foi o refazimento – entre 1907 e 1911 – de determinados conceitos que, paulatinamente, atingiram o estado final de enunciação, pelo qual ficarão conhecidos ao longo das décadas do século XX. É fundamental, da mesma forma, perceber a criticidade de Saussure ao olhar para a linguística feita até então. Ferdinand de Saussure, sem dúvida alguma, era um intelectual formado nos gabinetes do século XIX, mas não se esquivava diante da tarefa de falar com alunos do século XX, com conhecimento incipiente sobre os temas ‘linguísticos clássicos’. É por conta, justamente, desse ‘choque de séculos’ que Saussure refletirá e se angustiará muito sobre o andamento dos cursos de linguística, como mostra a resposta do mestre genebrino a Léopold Gautier, que havia lhe perguntado se ele, Ferdinand de Saussure, não era afeito ao que estava ensinando, já não tendo lidado com esses mesmos assuntos antes da morte de Wertheimer (o catedrático de linguística geral, anterior a Saussure):

Pelo contrário, eu não acho que tenha adicionado nada desde então. Estes são assuntos que me ocuparam principalmente antes de 1900 [...] Eu me encontro diante de um grande dilema: apresentar o assunto em toda a sua complexidade e admitir as minhas dúvidas, o que pode não ser adequado para um curso em que os alunos devem ser avaliados. Ou então fazer alguma coisa simplificada, melhor adaptada para um público de estudantes que não são linguistas. Mas a cada passo eu me encontro detido por escrúpulos. Para chegar até o fim, eu precisaria de meses para uma sincera reflexão. Por enquanto, a linguística geral parece-me com um sistema de geometria. Terminamos com teoremas que precisam ser demonstrados. Assim, percebemos que o teorema 12 é, de outra forma, o mesmo que o teorema 33. Primeira verdade: a língua é distinta da fala. Isso serve apenas para eliminar qualquer coisa fisiológica. É aí que temos apenas a continuação de uma questão puramente psíquica. Agora, parece-me que chegamos a esta primeira necessidade por caminhos totalmente opostos. (Aqui, Gautier observa, algo perdido de minha memória) – Então, sim, o que é essencial é o

problema das unidades. Com efeito, uma língua é necessariamente comparável a uma linha cujos elementos são cortados com uma tesoura, chop, chop, chop, e não cortar cada um com uma única forma. Quais são esses elementos? [...] Sim, eu tenho anotações sobre esses assuntos, mas perdidos em pilhas, portanto eu não seria capaz de encontrá-los. Seria absurdo iniciar um longo projeto de pesquisa para publicação, quando eu tenho aqui tantos trabalhos inéditos.¹⁰⁶

Se há algo que pode ser dito, de forma consensual, sobre Ferdinand de Saussure, é que ele não era um pesquisador balizado pela publicação de papers. Seus textos foram muito importantes para o século XIX, e tiveram ampla repercussão científica, foi o seu trabalho, totalmente oralizado – e não o seu *Mémoire* – que ecoou de forma significativa para os linguistas do século XX. Saussure busca um meio-termo para a finalização do seu curso de linguística geral. Tecnicamente, esses cursos poderiam continuar e, quiçá, poderiam se transformar em textos escritos sob a revisão do próprio F. de Saussure. A sua mente sempre objetiva, por sua vez, sabia que a probabilidade de retornar para continuar seus trabalhos na Université era muito remota. Percebendo sua saúde cada vez mais frágil, era preciso se preparar para a possibilidade de não voltar, por isso ressaltou com tanta ênfase suas últimas falas. Em 27 de junho de 1911, após fazer a clássica recapitulação do que havia falado até ali, Saussure pontua que:

¹⁰⁶ Ibid, 2013, p. 582: On the contrary, I don't think I've added anything since then. These are subjects which occupied me mostly before 1900. [...] I find myself on the horns of a dilemma: either to present the subject in all its complexity and admit my doubts, which can't be suitable for a course on which students must be examined. Or else do something simplified, better adapted to an audience of students who aren't linguists. But at each step I find myself stopped by scruples. To get through to the end, I would need months of single-minded mutation. For the moment, general linguistics appears to me like a system of geometry. We end up with theorems that have to be demonstrated. So we notice that theorem 12 is, in another form, the same as theorem 33. First truth: language is distinct from speech. That serves only to eliminate anything physiological. There then remains only a purely psychic matter. Now it seems to me that we arrive at this first necessity by several opposing routes. (Here, Gautier notes, something lost from my recollection.) – Then, yes, what is essential is the problem of units. In effect, a language is necessarily comparable to a line the elements of which are cut with scissors, chop, chop, chop, and not cut each with a form. What are these elements? [...] Yes, I have notes about these subjects, but lost in piles, so that I wouldn't be able to find them. It would be absurd to begin a long research project for publication, when I have here so many unpublished papers.

Em uma linguagem, só existem diferenças entre os signos. [...] Então, todo o sistema de uma língua pode ser considerado como diferenças de sons que combinam com diferenças de ideias. [...] O princípio, finalmente, ao qual a questão volta é o princípio fundamental da arbitrariedade do signo. [...] Nós temos considerado a palavra como o termo colocado em um sistema, isto é, como um valor. – Agora, a solidariedade dos termos em que o sistema pode ser concebido como uma limitação do arbitrário, seja a solidariedade sintagmática ou solidariedade associativa. [...] Neste curso temos praticamente concluído apenas a parte externa. Na parte interna, a linguística evolutiva é deixada de lado pela linguística sincrônica e temos adotado apenas os princípios gerais da linguística. É com base nestes princípios gerais que os detalhes de um estado estático ou a lei de estados estáticos serão abordados de forma prolífica.¹⁰⁷

A combinação dos excertos registrados nos cadernos dos ouvintes de Saussure (incluindo Albert Riedlinger), aponta para os excertos acima citados. É evidente que estas últimas palavras são muito diferentes das presentes na versão editada de tais cursos, onde se diz que (SAUSSURE, 1995, p. 271) ‘a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma’. Apesar da própria versão editada do livro pontuar que essa frase não é de F. de Saussure, mas dos próprios editores, o alinhamento e a disciplinarização da voz de Saussure farão crer que a frase final da versão editada, apesar de não ser de Ferdinand de Saussure, pode ser considerada completamente saussureana.

¹⁰⁷ Ibid, 2013, p. 600: In a language, there are only differences between signs. [...] So the entire system of a language can be envisaged as differences of sounds combining with differences of ideas. [...] The principle, finally that the thing comes back to is the fundamental principle of the arbitrariness of the sign. [...] We have considered the word as term placed in a system, that is, as a value. –Now, the solidarity of the terms in the system can be conceived as a limiting of the arbitrary, whether it is syntagmatic solidarity or associative solidarity. [...] In this course we have nearly completed only the external part. In the internal part, evolutive linguistics is left aside for synchronic linguistics and we have taken up only general principles in linguistics. It is on the basis of these general principles that the details of a static state or the law of static states will be fruitfully addressed.

7 UM ALÉM DEPOIS

7.1 DEPOIS DOS CURSOS

Nos dezoito meses que separam a última fala de Ferdinand de Saussure no seu terceiro curso de linguística geral da sua morte, ele voltará ao pleno exercício da sua cátedra de sânscrito. Pedirá afastamento da Université, por conta de sua saúde, finalizará o seu último paper e retornará, pela última vez para a Société de Linguistique de Paris. É justamente em Paris que sentirá as tensões políticas entre França e Alemanha, o que resultaria em outras sérias modificações políticas no século XX.

O ano acadêmico 1912-1913 não presenciará aulas/palestras/cursos da cátedra de linguística (acumulada com a de sânscrito por Ferdinand de Saussure). Por isso, ele voltará a contabilizar as suas horas para o sânscrito, o grego e o latim, embora o seu curso não tenha mais a mesma força filológica de outrora:

O novo curso, menos filologicamente ambicioso que seu antecessor, foi projetado para estudantes cujos conhecimentos de latim e grego não era necessariamente muito detalhado, e que não conheciam linguística. O tipo de estudante, em outras palavras, que estava se tornando a norma na Faculdade de Letras e Ciências Sociais.¹⁰⁸

É ainda em 1912 que Saussure publica o seu último paper, analisando a questão dos adjetivos do Indo-Europeu. É escrito para uma publicação que homenagearia os setenta anos de Vilhelm Thomsen, professor de filologia comparativa da universidade de Copenhague. Uma mente que, ao contrário da de Saussure, havia saído da linguística para a filologia, embora ocupasse a cátedra de filologia, será tratado em sua homenagem como 'linguista'. Após esse último paper, em 9/09/1913, Ferdinand de Saussure escreve ao decano da faculdade, Francis de Crue, solicitando afastamento por motivo de saúde. Tal afastamento será concedido e pelos próximos cinco meses que

¹⁰⁸ Ibid, 2013, p. 602: The new course, less philologically ambitious than its predecessor, was designed for students whose knowledge of Latin and Greek was not necessarily very detailed, and Who knew no linguistics. The kind of student, in other words, who was becoming the norm in the Faculty of Letters and Social Sciences.

antecedem sua morte, o mestre genebrino verá a relação de poder-saber se evidenciarem, em todas as suas minúcias. Substituir Ferdinand de Saussure não será uma mera questão burocrática onde se escolhe um professor substituto. Com a saúde claramente abalada, é esperada a morte de Saussure. A licença para saúde é mera questão terminológica, pois o substituto deverá, de fato, ser o novo professor catedrático. É aí que se levanta a questão de quem deve escolher que cátedras devem ser mantidas, sob quais critérios, até que ponto o Departamento de Instrução Pública, mantenedor de boa parte dos recursos financeiros da Université pode interferir na autonomia universitária. Artigos que versarão sobre a manutenção ou não da cátedra de sânscrito, herança clara da tradição filológica, serão publicados nos jornais de Genebra. O resultado não poderia ser outro: o mesmo poder que disciplina a manutenção de cátedras, o faz amparado por um saber – científico – que não apenas diz como se deve estudar algo; mais que uma questão de método, o saber especializado se voltará para determinados objetos: as línguas modernas. O sânscrito e o grego perderão cada vez mais espaço na universidade (não apenas na de Genebra):

No Outono de 1912 as tensões vieram à tona. Rosier ‘muito rapidamente’ propôs uma nova lei sobre o ensino universitário que, em alguns aspectos, apelou para a velha guarda, principalmente porque iria criar uma nova Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais, incorporando cadeiras relevantes na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, bem como a criação de várias novas cátedras. No entanto, uma das novas cadeiras foi para um campo que estava além dos limites dos tradicionalistas: estudos de negócios. Genebra teve escolas de comércio no nível secundário, mas os seus diplomados eram inegáveis para a admissão na Université, a mesma situação que Rosier enfrentou ao sair do Gymnase. Ainda mais controversa, a nova lei mudou a estrutura da comissão de notificações, responsável por nomear novos professores, de forma que os delegados nomeados pelo Diretor da Instrução Pública formassem a maioria.¹⁰⁹

¹⁰⁹ Ibid, 2013, p. 610: In the autumn of 1912 tensions came to a head. Rosier ‘very rapidly’ proposed a new law on university teaching that in some respects appealed to the old guard,

O Departamento de Instrução Pública argumentava que tais mudanças tinham como intuito democratizar a universidade – termo que seria um dos mais utilizados no século XX para quase todas as mudanças políticas. Pessoas que viviam nas partes internas dos muros universitários, portanto, não poderiam simplesmente decidir quem ocuparia as cátedras custeadas com dinheiro externo à universidade. Levar em conta os interesses da população que vivia fora dos muros universitários era, por conseguinte, agir democraticamente. A população que chegava até os bancos universitários, em número cada vez maior, provinha de uma realidade muito diferente da que Ferdinand de Saussure vivenciara quando ele próprio fora o aluno de graduação em Genebra. A ideia motriz era obter um diploma universitário que garantiria não apenas prestígio social, mas rendimentos e saber que fariam desses diplomados as pessoas aptas para ocuparem os principais cargos em sua sociedade, um exemplo adequado é o próprio Departamento de Instrução Pública na Genebra de 1913, ocupado por Rosier, um homem de classe média que conhecia os entremeios do poder acadêmico, embora estivesse longe de ser um erudito. Os aristocratas eruditos, que ocupavam cátedras universitárias pela sua relevante formação intelectual, estavam em extinção. Os alunos do curso de letras que frequentavam os cursos/palestras como as que Saussure havia feito, seriam os futuros professores dos jovens suíços. Estudar sânscrito não era exatamente o conhecimento que, segundo os olhares da época, seria o conhecimento mais adequado para prepará-los para a lide em sala de aula. De forma similar, os professores que entrariam na Université, buscavam um salário mais interessante – substancialmente maior que os das escolas de ensino básico – por isso, uma certa normalização das cátedras precisaria ser feita. Elas não poderiam ser modificadas apenas por conta da vontade dos eruditos, sobretudo porque essa vontade não poderia ser completamente autônoma, haja vista que necessitava de financiamento vindo do governo suíço (além de contar com um percentual de mensalidades dos próprios alunos). O poder acadêmico, nesse caso, não seria apenas restrito às emulações de saber

particularly because it would create a new Faculty of Economic and Social Sciences, incorporating relevant chairs in the Faculty of Letters and Social Sciences as well as creating several new ones. However, one of the new chairs was in a field that lay beyond the pale for the traditionalists: business studies. Geneva had écoles de commerce at secondary level, but their graduates were ineligible for admission to the Université, the same situation Rosier himself had faced on leaving the Gymnase. Even more controversially, the new law changed the structure of the commission de préavis responsible for nominating new professors so that delegates appointed by the Director of Public Instruction would form the majority.

científicas e eruditas; tratava-se de algo além: decidir quem deveria arbitrar sobre as questões internas da universidade.

Pelas regras vigentes à época, seria necessária a aprovação do Grande Conselho da Université (o que foi facilmente obtido) e, posteriormente, a confirmação de tal decisão por um plebiscito feito à população:

Mas os ‘mandarins’, a velha guarda da Université, não desistiu facilmente. Este artigo desencadeou uma briga furiosa que seria jogada nas primeiras páginas do radical Genevois e do conservador *Journal de Genève* ao longo das seis semanas que antecediam a votação do referendo público sobre a Lei Universitária, no domingo 22 de dezembro. Quando o *Le Genevois* decidiu iniciar, diretamente, a irrisão dos mandarins, eles procuraram por um alvo óbvio – um professor de línguas mortas, que ensinava para alguns estudantes, publicava praticamente nada, e tinha um aristocrático ‘de’ em seu nome. Já que o *Journal de Genève* estava, sem dúvidas, com a razão ao considerar que *Le Genevois* estava agindo como órgão pessoal de William Rosier, não era surpreendente que o alvo escolhido fosse aquele que vingaria humilhações e ressentimentos que remontavam a quando tinham entrado juntos no *Gymnase* 39 anos antes.¹¹⁰

Saussure virou o alvo predileto para o discurso que pretendia extinguir determinadas cátedras pelos motivos explicitados no excerto acima. Dentre esses motivos, deve ser ressaltada a questão da baixa publicação de artigos, algo que será o padrão acadêmico para o século XX. É nesse contexto, acompanhado de perto pelo próprio F. de

¹¹⁰ Ibid, 2013, p. 610-611: But the ‘mandarins’, the old guard of the Université, did not rest easy. This article set off a furious feud that would be played out on the front pages of the radical Genevois and the conservative *Journal de Genève* over the six weeks leading up to the public referendum vote on the *Loi Universitaire* on Sunday 22 December. When *Le Genevois* decided to begin pillorying the mandarins directly, they looked for an obvious target – a professor of dead languages who taught few students, published next to nothing, and had the aristocratic ‘de’ in his name. Since the *Journal de Genève* was no doubt right in its assertions that *Le Genevois* was acting as the personal organ of William Rosier, it is all the less surprising that the target chosen was one that would avenge humiliations and resentments dating back to when they had entered the *Gymnase* together thirty-nine years before.

Saussure, que Charles Bally procurará um lugar ao sol, uma cátedra que pudesse ser ocupada, indubitavelmente, por ele:

Como Rosier, Bally veio de uma origem social modesta, e tinha seguido, a partir do Gymnase para uma distinta carreira no ensino de nível secundário, além de ter, por muitos anos, trabalhado como palestrante externo na Université. Porém, com a idade de quarenta e sete anos, e com uma reputação profissional em ascensão para os seus trabalhos publicados, ele estava impaciente por progredir. Ele podia perceber a Université indo em uma direção que não prometia um futuro sólido para as ‘línguas mortas’, mas onde uma abordagem com um título inovador podia prosperar. No início de junho de 1912, Bally escreveu a Rosier propondo a criação de uma cadeira em estilística. Bally já havia publicado dois livros sobre o assunto. Porém, não existia nenhuma cadeira de estilística em qualquer lugar do mundo. Rosier oficialmente informou Édouard Montet, Reitor da Universidade, do pedido de Bally, sem acrescentar qualquer comentário de sua autoria. Normalmente, um relatório assim, teria ido na direção oposta, de Montet para Rosier. Tendo sido entregue ao Reitor por seu superior político foi certamente o ‘caminho rápido’ de obter aprovação para a cadeira. O assunto avançou com a velocidade da luz, com a proposta de pauta para a reunião do Senado Universitário em 19 de junho. Apenas dois dias antes dessa reunião Bally estava apresentando a sua descrição da cátedra para o decano da Faculdade, Charles Seitz: ‘a estilística é uma ciência que, combinando os métodos da psicologia da linguagem e da linguística geral, estuda os aspectos afetivos da linguagem natural. Eu chamo de aspectos afetivos todas as expressões de emoções na linguagem. Linguagem natural é a linguagem espontânea a serviço da vida real (ou seja, quase sempre língua falada), em oposição às formas de linguagem que não têm essa função ou

as tem apenas indiretamente (por exemplo, a linguagem literária, linguagem científica, etc.).¹¹¹

A criação de uma cátedra, portanto, era algo que envolvia não apenas a discussão sobre determinado tipo de saber, método científico, objeto da investigação e possíveis resultados a serem apresentados. A criação de uma cátedra era necessariamente um ato político, não apenas por conta de implicar em gastos ou por incluir um novo sujeito na intrincada hierarquia do poder acadêmico. A politização da criação – e consolidação – de uma cátedra passava pela sua própria proposta de criação, poderia ser oriunda dos próprios professores que julgavam a especificidade de uma cadeira necessária; ou, por outro lado, vir da burocrática mesa da Diretoria de Instrução Pública, sendo, obviamente, aceita com maior rapidez pela reitoria. O envolvimento do reitor da Université, em 1912, no intrincado ‘jogo de cátedras’ não se dava apenas pelo saber científico, mas também pela sua necessária relação política com o Departamento de Instrução Pública. Se, por um lado, Ferdinand de Saussure detinha certo poder ao ser capaz de publicar papers, ter feito o *Mémoire* e ter conferenciado os cursos de linguística geral, seu poder provinha do saber científico, enunciando verdades sobre o seu objeto: a língua. Não cabia a Ferdinand de Saussure a força política de garantir a sobrevivência da cátedra de sânscrito. O seu poder de enunciação não se fazia sentir na força política necessária para garantir que determinado saber não é apenas algo verdadeiro, mas

¹¹¹ Ibid, 2013, p. 611: Like Rosier, Bally came from a modest social background, and had proceeded from the Gymnase to a distinguished career in secondary-level teaching, augmented by many years of working as Privatdozent in the Université. But at the age of forty-seven, and with a growing professional reputation for his published work, he was impatient to progress. He could see the Université heading in a direction that did not promise a strong future for ‘dead languages’, but where an approach with an innovative title might thrive. Early in June 1912 Bally wrote to Rosier proposing the creation of a chair in stylistics. Bally had published two books on the subject. But no chairs in stylistics existed anywhere in the world. Rosier officially informed Édouard Montet, Rector of the Université, of Bally’s request, without adding any comment of his own. Normally such a report would have gone in the opposite direction, from Montet to Rosier. Having it delivered to the Rector by his political superior was certainly the ‘fast track’ to getting approval for the chair. Matters moved forward with lightning speed, with the proposal put on the agenda for the 19 June meeting of the University Senate. Just two days before that meeting Bally was submitting his description of the chair to the Dean of the Faculty, Charles Seitz: ‘stylistics is a science which, combining the methods of the psychology of language and general linguistics, studies the affective aspects of natural language. I call affective aspects all the expressions of emotions in language. Natural language is spontaneous language in the service of real life (i.e. almost always spoken language) as opposed to the forms of language which do not have this function or have it only indirectly (e.g. literary language, scientific language, etc.).’

também útil. Por outro lado, se as línguas mortas equivaliam-se cada vez mais a aristocracia: coisas do passado, ainda havia um prestígio no nome de Ferdinand de Saussure, contemporâneo de Whitney, um erudito que todos reconheciam. Ninguém melhor que ele para avaliar novas cátedras, sobretudo se essas visassem estudar questões referentes às línguas. Ferdinand de Saussure era, em última instância, um dos ‘mandarins’, sua palavra era respeitada pelo Senado Universitário. O mestre genebrino falará ao colegiado que delibera sobre a criação das novas cátedras. A dúvida de que falar sobre estilística era, de certa forma, fazer linguística, haja vista que a estilística é nada mais que ‘simplesmente linguística’, será por ele dirimida:

‘Sim, senhores, simplesmente linguística. Apenas a linguística, atrevo-me a dizer, é muito vasta. Notavelmente, ela envolve duas partes: uma que está mais perto da langue, o depósito passivo, o outro que está mais próximo a parole, a força ativa e verdadeira origem dos fenômenos que são, então, gradualmente percebidos na outra metade da língua’. Seria uma divisão de trabalho clara se Saussure dissesse que a linguística lidaria com a langue e a estilística com a parole – mas isso não era, definitivamente, o que ele pensou. A parte da linguística que está mais perto da langue é a sincrônica, a que está mais perto da parole é a diacrônica. Em outras palavras, tanto a linguística quanto a estilística relacionam-se tanto a langue quanto a parole, de uma maneira idêntica. O texto de Saussure conclui que a linguística, sendo tão vasta, ‘tem o suficiente a fazer, ousou dizer, nos compartimentos mais elementares, ou aqueles voltados para direções diferentes, como por exemplo, a história evolutiva das formas. Consequentemente, isso é algo bem-vindo, a explicação das fórmulas linguísticas, na medida em que elas são motivados por este ou aquele estado psicológico’.¹¹²

¹¹² Ibid, 2013, p. 612-613: ‘Yes, gentlemen, simply linguistics. Only, linguistics, I venture to say, is vast. Notably it involves two parts: one which is closer to langue, the passive deposit, the other which is closer to parole, the active force and veritable origin of the phenomena which are then gradually perceived in the other half of language.’ It would give a neat division of labour if Saussure were to say that linguistics will deal with langue and stylistics with parole

Saussure repete o que havia dito em seu último curso de lingüística geral, em sua tentativa de estruturar o pensamento lingüístico, conferindo-lhe uma ordem que, em sua opinião, comprometia boa parte das afirmações da lingüística do século XIX. O colegiado acompanha o posicionamento de Saussure e, por unanimidade, apoia a criação da primeira cátedra de estilística da qual se tem notícia, na universidade de Genebra, no ano de 1912. Dessa forma, tudo o que o Departamento de Instrução Pública precisava fazer seria apenas declarar criada a cátedra (sugerida pelo próprio Departamento). A política acadêmica, contudo, possui mais nuances que o saber científico pode supor:

[...] Saussure havia sido informado da mudança de designação antes de escrever uma carta não datada para o Departamento de Instrução Pública, que está em anexo à Bally, juntamente com uma petição assinada por cinquenta e um estudantes que Bally organizou. Saussure diz que ele não tem qualquer objeção à cadeira: 'se sob o nome de Psicologia da Linguagem ou qualquer outro, eu não prevejo nenhuma competição problemática; pelo contrário, um debate saudável entre a nova cátedra e a de Lingüística Geral'. Na tentativa de influenciar Rosier, Bally dificilmente poderia ter feito um movimento mais errado do que o de conseguir o apoio de Saussure. O nome, por si só, seria suficiente para levantar a sanha de Rosier. Mas quando Saussure sugere um 'debate saudável' para os alunos com a nova cátedra, quando suas próprias palestras atraíam um número tão reduzido de alunos em primeira instância – estava Saussure deliberadamente insultando a inteligência de Rosier, ou foi apenas o desdém de um aristocrata por uma questão tão mundana, como se uma nova cátedra fosse realmente atender às necessidades de quaisquer alunos? De uma forma ou de outra, eles se posicionaram, as

– but this was not at all what he thought. The part of linguistics that is closer to langue is the synchronic, that which is closer to parole is the diachronic. In other words, both linguistics and stylistics relate to both langue and parole, in an identical way. Saussure's text concludes that linguistics, being so vast, 'has enough to do, I dare say, in the more elementary compartments, or those aimed in different directions such as for example the evolutive history of forms. Consequently, this is something welcome, the explication of linguistic formulae insofar as they are motivated by this or that psychological state'.

cinquenta e uma assinaturas na petição não levaram Rosier a acreditar que os alunos a serem divididos entre as duas cátedras eram minimamente próximos desse número. O que Rosier fez em seguida foi maquiavélico em seu cinismo e brilhantismo tático. Apesar de saber (como em breve tornar-se-ia claro) quão poucos alunos Saussure tinha, ele concordou em dar à nova cátedra o status de ‘ordinária’ pelo qual Bally ansiava e o Senado havia referendado – mas anexava tal proposta à Lei Universitária que seria votada no referendo de dezembro. Essa era a lei que introduziria os estudos de negócios na Université, e representava tudo que seus ‘mandarins’ estavam convictos a se opor. Agora Saussure e os outros membros do Senado que tinham votado pela cátedra tinham um interesse direto na aprovação da proposta. Rosier esperava que isso, pelo menos suavizasse a resistência deles, mesmo que não os silenciasse.¹¹³

De fato, se há uma coisa que professores doutores, políglotas, e reconhecidos por décadas como referências em suas áreas de atuação não fariam, seria silenciarem-se – sobretudo para alguém como Rosier. No curto período que antecede o referendo sobre a nova lei para a

¹¹³ Ibid, 2013, p. 614: Saussure had been informed of the change in designation before writing the undated letter to the Department of Public Instruction which is annexed to Bally’s, along with a petition signed by fifty-one students which Bally organized. Saussure says that he has no objection to the chair: ‘Whether under the name of Psychology of Language or another, I foresee no troublesome competition; on the contrary, a healthy contest between the new chair and that of General Linguistics’. In trying to sway Rosier, Bally could hardly have made a more wrong-footed move than to enlist the support of Saussure. The name alone would have sufficed to raise Rosier’s hackles. But when Saussure suggests a ‘healthy contest’ for students with the new chair, when his own lectures attracted such small numbers of students in the first place – was Saussure deliberately insulting Rosier’s intelligence, or was it just an aristocrat’s disdain for a matter so mundane as whether a new professorship would actually serve the needs of any students? Whether or not they were meant to, the fifty-one signatures on the petition did not fool Rosier into believing that the students to be shared out between the two chairs were anything like this numerous. What Rosier did next was Machiavellian in its cynicism and tactical brilliance. Despite knowing (as would shortly become clear) how few students Saussure had, he agreed to give the new chair the ‘ordinary’ status which Bally craved and the Senate had endorsed – but to attach the proposal to the Loi Universitaire to be voted on in the December referendum. This was the Loi that would introduce business studies into the Université, and represented everything its ‘mandarins’ business studies into the Université, and represented everything its ‘mandarins’ were bound to oppose. Now Saussure and the other Senate members who had voted for the chair would have a direct interest in the proposal passing. Rosier expected this at least to stiffen their resistance, even if it did not silence them.

universidade, os jornais de Genebra se enfrentarão, atacando o Departamento de Instrução ou a Universidade. Saussure era, então, a personificação – para um discurso que foi montado para ‘democratizar’ a universidade do antigo, do aristocrático que se sustentava do suor do povo genebrino enquanto falava coisas desinteressantes que quase ninguém queria ouvir. O mestre genebrino seria o único a silenciar, com exceção de uma nota de três linhas, mais para justificar o silêncio que para tomar partido de um dos lados. O olhar Saussureano que havia reconhecido armadilhas fáceis de cair (no caso Dreyfus, no misticismo da língua marciana, ou mesmo na promessa da neutralidade do esperanto) preferia aqui, mais uma vez, o silenciamento. Para Saussure, era óbvio que o conhecimento do sânscrito trazia uma série de vantagens para o intelectual que quisesse se dedicar profissionalmente à pesquisa linguística. O estudo filológico era uma herança secular que não devia ser desprezada. O mundo no final de 1912, contudo, era outro. Ferdinand de Saussure reconhecia esse novo mundo, com sua precisão analítica, da mesma forma que sabia não ter mais muito tempo nele. A obsessão em reconhecer os sinais para uma análise correta havia feito com que ele tivesse produzido muito pouco; havia, inclusive, renunciado aos anagramas, por conta desse rigor metódico. Saussure era, antes de tudo, um analista. Não será assim, contudo, que ele será retratado em mais uma polêmica dicotômica que, ele sabia, em muitos casos obnubilava o todo da verdade. Os excertos que mostram a batalha discursiva que se trava sobre a lei da Universidade demonstram bem a força com que a Université e o Departamento de Instrução Pública se enfrentam. O processo pelo qual esse enfrentamento se dá, é tão esclarecedor quanto o resultado. O ímpeto empregado nas discussões pode ser percebido de forma sequencial:

[...] E agora, vejamos, uma cátedra de proteção legal do trabalho, uma cadeira que custa 2.600 francos, e daí? Não temos uma cadeira de sânscrito com um ou dois alunos? E não é o senhor de Saussure que a ocupa? Aqui está um tipo distinto de estudo! Ele conhece sânscrito, querido! Pelo amor do sânscrito, permita-nos, Senhor de Saussure, te beijar... É verdade que se pode aprender sânscrito, em Genebra; por outro lado, um aluno ao se formar na nossa escola de negócios tem o direito de ir e se inscrever na Universidade... de Zurique. [...] O Jornal de Genebra tentou alinhar a Université contra o povo.

Tanto pior para os seus amigos! É o povo que, por sua vez, deseja alinhar-se contra eles, e contra a Université que eles desejam transformar em seu feudo.¹¹⁴ [...] A ciência de Ferdinand de Saussure, professor de linguística geral e de história e comparação das línguas indo-europeias é conhecido em todo o mundo; apenas os editores do *Le Genevois* não têm consciência disso. Se a universidade de sua cidade natal não tivesse tido o privilégio de mantê-lo, o *Collège de France* teria recebido o Sr. de Saussure, que também é membro correspondente do Instituto. Em vez de expressar a sua gratidão a ele, o *Le Genevois* o ridiculariza.¹¹⁵ [...] Mais duas palavras sobre os senhores de Saussure e Chodat, acima de nossos ataques, ao que parece, porque estes são homens de saber. A ciência deles não está em questão. O que precisa ser perguntado é se Genebra realmente precisa de uma cadeira de sânscrito, do interesse de apenas um ou dois alunos, e que nunca atraíu ninguém de fora. Uma vez que o *Jornal de Genève*, em surpreendente má fé, contesta a utilidade de certas cadeiras criadas pela nova Lei, estamos justificados por dar-lhe uma dose de seu próprio remédio e perguntar, de boa fé, para que serve ter um professor do sânscrito que declama diante de bancos vazios. [...] Nós temos dito que, com muita frequência em nossa Universidade, o órgão criou a função; que desde que o Sr. de Saussure, por exemplo, saiba sânscrito, foi imputado o fato de que nós devemos a nós

¹¹⁴ Ibid, 2013, p. 615: And now, let's see, a chair of legal protection of work, a chair costing 2600 francs, what of it? Don't we have a chair of Sanskrit with one or two students? And isn't it Mr de Saussure who occupies it? Here's a distinguished sort of study! He knows Sanskrit, darling! For the love of Sanskrit, permit us, Monsieur de Saussure, to kiss you... It is indeed true that one can learn Sanskrit, in Geneva; on the other hand, a pupil graduating from our business school has the right to go and enroll in the University... of Zurich. [...] The 'Journal de Genève' has tried to align the Université against the people. So much the worse for its friends! It is the people whom we, in turn, wish to align against them, and against the Université which they wish to make into their fiefdom.

¹¹⁵ Ibid, 2013, p. 616: The science of Ferdinand de Saussure, professor of general linguistics and of the history and comparison of the Indo-European languages is known throughout the world; the editors of *Le Genevois* alone are unaware of it. If the university of his native city had not had the privilege of keeping him, the *Collège de France* would have received Mr de Saussure, who is also a corresponding member of the Institute. Instead of expressing his gratitude to him, *Le Genevois* ridicules him.

mesmos pedi-lo para ensinar – embora diante de bancos vazios – e ninguém foi capaz de contestar o fato de que este curso não tem público... este exame de consciência só pode beneficiar a Université, onde o trigo precisa ser separado do joio.¹¹⁶ [...] Eu não sei se todo mundo está no mesmo diapasão do *Journal de Genève* sobre o tema dos artigos Fenevois. Pessoalmente, eu tenho que dizer que eu não consegui ficar com raiva das piadas anódinas impressas às minhas custas.¹¹⁷ [...] O *Journal de Genève* de 10 de Dezembro havia incluído uma carta de Adrien Naville, abrindo uma nova frente no debate sobre a Lei Universitária ao pontuar que o Estado, na forma do Departamento de Instrução Pública, estava tentando assumir o controle da Université. Naville argumentou que havia tal direito, porque ‘os professores são pagos não só pelo Estado, mas também por parte dos alunos’.¹¹⁸ [...] Na Université bem governada, que está sendo preparada para nós e que a Europa não demorará a invejar, qual será o professor ideal, de acordo com William Rosier? Certamente não será Ferdinand de Saussure. Reconhecido por especialistas no mundo inteiro como um dos principais linguistas do nosso tempo, o Sr. de Saussure, de acordo com

¹¹⁶ Ibid, 2013, p. 617: Two more words concerning Messrs de Saussure and Chodat, above our attacks, it seems, because these are men of knowledge. Their science is not at issue. What needs to be asked is whether Geneva really needs a chair of Sanskrit, of interest to just one or two students, and which has never attracted anyone from outside. Since the *Journal de Genève*, in strikingly bad faith, contests the usefulness of certain chairs created by the new Loi, we are justified in giving it a dose of its own medicine and asking, in good faith, what purpose it serves to have a professor of Sanskrit who declaims before empty benches. [...] We have said that, too frequently in our Université, the organ has created the function; that since Mr de Saussure, for example, knows Sanskrit, it was reckoned that we owe it to ourselves to have him teach it – albeit before empty benches – and no one has been able to contest the fact that this course has no audience... This examination of conscience can only benefit the Université, where the wheat needs to be separated from the chaff.

¹¹⁷ Ibid, 2013, p. 618: **[resposta de Ferdinand de Saussure à polémica em tela]** I don't know whether everyone is on the same diapasão as the *Journal de Genève* on the subject of the Fenevois articles. Personally I have to say that I have not managed to get angry over the anodyne jokes printed at my expense.

¹¹⁸ Ibid, 2013, p. 619: The *Journal de Genève* of 10 December had included a letter from Adrien Naville, opening up a new front in the debate on the Loi Universitaire by implying that the state, in the form of the Department of Public Instruction, was trying to take over control of the université. Naville argued that it did not have the right, because ‘the professors are paid not only by the state, but also by the students’.

Le Genevois, tem o defeito de não atrair multidões para seus cursos em sânscrito. Quão extraordinário. Neste curso de sânscrito nunca se viu um único moldávio ou búlgaro. [...] O professor ideal será um bom burocrata. Seu primeiro dever não é ensinar, mas informar. Ele deve atuar de forma recíproca entre a Université e a Prefeitura. Para a Prefeitura, ele carrega a notícia da Université. Para a Université, ele carrega as ordens da Prefeitura.¹¹⁹ [...] Tem-se afirmado que nós alinharíamos a Université contra o povo. Por que essa acusação? Porque em 1909 comemoramos o 350º aniversário da sua fundação por Calvino! Porque nós solicitamos e fomos autorizados a realizar a posse bienal do novo reitor no dia 5 de junho, data na qual nossa escola foi inaugurada em 1559 na Catedral de St- Pierre [...] O objetivo aparente da lei é o de desenvolver o ensino comercial na Université, mas temos mostrado, com evidência, que este aspecto é falso. Os empresários não foram consultados sobre esta questão. [...] O objetivo real da lei é a subjugação da Université. [...] Cidadãos de Genebra! Vocês entregariam a Université à influência insalubre da política partidária? Vocês teriam professores escolhidos, a partir de agora, não com base em suas habilidades científicas, mas de acordo com suas opiniões políticas? Você deixaria a instrução pública do nosso cantão ser invadida pelo socialismo internacional? Você permitiria a humilhação de homens que trazem honra para Genebra em todo o mundo? Não! Não!¹²⁰

¹¹⁹ Ibid, 2013, p. 620: In the well-governed Université which is being prepared for us and which Europe will not be long in envying us for, what will the ideal professor be, according to William Rosier? It will certainly not be Ferdinand de Saussure. Recognized by specialists the world over as one of the premier linguists of our time, Mr. de Saussure, according to Le Genevois, has the fault of not attracting crowds to his Sanskrit courses. How extraordinary. In this Sanskrit course one has never seen a single Bulgarian or Moldovan. [...] The ideal professor will be a well-styled bureaucrat. His first duty is not to teach, but to inform. He must shuttle between the Université and City Hall. To City Hall he carries the news of the Université. To the Université he carries the orders of City Hall.

¹²⁰ Ibid, 2013, p. 622: It has been claimed that we would align the Université against the people. Why this accusation? Because in 1909 we celebrated the 350th anniversary of its founding by Calvin! Because we requested and have been allowed to hold the biennial installation of the new rector on the 5th of June, the date our School was inaugurated in 1559 at

A discussão sobre a lei Universitária, proposta pelo Departamento de Instrução Pública, ultrapassou a questão de criação e remanejamento de cátedras. Se, por um lado, os ‘mandarins’ da universidade argumentavam que um poder político externo desejava arrebatara a autonomia universitária, pelo outro viés, se colocava a questão de que a universidade devia pensar na sociedade de Genebra, nos cursos mais úteis e produtivos. Não se poderia exercer um posto de saber (sobre o sânscrito, por exemplo) sem que se pensasse no que isso, de fato, importaria para a sociedade genebrina. É nesse contexto que a imagem de Ferdinand de Saussure é associada a tudo o que um professor universitário não deveria ser: pouco produtivo no tocante a papers, tendo mais bancos vazios à sua frente que pessoas interessadas no que ele dizia e, além disso, sendo portador de um conhecimento (catedrático de sânscrito) que não ajudava em nada o dia-a-dia da cidade de Genebra.

Apesar do forte impacto das críticas a Saussure e, por consequência, à universidade, o discurso montado pela universidade não se abala diante das críticas. É ressaltado um fato importante: Ferdinand de Saussure é um dos maiores linguistas de que se tem notícia, figura ao lado de Whitney e Muller, por exemplo. Se ele não fosse professor em Genebra, o seria em Paris. Um homem tão reconhecido pela acuidade de seu saber científico deveria ser enaltecido, e não ridicularizado nos jornais de Genebra. Esse embate demonstra que: não cabe – nessa discussão acontecida nos últimos meses de 1912, ao menos para os que defendem a universidade – a questão da utilidade do conhecimento, se o sânscrito é ou não é útil, de forma mais ou menos visível, para os cidadãos de Genebra. O que se ressalta é o domínio do conhecimento, amplamente reconhecido pelos especialistas da área; um homem de universidade é, acima de tudo, um homem de saber. É nesse contexto que Saussure qualifica os escritos que envolvem o seu nome de ‘piadas anódinas’. Será, contudo, na reunião feita na Université para discutir a questão da Lei Universitária que o discurso se ajustará para o ponto de virada. É certo que o saber científico representado, nesse caso, pela figura de Saussure tinha forte apelo social, mas algo a mais precisava ser dito para garantir o poder das cátedras ao círculo universitário. É da

the Cathédrale St-Pierre. [...] The apparent goal of the law is to develop commercial teaching in the Université, but we have shown, with evidence, that this appearance is false. Businessmen have not been consulted on this question. [...] The real goal of the law is the subjugation of the Université. [...] Citizens of Geneva! Would you deliver the Université to the unhealthy influence of party politics? Would you have professors chosen henceforth not on the basis of their scientific abilities, but according to their political views? Would you let the public instruction of our canton be invaded by international socialism? Would you allow the humiliation of men who bring honour to Geneva the world over? No! No!

percepção política que nasce um novo enunciado: não apenas pontuar que a universidade deveria continuar sendo autônoma, administrando o poder que tem sobre a criação e gerenciamento de suas cátedras, mas também se posicionando sobre a situação política que já dava mostras claras de instabilidade. Os ‘mandarins’ podiam ser tidos como distantes da população, portadores de um saber pouco útil, por outro lado, estavam bem longe de serem completamente desligados do que acontecia no mundo. Plenamente cientes do tensionamento crescente entre os impérios de então (um ano e meio após a consulta sobre a Lei Universitária, o mundo entraria na primeira guerra mundial), a Université se posiciona como orgulhosa – e seguidora – de Calvino, além de não partidária (ao contrário, em tese, do Departamento de Instrução Pública). O termo ‘socialismo internacional’ foi, sem dúvida alguma, utilizado de maneira sábia. Ao prever o acirramento das tensões, os ‘mandarins’ sabiam qual seria o melhor lugar para a Suíça. O país manteria a sua neutralidade secular, sem se descuidar, contudo, de saber qual lado seria o mais adequado para ocupar o posto de vencedor. Esse lado, sem dúvida alguma, sobretudo em um país que investia na credibilidade de seus bancos para sustentar a neutralidade política, não poderia ser o do socialismo. Essa virada discursiva, onde o Departamento de Instrução é apontado como politicamente partidário (e possivelmente socialista), ao contrário da catedral do saber, a Université, surgida das mãos do próprio Calvino, onde os professores são escolhidos pelo seu mérito científico e não pelas suas crenças partidárias, será um ponto decisivo para derrotar a Lei Universitária. Exatamente 6.735 pessoas votam contra a Lei e 5.214 se mostram favoráveis. Embora os dois lados tenham granjeado um bom número de adeptos, a data escolhida para a divulgação foi pensada de forma suíça: a noite de natal de 1912. O espírito cristão evocado pelas festividades religiosas, assim como as lembranças do mestre Calvino, se encarregariam de lembrar a todos os envolvidos que a neutralidade – em voga há séculos – protege todos os suíços.

É ainda sob o efeito desse contexto, em 22 de fevereiro, que Ferdinand de Saussure morrerá. O homem que foi utilizado como a prova de que nem toda cátedra universitária (mesmo que cientificamente comprovada) é politicamente útil e, ao mesmo tempo, serviu de exemplo de domínio científico incontestado sobre determinado objeto de estudo não mais respirava. Isso, é claro, traria mudanças nas interpretações que se faziam não apenas sobre o que Saussure dizia, mas também no que se passaria a dizer sobre ele e, quicá o mais importante, sobre os seus ditos.

É preciso lembrar que, com a derrota da Lei Universitária, a cátedra de estilística – cuja aprovação estava anexada à própria lei, foi também – em parte – suplantada. As mesmas pessoas que haviam aprovado a cátedra ordinária de estilística, apontariam um meio termo para a questão, em sua primeira reunião de janeiro de 1913: a criação de uma cátedra extraordinária de estilística. Na prática, seria algo temporário, e por isso mesmo não se precisava da aprovação do Departamento de Instrução Pública. Não se fazia necessário estipular quando a cátedra extraordinária deixaria de existir (seja por se tornar uma cátedra ordinária, seja por não ser mais necessária a sua existência). Obviamente, não era esse o tipo de emprego que Charles Bally almejava após mais de vinte anos de ensino.

O contexto, não obstante, havia mudado. A morte de Ferdinand de Saussure abria duas ‘lacunas catedráticas’: uma vaga para a cátedra de linguística geral e outra vaga para a de sânscrito. Desde a aposentadoria e morte de Wertheimer, Saussure acumulara as duas cátedras, não apenas por conta de seu notório saber, mas porque a substituição dos catedráticos já se mostrava um problema financeiro (evidenciado com ênfase pelo Departamento de Instrução). O notório saber de Saussure – assim como o problema político-econômico que envolvia as cátedras – fora evidenciado na discussão pública por conta da votação da Lei Universitária. O falecimento do mestre genebrino reavivava a discussão (menos de dois meses após a proclamação do resultado sobre o plebiscito da Lei Universitária) de outra forma. A morte trazia à tona uma gama de homenagens e reconhecimentos ao homem de saber incontestes; nesse contexto, a substituição de Saussure seria evidente e necessária, haja vista que outras mentes e intelectos, como o dele, deveriam ser cultivados dentro da Université, essa era uma das funções da catedral do saber. Por outro lado, os embates discursivos anteriores haviam deixado claro uma coisa: a cátedra de sânscrito havia morrido com Saussure. O próprio teor das homenagens demonstrava isso:

Os estudos que Saussure publicou, a longos intervalos, todos trouxeram alguma contribuição importante e original para o progresso da ciência linguística. Que ele escreveu tão pouco é infinitamente lamentável; seus admiradores e amigos sofriam por isso e, também por isso, ele muitas vezes se censurou. Para esta mente sempre ativa era repugnante fixar seu pensamento em uma

edição definitiva. Um perfeccionista, auto-desafiador, ele nunca estava satisfeito com os resultados obtidos e estava sempre buscando algo mais à frente, cada vez mais alto. De forma incessante, seu devaneio inquieto e sua curiosidade insaciável conduziam para novos problemas e levavam a novos horizontes. Quantas obras começaram, por tanto tempo empreendidas e nunca concluídas!¹²¹

As homenagens foram várias. Inclusive o trecho bíblico escolhido para a cerimônia religiosa, não poderia ser mais adequada. A carta de Paulo aos Coríntios, pontuando que nessa vida vemos as coisas como em um espelho sombrio, de forma limitada, mas com o tempo veremos de forma clara. A tentativa de Ferdinand de Saussure em fazer uma crítica para a linguística realizada até então e, mais que isso, propor uma maneira de proceder, um caminho através do qual não se dedicasse atenção a fantasmas, mas sim ao que realmente importava: a realidade da língua. Durante toda a sua vida Saussure escreveu em seus cadernos e alcançou a fama – ainda no século XIX – granjeando reconhecimento pelo seu *Mémoire*. A tentativa, porém, feita durante os cursos de linguística geral de ligar os pontos, não havia causado grandes efeitos práticos – se considerarmos o que ocorreu durante o tempo de um ano e oito meses que separou o fim do último curso da morte do mestre genebrino.

Entretanto, sem a presença de Saussure, um novo tempo se iniciaria, onde um novo movimento de poder-saber aconteceria: a interpretação.

¹²¹ *Ibid*, 2013, p. 628: The studies which Saussure brought out at long intervals have all brought some important and original contribution to the progress of linguistic science. That he wrote so little is infinitely regrettable; his admirers and friends suffered by it and he himself often reproached himself for it. To this ever-working mind it was repugnant to fix his thought in a definitive edition. A perfectionist, self-challenging, he was never satisfied with the results obtained and was always looking further ahead, ever higher. Unceasingly, his unquiet reverie and his insatiable curiosity oriented themselves toward new problems and bore him toward new horizons. How many works begun, long pursued and never completed!

7.2 A INTERPRETAÇÃO

A primeira coisa prática a se fazer após a morte de Saussure seria encontrar um substituto para dar continuidade aos cursos de linguística geral. Levando-se em conta os principais nomes da Université nesse momento, Bally e Secheyhayé seriam os mais indicados. Por isso, foi sugerido que os dois dividissem o conteúdo que deveria ser ministrado a partir desse momento (a vida e a evolução das línguas). Em pouco tempo, contudo, um nome deveria ser indicado e, finalmente, Charles Bally conseguiria um emprego estável na universidade de Genebra:

Em junho, o Senado da Faculdade nomeou Bally como o sucessor de Saussure na cátedra de linguística comparativa das línguas indo-europeias e linguística geral. A nomeação deu-lhe a confiança e força para começar a autoconstrução como o principal apóstolo de Saussure. Já no final de abril, quando 'os alunos genebrinos de F. de Saussure' enviaram a Marie um cartão assinado por todos eles, o nome de Bally estava no topo da lista – talvez apenas porque era onde se encaixava em ordem alfabética. Mas isso criou a mesma impressão para todos, de que ele estava acima do restante, incluindo Albert e Marguerite Secheyhayé, Léopold Gautier, e mesmo Virgile Tojetti, sem cuja presença fiel Saussure não teria tido, em alguns cursos, nenhum aluno. Bally nunca tinha sido de fato aluno de Saussure, embora tivesse participado de muitos dos seus cursos, ao longo de muitos anos. Agora, porém, talvez impulsionado em parte por um sentimento de culpa sobre a raiva que sentira em dezembro, após ter sido recusado para a cadeira de estilística, tornou-se São Pedro, o primeiro lugar na sucessão apostólica. Secheyhayé teria que se contentar com Paulo.¹²²

¹²² Ibid, 2013, p. 633: In June, the Faculty Senate named Bally as the successor to Saussure in the Chair of Comparative Linguistics of the Indo-European Languages and General Linguistics. The appointment gave him the confidence and clout to begin constructing himself as Saussure's principal apostle. Already at the end of April, when 'the Genevese students of F. de Saussure' sent Marie a card signed by all of them, Bally's name was at the top of the list – perhaps only because that was where it fitted alphabetically. But it created the impression all

O conhecimento de Charles Bally para com as línguas indo-europeias era praticamente nulo, sobretudo se comparado a Saussure. Embora ele consiga, com o tempo, adquirir certa fama acadêmica por seu trabalho na área de estilística, será como o editor dos Cursos de Linguística Geral, proferidos por Ferdinand de Saussure que ele influenciará, de fato, a linguística mundial. Não como o teórico que pensou o curso, mas como o intérprete que o delineará. A principal função de Bally, até a sua morte, em 1947, será ainda de falar sobre o que Saussure disse e, fazendo isso, pontuar sua intenção ao dizer. A interpretação de Bally será decisiva para ligar Ferdinand de Saussure ao estruturalismo, sobretudo editando não apenas os cursos de linguística, mas a própria fala de Saussure como um todo. O *Mémoire*, o *Nibelungenlied*, os anagramas e os posicionamentos de Saussure sobre uma série de questões que envolviam a questão da linguagem e das línguas como um todo ficarão de fora das falas de Bally sobre Saussure, ou adquirirão um posicionamento um tanto periférico no que se convencionará chamar de ‘pensamento saussureano’. Além da primeira grande guerra que mudará o mapa europeu e, de certa forma a história da linguística – pois será através desses conflitos que Jakobson conhecerá Saussure e difundirá seu nome, sobretudo nos Estados Unidos – o saber científico se distanciava dos construtos do século XIX, buscando um novo *modus operandi*, o pensamento epistemológico que nortearia a práxis de várias ciências ao longo do século XX. Esse pensar epistemológico, especificamente falando da aproximação dos anos vinte tem um nome que o poder acadêmico referenciará: estruturalismo. É válido notar que os filhos de Ferdinand de Saussure, seguindo uma longa tradição familiar, também se dedicarão a estudar questões científicas (nessa geração, contudo, não será a química, a botânica, a linguística ou a filologia o objeto de interesse). Os descendentes do mestre genebrino quebrarão uma longa tradição familiar de reflexão sobre a linguagem nos moldes linguísticos/filológicos, estudarão psicologia e se especializarão nos pensamentos de Freud; autor, cujas publicações, foram sempre acompanhadas de perto por Saussure. Sem a presença de alguém dos De Saussure que estudasse questões de linguagem (como Ferdinand de Saussure havia feito com sua tia avó –

the same that he stood above the rest, including Albert and Marguerite Sechehaye, Léopold Gautier, even Virgile Tojetti, without whose faithful presence Saussure would have had no students at all in some courses. Bally had never really been Saussure's student, though he had participated in many of his courses over many years. Now though, perhaps driven in part by a feeling of guilt over the anger he had felt in December after being denied the chair in stylistics, he became St Peter, first in the apostolic succession. Sechehaye would have to settle for Paul.

Neck de Saussure), Bally será *de facto et de juris* o intérprete principal. Sendo assim, a sua edição não apenas será feita, como não será contestada oficialmente; tampouco, haverá outra edição. Será apenas pelo olhar do intérprete (que não encontrará oposição) que conheceremos o suposto dizer original dos cursos de linguística geral.

O Curso de Linguística Geral foi publicado inicialmente em 1916. É simbólico o fato de se considerar essa data como o início da linguística estrutural. Publicado durante a guerra, com dificuldades logísticas para a sua divulgação, Bally poderia ter postergado tal lançamento, porém, publicar o quanto antes – e quanto mais se puder – já era há algum tempo o mais recomendado para um professor universitário. A publicação de papers já consistia em um dos símbolos maiores da produtividade (e, portanto, da utilidade) acadêmica que os professores da Université traziam para a sociedade. O pós-guerra trará de volta a normalidade necessária para que as universidades voltem a realizar as suas conferências e os seus congressos. A Suíça, sempre protegida pela sua neutralidade, será um celeiro fértil para a realização de congressos das mais variadas áreas científicas. Assim será durante mais de uma década pós-guerra, até que a parte perdedora se recupere (na verdade, será justamente a não recuperação plena da parte perdedora que contribuirá para a eclosão de outra guerra mundial). É nesse contexto que chegamos ao congresso de linguistas, ocorrido em Genebra, no ano de 1931:

No Chateau de Vufflens, onde Marie continuou a viver, ela organizou uma recepção para os delegados do Congresso Internacional de Linguistas que acontecia em Genebra, em agosto de 1931, com Bally como presidente e Secheyne como secretário. Foi um momento importante para a crescente reputação de Saussure e do Curso de Linguística Geral, como o ‘estruturalismo’ geral que inspirou foi criando raízes na vanguarda da linguística Europeia, e, possivelmente, da linguística norte-americana também. Foi nesta ocasião que Jacques e Raymond conheceram o linguista russo Roman Jakobson, que faria mais que qualquer outra pessoa para divulgar os

ensinamentos de Saussure nas próximas décadas.¹²³

Um ponto importante, por conseguinte, a ser considerado é o fato de Bally ter trabalhado junto à família De Saussure para divulgar a obra com o nome do mestre. Ao contrário de William Rosier – que tinha claros problemas com a ‘herança aristocrática’ que possibilitara a Saussure um banquete para 850 pessoas durante a comemoração da fundação da Université – o sucessor do mestre genebrino sabia utilizar a estrutura de uma alta classe para promover o nome daquele que lhe antecederia na cátedra de linguística geral. O contato com Jakobson foi um claro exemplo disso. Os filhos de Saussure, assim como a sua viúva, ajudaram Bally na divulgação do livro de Saussure. Levando em consideração que esta geração se interessava mais por Freud que por questões de sincronia/diacronia, não havia a questão de se estudar a correlação do Curso editado por Bally com as ideias, *de facto*, de Saussure. É válido salientar que o sucessor de Saussure na Université teve acesso a todos os seus cadernos, mas não os utilizou nem para a versão editada do Curso, tampouco para qualquer outra publicação sobre o mestre. Na verdade, a única divulgação que Bally faria sobre os pensamentos de Saussure seria o Curso, editado por ele próprio, isso ajudaria, inclusive, a criar um mito de que Ferdinand de Saussure não havia escrito nada, tendo apenas divulgado suas ideias de forma oralizada. Na verdade, a realidade era justamente o oposto: os cursos de linguística geral eram a única sistematização dada a algo, por Saussure, sem passar pelo escrutínio da escrita.

O contexto histórico seria, mais uma vez, responsável pela mudança na geografia da Europa. Séculos atrás os De Saussure haviam migrado para a Suíça (perdendo, inclusive, durante certo tempo, o aristocrático De). Em um novo momento conflituoso entre as potências europeias, a Suíça novamente seria um abrigo seguro para muitos refugiados (novamente por conta de sua secular neutralidade). Raymond de Saussure, filho do mestre genebrino, e fundador da Sociedade Psicanalítica de Paris e, posteriormente da Federação Psicanalítica

¹²³ Ibid, 2013, p. 639-640: At the Château de Vufflens, where Marie continued to live, she hosted a reception for the delegates to the International Congress of Linguists meeting in Geneva in August 1931, with Bally as president and Sechehaye as secretary. It was an important moment for the growing reputation of Saussure and the Course in General Linguistics, as the general ‘structuralism’ which it inspired was taking root at the forefront of European linguistics, and arguably of American linguistics as well. It was on this occasion that Jacques and Raymond met the Russian linguist Roman Jakobson, who would do more than anyone else to spread Saussure’s teaching in the decades ahead.

Europeia, talvez por se dedicar com afinco a questões do (in)consciente, não confiava totalmente no respeito que Hitler teria pela neutralidade suíça. Toma a decisão de migrar para os Estados Unidos e mantém sempre contato intenso com um dos seus amigos mais próximos: Roman Jakobson, um judeu que encontrará em uma cátedra de Harvard, um local seguro para ensinar seu pensamento e, igualmente, a herança de Saussure ao mundo. É, sem dúvida, por conta de Jakobson que Ferdinand de Saussure passa a ser considerado, também nos Estados Unidos, como um dos pais fundadores da linguística moderna. Bloomfield e Saussure representam um par do estruturalismo linguístico. Embora, deva ser considerado o fato de Bloomfield, *de facto*, ter se declarado estruturalista e ter advogado essa ideia, seu livro não foi editado por uma outra pessoa, com o intuito de preservar seu pensamento e, embora haja grandes semelhanças entre o linguista genebrino e o norte-americano (os dois foram formados com o estudo do sânscrito e o consequente respeito pela herança clássica da filologia). Bloomfield, sem dúvida alguma, será um linguista do século XX, que verá a epistemologia que defendia – o estruturalismo – perder espaço para uma nova epistémé: o gerativismo. Ferdinand de Saussure, ao contrário, se revelava mais interessante para alguém como Jakobson, que também se interessava por literatura e não distinguia a letra como arte, da letra como comunicação, como objetos distintos a serem necessariamente tratados por ciências separadas.

Será exatamente no final da segunda guerra, em 1939, que Bally se aposentará de sua cátedra na Université, aos setenta e quatro anos. Será substituído imediatamente por Sechehaye, um dos pregadores mais fiéis do Curso editado. É válido lembrar que nesse momento, o título da cátedra que Sechehaye ocupará será de Linguística, não mais de linguística geral, tampouco com qualquer título que, de alguma forma, focalizasse o indo-europeu. Não haverá, igualmente, nenhuma contestação sobre a importância de tal cadeira, tampouco do seu valor científico para os alunos (que já não serão poucos, haja vista que, todos os alunos da faculdade de letras, da Université, devem obrigatoriamente frequentar as atividades promovidas pela referida cátedra).

As falas que Ferdinand de Saussure enunciou na Université, quando ocupou a cátedra de linguística geral, apenas foram eternizadas porque puderam ser relacionadas diretamente com o movimento estruturalista que chegava com força às principais mentes científicas da Europa – e também dos Estados Unidos. É possível que o fato de poder ser considerado o fundador da linguística geral seja muito mais pela interpretação de que ele é, igualmente visto, como um dos pais do

estruturalismo. A ciência do século XX trabalhará com fundamentações epistemológicas, constituindo-se como uma parte do DNA que autenticará um conhecimento como, de fato, científico. A primeira disciplinarização para com o pensamento saussureano foi fazê-lo estruturalista, com todas as implicações que daí advém. O processo que fará do pensamento saussureano (sobretudo do CLG) não apenas algo estruturalista, mas um dos seus primórdios possui dois pontos básicos: a publicação do CLG (da forma editada) e o seu espraiamento por Jakobson (um estruturalista declarado). É preciso pontuar que:

A ascensão para a proeminência de um ‘estruturalismo’ generalizado no pensamento de meados do século vinte, atribuído à influência do Curso de Linguística Geral, impulsionou a linguística para o centro do palco das ciências humanas em um grau sem paralelos nos tempos modernos, e deu a Saussure uma fama póstuma tão grande quanto – pelo menos – ele esperava atingir, quando publicou seu *Mémoire*. Estruturalismo não era um termo que o próprio Saussure tivesse usado; ele usou, ocasionalmente, *estrutura*, mas *sistema* é o termo usual para seu conceito de rede autônoma de valores, em que tudo está ligado a todo o restante. O estruturalismo não foi um movimento de coerência. Várias ‘escolas’ estruturalistas surgiram em vários locais, compartilhando apenas parcialmente compromissos conceituais e metodológicos. Em muitos casos, eles negaram ser, eles próprios, estruturalistas, associando o termo, por sua vez, com seus rivais em outros lugares. No entanto, a razão pela qual eles tendem a ser agrupados é que eles compartilham os seguintes aspectos da abordagem de Saussure para com a língua: uma orientação sincrônica; uma visão da linguagem como um sistema de signos, e de signos sendo uma conjunção de um significante e um significado; a natureza arbitrária dessa conjunção; a identificação de ambos os significantes e significados como valores gerados internamente pelo sistema; o caráter negativo e diferencial do valor linguístico, entendido como forma, não substância; o sistema da língua como psicológico, inconsciente, socialmente

compartilhado e estruturado internamente de tal maneira que *tout se tient* ; a distinção entre *langue* e *parole* .¹²⁴

Se for levado em conta que uma série de elogios ao estruturalismo, elevará a fama de Saussure cada vez mais, os críticos a esse posicionamento findarão fazendo críticas, igualmente, ao mesmo Saussure. É válido lembrar, contudo, que Saussure não era, *de facto*, um estruturalista, mas, por outro lado, o CLG é um dos capítulos sagrados para a bíblia do estruturalismo. Fato igualmente relevante é o tempo, como retrata o excerto acima, que os grupos que iniciam a ligação dos pontos constituintes do que se convencionou chamar de estruturalismo, levam para assim se autodenominarem. De relevância ainda maior é o uso da palavra estruturalista, como acima citado, enquanto termo de detração.

É preciso pontuar que Jakobson conheceu o CLG quando ainda residia na Rússia, embora os seus laços com o pensamento saussureano seja estreitado no congresso de 1931 – sobretudo por conta de Jacques de Saussure. O fato do movimento formalista da década de 10 e início da década de 20 procurar objetividade maior para a análise de textos – seja de teor literário ou não – fará com que o texto circule na recém formada União Soviética. Será através de Sergej Karcevskij que Jakobson terá contato com o CLG. A ida de Jakobson para Praga em 1920, o colocará em contato direto com os estruturalistas *de facto et de juris*. Será em 1926 que Jakobson passará a ser visto como membro fundador do Círculo Linguístico de Praga. Será também nesse período que o antigo patriotismo soviético, que o fizera ter receios de reconhecer

¹²⁴ Ibid, 2013, p. 642: The rise to prominence of a generalized ‘structuralism’ in mid-twentieth-century thought, traced to the influence of the Course in General Linguistics, thrust linguistics onto centre stage in the human sciences to a degree unparalleled in modern times, and gave Saussure a posthumous fame at least as great as he had been expected to attain when he published his *Mémoire*. Structuralism was not a term Saussure himself ever used; he did occasionally use *structure*, but *system* is his usual term for his concept of the self-contained network of values in which everything is connected to everything else. Structuralism was not a coherent movement. Various structuralist ‘schools’ arose in various places, only partly sharing conceptual and methodological commitments. In many cases they denied that they themselves were structuralists, associating the term instead with their rivals elsewhere. However, the reason they have tended to be grouped together is that they share the following aspects of Saussure’s approach to language: a synchronic orientation; a view of language as a system of signs, and of signs as the conjunction of a signifier and a signified; the arbitrary nature of that conjunction; the identification of both signifiers and signifieds as values internally generated by the system; the negative and differential character of linguistic value, understood as form, not substance; the language system as psychological, unconscious, socially shared, and internally structured in such a way that *tout se tient*; the distinction between *langue* and *parole*.

uma suposta antevisão estrutural em Ferdinand de Saussure (não via com bons olhos a similaridade de conceitos presentes no CLG para com os construídos pelos teóricos soviéticos), cairá por terra. Esse patriotismo será abalado pelos expurgos stalinistas e a afável recepção pelos De Saussure em Genebra. O conhecimento que Jakobson terá de Saussure, após o congresso de linguistas, em 1931, transcenderá o CLG. De origem judaica, Jakobson conhecerá o ‘homem de escrupulos’ através das palavras de Jacques de Saussure que, por muitas vezes, estará na plateia durante os cursos de Jakobson em Harvard.¹²⁵

Será através de Jakobson (que contava com o apoio do filho do mestre genebrino, Jacques de Saussure, para a consulta aos outros escritos *de facto* de Ferdinand de Saussure) que o nome de F. de Saussure será posto como o de um linguista que, mesmo suíço, deveria ser ouvido em terras bloomfieldianas:

O desenvolvimento da linguística na América e na Europa nunca pode ser totalmente separado ou integrado. Dos dois linguistas americanos mais proeminentes da primeira metade do século, Leonard Bloomfield era formado em uma vertente alemã e começou sua carreira como um seguidor de Wundt, enquanto Edward Sapir – nascido na Alemanha – foi treinado por um imigrante alemão que se tornou um dos mais celebrados antropólogos nos Estados Unidos, Franz Boas. Boas é amplamente reconhecido pelo estabelecimento da base do que viria a ser o método ‘distributivo’ para a análise de línguas, que está no coração do que geralmente é identificado como ‘estruturalismo americano’. Na Europa, Claude Lévi-Strauss prontamente reconheceu sua dívida para com Boas, enquanto na América, Bloomfield, em uma carta de 1945, respondeu com irritação às críticas do seu livro de 1933, por supostamente ignorar Saussure, dizendo que, de fato, a sua influência é evidente ‘em cada página’. No entanto, na tentativa de esclarecer o modelo de Saussure, Bloomfield o transformou em um behaviorista manqué, para quem um significante era um ‘enunciação falada’ e um significado era um ‘objeto real’ [...] Na Europa, onde o behaviorismo não exerceu um impacto tão

¹²⁵ Ibid, 2013, p. 643.

grande, havia pouco problema em aceitar a visão saussuriana do sistema de linguagem como sendo, simultaneamente, uma realidade mental e social. Após a morte de Sapir, em 1939, a abordagem de Bloomfield começou a ser a principal nos Estados Unidos, e sua posição foi definitivamente solidificada quando se tornou a base para a elaboração, de grande sucesso, de materiais de ensino de línguas durante a guerra. Se perguntarmos o que era ‘estruturalista’ na linguística bloomfieldiana, em uma perspectiva europeia, olhando novamente para os aspectos do pensamento de Saussure como base, nós efetivamente encontramos pontos em comum: sincronicidade, arbitrariedade, a natureza social da língua, a ideia de que na língua *tout se tient*, eixos paradigmáticos e sintagmáticos distintos. Mas a semiologia de Saussure foi reinterpretada como estímulo e resposta; e, talvez, a maior diferença é que o significado não existe dentro da linguagem, mas em todos esses estímulos no mundo. [...] Jakobson e sua esposa fugiram para Praga, em antecipação à invasão nazista, viajando primeiro para a Dinamarca, onde foi recebido pelos estruturalistas; então, quando se tornou claro que a Dinamarca cairia sob o controle nazista, para a Suécia. Finalmente, em maio de 1941, ele partiu para os Estados Unidos. Jakobson passou as duas semanas da travessia em conversa animada com outro refugiado, o filósofo Ernst Cassirer, ele próprio bem versado na história da linguística e profundamente interessado no papel da linguagem no sistema filosófico.¹²⁶

¹²⁶ Ibid, 2013, p. 644-645: The development of linguistics in America and Europe can never be fully separated or integrated. Of the two most prominent American linguists of the first half of the century, Leonard Bloomfield was German-trained and began his career as a follower of Wundt, while the German-born Edward Sapir was trained by a German émigré who became one of the most celebrated anthropologists in America, Franz Boas. Boas is widely credited with establishing the basis of what would become the ‘distributional’ method for the analysis of languages that is at the heart of what is usually identified as ‘American structuralism’. In Europe, Claude Lévi-Strauss readily acknowledged his own debt to Boas, while in America, Bloomfield, in a 1945 letter, responded testily to criticisms of his 1933 book for supposedly ignoring Saussure, saying that in fact his influence is evident ‘on every page’. Yet in trying to clarify Saussure’s model, Bloomfield turned him into a behaviourist manqué, for whom a signifier was a ‘speech utterance’ and a signified was an ‘actual object’ [...] In Europe, where

Se para Bloomfield, Saussure era amplamente behaviorista, por isso mesmo, possivelmente, não se deveria creditar a ele uma visão de fato estruturalista – embora houvesse claros pontos de contato. Freud também teria dificuldade de ver a psicanálise aceita como ‘medicina’. Raymond de Saussure, por sua vez, não pensava que o reconhecimento do construto psicanalítico pelo status médico fosse tão importante; daí o seu empenho na fundação das associações psicanalíticas. Freud, contudo, era médico; e Ferdinand de Saussure, um fiel leitor de seus escritos. A defesa de Bloomfield – sobre o fato de ter ‘esquecido Saussure, relatada no excerto acima, é muito mais representativa pelo que significava ser um linguista entre as décadas de 30 e 50, no século XX: ser um pesquisador que seguia determinado recorte epistemológico. Na visão de Bloomfield, portanto, se a semiologia saussureana era de cunho behaviorista, não era teoricamente possível que F. de Saussure fosse classificado como um pesquisador enquadrado na visão do estruturalismo, uma epistême que, na visão de Bloomfield, garantiria melhores resultados científicos para as análises linguísticas.

Jakobson, o principal representante do pensamento saussureano nos Estados Unidos, tinha uma visão um tanto diferenciada de Bally, possivelmente por conta do contato com as outras obras, sobretudo os cadernos de F. de Saussure, a ele fornecidos pelo filho do mestre genebrino, Jacques de Saussure. Ao contrário de Bloomfield ou de outras mentes que seguiam estritamente uma formatação epistêmica, o linguista russo radicado em Massachussetts, não deixaria de lado, ao longo de sua carreira, a literatura, por exemplo – assim como Ferdinand de Saussure havia feito. Talvez por isso, Roman Jakobson também será chamado de linguista-poeta, possivelmente com um duplo sentido embutido neste termo. Na verdade, o homem que havia fugido da guerra

behaviourism had not exerted such an impact, there was little problem in accepting the Saussurean view of the language system as being simultaneously a mental and a social reality. After Sapir's death in 1939, Bloomfield's approach began to take over in America, and its position was definitely solidified when it became the basis for the highly successful preparation of language teaching materials during the War. If we ask what was 'structuralist' about Bloomfieldian linguistics from a European perspective, looking back to aspects of Saussurean thought as a grounding, we do find points in common: synchronicity, arbitrariness, the social nature of language, the idea that in language *tout se tient*, distinct syntagmatic and paradigmatic axes. But Saussure's semiology has been reinterpreted as stimulus and response; and perhaps the greatest difference is that meaning no longer exists within language but in all those stimuli out in the world. [...] Jakobson and his wife fled Prague in anticipation of the Nazi invasion, travelling first to Denmark, where he was received by the structuralists there; then, when it became clear that Denmark would fall under Nazi control, to Sweden. Finally, in May 1941, they set sail for America. Jakobson spent the two weeks of the crossing in excited conversation with another refugee, the philosopher Ernst Cassirer, himself well versed in the history of linguistics and keenly interested in the role of language in the philosophical system.

e chegado até Harvard, não acreditava em análises feitas puramente a partir de recortes epistemológicos. Era preciso pensar a língua e a linguística de forma mais livre, daí a ideia de não colocar a literatura de lado. A liberdade, é válido lembrar, havia sido o argumento utilizado por Saussure para deixar Paris e voltar para a Université onde, longe da Société de Linguistique de Paris, o trabalhar-pensar com liberdade poderia ser melhor exercido. Se analisarmos Saussure pelos seus ditos relatados nos cadernos dos seus alunos, durante os Cursos de Linguística Geral, e não apenas no de Riedlinger (utilizado por Bally) para a edição do CLG, perceberemos que de fato, no fim de sua vida acadêmica, o mestre genebrino fez uso – finalmente – de tal liberdade.

Se a interpretação bloomfieldiana vê Saussure como behaviorista, a interpretação formatada por Bally e Sechehaye o coloca como estruturalista, ou mais que isso, um dos seus pais fundadores. Em ambas as interpretações Ferdinand de Saussure é um linguista ‘epistemologizado’ e, talvez por isso, seja considerado por muitos como o pai da linguística. É importante lembrar que, para alguns, Leonard Bloomfield será o pai da linguística, sobretudo nos Estados Unidos. O argumento para tal, invariavelmente, é o seu livro – *Language* – tido como o marco fundador da linguística estrutural em terras norte-americanas. Quanto aos ecos franceses, não havia dúvida, Saussure era fundamental, não apenas porque era um linguista importante, mas porque, através dele, a linguística não era apenas mais uma ciência, era a ciência-piloto das humanidades:

A primeira incursão de Lévi-Strauss no estruturalismo ocorreu em um paper de 1944 para o Círculo Linguístico de Nova York: ‘Análise Estrutural em Linguística e Antropologia’. O documento estabelece um padrão de discurso que se tornaria conhecido ao longo das próximas duas décadas, e não apenas nos escritos do etnógrafo francês. ‘Linguística’, ele começa, ‘não é apenas uma ciência social, entre outras, mas a que, de longe, tem realizado o maior progresso; a única, sem dúvida, que pode reivindicar o nome de ciência e que obteve sucesso em formular um método positivo e compreender a natureza dos fatos submetidos à sua análise. Já em 1946-7, o amigo de Lévi-Strauss, Maurice Merleau-Ponty, cujo trabalho anterior foi sobre a fenomenologia da percepção, tinha dado um curso na École

Normale Supérieure, em Paris, sobre ‘Linguagem e Comunicação’, na qual devotou bastante atenção para Saussure, particularmente a sua teoria do signo. Mas foi o sucesso fenomenal de *Tristes Trópicos* de Lévi-Strauss, em 1955, que estabeleceu o estruturalismo como o novo slogan intelectual do momento. [...] O outro mais importante estruturalista da primeira geração de Paris, entre as décadas de 1950 e 1960, foi o psicanalista Jacques Lacan, um amigo pessoal de Lévi-Strauss e Merleau-Ponty. O núcleo do projeto de Lacan é uma leitura de Freud sob o prisma da teoria dos signos de Saussure, com seu princípio de funcionamento sendo o fato do inconsciente ser estruturado como uma linguagem. Em certo sentido, esse princípio está implícito em tudo o estruturalismo generalizado de Jakobson e Lévi-Strauss para frente, onde estavam sendo procuradas as estruturas sociais universais ou competências literárias ou quaisquer outras estruturas de linguagem que seriam parte do inconsciente.¹²⁷

Enquanto Paris se tornava uma cidade cada vez mais estruturalista, assim como Praga, a Linguística crescia ainda mais em importância. As referências feitas a Saussure, tanto por Lacan quanto Merleau-Ponty, são exemplos dessa aceitação dos princípios – agora

¹²⁷ Ibid, 2013, p. 646: Lévi-Strauss’s first foray into structuralism came in a 1944 paper to the Linguistic Circle of New York: ‘Structural Analysis in Linguistics and Anthropology’. The paper establishes a pattern of discourse that would become familiar over the next two decades, and not just in the writings of the French ethnographer. ‘Linguistics’, it begins, ‘is not just one social science among others, but the one which, by far, has accomplished the greatest progress; the only one, without a doubt, which can lay claim to the name of science and which has succeeded in formulating a positive method and in understanding the nature of the facts submitted to its analysis. As early as 1946-7 Lévi-Strauss’s friend Maurice Merleau-Ponty, whose previous work was on the phenomenology of perception, had given a course at the École Normale Supérieure in Paris on ‘Language and Communication’, which paid serious attention to Saussure, particularly his theory of the sign. But it was the phenomenal success of Lévi-Strauss’s *Tristes tropiques* in 1955 that established structuralism as the new intellectual slogan of the day. [...] The other most important first-generation structuralist in 1950-1960s Paris was the psychoanalyst Jacques Lacan, a close personal friend of Lévi-Strauss and Merleau-Ponty. The core of Lacan’s project is a reading of Freud through the prism of Saussurean sign theory, with his operating principle being that the unconscious is structured like a language. In a sense this principle is implicit in all of generalized structuralism from Jakobson and Lévi-Strauss forwards, where the universal social structures or literary competence or whatever other language-like structures were being sought must themselves be part of the unconscious.

vistos como estruturalistas – feitos décadas antes pelo catedrático em sânscrito. Fato simbólico, contudo, será Lévi-Strauss apontar a linguística como sendo a ciência piloto das humanidades; como não poderia sê-lo? Sobretudo em um momento no qual as ciências humanas se faziam, epistemologicamente, estruturais. Seguidoras de princípios, antes ‘estruturados’ pelo mestre genebrino. Fato interessante Jakobson ser, também, denominado estruturalista, mas não um seguidor exato do CLG. Foi sob influência, como professor da universidade de Harvard e, através da anuência de Jacques de Saussure que, uma porção considerável dos cadernos de Ferdinand de Saussure deixam Genebra e seguem para a universidade americana. E será através das constantes referências a esses cadernos, feitas constantemente por Roman Jakobson que um ‘novo Saussure’ será conhecido. Será no mundo da década de 60 que alcunhas como Saussure noturno, por exemplo, ganharão força. Uma figura que estudava versos saturninos, que estudava o sânscrito, que considerava a linguística do século XIX como algo que dava sinais de esgotamento, um homem que não era o estruturalista que os estruturalistas esperavam. Saussure, de fato, não era um pensador ‘epistemologizado’, era capaz de pensar para além dos limites criados pelos discursos que constituíam sua época. Essa talvez seja sua principal característica *avant-garde*, a capacidade de autoria, de ter sido autor do que chamamos de linguística moderna. Não porque criou os conceitos que guiarão as pesquisas subsequentes. É possível até discordar delas e, ainda assim, estar situado dentro do campo discursivo da linguística. Ferdinand de Saussure, muito possivelmente, é tão citado e estudado atualmente, não apenas porque continua surpreendendo seus leitores e intérpretes – com as notas de seus cadernos e o livro *de facto* escrito por ele (SAUSSURE, 2012); mais que isso, ele parece ser mais que a origem do estruturalismo e o enunciador de conceitos importantes que constituíram o status da linguística como ciência moderna.

O CLG foi, indubitavelmente, o primeiro movimento disciplinador do pensamento Saussureano. Essa interpretação liderada por Bally fez com que uma série de outros enunciados fossem produzidos, tanto para o que se convencionou chamar de estruturalismo, quanto antiestruturalismo. A autoria discursiva de Saussure para com os estudos linguísticos – e quiçá, para os crentes do estruturalismo – é possivelmente fruto muito mais do Ferdinand de Saussure intelectual e muito menos do linguista-cientista – principal consequência da interpretação que limitou seu discurso e disciplinou seu pensamento crítico. A voz de Saussure, porém, alertando o perigo dos fantasmas, dos

dogmas que alimentavam análises dos linguistas do seu tempo, certamente continuam:

O extraordinário sobre Ferdinand de Saussure é o quanto ele pertencia a um determinado lugar, Genebra, e uma classe social particular dentro desse lugar, e ainda assim seu pensamento transcende o local. Seu ambiente foi moldado por sua história, continha sua história, apesar de ocupar a sua própria fração de tempo. As palestras que ele ministrou estavam falando, quase que diretamente, tanto para pessoas que leem suas sombras décadas mais tarde, quanto para aqueles que os ouviram ao vivo. Ele conseguiu persuadir o mundo a pensar sobre a linguagem de uma maneira diferente – mas nunca conseguiu convencer-se de que seu pensamento tinha alcançado uma forma apresentável ao público. Sua vida pessoal teve seus altos e baixos, mas ele estava, certamente, entre os calvinistas eleitos predestinados à graça. Sua tragédia parecia estar em sua vida intelectual: toda a sua promessa inicial desvaneceu-se, pois, morreu reconciliado com o seu esquecimento. O destino, como se sabe, tinha outros planos. Tivesse Saussure sonhado em como ele iria ser lido e mal interpretado, entendido e mal compreendido, suspeita-se que ele teria preferido permanecer esquecido. E, no entanto, por que ele não queimou todas aquelas milhares de páginas manuscritas antes de morrer? A resposta só pode ser que, uma parte dele, queria que eles fossem encontrados, e nunca perdeu a fé de que, mesmo que alguns de seus contemporâneos linguistas estivessem prontos para libertar sua mente de dogmas ilógicos que os mantinha a salvo, como um sacerdócio hermético, aqueles que viessem depois veriam com mais clareza, e entenderiam o que ele passou a vida lutando para capturar nas, precisamente, palavras certas.¹²⁸

¹²⁸ Ibid, 2013, p. 651: The extraordinary thing about Ferdinand de Saussure is how much he belonged to a particular place, Geneva, and a particular social class within that place, and yet his thought transcends the local. His milieu was shaped by its history, contained its history,

7.3 A LINGUÍSTICA E O LINGUISTA

O objetivo dessa seção é relembra pontualmente o processo pelo qual Saussure foi levado a conferir os cursos em linguística geral, assim como, de posse desses dados discursivos, procurar responder as perguntas originais que iniciaram esse trabalho.

Quando Ferdinand de Saussure inicia as suas palestras na Université, as frases críticas que enunciará sobre a linguística na qual estava inserido são imbuídas de dois pontos marcantes: não há dúvidas de que a linguística é uma ciência (embora isso não o impeça de dizer que os linguistas se dedicam a fantasmas, que não há um único termo utilizado na linguística que tenha, para ele, algum valor; e que, de fato, eles – os linguistas – na verdade, não tinham feito linguística até então); o segundo ponto – tão importante quanto o primeiro: o fato de a linguística ser uma ciência não desmerece, em nenhum sentido, as outras possibilidades de reflexão/construção de conhecimento sobre a linguagem. É válido lembrar o silêncio de Saussure para com a polêmica (como lhe era de praxe) sobre o fato da sintaxe ser um objeto dos gramáticos, enquanto que a fonologia seria dos linguistas; polêmica capitaneada sobretudo pela Société de Linguistique de Paris. Em outras palavras, a polêmica não era somente liderada pelas sociedades especializadas, mas também dirimida por elas. A realidade, contudo, muda rapidamente, mesmo que os atores envolvidos não concedam/concordem com tais mudanças. Em um mundo onde a instituição universitária avançava velozmente, agregando cada vez mais alunos, necessitando de cada vez mais dinheiro (inclusive de origem pública), onde o diploma universitário seria cada vez mais a confluência do reconhecimento de determinado saber com o poder social que este garantia, a disciplinarização das cátedras aconteceria, inevitavelmente.

though occupying its own slice of time. The lectures he gave were speaking as directly to people reading their shades decades later as to those who heard them live. He managed to persuade the world to think about language in a different way – yet never managed to persuade himself that his thought had reached a form presentable to the public. His personal life had its ups and downs, but he was certainly among the Calvinist elect predestined to grace. His tragedy seemed to lie in his intellectual life: all his early promise faded, he died reconciled to his oblivion. Fate, as we know, had other plans. Had Saussure ever dreamt of how he would be read and misread, understood and misunderstood, one suspects he would have preferred to remain forgotten. And yet, why did he not burn all those thousands of manuscript pages before he died? The answer can only be that a part of him wanted them to be found, and never lost faith that, even if few of his contemporaries in linguistics were ready to free their minds from the illogical dogmas that kept them safe as a hermetic priesthood, those who came after would see more clearly, and would understand what it was that he spent his life struggling to capture in exactly the right words.

A crise que se instala em Genebra por conta da proposta da lei universitária mostrou alguns pontos essenciais para se refletir sobre o choque do Estado para com a Universidade (que proclama e luta pela sua autonomia diante do poder estatal).

Primeiramente, o Departamento de Instrução Pública, de forma muito inteligente, não questiona a veracidade do que alguém como Saussure diz. Não se trata de pontuar se é ou não uma verdade, tampouco se esta verdade é científica ou não. A questão levantada é saber quem deve propor a criação das cátedras: o poder estatal ou o próprio poder universitário? Ao longo da discussão é, de fato, impressionante, o silêncio de Ferdinand de Saussure (que, a despeito de classificar o que era dito sobre ele próprio como piadas anódinas, não publica nenhuma carta, manifesto ou algo parecido, tampouco se posicionando nas assembleias da própria Université). Em primeira análise, o poder dos chamados ‘mandarins’ teria perdido a batalha contra a intromissão do Departamento de Instrução. Por outro lado, os votantes foram convencidos de que o conhecimento ensinado dentro dos muros da Université era importante o suficiente para ser mantido com as verbas públicas, tampouco porque os professores doutores que ali estavam mereciam autonomia diante do poder estatal, haja vista que a liberdade de se pensar é uma pré-condição para que a universidade de fato sobreviva. O motivo foi singular: o Estado queria ter o controle da Université não apenas porque queria subjugar-la, mas porque isso fazia parte de um projeto de controle/vigilância muito maior: o socialismo. Plenamente cientes dos conflitos que se intensificavam na Europa, não importando de que área eram tais ‘mandarins’, se pertenciam ao que se convencionou denominar ‘ciências exatas’, ‘biológicas’ ou quaisquer outras. Os professores da Université tinham plena consciência do que se passava, não apenas fora dos muros da Université, como entre as ruas de Berlim, Moscou, Paris e Praga. O poder das cátedras continua sob controle acadêmico porque os acadêmicos souberam ‘mostrar’ que o Estado pretendia controlar mais as pessoas e, uma das estratégias para fazer isso, era justamente controlando as cadeiras nas quais os acadêmicos enunciam as suas verdades.

Ao contrário do que pode parecer, em primeira instância, a Université não manteve o controle total sobre as cátedras. Assim como os ‘mandarins’ sabiam que o uso da palavra socialismo teria um efeito avassalador (sobretudo em um país onde a combinação da neutralidade política com a estabilidade dos bancos tinha um efeito constitutivo há mais de cinco séculos), também eram cientes de que seria impossível ignorar a obsolescência da cátedra de sânscrito, assim como a urgência

da criação de cátedras que visassem os estudos de negócios. O poder sobre as cátedras continuava sob jugo da Université, mas para que ele funcionasse a contento, seria necessário não perder de vista o que acontecia no mundo não acadêmico.

Um mundo capitalista, com uma burguesia fortemente consolidada (que, em alguns países, por uma ironia histórica, passaria a sustentar e defender uma monarquia diferenciada dos séculos anteriores, p. ex. Inglaterra), em crescente expansão demográfica e que atraía cada vez mais alunos em busca de diplomas universitários. As cátedras precisariam ser cada vez mais ajustadas/disciplinarizadas para com os cursos aos quais eram fundamentais. Nesse contexto, entende-se bem a proposta de Bally para a criação da cátedra de estilística. Além do emprego universitário (muito mais interessante financeiramente que ser alocado nas escolas onde ensinaria a juventude suíça, e ganharia menos da metade que na Université), era uma clara tentativa de se demonstrar que a Estilística deveria ser o saber fundamental a ser observado em uma faculdade de letras. O sânscrito não era, definitivamente, algo a ser considerado. Quanto à linguística, como ele próprio sabia (Saussure havia enunciado claramente), possuía muitos fantasmas ainda para serem exorcizados. Enquanto instituições como a Société de Linguistique discutiam que objetos deviam pertencer aos gramáticos e linguistas, Charles Bally provavelmente percebeu que era necessário, nos novos tempos, ser mais utilitarista. A estilística seria mais útil às professoras que ensinam as crianças e aos professores que ensinam os jovens. A juventude suíça estaria apta a ingressar na universidade, por exemplo; e caso não o fizesse, teria um conhecimento prático que lhe seria útil em quaisquer outras ocupações que viessem a exercer. Questões externas obnubilaram a estratégia de Bally, mas as questões internas, da própria Université lhe facilitariam as pretensões de ascensão profissional.

Os ‘escrúpulos de F. de Saussure’ sempre o fizeram contido nas publicações e nas próprias falas diante de uma série de situações com as quais se deparou. O mestre genebrino demonstra ter consciência de que a linguística precisa avançar como ciência da linguagem. Os fantasmas são tantos, os dogmas se multiplicam e se enraízam com sucesso que, possivelmente, as conversas entre esses especialistas começam a ser meros circunlóquios. O método parece ser uma garantia, apresentada por Saussure, para exorcizar tais fantasmas. Os dados assim seriam melhor tratados e as verdades advindas de tais análises seriam não apenas científicas, mas mais apuradas e precisas. Em um mundo onde muitos caíam nos erros interpretativos do caso Dreyfus, ou de especulações

como a língua marciana, ou de construtos de línguas artificiais e neutras (uma língua suíça, em toda a sua excelência) como o esperanto, era preciso ser cuidadoso com o que não faz sentido, com realidades distorcidas, para que se chegue, de fato, no ponto da questão, no objeto *de facto*.

É nesse ínterim que Saussure profere os seus cursos de linguística geral. As indicações teóricas, por ele feitas, como a sincronia, por exemplo, se lida no contexto da época, não significa uma renúncia aos estudos diacrônicos, ou mesmo aos textos literários como objeto de estudo. O Saussure que estuda os anagramas à noite, não é uma personalidade diferente da que estuda questões linguísticas durante o dia. Na verdade, o Saussure que profere os cursos é o mesmo que estuda o sânscrito, que se debruça sobre a decifração de línguas desconhecidas ou sobre os significados ocultos dos versos saturninos. Propor os conceitos que propôs não significava renunciar a outras maneiras de se pensar a linguagem, maneiras essas das quais ele próprio se utilizava. O mestre genebrino foi formado, em uma época, onde ser um linguista era ainda, em grande medida, ser também um filólogo. As línguas antigas ou o tratamento de uma língua moderna em todos os seus aspectos ('linguísticos' e 'literários') era algo tido como essencial para se pensar a linguagem a contento.

É possível que F. de Saussure, com toda a acuidade intelectual demonstrada em outros momentos da vida, percebesse que a filologia dava os seus últimos passos no início do século XX. A estratégia de poder para que isso ocorra, não será uma intromissão do Departamento de Instrução Pública, mas sim das modificações feitas pelas próprias universidades, no mundo inteiro. O poder acadêmico passaria, paulatinamente, a ver a linguística não mais como uma possibilidade de saber sobre a linguagem, mas como a ciência que estuda as línguas. A universidade, a partir do século XX, será cada vez mais, um local de cientistas, que seguem métodos estritos, analisam dados, e concluem suas verdades científicas. Alguma exceção será feita aos artistas, que ocuparão certa parte da catedral do saber. Embora os artistas não sejam exatamente cientistas, haverá uma maneira supostamente científica de se analisar a arte. O golpe final que ocasionará a mudança das cátedras não virá exatamente de fora da Université, virá de dentro dela. O poder acadêmico postulará a linguística como um conhecimento obrigatório a ser estudado pelos alunos de letras. Fato que acontecerá em Genebra e em todo o mundo. Os alunos de uma universidade devem estudar os dizeres científicos apropriados para a ocupação que irão desempenhar após se graduarem.

As cátedras de linguística se multiplicarão ao redor do mundo. Várias universidades sustentarão doutores em linguística, sobretudo para que eles sejam ouvidos pelos alunos de letras. Singularmente, os cursos de linguística não se multiplicarão com tanta velocidade, pois os cientistas da linguagem não terão muitos postos de trabalho, além da própria universidade. Isso fará com que os cursos de letras forneçam não apenas professores para o nível básico do ensino, mas também professores que migrarão para o status científico, que a linguística tem a oferecer. Ao longo das décadas, isso fará com que perguntas como: para que serve a linguística? Ecoe com cada vez mais força. Pergunta melhor compreendida, sobretudo quando é feita pelos alunos de graduação em letras. De forma resiliente, o questionamento sobre o que é linguística persistirá ao longo das décadas do século XX e chegará até o século XXI. Da mesma forma, o questionamento sobre a cientificidade da linguística passará a ser feito, sobretudo porque determinadas pesquisas realizadas dentro do escopo 'linguística' não serão reconhecidas como científicas por 'linguistas' de outras linhas de pesquisa.

Antes de observarmos os dizeres de linguistas do século XXI, é preciso relacionar esses dados aos esquemas de poder-saber postulados por Foucault.

É preciso colocar que, para Foucault, os principais pontos do poder não são consequência da repressão pura e simples, mas sim oriundos da mais diletta obediência. No caso da instituição universitária, uma das pedras fundamentais desse poder é não apenas a criação, mas a ocupação das cátedras/vagas. Não se trata apenas de dizer que determinados cursos precisam de um linguista, trata-se também de ser capaz de avaliá-lo, testá-lo, dizer que essa pessoa está apta para atuar na universidade. O linguista consegue perpetuar seu lócus na universidade apenas e tão somente porque a mesma universidade tem o poder de formá-lo. É dever da universidade formar professores para os níveis básicos de ensino; mas também é uma necessidade formar os futuros mestres que ocuparão as vagas docentes nas mesmas universidades. Ponto fundamental para que isso ocorra é a existência de programas de mestrado e doutorado em linguística em todo o mundo; temos, como regra geral, mestrados e doutorados formando cientistas nas suas mais variadas áreas. É por isso, provavelmente, que não exista um doutorado em gramática. A função do gramático não pode advir da titulação acadêmica de doutor(a), pois a gramática é aí um objeto e não uma área de estudo. Haverá, igualmente, toda uma classificação, uma normatização das subáreas e linhas de pesquisa que a linguística comportará. O poder acadêmico não apenas é capaz de formar doutores

e referendá-los como cientistas, mas também de estabelecer que essa ciência deve, obrigatoriamente, ser ministrada para os alunos de graduação. A função precípua de um doutor que atue em uma universidade é o de colaborar na fundamentação teórica, na (in)formação científica dos alunos que, por sua vez, estão alocados nos mais variados cursos que representam uma gama diferenciada de profissões.

Podemos dizer, portanto, que na universidade a linguística é o saber científico eleito para a formação dos professores de educação básica (embora pudesse ser utilizada, igualmente, para a formação de profissionais que trabalham com a linguagem, como os profissionais de comunicação). É válido lembrarmos que o sânscrito não saiu de cena por descrédito à sua importância na universidade, mas principalmente pela dificuldade de se formar estudiosos de sânscrito, até porque, esse status não garantia, entre outras coisas, um emprego. Embora ainda existam vagas para professores que lecionem latim, grego e, em alguns casos, sânscrito, esse saber não é mais efetivamente útil para o poder acadêmico. O poder acadêmico não apenas pode estabelecer os saberes que devem ser ensinados pelos professores e apreendidos pelos alunos; de certa forma, ele participa, grandemente, do jogo de prestígio que diz quais vozes devem ser ouvidas fora da universidade. As vozes que, quase como um diapasão, ecoarão vários dizeres que foram ouvidos primeiramente nas academias. É importante notar que isso explica o fato dos cursos de graduação em linguística não terem se multiplicado a contento. A profissão de linguista nunca despontou na ‘sociedade leiga’ com a mesma força que o fez no mundo acadêmico. Por extensão, podemos entender a dificuldade de se ter uma graduação em filologia, embora ainda sejam registrados mestrados/doutorados em filologia; em sua grande maioria, diplomas que garantem aos seus portadores a posição de críticos literários, além de estudiosos de ‘línguas mortas’. Um dos instrumentos de poder que os linguistas passaram a ter, com exclusividade, foi o sentido de ‘análise linguística’ como algo feito não apenas para analisar um corpus linguístico, mas também para demonstrar que é uma análise realizada, necessariamente, por um linguista. Realizar uma análise linguística, que é analisar cientificamente determinada questão de uma língua, é uma atividade privativa de um profissional (assim reconhecido pelas autoridades trabalhistas) formado para isso. É mister lembrar que, do mesmo curso onde, regra geral, saem os futuros linguistas, saem também os não linguistas – os professores em nível de educação básica. O linguista moderno foi, possivelmente, a maior obra do poder acadêmico no que tange a questão

dos estudos sobre linguagem; pois, embora a filologia tenha caído no mundo acadêmico, ainda resiste em caráter de exceção, não mais, contudo, sendo considerada uma ciência com coisas a dizer sobre questões de linguagem (uma boa evidência disso são as polêmicas envolvendo língua(gem), do material didático às reformas ortográficas, os filólogos não mais são ouvidos).

Ao enunciar que “a disciplina exerce seu controle, não sobre o resultado de uma ação, mas sobre seu desenvolvimento” (FOUCAULT, 2005b, p. 106) podemos perceber que o poder acadêmico perpassa algo para além das cátedras/vagas docentes. A maneira de produzir o conhecimento científico será um dos principais instrumentos de controle desse poder. Ao claramente privilegiar um tipo de ciência (a que focaliza na exatidão, nos experimentos, na mensuração), mesmo que outro tipo de construto científico seja reconhecido como tal, o será em uma escala menor. Quando Saussure coloca o método como sendo um instrumento para adquirir melhores resultados, com maior acuidade, maior precisão, que tornaria possível a retirada de ‘fantasmas’, de realidades ilusórias, ele estava claramente focalizando em uma maneira de melhor atingir resultados. Esta virada metodológica é, sem dúvida nenhuma, bem vista pelo poder acadêmico geral. Ciências ‘metódicas’ são as que garantem o prestígio científico para a academia. Tal fato, com o passar do tempo, criaria um tensionamento dentro da ciência linguística; por conta do fato de determinados objetos/procedimentos não serem mensuráveis e tecnicizados com a mesma acuidade que os níveis clássicos de análise. O problema, portanto, seria que, como diz Foucault, a disciplina exerce seu controle no processamento. O processamento de informações científicas dentro da linguística, com o passar das décadas, não seguiriam a mesma práxis metodológica, tampouco o mesmo rigor de tratamento de dados que, em determinadas linhas de pesquisa, se faz necessário. É comum, contudo, para efeitos de financiamento de pesquisa, que áreas como a análise do discurso e a pragmática, sejam considerados níveis de análise linguísticos, tanto quanto a fonética ou a sintaxe. Embora, nem todos os profissionais que se dediquem a essas linhas concordem.

A figura de Bally, como linguista-intérprete do pensamento de Saussure é paradigmática para o entendimento de como o poder acadêmico funciona. Charles Bally construirá uma carreira devotada ao estudo da estilística, embora tenha se tornado o sucessor (até se aposentar) de Ferdinand de Saussure, na cátedra de linguística geral; em tese, houve uma aglutinação de estudos indo-europeus, mas o sucessor de Saussure não dispunha de conhecimentos para conferenciar sobre

questões indo-europeias. Os alunos da Université, com uma formação clássica pífia que, aos poucos, evoluiria para uma formação clássica nula, não objetariam tal silêncio. Bally publicaria muito mais que seu antecessor; como marco inicial faria algo para o qual Saussure era extremamente inepto: publicaria um livro. Os escrúpulos e o perfeccionismo de Saussure o impediam de ser um publicador a contento. O poder acadêmico quer, acima de tudo, mestres produtivos, que irradiem discursos – com intensidade – para os seus alunos: “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 2003c, p. 44).

Charles Bally foi um linguista infinitamente mais produtivo (do ponto de vista de publicações) que seu antecessor e executou com maestria duas ações que marcariam a subjetividade do linguista (quicá ainda marcam): era inepto para falar com os ‘falantes leigos’ e reafirmava constantemente a cientificidade de seus dizeres.

É possível que a constante afirmação de cientificidade para com os estudos linguísticos mostre a necessidade do linguista de se distinguir de outras vozes: “não há sujeito neutro, somos forçosamente adversários de alguém” (FOUCAULT, 2005a, p. 35). Se levarmos em conta este ensinamento foucauldiano, poderemos afirmar que a constante afirmação/discussão sobre a cientificidade na linguística ocorre de forma diferenciada para com outras ciências. Se o alquimista desvaneceu-se, assim como o boticário, o mesmo não aconteceu com o gramático, tampouco com o filólogo (embora seu número tenha caído drasticamente). As vozes que falam sobre a língua são múltiplas, não apenas em uma perspectiva interciência: psicologia – linguística - antropologia, mas também entre voz científica e não científica (linguística – filologia – gramática). A tática de poder utilizada pela linguística para ser ouvida é a mesma que nasceu a partir dos cursos de linguística geral: advogar possuir caráter científico, portanto, ter maior credibilidade acadêmica. As táticas de poder, por conseguinte, atuarão diretamente na questão das cátedras/vagas docentes, assim como na questão da epistême e em uma luta discursiva constante para, através de uma polícia discursiva, sempre garantir a autenticação científica a todos os dizeres que emanem da linguística e, portanto, do linguista. A realização dessa tática será notada na epistemologização da linguística (uma tática de poder-saber por se efetivar a partir de uma exclusão discursiva).

O primeiro efeito da luta pela cientificidade em seu sentido moderno, não apenas um dizer verdadeiro, mas disciplinado através de

um método, de um procedimento que, por sua vez, é ligado a uma determinada teoria do conhecimento linguístico: a primeira delas, o estruturalismo. Fazer de Ferdinand de Saussure um estruturalista (o que explica o apagamento, o não comentário de suas práticas de pesquisa não alinhadas para com essa epistême) será o primeiro grande feito da linguística enquanto uma disciplina sob o poder acadêmico. Poder este que, como todos os outros, não pode se realizar sem o espraçamento de técnicas de disciplinarização para o saber. Disciplinar a forma como o saber é construído é a melhor forma de controlá-lo (FOUCAULT, 2005, p. 221): “passou-se da censura dos enunciados para a disciplina das enunciações”. Essa disciplina de enunciações será efetivada a partir do que se convencionou chamar de procedimentos de exclusão discursiva, que se realiza através, sobretudo, de quatro pontos: a interdição, o comentário, o autor e as disciplinas.

Pra conceitualizar a interdição, devemos lembrar que (FOUCAULT, 2003a, p. 9): “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. Ao eleger a pessoa que ocupa determinado local como quem de fato deve falar sobre algo, não apenas se inclui alguém como ‘autorizado’ para isso, mas também se desautoriza vozes similares de serem ouvidas, ou de serem ouvidas com a mesma credibilidade. Ao relembrar que o linguista é quem, progressivamente, passa a ocupar esse papel, deve ser pontuado que isso apenas ocorre porque ele é detentor de um determinado saber. Em tese, o linguista sabe olhar para a língua, sabe como estudá-la, possui o conhecimento metodológico para fazê-lo e, por isso, é capaz de interpretar o que descobre no interior desse objeto. A análise linguística se constitui, cada vez mais, como uma fala mais acabada, arquitetada, científica; e assim o é não apenas para os linguistas, mas para todos os outros membros da universidade, o local, por excelência da ciência. Na medida em que a ciência se tecnicizou, o mesmo aconteceu com boa parte das ciências que estão sob o teto da catedral do saber.

Isso explicaria porque, *mutatis mutandis*, situações como a da língua marciana – que foi apreciada por alguns linguistas na Société de Linguistique de Paris, não se repetiriam tão facilmente no século XX. A linguística, como tantas outras ciências, tende a filtrar muito bem o objeto que constituirá o fulcro de suas análises. Por isso, durante muito tempo, uma grande proporção de linguistas preferirá trabalhar suas análises a partir de exemplos simulados, criados no laboratório de suas mentes para a devida análise linguística. Trabalhar com exemplos simulados eliminará determinados desconfortos trazidos pela

variação/mudança sempre presentes no uso da língua, pelos falantes, em seu cotidiano.

Será na interdição que o linguista moderno exercerá a sua principal marca de controle e delimitação discursiva não somente sobre o que ele diz, mas também monitorando as outras vozes que enunciam questões sobre a linguagem. Ao se tratar disso, cabe lembrarmos o papel de Bally para o que se convencionou chamar de fundação da linguística moderna. Charles Bally foi o primeiro comentador de Ferdinand de Saussure – a ocupar esse posto oficialmente – visando uma interpretação clara e prática dos enunciados do mestre genebrino.

Primeiramente, ele faz um recorte cuidadoso do CLG, escolhendo apenas uma fonte (Riedlinger), apesar de ter acesso a vários outros cadernos de outros alunos, assim como a todos os cadernos escritos por Ferdinand de Saussure. A grande obra de Bally é, em parte de um *ghost-writer*, não por escrever para alguém, mas por alinhar o texto de determinada maneira, escolhendo inclusive a última frase ali citada que, embora não tenha sido pronunciada por Saussure (é válido lembrar que isso não foi dito quando da publicação da primeira edição) é considerada um dos grandes marcos do pensamento ‘saussureano’ (SAUSSURE, 1995, p. 271): “a linguística tem por um único e verdadeiro objeto a língua considera em si mesma e por si mesma”.

Os dizeres de Saussure seriam direcionados, a partir de então, por um novo viés: o estruturalista. Esse é não apenas um primeiro fator de interdição discursiva, mas também um demonstrativo de força do intérprete na construção de determinado sentido. O jugo interpretativo sempre estará presente, mesmo nas apresentações mais formalistas, estruturais e exatas: “interpretar e formalizar tornaram-se as duas grandes formas de análise de nossa época: na verdade, não conhecemos outras” (FOUCAULT, 2007, p. 414). A maior publicação de Bally será, sem dúvida, a que não levará o seu nome, o CLG; muito embora, obras posteriores suas sobre a crise da língua francesa, que demonstram como a mesma estava sendo corrompida por uma série de ‘elementos estrangeiros’, assim como sobre a questão da estilística e literatura em geral.

A movimentação de Bally para com o pensamento de Saussure reforçam a exclusão dos dois outros principais modos de subjetividade que refletiam sobre as questões da linguagem: o filólogo e o gramático. Um outro intérprete de Saussure, contudo, Jakobson, assumidamente estruturalista (ao contrário de Charles Bally), sempre manterá a literatura em seu escopo e, possivelmente, esse seja um dos motivos de seus esforços para levar boa parte dos cadernos de F. de Saussure para

Harvard, onde ainda estão. Será a partir deles que o estudo dos anagramas será ‘redescoberto’. Há de se pontuar que esses modos de interdição são entes fundamentais para a concretude do poder acadêmico. A importância do estudo das interpretações já havia sido reforçada na frase de Montaigne, citada por Foucault. (FOUCAULT, 2007, p. 56): “há mais a fazer interpretando as interpretações que interpretando as coisas; e mais livros sobre os livros que sobre qualquer outro assunto; nós não fazemos mais que nos entreglossar”. É possível, por conseguinte, que ao estudar as interpretações pelas quais a linguística se fundamentou, aprendamos não apenas muito sobre a linguística, mas muito também sobre o próprio uso da linguagem, em sua materialidade discursiva.

Ao lançar o CLG, Bally inaugurou uma era de comentários que se articularam, progressivamente, em volta de Ferdinand de Saussure. Não se trata apenas de se posicionar a favor ou não do que foi posto no CLG. A instauração da prática dos comentários nasce justamente por conta de uma espécie de ‘texto primitivo’ da linguística (saussureano). “Só há comentário se, por sob a linguagem que se lê e que se decifra, corre a soberania de um texto primitivo” (FOUCAULT, 2007, p. 56). Uma das virtudes dos filólogos, por irônico que pareça, a técnica de decifrar o enigma oculto em símbolos não conhecidos, ou mesmo de saber reconhecer sentidos outros, além dos avistados à primeira vista, será justamente uma prática constante na linguística moderna. Ferdinand de Saussure será lido e relido seguidas vezes. Inicialmente, a partir do CLG. Posteriormente, por conta de seus cadernos e, finalmente, através dos cadernos de seus alunos, de suas cartas e de seus diários; até, finalmente, se chegar ao seu ‘livro oculto’ (SAUSSURE, 2012). O motivo de Saussure ser (de todos os grandes estudiosos da linguagem nascidos no século XIX, Whitney, Muller, Saussure, Bloomfield) um dos mais comentados hoje em dia, talvez se deva justamente ao fato de não ter sido um excelente publicador de papers. Ao se tratar de publicações ‘de acordo com os cânones’, suas publicações foram diminutas. Os seus cadernos, contudo, que terminaram constituindo os mais diversos comentários acerca de sua obra, têm sido decisivos na interpretação de seu pensamento. Um autor que é interpretado, atualmente, muito mais pelos escritos que não publicou do que pelo publicado, originalmente, em seu nome. Na verdade, os comentários sobre Saussure (cem anos depois de sua morte) podem servir de exemplo para o que Foucault denominou de paradoxo do comentário (FOUCAULT, 2003a, p. 25): “dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, não havia jamais sido dito”. Se, a partir do pensamento

presente no CLG, toda uma gama de comentários surgiu e o estruturalismo reinou como uma epistemologia hegemônica, pode-se dizer também que “Saussure tornou possível uma gramática gerativa, que é bastante diferente de suas análises estruturais” (FOUCAULT, 2006a, p. 282). Esse talvez seja o principal motivo de Saussure ser considerado o ‘pai’ da linguística moderna. Não porque ele disse o que os linguistas deveriam fazer, ou porque escreveu um livro fundador proclamando uma agenda científica urgente e necessária, mas porque através dos seus ditos (mesmo que recortados de forma póstuma) se instaurou uma discursividade de comentários que colaborou para o surgimento de uma nova epistémé: o gerativismo.

O gerativismo e o estruturalismo não seriam as únicas epistemologias a ancorar o pensamento científico do linguista do século XX. Outras fundamentações epistemológicas surgiriam, assim como as linhas de pesquisa também se multiplicariam. Tal fato criaria, progressivamente, uma espécie de hierarquização dessas análises. Há quem acredite, por exemplo, que um doutorando em linguística deve obrigatoriamente estudar fonética, mas não análise do discurso. Possivelmente isso ocorra por algumas linhas de pesquisa serem, em tese, mais expostas a uma tecnicização que, secularmente, é utilizada como prova de cientificidade.

Os comentários pós-Saussure, ou mais exatamente, pós-CLG não apenas colaborarão para o surgimento de outras epistémés, mas também para a visualização de Saussure como o autor que funda a linguística moderna, o seu ‘pai’. Isso é feito, por um lado, como já foi dito, com a publicação do CLG e, por outro, com um dos seus efeitos, a feitura de Saussure como um autor discursivo (FOUCAULT, 2003, p. 26): “O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de um agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”. O que, em princípio, pode ser visto como algo excludente, haja vista que as duas outras vozes que falam sobre a língua(gem) não estarão mais incluídas na cientificidade do dizer, sendo postas de lado pela universidade (não que não sejam úteis, pois como sabemos, o gramático ainda será bastante requisitado), é ao mesmo tempo produtivo, na medida em que possibilitará a criação de milhares de programas de doutoramento de linguística ao redor do mundo, em todos os continentes, subsidiados com bolsas de estudo, com amplo acesso e lugar na universidade. É verdade dizer que os doutorados em linguística já existiam anteriormente a Saussure. A propósito, existiam muito antes dele. A diferença, possivelmente, é que o seu número era

menor, as suas pesquisas não eram subsidiadas e os filólogos ou estavam sentados ao seu lado, ou eram a mesma pessoa.

Ferdinand de Saussure se torna, portanto, o autor discursivo da linguística moderna; pois é a partir da instauração de uma nova discursividade que, não só haverá interdição de outras vozes, assim como comentários que se perpetuam até hoje. Sendo assim, na medida em que a linguística é reconhecida como a intérprete oficial dos dizeres científicos sobre as línguas, o linguista moderno será a sua primeira grande criação. A heterogeneidade que marcará o linguista moderno (do analista discursivo ao foneticista) pode, quiçá, fazer de Saussure um discurso dentre aqueles onde se procura o que se deseja e se encontra o que se procura.

Não é apenas por conta da autoria, dos comentários e da interdição que determinado controle do saber ocorre. Não basta controlar o que se diz, é preciso também cuidar do que não se diz (FOUCAULT, 2003a, p. 31):

Uma disciplina não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa; não é nem mesmo o conjunto de tudo que pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado, em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade. A medicina não é constituída de tudo o que se pode dizer de verdadeiro sobre a doença.

Não há, portanto, apenas um controle sobre o dito; pois, ao se controlar a medicina, estabelece-se também o que não é medicina, é credence popular. Será necessário que os possíveis resultados apontados por tal credence sejam aprovados pelos exames médicos, métodos de pesquisa e toda a gama de controles científicos que a medicina desenvolveu para atestar determinados resultados como científicos.

Esse poder disciplinar também se aplica a linguística como disciplina. É possível que isso explique a ausência de grandes choques entre linguistas e filólogos nos dias de hoje (os que ainda existem atualmente). A filologia não possui enunciados contraditórios para com a linguística, continua se dedicando às línguas antigas (primordialmente), e ao estudo literário. O mesmo não acontece com os gramáticos que ainda são capazes de enunciar formulações que não condizem com os enunciados científicos defendidos pelos linguistas. É válido pontuar que, apesar do lugar 'por excelência' do linguista ser a

universidade, a aplicabilidade de seus saberes serão cada vez mais direcionados para a escola; espaço onde se dará um choque discursivo entre dois sujeitos: o linguista e o gramático. O linguista, contudo, terá a palavra científica em seus lábios. O gramático, possivelmente, será a próxima subjetividade a ser disciplina pelo poder acadêmico.

As discussões epistemológicas também são uma clara evidência da disciplinarização em curso. A multiplicidade epistêmica é mais que uma complexidade no interior da linguística, é a arquitetura de uma ciência que, ao longo de vários andares, constrói a imponência do poder científico-saber acadêmico. É uma tarefa quase impossível replicar a uma fundamentação epistemológica, sem antes entrar em seu viés científico e, assim o fazendo, escolher outro olhar que, em oposição ao anterior, se diferencia muito mais por ser oposição que por ser diferente.

A linguística permaneceu na academia como uma voz científica, dotada de toda a *techné* necessária, para assim se autodenominar ciência e ser plenamente reconhecida. Contudo, (FOUCAULT, 2003c, p. 166) “a visibilidade é uma armadilha”, pois ser reconhecido pelo poder, é ser, necessariamente, por ele localizado.

Cabe aí lembrar a fala de Saussure, que evoca liberdade, para seguir trabalhando (em seu retorno à Genebra). Quando Saussure diz querer liberdade, ele sinaliza com clareza os mecanismos de controle discursivo presentes em Paris, na *Société de Linguistique* (FOUCAULT, 2003a, p. 36-37): “rarefação desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”. É uma hipótese possível de se conjecturar que Ferdinand de Saussure poderia não ter falado o que falou nos cursos de linguística geral, se tivesse continuado em Paris.

É por isso que o pensamento foucauldiano depois de refletir sobre questões do poder-saber, migra para a questão da subjetividade, pois “não pode existir saber sem uma modificação profunda no ser do sujeito” (FOUCAULT, 2011, p. 4). Assim sendo, é no linguista que se refletirá toda a força da esquematização poder-saber. Para proceder a análise desta subjetividade, ainda ancorados pelo pensamento foucauldiano, utilizaremos excertos da obra *Conversas com linguistas* (2003) que versam sobre três perguntas: o que é linguística, a linguística é ciência e para que serve a linguística.

Quadro 1 – O que é linguística?

Entrevistado	Resposta
Bernadete Abaurre	Então, tenho um pouco de problema em aceitar simplesmente uma definição de linguística como ciência da linguagem. Num primeiro momento, a busca de um caráter científico para os estudos linguísticos foi importante, para que a disciplina marcasse posição no âmbito das demais disciplinas reconhecidas como legítimos campos de investigação. ¹²⁹
Eleonora Albano	A linguística? É essa coisa que nasceu no século XX e que teve um nome, um papel de ciência piloto, como muitas pessoas já disseram. Foi atribuída a Saussure. Acho muito bem atribuída. Não vou dizer que foi mais tarde ou mais cedo. Acho que o papel de Saussure em anunciar, com a sua obra, o que viria a ser a linguística foi muito importante e gerou muitos manifestos. [...] Mas eu sei que estou na fonética por causa do método, não necessariamente por causa do objeto. ¹³⁰
Borges Neto	Eu lembro de ter participado de uma mesa redonda com Rajan em que ele dizia que a linguística é uma paixão pela linguagem. Qualquer pessoa que seja apaixonada pela linguagem, e que fale sobre a linguagem, e que comente sobre a linguagem, e que observe a linguagem estará fazendo linguística [...] A minha posição diante da questão é de alguma tolerância, mas sem o exagero de Rajan. ¹³¹

¹²⁹ XAVIER; CORTEZ, 2003, p. 16.

¹³⁰ XAVIER; CORTEZ, 2003, p. 29-30.

¹³¹ XAVIER; CORTEZ, 2003, p. 44.

Ataliba de Castilho	<p>Não é possível conceber a língua e a linguística sem uma teoria. Então, não dá para responder isso em geral, é preciso verificar de que teoria se está falando, que visão se está postulando para a língua. E gosto muito de lembrar aos meus alunos que teoria é uma palavra grega que justamente quer dizer visão, ponto de vista. Depois essa palavra, como tantas outras, se abstratizou, mas na sua etimologia ela não representa nada de abstrato.¹³²</p>
Carlos Alberto Faraco	<p>Grosso modo, podemos citar uma definição de manual. A linguística é a ciência que tem como objeto a linguagem verbal ou as línguas naturais. Mas para sair do manual, talvez fosse bom pensar que o termo linguística tem uma designação ampla e uma designação estrita. No sentido amplo, poderíamos dizer que a linguística congrega as diferentes atividades de estudo sistemático da linguagem verbal e das línguas naturais que são desenvolvidas nos departamentos de linguística e nos programas de pós-graduação em linguística, seja no Brasil, seja no mundo. Linguística seria, então, o conjunto de atividades científicas que os que se designam linguistas desenvolvem no contexto universitário. Interessante observar que hoje, no Brasil, nós temos preferido designar os nossos programas de pós-graduação de “estudos linguísticos”. E essa mudança de nome talvez decorra da necessidade que temos de acomodar, numa mesma grande área, atividades que são mais próprias da linguística stricto sensu, mas também a sociolinguística, a psicolinguística, a linguística aplicada, a neurolinguística, as diferentes análises de discurso e assim por diante.¹³³</p>
José Luiz Fiorin	<p>E, portanto, eu não posso compartilhar da concepção hard da linguística que considera linguística a fonologia, a morfologia, a sintaxe e tal. Mas tudo o que se destina a analisar algum componente, algum aspecto da linguagem humana, isso é linguística.¹³⁴</p>

¹³² XAVIER; CORTEZ, 2003, p. 56.

¹³³ Ibid, 2003, p. 66.

¹³⁴ Ibid, 2003, p. 73.

<p>João Wanderley Geraldi</p>	<p>Confesso que não sei. Eu diria que linguística, tal como a recebemos como herança cultural, é uma das caixinhas de um certo modo de produzir conhecimentos, um conjunto de instrumentos, procedimentos e enunciados em base nos quais se assenta a produção de novos conhecimentos. Talvez, mais apropriadamente se poderia chamar de “disciplina”, no sentido de Foucault.¹³⁵</p>
<p>Diana Luz Pessoa de Barros</p>	<p>Bom, se você estiver pensando como um linguista em sentido restrito, é a ciência que constrói um objeto que, a partir de Saussure, se considerou como sendo a língua, com Chomsky, como sendo a competência, enfim que constrói um objeto e que trata desse objeto de uma certa perspectiva teórica e metodológica. Se você pensar semioticamente, a semiótica se apresenta como um projeto de ciência para o exame da significação, não propriamente como uma ciência. Então, o que caracteriza a linguística, seja ela uma ciência, seja ela um projeto de ciência, é o fato de ser descritiva e explicativa do objeto que construiu, podendo, portanto, variar nas diferentes teorias, mas tendo sempre de ser descritiva e explicativa. Ela não pode ser normativa, prescritiva ou coisas deste tipo, porque isso não cabe nem em uma ciência, nem em um projeto de ciência. Se tomarmos a linguística como uma disciplina de caráter científico, a sua principal característica vai ser a de procurar descrever e explicar os fatos da língua, quer seja a língua pensada com heterogeneidade, quer seja a língua pensada como um sistema ou como fatos de competência.¹³⁶</p>

¹³⁵ Ibid, 2003, p. 81-82.

¹³⁶ Ibid, 2003, p. 153.

Sírio Possenti	Assim, um pouco como piada, se poderia dizer que linguística é o que se faz nos departamentos de linguística. Mas há um risco que eu gostaria de mencionar: há linguistas que acham que estudar questões de língua é chato e se metem a falar de outros campos. Vão para a história e antropologia etc., porque nesses campos, sim, há coisas interessantes a pesquisar. E acabam fazendo péssima história e antropologia de segunda. Seria melhor que mudassem de departamento, já que não gostam daquilo que teriam que fazer. Um corolário disso são alunos de um curso de letras, por exemplo, que não “curtem” linguística. Eu diria, por mais antipático que isso seja, que o problema não é da linguística, que não é ela que é chata. ¹³⁷
Kanavillil Rajagopalan	Dizendo de forma curta e grossa: é uma das tantas maneiras de pensar a linguagem, que, por razões históricas, passou a ser “a” ciência. Isto é, o linguista não detém nenhum monopólio sobre a linguagem. ¹³⁸

Fonte: XAVIER; CORTEZ, 2003.

Quadro 2 – A linguística é ciência?

Entrevistado	Resposta
Eleonora Albano	Por outro lado, fica politicamente muito complicado abrir mão de uma conquista, de um lugar entre as ciências, feita no começo do século XX, um lugar que a gente tem que resguardar. Agora, não sou de maneira nenhuma uma defensora ferrenha dos métodos positivos. Isso é historinha das más línguas. ¹³⁹

¹³⁷ Ibid, 2003, p. 167.

¹³⁸ Ibid, 2003, p. 178.

¹³⁹ Ibid, 2003, p. 31.

Ataliba de Castilho	<p>[...] Todos esses passos são necessários para o trabalho linguístico. A escolha do assunto, a escolha do ponto de vista, a escolha da metodologia, incluindo o material que vai ser examinado, e depois o bate-bola entre a hipótese e o dado, e finalmente uma ordenação do que se achou, uma divisão daquilo tudo em grandes partes ou capítulos. Aí seu trabalho chegou a um certo grau de estabilidade, embora, na verdade, não vá parar nunca, porque quando você acabou de escrever já viu muitas outras coisas, achou outras respostas nas perguntas dadas. A reflexão sobre as línguas naturais não tem fim. Se isso é ciência, a linguística é ciência.¹⁴⁰</p>
José Luiz Fiorin	<p>A linguística é muito diferente, por exemplo, de um discurso religioso, porque uma teoria linguística não tem a pretensão de dar conta de todos os significados da realidade como o discurso religioso que explica qual o sentido da vida, por que você sofre nesse mundo, de onde viemos, para onde vamos etc. O discurso científico, ao contrário do discurso religioso, tem uma noção muito nítida de que ele é uma aproximação dos fatos, uma tentativa de explicação dos fatos. E ele necessita da comprovação dos fatos, ao contrário do discurso religioso, ao qual você adere pela crença. Você precisa comprovar aquilo que está dizendo sobre os fatos. Existe um mínimo de compromisso com a realidade. Ora, nesse sentido, a linguística é ciência. Agora, se eu pensar num modelo das ciências físicas, por exemplo, a linguística não é ciência, é um projeto intelectual.¹⁴¹</p>

¹⁴⁰ Ibid, 2003, p. 56.

¹⁴¹ Ibid, 2003, p. 74.

João Wanderley Geraldi	Talvez tenhamos de reconhecer que os limites entre conhecimento científico e saberes, no sentido foucauldiano dos termos, começam a desmoronar, deixam de ser tão nítidos e precisos. Mas eu diria que ainda há ciência, e a linguística é uma ciência, no sentido de você ter um corpo de pessoas que pesquisam o mesmo tipo de fenômeno, uma comunidade que dialoga entre si, que busca caminhos de compreensão. E nesse sentido, seria pelo modo como ela produz conhecimentos e saberes que a linguística pode se definir, e não porque produz verdades. ¹⁴²
Francisco Gomes de Matos	Sim! Não há dúvida. No momento em que a linguística tem um objeto de estudo próprio, uma metodologia, um método de estudos rigorosos que podem ser de natureza qualitativa e quantitativa, ela reúne as condições ou pré-condições para poder ser considerada ciência. ¹⁴³
Mary Kato	Depende da definição de ciência. É uma ciência empírica. Ela teve uma influência muito grande nas outras ciências humanas ao se tornar uma ciência descritiva a partir do estruturalismo. A partir do estruturalismo, o estudo da língua começou a se configurar como um trabalho que envolve observação, indução, generalização, fugindo da visão meramente normativa. Se você pensar que ciência hoje deve envolver mais do que descrição, é alguma coisa que depende de testagem, de hipóteses de confirmação ou refutação, então, hoje praticamente todas as ciências humanas, e a linguística em particular, trabalham com essa metodologia. Nesse sentido a linguística, de certa maneira, alavancou tudo. Logo, a gente não pode dizer que a linguística não é uma ciência. ¹⁴⁴

¹⁴² Ibid, 2003, p. 83.

¹⁴³ Ibid, 2003, p. 93.

¹⁴⁴ Ibid, 2003, p. 117.

<p>Ingedore Koch</p>	<p>Com certeza. E quanto a isso, acho que hoje em dia não há mais dúvida. Houve um momento em que havia, tanto que naquela época, a linguística precisou se despir de tudo o que não fosse estritamente linguístico, para poder provar que era uma ciência. Então, foi a época do início do estruturalismo, quando a linguística tinha que provar que tinha objeto próprio, metodologia própria, terminologia própria, foi preciso depurá-la do que não fosse essencialmente linguístico e passou-se a estudar só a estrutura, só o sistema etc. Mas hoje em dia, ela acabou se tornando ciência piloto das ciências humanas e ninguém mais discute se ela é uma ciência. O que se discute ainda em certos círculos mais fechados é se ela tem o direito de se abrir para o discurso, para as práticas sociais etc.¹⁴⁵</p>
<p>Luiz Antônio Marcuschi</p>	<p>Veja que Kant escreveu A crítica da razão pura só para mostrar que a filosofia era ciência. Ele inclusive se esforçou muito para encontrar enunciados que eram “verdadeiros a priori e sintéticos”, uma espécie de “árvore dourada da vida”, e se deu muito bem. Nós, linguistas, não precisamos escrever um livro para mostrar que a linguística é ciência. A linguística é uma ciência e nos anos 1960-1970 foi a rainha das ciências humanas, segundo disse Lévi-Strauss. Hoje, essa coisa de ciências humanas, ciências sociais, ciências exatas, da natureza, sei lá o que mais, pouco importa, o que importa é que a noção de ciência não pode ser tão estreita como os positivistas a definiram no século XX. Fauconnier e Turner, em seu livro <i>The Way We Think</i>, dizem que o século XX foi o do “triunfo da forma” e que o século XXI vai ser o século da “imaginação”. [...] Acho que ciência é todo tipo de investigação em que se produz algum tipo de conhecimento. Eu estou convencido de que o próprio da ciência é investigar e não explicar. A explicação é um de seus feitos e não sua essência.¹⁴⁶</p>

¹⁴⁵ Ibid, 2003, p. 125-126.

¹⁴⁶ Ibid, 2003, p. 136-137.

Sírio Possenti	<p>Eu acho que há aspectos, pedaços da linguística que são científicos, são ciência. Fonética, a fonologia, certos aspectos da sintaxe e da morfologia são ciência. O que para mim não significa uma vantagem, significa apenas uma constatação. [...] Eu até gosto muito e cito, quando posso, uma ideia de Foucault. Quando lhe perguntaram, numa entrevista, se o marxismo era uma ciência, ele disse, entre outras coisas, que na França todo mundo queria tornar tudo científico. Que havia gente achando que a psicanálise é uma ciência, que o marxismo é uma ciência. A frase da qual eu gosto é a seguinte: o marxismo e a psicanálise são muito importantes para ser ciência. É que a ciência opera necessariamente por reduções e quadros muito definidos. Porque seu objeto é muito circunscrito. Enquanto outros domínios do conhecimento também produzem verdades, mas o modo de produção dessas verdades não é o modo característico da ciência.¹⁴⁷</p>
Kanavillil Rajagopalan	<p>Puxa vida! Eu, em curso introdutório, nem toco mais nessa questão! Quanto entrei no curso de linguística como aluno (nos fins da década de 1960, ainda na Índia), diziam: “Linguística é ciência”. E daí? Que tipo de ciência é essa? Dane-se a ciência, dane-se a linguística. Esses rótulos servem apenas para cercar a nossa liberdade de pensar sobre a linguagem da forma que achamos mais conveniente e mais interessante num dado momento histórico! De que adianta sermos cientistas, se isso não nos deixa buscar a nosso contento novas formas de pensar a linguagem?! Com frequência, as ciências funcionam como verdadeiras seitas, impedindo que os “adeptos” pensem livremente. A ciência também tem seus dogmas. Os dogmas da ciência são apresentados de forma engenhosamente camuflada, eles são alardeados com auxílio de eufemismos como ‘postulados’, ‘axiomas’ etc. Os que se atrevem a questionar os dogmas são sumariamente excomungados, ou, no caso da ciência, tachados de ‘pseudocientistas’, ‘charlatães’ etc. Prefiro abdicar do título de cientista para poder pensar a linguagem</p>

¹⁴⁷ Ibid, 2003, p. 167-168.

	<p>livremente. É sobre linguagem que temos de pensar, porque quando falo que a linguagem é uma questão política, quero dizer que isso não é uma coqueluche teórica, mas que a linguagem mexe com a nossa vida diária. Seriamente, a gente tem de pensar sobre estrangeirismos sem paixões, sem firulas, sem a preocupação de estar ao lado da ciência custe o que custar. Nós, linguistas, temos, sim, a responsabilidade não só de dar pareceres científicos acordantes ou não à nossa ciência, mas também de ir mais longe e assumir, entre outras coisas, a humildade de pensar até que ponto a nossa ciência não estaria dando o aval para essas firulas.¹⁴⁸</p>
--	---

Fonte: XAVIER; CORTEZ, 2003.

Quadro 3 – Para que serve a linguística?

Entrevistado	Resposta
Bernadete Abaurre	<p>Acho que a linguística não serve apenas para responder à curiosidade natural do ser humano sobre as questões relativas à linguagem. Existe também todo um conjunto de reflexões e de resultados dessas reflexões que pode e tem sido compartilhado com a sociedade, com determinados atores sociais, que, de posse dessas informações, podem por sua vez, de maneira melhor informada, tomar decisões a respeito inclusive da vida das pessoas, naquilo que diz respeito mais especificamente aos usos da linguagem.¹⁴⁹</p>

¹⁴⁸ Ibid, 2003, p. 178-179.

¹⁴⁹ Ibid, 2003, p. 19.

<p>Borges Neto</p>	<p>Acho que não serve para nada e serve para tudo. Para mim, ela serve para que eu consiga ter um emprego, para que eu consiga sustentar minha casa, criar os meus filhos. Pelo menos para isso ela serve. Agora, o que é perguntar da utilidade de uma teoria ou de uma área do conhecimento? É muito complicado. Essa visão utilitarista é muito complicada. [...] Talvez mais sério seria perguntar: para que serve a filosofia? E os filósofos vão gastar páginas e páginas tentando justificar, sem convencer, as pessoas a respeito da necessidade da filosofia. E todos nós sabemos como a filosofia é importante para cada um de nós. Então, tudo tem utilidade e tudo não tem utilidade. Para que serve a linguística? Para tudo e para nada.¹⁵⁰</p>
<p>Carlos Alberto Faraco</p>	<p>Esta é uma velha pergunta que busca colocar a questão da utilidade do fazer científico, e eu prefiro assumir a velha afirmação de que o trabalho científico tem utilidade em si mesmo, que é a geração do conhecimento. Bom, talvez melhor, para não ficar tão positivista, a geração de conhecimentos. E aí o que nós socialmente fazemos com esses conhecimentos é um problema, evidentemente, que transcende a atividade científica em si, no sentido de que o aproveitamento desses conhecimentos envolve uma atividade muito mais ampla do que apenas a ciência; o aproveitamento envolve sempre a prática política ampla da sociedade.¹⁵¹</p>
<p>José Luiz Fiorin</p>	<p>Bom, eu penso o seguinte, Confúcio, nos Analectos, disse uma coisa assim: sem conhecer a linguagem não se pode conhecer o homem. Portanto, para mim, a linguística conhece o homem por intermédio da linguagem.¹⁵²</p>

¹⁵⁰ Ibid, 2003, p. 46.

¹⁵¹ Ibid, 2003, p. 67.

¹⁵² Ibid, 2003, p. 74.

Rodolfo Ilari	<p>Terminei meu mestrado em 1971, e era então uma pessoa muito diferenciada, porque um mestrado em linguística não era uma coisa comum, mesmo na Europa. Fui visitar o meu professor primário, e contei a ele que estava trabalhando numa universidade no Brasil, etc e tal, e ele me perguntou o que eu fazia. Respondi: dou aulas de linguística. Aí ele me disse uma frase que traduzida para o português, daria mais ou menos o seguinte: “você achou a fórmula do jabá sintético”. Entenda-se: você achou um jeito para mamar nas tetas do Estado, sem ser incomodado. Não é bem assim, ao contrário do que pensava aquele professor, o trabalho do linguista é puxado, bastante puxado, como o trabalho de qualquer cientista. Agora, a finalidade prática. Alguma coisa a gente conseguiu mostrar, em todos estes anos, em termos de utilidade prática da linguística. O ensino que se faz hoje é talvez mais caótico que o de trinta, quarenta anos atrás, mas é caótico precisamente porque é um ensino muito mais informado. A impressão de caos vem do fato de que essa informação nova se choca com uma série de estereótipos ruins que permanecem.¹⁵³</p>
Mary Kato	<p>Nos Estados Unidos, está se usando linguística na área da computação, tanto que no mercado lá, o pessoal das universidades está com medo de daqui a pouco não vai ter professor, porque os melhores estão sendo roubados para a área da computação. Tem um mercado de trabalho bom aí. Toda essa parte médica, de lesão, hoje já se conhece muito mais do que se conhecia antes a partir da linguística também. Antes a base era um conhecimento mais médico. Mas hoje se diagnostica usando o comportamento linguístico: por que alguns falam de um jeito e outros de outro? É papel da linguística explicar. Então, a linguística serve para muita coisa, tem muita aplicação.¹⁵⁴</p>

¹⁵³ Ibid, 2003, p. 104-105.

¹⁵⁴ Ibid, 2003, p. 118.

<p>Ingedore Koch</p>	<p>Os leigos vivem perguntando isso: para que serve isso que vocês fazem? Eles acham que é uma inutilidade. Mas nós, linguistas, achamos que fazemos algo que é muito importante, porque entender a interação humana através da língua é entender praticamente tudo. Como é que o ser humano se comporta em sociedade, como é que ele age, interage, argumenta, contra-argumenta, persuade etc. Tudo isso entra. E também volto a dizer, a importância de se ter a descrição das várias línguas em todos os níveis. Então, para certas profissões, para certos aspectos, é extremamente importante você conhecer a fonologia de uma língua, por exemplo, no trato das línguas indígenas desconhecidas.¹⁵⁵</p>
<p>Luiz Antônio Marcuschi</p>	<p>Uma coisa eu sei: com a linguística você não fica rico, mas sem ela seu povo é mais pobre. A questão do “para que” serve a linguística depende sempre de que estudos linguísticos nós estamos falando. Mas eu tenho a impressão de que a linguística serve basicamente para fazer com que se compreenda de que forma nós somos seres humanos.¹⁵⁶</p>
<p>Maria Cecília Mollica</p>	<p>Essa preocupação do “para que serve”, de modo geral, é uma preocupação de fora da comunidade acadêmica, das pessoas que não têm um treinamento, uma disciplina do fazer científico e, portanto, imaginam que tudo tem que ter uma utilidade. Mas, de qualquer maneira, essa pergunta é pertinente. Mesmo para um cientista, nem sempre é pertinente, mas ela se coloca como relevante e nós não devemos nos furtar a responder.¹⁵⁷</p>

¹⁵⁵ Ibid, 2003, p. 126.

¹⁵⁶ Ibid, 2003, p. 137..

¹⁵⁷ Ibid, 2003, p. 146.

Sírío Possenti	Para o leigo, talvez, a linguística não sirva para nada. [...] Então, a linguística tem utilidade. Saberemos muito sobre a espécie humana estudando linguagem. Sobre o cérebro, sobre a mente. E acho que o conhecimento sobre isso advirá muito através do conhecimento que teremos sobre a linguagem. ¹⁵⁸
----------------	--

Fonte: XAVIER; CORTEZ, 2003.

Levando em conta que o linguista moderno nasceu na universidade, é percebida uma preocupação com o prestígio de ser portador de um saber científico. É o que se percebe no excerto: “[...] fica politicamente muito complicado abrir mão de uma conquista, de um lugar entre as ciências, feita no começo do século XX, um lugar que a gente tem que resguardar” (XAVIER; CORTEZ, 2003, p. 31). Na verdade, pelo que se pode perceber, adotar uma postura, um dizer, que de alguma forma não esteja ligado à manutenção do status científico seria abrir mão de um poder que a linguística conquistou. Esse novo dizer, portanto, não deve ameaçar a estabilidade deste poder acadêmico que se consegue ao se dizer ‘sou um cientista da linguagem’. É válido notar que, em certa medida, esse poder acadêmico atinge a todos os linguistas. Um analista do discurso, ao se intitular linguista e formalizar suas pesquisas, tem usufruto de todas as benesses que o poder acadêmico pode fornecer (financiamento de pesquisa, bolsas de iniciação científica, formação subsidiada etc.). Essa força do poder-saber pode ser notada tanto em um lado mais interno da ciência, na instrumentalização que a ciência construiu para seus pesquisadores: “[...] mas eu sei que estou na fonética por causa do método, não necessariamente por causa do objeto” (XAVIER; CORTEZ, 2003 p. 30). Na discussão sobre a cientificidade da linguística, a ideia secular de que ela é ciência por produzir verdades de determinada forma (formatação essa que garante o status científico): “no momento em que a linguística tem um objeto de estudo próprio, uma metodologia, um método e estudos rigorosos” (XAVIER; CORTEZ, 2003 p. 93). Por outro lado, lidar com a linguagem é algo que não pode ser reduzido de forma tão simples. Ao contrário de outras ciências, o linguista se expressará com o mesmo objeto que procura estudar; quiçá isso possa fazer dele próprio um objeto de estudo para a ciência a qual representa: “se eu pensar num modelo das ciências físicas, por exemplo, a linguística não é ciência, é

¹⁵⁸ Ibid, 2003, p. 170.

um projeto intelectual” (XAVIER; CORTEZ, 2003, p. 74). Pensar na linguística como um projeto intelectual, também, é algo fundamental no século XXI. Se lembrarmos que uma parte dos cursos de linguística geral ministrados por Saussure também abriam margem para uma crítica intelectual que ele fazia para com a própria linguística do século XIX – ainda em pleno exercício quando os cursos acontecem – poderíamos concluir que um projeto intelectual não inviabiliza o científico (enquanto construto metódico). Na verdade, o professor universitário intelectual tem quantitativamente decrescido por conta da constante tecnicização que fez da universidade uma potência acadêmica. Potência esta, contudo, sem condições, na imensa maioria das vezes, de refletir sobre si própria.

Essa tecnicização do saber pode ser evidenciada quando se diz que “a linguística precisou se despir de tudo o que não fosse estritamente linguístico, para poder provar que era uma ciência” (XAVIER; CORTEZ, 2003, p. 125); dessa forma, o preço a se pagar pelo reconhecimento do poder acadêmico para com um saber plenamente científico fica mais claro: despir-se de tudo o que não fosse estritamente linguístico, sendo assim, o linguista se torna cada vez mais cientista. Ao ser um cientista tão pleno, em todos os sentidos do termo, o linguista enfrenta o mesmo problema vivido por Saussure quando da publicação de seu *Mémoire*: a quase impossibilidade de falar sobre seus estudos para com os chamados ‘leigos’.

Há o pensamento, por outro lado, de que a linguística já se divide em uma parte científica e outra parte que não o é (XAVIER;CORTEZ, 2003, p. 167-168):

Eu acho que há aspectos, pedaços da linguística que são científicos, são ciência. Fonética, a fonologia, certos aspectos da sintaxe e da morfologia são ciência. O que para mim não significa uma vantagem, significa apenas uma constatação [...] Eu até gosto muito e cito, quando posso, uma ideia de Foucault. Quando lhe perguntaram, numa entrevista, se o marxismo era uma ciência, ele disse, entre outras coisas, que na França todo mundo queria tornar tudo científico. Que havia gente achando que a psicanálise é uma ciência, que o marxismo é uma ciência. A frase da qual eu gosto é a seguinte: o marxismo e a psicanálise são muito importantes para ser ciência. É que a ciência opera necessariamente por

reduções e quadros muito definidos. Porque seu objeto é muito circunscrito. Enquanto outros domínios do conhecimento também produzem verdades, mas o modo de produção dessas verdade não é o modo característico da ciência.

Não parece haver dúvidas que há uma série de vantagens em adquirir o título de cientista, portador de um pensamento científico. A frase acima, contudo, evoca um tipo de subjetividade que pode pensar para além do enquadramento científico, para além dos círculos epistemológicos (FOUCAULT, 2011, p. 4): “(...) que é a forma do sujeito que diz a verdade. A análise desse domínio poderia ser chamada, em oposição à das estruturas epistemológicas, o estudo das formas ‘aletúrgicas’”.

Pensar as formas aletúrgicas, é precisamente falar com parresía (com a coragem da verdade) sobre as formas de enunciar verdades sobre a língua(gem). Ao ser capaz de refletir sobre o papel da própria linguística, do linguista e das outras formas de se pensar a linguagem (seja a filologia ou a semiótica), o sujeito será capaz de pensar com liberdade e fazer, entre outras coisas, o próprio pensamento científico avançar. Permanecer no círculo epistemológico e na obediência dócil ao poder acadêmico que estabelece as regras do jogo de um determinado *modus pensandi*, é cooperar para a manutenção da chamada ‘maçonaria da erudição inútil’ (FOUCAULT, 2005a, p. 7):

Uma das mais antigas ou mais características sociedades secretas do Ocidente, estranhamente indestrutível, desconhecida na Antiguidade e que se forma no início do Cristianismo, na época dos primeiros conventos, em meio às invasões, aos incêndios, às florestas: a grande, terna e calorosa maçonaria da erudição inútil.

É possível que uma das causas das críticas ao estruturalismo se delinearem em outra epistemologia; de não ter sido, *de facto*, possível uma crítica de estruturalistas ao estruturalismo, seja o fato de o primeiro efeito de poder-saber epistêmico para com um linguista ser precisamente a obediência à epistemologia que o funda como cientista. Obediência esta que inviabiliza uma crítica forte, justamente porque seria criticar a epistemologia que lhe constitui identitariamente (FOUCAULT, 2011, p. 295): “onde há obediência não pode haver parresía”. É justamente esse pensamento que leva Foucault a dizer que (FOUCAULT, 2010f, p. 64):

“minha ideia do trabalho de um filósofo? É a de que os filósofos não trabalham”. É claro que o sentido aí evidenciado não era a de que os filósofos nada faziam nas universidades; certamente estavam deveras ocupados com aulas, orientações, publicações e uma gama imensa de leituras sobre as áreas nas quais trabalham. A questão, aí posta, é que os filósofos haviam se convertido em professores universitários, funcionários de uma universidade (ou de escolas da rede básica de educação), onde repetiam sem parar velhas (e às vezes novas) interpretações sobre o que outros filósofos haviam dito. Não mais levavam uma vida filosófica, como na antiguidade e, em sua maioria, não mais se posicionavam com parresía. Havia, portanto, perdido toda a ‘coragem da verdade’.

Sob essa ótica, talvez seja possível compreender a fala do professor primário que diz para o seu ex-aluno, agora doutor em linguística e professor universitário (XAVIER; CORTEZ, 2003, p. 104): “você achou a fórmula do jabá sintético. Entenda-se: você achou um jeito para mamar nas tetas do Estado, sem ser incomodado”. É bem verdade que um linguista poderia argumentar que não é bem assim, pois se trabalha muito sendo um linguista dentro de uma universidade, buscando uma carreira de pesquisador CNPq, lendo, orientando e escrevendo vários artigos. Por outro lado, é preciso lembrar que o excerto ‘sem ser incomodado’ não quer dizer exatamente você apenas descansa e não faz nada. Não ser incomodado significa exatamente ter mais tranquilidade, por toda a gama de fatores históricos que levaram a universidade a ser tratada como o local da ciência; não se é incomodado também, possivelmente, porque a fala desse linguista não incomoda o status social existente fora dos muros universitários.

Ao se pensar no que o linguista faz e, por extensão, para que serve a linguística pode levar, igualmente, a questões interessantes (XAVIER; CORTEZ, 2003, p. 118): “nos Estados Unidos, está se usando linguística na área da computação, tanto que no mercado de lá, o pessoal das universidades está com medo que daqui a pouco não vai ter professor, porque os melhores estão sendo roubados para a área da computação”. Se compararmos esse excerto com (XAVIER; CORTEZ, 2003, p. 167):

Assim como piada, se poderia dizer que linguística é o que se faz nos departamentos de linguística. Mas há um risco que eu gostaria de mencionar: há linguistas que acham que estudar questões de língua é chato e se metem a falar de

outros campos. Vão para a história e antropologia etc., porque nesses campos, sim, há coisas interessantes a pesquisar. E acabam fazendo péssima história e antropologia de segunda. Seria melhor que mudassem de departamento, já que não gostam daquilo que teriam que fazer. Um corolário disso são alunos de um curso de letras, por exemplo, que não “curtem” linguística. Eu diria, por mais antipático que isso seja, que o problema não é de linguística, que não é ela que é chata.

Fato interessante pontuar que, pelo contexto tecnológico, os linguistas podem migrar para departamentos de computação ou, inclusive, sair da universidade para trabalhar em empresas de tecnologia – que apresentam remunerações mais atrativas que a imensa maioria das universidades. Por outro lado, chama a atenção o fato da ‘chatices’ que o excerto acima cita, enfatizando o fato de que muitos linguistas, por acharem que estudar questões de língua é algo chato, migram para outros campos e findam não sendo fluentes, por exemplo, nos campos da história ou antropologia. Isso pode indicar que um viés histórico ou antropológico é atraente para esses linguistas, mas que justamente considerando a linguística como ‘algo que se faz nos departamentos de linguística’, os vieses históricos e antropológicos encontrarão dificuldade de serem aceitos. Parece haver um conflito claro entre um estilo de pensar metódico, ‘científico’, e outro que busca discutir práticas sociais como algo mais frequente.

Nessa díade entre o exercício da prática intelectual, do dizer crítico e de um procedimento estritamente ‘científico’, cabe lembrar a frase de Saussure, ao comentar o jogo de cátedras e novos saberes em sua época (JOSEPH, 2012, p. 479-480): “que ideia risível, se eles quiserem estabelecer uma cadeira de fonética experimental, querer instalá-la no túmulo da gramática comparativa”. É entre esses dois discursos que marcham a passos largos, no interior da linguística, que podemos refletir (XAVIER; CORTEZ, 2003, p. 179):

Prefiro abdicar do título de cientista para poder pensar a linguagem livremente. É sobre linguagem que temos de pensar, porque quando falo que a linguagem é uma questão política, quero dizer que isso não é uma coqueluche teórica, mas que a linguagem mexe com a nossa vida diária.

Seramente, a gente tem de pensar sobre estrangeirismos sem paixões, sem firulas, sem a preocupação de estar ao lado da ciência custe o que custar. Nós, linguistas, temos, sim, a responsabilidade não só de dar pareceres científicos acordantes ou não à nossa ciência, mas também de ir mais longe e assumir, entre outras coisas, a humildade de pensar até que ponto a nossa ciência não estaria dando o aval para essas firulas.

Continuar em um caminho estritamente científico, onde apenas o pensamento epistêmico seja sempre o norteador, o que baliza a cientificidade das análises linguistas, pode ser uma prática que, *mutatis mutandis*, evoque a voz de Saussure, em um dos cursos de linguística geral (JOSEPH, 2012, p. 176): “os linguistas estão no caminho errado”. E, se estavam no caminho errado, herdeiros do século XIX, onde criavam realidades ilusórias que não lhes permitia perceber que a linguística que praticavam os fazia falhar. É necessário avançar, por conseguinte, para a discussão aletúrgica, para a prática parresiástica que só será possível se o linguista for capaz – utilizando o seu próprio objeto de pesquisa como instrumento – de exercer (parresiasticamente – corajosamente) a função intelectual que lhe cabe, a crítica. Essa postura é fundamental, sobretudo para quem trabalha com linguagem.

Há dois movimentos básicos de fala parresiástica a serem feitos: falar criticamente sobre a linguística e, da mesma forma, falar com os ‘falantes-leigos’ (RAJAGOPALAN, 2009, p. 46):

Creio que uma linguística eticamente compromissada e consequente só estará a nosso alcance se adotarmos uma atitude francamente aberta e ao mesmo tempo crítica em relação aos mais consagrados postulados e princípios que têm norteado os rumos da disciplina desde sua “reinvenção” nos moldes atuais, isto é, como uma disciplina moderna. Um fato curioso, aliás, que merece menção especial aqui é o de que, como acontece em todos os demais campos institucionalmente fortes e consagrados do saber, a linguística também demonstra fortes tendências de resistência a todos os esforços, originários em seus próprios meios, de repensar os seus próprios fundamentos.

É um fato interessante uma ciência que estuda cientificamente a linguagem ter dificuldade para falar com aqueles que não são linguistas. A melhor forma de se manter o controle sobre o que é dito é manter uma rígida disciplina que normatize como esse dizer deve ser elaborado. Dessa forma, pode-se afirmar que quando se trata, por exemplo, de discussões sobre a linguagem, não é exatamente o viés linguístico que está faltando (RAJAGOPALAN, 2009, p. 104):

De nada adianta bater na tecla de que falta uma boa dose de linguística nas discussões políticas a respeito da língua portuguesa e seus rumos no Brasil. O que falta não é linguística, mas sim o reconhecimento de que com ou sem nós, as coisas vão se desenrolando no cenário político, e que a atitude mais sensata no atual quadro é entrar na discussão nos termos em que ela está colocada, com o objetivo de mostrar a todos as consequências políticas que podem ter, a longo prazo, medidas apressadas tomadas hoje.

Sendo assim, o primeiro dizer parresiástico sobre a linguagem é ter a clara condição que, como não poderia deixar de ser, a linguística sendo ciência, se constitui como um dizer político. Na verdade, apenas por conta de uma conjuntura política, de um jogo intrincado entre o poder acadêmico e o seu par – o saber científico – a linguística pôde se constituir como A ciência da linguagem. Reconhecer isso é restaurar um dizer parresiástico que, originalmente, foi pronunciado, também por Saussure ao não apenas ser capaz de propor mudanças na forma de se fazer linguística, em 1907. Ferdinand de Saussure foi capaz, não apenas de propor uma nova abordagem, mas, igualmente, de reconhecer as falhas que viciavam a prática científica do linguista até então. É preciso, portanto, restaurar a parresia para o dizer do linguista; isso, contudo, somente será possível, na medida em que os linguistas forem capazes de desobedecerem ao ordenamento discursivo que os constitui, pois, relembrando Foucault (2011, p. 295): “onde há obediência não pode haver parresia”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre as perguntas que guiaram este trabalho, podemos concluir: as táticas de poder se constituem não apenas pelo olhar panóptico que faz com que linguistas se olhem e discutam não apenas se tudo o que fazem é científico, mas também se o que, por ventura, não seja linguístico, deva continuar dentro do *establishment* linguístico ou não. Ao governar os caminhos que a linguística percorre (deve percorrer) se faz bem mais que se exercer um poder sobre o dizer: se conduzem condutas. A pedra angular que sustenta a conduta de um linguista moderno é a sua obediência a um estilo de pensar, um *modus* epistemologizado e, por isso, não aléurgico. Questões como as cátedras/vagas, assim como o jogo de constituição das epistêmes em uma permanente luta pela cientificidade são os efeitos mais claros desse poder que se faz acadêmico.

Os procedimentos de controle discursivo que ajudam a concretude do poder foram descritos por Foucault. Uma ordem discursiva (2003a) cristalizada na interdição, no comentário, na questão do autor e da disciplina perfazem o ordenamento discursivo que tornou possível a linguística moderna, inicialmente a partir do estabelecimento do estruturalismo. Interpretar Ferdinand de Saussure como um eminente estruturalista não apenas ajudou a controlar e estabelecer um discurso próprio para a linguística como ciência moderna, mas também ajudou a descredenciar outra voz (a do filólogo) que, até então, se fazia ouvir como também científica.

O principal efeito, portanto, que o poder-saber constituirá na alma do linguista moderno será a ausência de uma fala parresiástica sobre si próprio e, por conseguinte, sobre a linguística. A parresia (coragem da verdade) terá dificuldade de ser enunciada porque, ao se fazer isso, é preciso questionar as próprias bases discursivas que estabeleceram, para a linguística, o seu lugar dentro do ordenamento de poder acadêmico.

As falas ditas por Ferdinand de Saussure foram o primeiro grande construto a ser produzido por esse poder-saber aqui evidenciado. A partir de então, não apenas Saussure passou a ser visto como eminentemente estruturalista, mas a linguística tornou-se, por excelência, A ciência que fala sobre questões de linguagem.

É preciso, portanto, que o linguista perceba a linguística não apenas como uma fala científica, mas também como um construto de poder-saber que foi originalmente constituído por um intrincado jogo de poderes. O linguista não detém o monopólio da fala científica sobre a

linguagem, como até o presente momento se pode pensar, pois o poder não se tem, apenas “transita pelo indivíduo que ele constitui” (FOUCAULT, 2005a, p. 35). É enquanto sabedor do jogo político que lhe constituiu e que, presentemente, segue constituindo-o que o linguista moderno, assim como Saussure fez em determinados enunciados, pode a partir de uma fundamentação parresiástica, fazer ecoar sua própria voz. Voz que deve ser, indelevelmente, dita de forma crítica.

É possível que o constante retorno à figura de Saussure, ao que disse nos cursos de linguística, ao que escreveu em seus cadernos, a empreendimentos como os versos saturninos revele uma busca não apenas por Ferdinand de Saussure, mas por um pensar que sempre ultrapassou os próprios limites metodológicos. Um empreendimento intelectual que, ao pensar sobre a língua, fez bem mais que decompor suas partes e estudá-los em um viés científico. Falar com franqueza sobre as línguas e sobre a própria linguística não é o único ponto necessário; pois, é preciso que tal fala seja direcionada aos falantes. Não apenas por uma divulgação científica, mas por um comprometimento ético, uma ligação parresiástica necessária para o linguista. É preciso sair da localização dial do poder acadêmico e saber científico, é necessário perceber que o ‘problema do linguista’ não é apenas estudar a língua, pois (FOUCAULT, 2010f, p. 21) “o problema não é a língua, mas os limites da enunciabilidade”.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, M. **Em busca de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Parábola, 2010. 253 p.

AUROX, S.; KOULOUGHLI, D. Why is there no 'true' philosophy of linguistics? **Language & Communication**, v. 11, n. 3, p. 151-163. 1991.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004. 196 p.

BASILIO, R. Saussure: uma filosofia da linguística? **ReVEL**, v. 8, n. 14, p. 1-13 2010. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

BOLLING, G. M. Linguistics and philology. **Language**, v. 5, n. 1, p. 27-32, 1929.

CHARLE, C. **História das universidades**. São Paulo: EdUnesp, 1996. 131p.

COELHO, M. P. O último curso de Ferdinand de Saussure e a sua presença no “Curso de Linguística Geral”. **Entrepalavras**, v. 1, n. 1, p. 59-69. 2011.

CULLER, J.; RYAN, M.-L. Is there life for Saussure after Structuralism? **Diacritics**, Baltimore v. 9, n. 4, p.28-44, 1979.

DAYLIGHT, R. **What if Derrida was wrong about Saussure?** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012. 194 p.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2008. 386 p.

_____. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2009. 436 p.

DIAS, F. R. Do Nascimento do Inquerito ao Panoptismo: as diferentes formas de construção da verdade em "A Verdade e as Formas Jurídicas". **Travessias**. Cascavel, PR. II: 1-12 p., 2008.

DONOGHUE, F. **The last professors**. New York: Fordham University Press, 2008. 180p.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2001. 232 p.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2002. 246 p.

_____. **Raymond Roussel**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. 147.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2003a. 79 p.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2003b. 152 p.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 2003c. 262 p.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005a. 382 p.

_____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005b. 295 p.

_____. **Estética. Literatura e pintura. Música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. 376.

_____. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006b. 528 p.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 541 p.

_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. 376 p.

_____. **Isto não é um cachimbo**. São Paulo: Perspectiva, 2008b. 86 p.

_____. **Nascimento da biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008c. 474p.

_____. **História da loucura.** São Paulo: Perspectiva, 2009. 551 p.

_____. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. 236p.

_____. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2010b. 506 p.

_____. ***Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão.*** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2010c. 294 p.

_____. **O governo de si e dos outros.** São Paulo: Martins Fontes, 2010d.

_____. **Os anormais.** São Paulo: Martins Fontes, 2010e. 330 p.

_____. **Problematização do Sujeito.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010f. 358.

_____. **A coragem da verdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2011. 339 p.

FOUCAULT, M. et al. **Estruturalismo e teoria da linguagem.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1971. 239 p.

GONÇALVES, C. F. P.; SANTOS, M. B. D. E surgiu, então, a Linguística. **Revista Eletrônica da Ulbra São Jerônimo.** São Jerônimo: <www.cienciaeconhecimento.com>. 2007.

GURD, S. **Philology and its histories.** Ohio: The Ohio State University, 2010. 234 p.

JACOBY, Russel. **The last intellectuals: american culture in the age of academe.** New York: Basic Books, 1987. 277 p.

JOSEPH, J. E. **Saussure.** Oxford: Oxford University Press, 2012. 780p.

KOERNER, K. Linguistics vs philology: self-definition of a field or rhetorical stance? **Language sciences**, v. 19, n. 2, p. 167-175. 1997.

KRISTEVA, J. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 2007. 331 p.

LAURENTI, R. Homossexualismo e a classificação internacional das doenças. **Revista Saúde Pública**, v. 18, n. 5, p. 1-2. 1984.

LE GOFF, J. **Os intelectuais na idade média**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2013. 252 p.

MATTOSO CAMARA JR, J. **História da linguística**. Rio de Janeiro: Cortez, 1975. 238 p.

MENÉNDEZ, S. M. Historiografía lingüística y análisis del discurso: las relaciones necesarias. **Revista argentina de historiografía lingüística**, v. I, n. 1, p. 50-66. 2009.

MERQUIOR, J. G. **O estruturalismo dos pobres e outras questões**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, 87 p.

_____. **De Praga a Paris**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 334 p.

NETO, J. B. **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004. 223 p.

ORLANDI, E. P. **História das ideias linguísticas**. Campinas: Pontes, 2001. 307 p.

PARRET, H. Grammatology and linguistics: a note on Derrida's interpretation of linguistic theory. **Poetics**, p. 107-127, 1975.

PERCIVAL, W. K. The applicability of Kuhn's paradigms to the history of linguistics. **Language**, v. 52, n. 2, p. 285-294. 1976.

QUELBANI, M. **O círculo de Viena**. São Paulo: Parábola, 2009. 150 p.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2009. 143 p.

RAY, J. **The rosetta stone and the rebirth of ancient egypt**. London: Profile Books, 2007. 199p.

ROBINS, R. H. The future of linguistics in the light of its past history. **Language sciences**, v. 6, n. 2, p. 203-216. 1984.

ROBINSON, A. **Cracking the egyptian code: the revolutionary life of Jean-François Champollion**. Oxford: Oxford University Press, 2012. 271p.

RUEGG, W. **A history of the university in Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. 506 p.

SAUSSURE, F. D. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995. 279 p.

_____. **Escritos de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012. 296 p.

SEARLS, David B. Trees of life and of language. **Nature**, v. 426, p. 391-392. 2003.

SILVA, F. L.; RAJAGOPALAN, K. **A linguística que nos faz falhar: investigação crítica**. São Paulo: Parábola, 2004. 231p.

SWIGGERS, P. E surgiu, então, a linguística. **Revista eletrônica da Ulbra São Jerônimo**, v. 1. 2007. Disponível em: <<http://www.cienciaeconhecimento.com.br>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

SWIGGERS, P. Filosofia e linguística: enlace, divórcio, reconciliação. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 2, p. 5-18. 1998.

_____. History and historiography of linguistics: status, standards and standing. **Eutomia**, v.2, n. 1, p. 1-18. 2010.

_____. Linguistic historiography: object, methodology, modelization. **Todas as letras**, v. 14, n. 1, p. 38-53. 2012.

XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. **Conversas com linguistas**. São Paulo: Parábola, 2003. 199p.

WEIGAND, E. Linguists and their speakers. **Language sciences**, p. 536-544. 2010.

WHITNEY, W. D. **A vida da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 287 p.